



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Edmarcius Carvalho Novaes

**“PRAZER, *MARICONA*”: multiterritorialidades de homens gays envelhecetes em
Governador Valadares**

Florianópolis

2022

Edmarcius Carvalho Novaes

**“PRAZER, *MARICONA*”: multiterritorialidades de homens gays envelhecidos em
Governador Valadares**

Tese submetida ao Programa de Pós-
Graduação Interdisciplinar em Ciências
Humanas da Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do título de Doutor
em Ciências Humanas

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Pillar Grossi

Coorientadora: Profa. Dra. Eunice Maria
Nazareth Nonato

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Carvalho Novaes, Edmarcius

"PRAZER, MARICONA": : multiterritorialidades de homens
gays envelhecentes em Governador Valadares / Edmarcius
Carvalho Novaes ; orientador, Miriam Pillar Grossi,
coorientador, Eunice Maria Nazarethe Nonato, 2022.
249 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa
de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas,
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Ciências Humanas. 2. Maricona. 3. Envelhecência de
Homens Gays. 4. Governador Valadares. I. Pillar Grossi,
Miriam. II. Maria Nazarethe Nonato, Eunice. III.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. IV. Título.

Edmarcius Carvalho Novaes

**“PRAZER, *MARICONA*”: multiterritorialidades de homens gays envelhecidos em
Governador Valadares**

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora
composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Amurabi Pereira de Oliveira
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof. Dr. Carlos Eduardo Henning
Universidade Federal de Goiás – UFG

Prof. Dr. Maurício Pereira Gomes
Faculdade CESUSC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado
adequado para obtenção do título de Doutor em Ciências Humanas

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Profa. Dra. Miriam Pillar Grossi
Orientadora

Florianópolis, 2022.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as *mariconas* que participaram dessa pesquisa, abrindo comigo suas intimidades mais significativas. Ao transitar em suas vivências, lembrei-me de Sartre: "*Ser-se livre não é fazermos aquilo que queremos, mas querer-se aquilo que se pode*". Inúmeras vezes me vi refletido em diversos momentos de suas narrativas: sorri com seus sorrisos, chorei com suas histórias, sofri com as violências vividas, ressignifiquei minhas experiências com suas ressignificações, e sonhei com seus sonhos. Obrigado pela delicadeza e pela atenção dispensadas para comigo.

Agradeço a minha família pelo estímulo também nessa fase de minha vida pessoal, acadêmica e profissional. À minha mãe, Marlene Quirino, por me amar e não ter desistido de mim, sobretudo nos momentos mais críticos. Sei que essa minha conquista lhe traz muito orgulho. Aos meus irmãos Edmara Carvalho e Eduardo Junior por serem companheiros de trajetórias nessa vida, sendo irmãos e cúmplices. Igualmente a cunhada que eu mais gosto, Dayana. Meus sobrinhos Arthur e Davi, pelo afeto que tão genuinamente sempre recebo e me mobilizam a querer um mundo melhor no agora e para o depois. Espero que um dia entendam o conteúdo dessa tese e se posicionem a favor da vida, do amor e do respeito entre os seres humanos e para com a natureza.

Agradeço à Tia Lena por ser uma segunda mãe, e por entender, com sua simplicidade, os momentos de ausência para a produção desta tese. Muito do que sou, devo a seu amor e acolhimento irrestrito. Faço menção à memória de meus avós Judith Camilo e José Quirino e de minha Tia Juselita, que mesmo não estando mais aqui, vivem em algumas formas em mim.

Agradeço às minhas meninas de quatro patas, a Neguinha e a Branquela, com as quais vivo diariamente e me acompanham durante toda essa jornada do doutorado. Mesmo sem compreender, entre 'lambeijos' e afeitos, sinto o carinho e amor em/de vocês. Obrigado por me ajudarem a respirar fundo, em muitos momentos em que era necessário entender a dimensão da vida e sua efemeridade.

Agradeço ao Matheus Assunção, que tão lindamente surgiu nesse último ano, sendo um companheiro carinhoso, e me fazendo sentir amado e revigorado.

Agradeço a Univale – Universidade Vale do Rio Doce e a FPF – Fundação Percival Farquhar, pela oportunidade de realizar o sonho do doutorado. O apoio dado para sua concretização foi fundamental, como tem sido em cada movimento nessa caminhada juntos nos últimos sete anos. Aquele garoto que chegou ao mestrado nessa instituição não poderia

imaginar que hoje estaria escrevendo essas linhas. Sou grato pelas oportunidades de, por seus territórios, me tornar um professor e pesquisador melhor. Sou grato porque nessa instituição posso atuar em prol da inclusão, da diversidade e do acolhimento. Sou grato por vivenciar esse sonho, que também é um sonho institucional de se ter um DINTER. É uma honra fazer parte desse legado. Tenho orgulho de ter o selo Univale em minha história!

Agradeço o apoio de toda a equipe do Espaço A3 – Apoio ao Aluno, setor no qual estou atualmente vinculado, atuando na gestão na Univale. Cada um e cada uma de vocês são muito especiais. De igual forma, o apoio de toda a equipe da APPG – Assessoria de Pesquisa e Pós-Graduação, que sempre me estimulou nessa trajetória. Suas orações e boas energias deram certo. Estendo também a gratidão aos professores do Mestrado em Gestão Integrada do Território que sempre me estimularam durante todo o processo.

Agradeço as professoras doutoras orientadoras Miriam Pillar Grossi e Eunice Maria Nazareth Nonato pela orientação nessa trajetória. Obrigado por me permitirem ler o mundo, com outros olhares. A atenção dispensada em cada contato e seus exemplos fizeram a diferença nesse processo.

Agradeço aos demais colegas de doutorado pela rica oportunidade de concretizar essa meta de vida ao lado de vocês (Adriana de Oliveira Leite Coelho, Adriana Aparecida da Conceição Santos Sá, Ana Cristina Marques, Cláudio Manoel Cabral Machado, Franco Dani Araújo e Pinto, Hernani Ciro Santana, Jacqueline Martins de Carvalho Vasconcelos, José Carlos Freire, Leonardo Castro Maia, Lenício, Lissandra Lopes Coelho Rocha, Murilo Ramalho Procópio, Mônica Valadares, Romero Meireles Brandão, Renata Greco de Oliveira, Sara Edwrigens Barros Silva, Vanrochris Helbert Vieira). Saibam que levarei cada uma e cada um de vocês em meu coração. Agradeço ao professor Haruf Espíndola, pela coordenação do Curso e apoio durante toda a trajetória. Sem seu apoio não teria concluído essa etapa!

Agradeço a UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina e o Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Interdisciplinar em Ciências Humanas, na pessoa da professora Eunice Nodari, pela oferta desse doutorado. Para além de acreditar no potencial da Univale e de se preocuparem com o desenvolvimento da Região do Vale do Rio Doce mineiro, essa instituição pública de ensino de qualidade abriu portas para todos os envolvidos, mudando definitivamente nossas vidas.

Agradeço a cada professora e professor dos quais tive a rica oportunidade de ser aluno neste Programa (Joana Maria Pedro, Luiz Fernando Scheibe, Julia Guivant, Javier Vernal, Miriam Pillar Grossi, Carmen Rial, Marcos Montysuma, Teresa Lisboa Kleba, Myriam Mitjavila, Haruf Salmen, Alexandre Vaz, Eunice Nodari, Rosana Martinelli). Vocês

modificaram minhas estações, indicaram caminhos para outras bibliotecas e me favoreceram aprendizagens que levarei comigo em cada momento que pisar em uma sala de aula.

Agradeço ao NIGS – Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades da UFSC, coordenado pela minha orientadora, pelas vivências e laços criados. Eterna gratidão aos colegas pelas leituras atentas de meu material em seminários de teses, pelas dicas de leituras e demais contribuições durante nossos encontros virtuais e nos períodos presenciais que vivi na encantadora Florianópolis.

Agradeço a amizade de Ana Cristina Marques nessa trajetória. Sou feliz por ter tido sua companhia também nesse momento da vida. Seus conselhos e apoios durante cada momento do doutorado foram essenciais. Sou honrado em saber que sonhamos esse momento juntos e agora estamos o concluindo juntos. Obrigado por me fazer ter a certeza de que sonho que se sonha junto, se torna realidade.

Agradeço as minhas amigas Aline Valéria, Mônica Valadares e Maria Terezinha Vilarino, pelos inúmeros cuidados e apoios dados nesse momento de minha vida acadêmica, fazendo total diferença sempre que precisei de uma palavra amiga.

Agradeço à alguns amigos e amigas que, em especial, estiveram cada um com seu jeitinho comigo nessa trajetória doutoral: Ronaldo Pimentel, Denisson Brasileiro, Flaviano Ferreira, Elaine Pitanga, Janaína Gonçalves, Mariana Farias, Adriana Capistrano, Rafael Fialho, Carlos Eduardo.

Agradeço aos queridos doutores Felipe Bruno Martins Fernandes, Maurício Pereira Gomes e querida professora Mara Coelho de Souza Lago, que estiveram comigo quando da qualificação, e agora aos professores Amurabi Pereira de Oliveira, Carlos Eduardo Henning e novamente Maurício Pereira Gomes, que carinhosamente contribuem com minha pesquisa nesse momento de conclusão, participando da banca de defesa.

Agradeço a Deus pela oportunidade de realizar mais esse sonho, pois entendo que é possível o diálogo entre fé e ciência¹. Apesar de sempre o desejar, nem nas minhas melhores imaginações poderia adivinhar que ele seria concretizado como, quando e onde foi. Sei que isso só é possível porque recebo do seu amor, ao me aceitar exatamente como sou, e porque me tem protegido por sua Graça.

¹ Entendo ser possível conceber a fé cristã por meio do uso da razão, a partir das contribuições filosóficas tomasianas (NOVAES, 2021a).

Você é um Envelhescente? (Mário Prata)²

Se você tem entre 45 e 65 anos, preste bastante atenção no que se segue. Se você for mais novo, preste também, porque um dia vai chegar lá. E, se já passou, confira.

Sempre me disseram que a vida do homem se dividia em quatro partes: infância, adolescência, maturidade e velhice. Quase correto. Esqueceram de nos dizer que entre a maturidade e a velhice (entre os 45 e os 65), existe a ENVELHESCÊNCIA.

A envelhescência nada mais é que uma preparação para entrar na velhice, assim com a adolescência é uma preparação para a maturidade. Engana-se quem acha que o homem maduro fica velho de repente, assim da noite para o dia. Não. Antes, a envelhescência. E, se você está em plena envelhescência, já notou como ela é parecida com a adolescência?

Coloque os óculos e veja como este nosso estágio é maravilhoso:

— Já notou que andam nascendo algumas espinhas em você? Notadamente na bunda?

— Assim como os adolescentes, os envelhescentes também gostam de meninas de vinte anos.

— Os adolescentes mudam a voz. Nós, envelhescentes, também. Mudamos o nosso ritmo de falar, o nosso timbre. Os adolescentes querem falar mais rápido; os envelhescentes querem falar mais lentamente.

— Os adolescentes vivem a sonhar com o futuro; os envelhescentes vivem a falar do passado.

Bons tempos...

— Os adolescentes não têm ideia do que vai acontecer com eles daqui a 20 anos. Os envelhescentes até evitam pensar nisso.

— Ninguém entende os adolescentes... Ninguém entende os envelhescentes... Ambos são irritadiços, se enervam com pouco. Acham que já sabem de tudo e não querem palpites nas suas vidas.

— Às vezes, um adolescente tem um filho: é uma coisa precoce. Às vezes, um envelhescente tem um filho: é uma coisa pós-coce.

— Os adolescentes não entendem os adultos e acham que ninguém os entende. Nós, envelhescentes, também não entendemos eles. "Ninguém me entende" é uma frase típica de envelhescente.

— Quase todos os adolescentes acabam sentados na poltrona do dentista e no divã do analista. Os envelhescentes, também a contragosto, idem.

² Extraído de 100 Crônicas, Cartaz Editorial/Jornal O Estado de São Paulo - SP, 1997. p. 13

- *O adolescente adora usar uns tênis e uns cabelos. O envelhescente também. Sem falar nos brincos.*
- *Ambos adoram deitar e acordar tarde.*
- *O adolescente ama assistir a um show de um artista envelhescentes (Caetano, Chico, Mick Jagger). O envelhescente ama assistir a um show de um artista adolescente (Rita Lee).*
- *O adolescente faz de tudo para aprender a fumar. O envelhescente pagaria qualquer preço para deixar o vício.*
- *Ambos bebem escondido.*
- *Os adolescentes fumam maconha escondido dos pais. Os envelhescentes fumam maconha escondido dos filhos.*
- *O adolescente esnoba que dá três por dia. O envelhescente quando dá uma a cada três dia, está mentindo.*
- *A adolescência vai dos 10 aos 20 anos: a envelhescência vai dos 45 aos 60. Depois sim, virá a velhice, que nada mais é que a maturidade do envelhescente.*
- *Daqui a alguns anos, quando insistirmos em não sair da envelhescência para entrar na velhice, vão dizer:*
- *É um eterno envelhescente!*
- Que bom.*

RESUMO

O objetivo da pesquisa foi compreender como se constituem trajetórias de vida de *mariconas* em processos de envelhecimentos, na cidade de Governador Valadares, em especial no contexto da pandemia mundial de Covid-19. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho interdisciplinar, amparada em estudos territoriais e de gênero, cujo instrumento para coleta de dados foi a realização de entrevistas semiestruturadas. Além disso, realizei registros em diário de campo e dialoguei com as *mariconas*, a partir de experiências subjetivas na condição de um pesquisador que também se percebe na mesma condição. A tese apresenta como resultados: a) que as *mariconas* se percebem como envelhecidas em Governador Valadares a partir de multiterritorialidades; b) suas vivências são marcadas por distintas violências vividas no passado e por pânico no presente; c) a compreensão subjetiva que têm de suas vivências permite que elas rompam com esquemas heterossexistas, homofóbicos e etaristas locais; d) o contexto da pandemia da Covid-19 é tido como uma experiência territorial e política, na qual houve agenciamento de distintas vivências para a gestão do risco de contaminação, ao mesmo tempo em que se materializam práticas sociosexuais. Conclui-se que as *mariconas* entrevistadas de Governador Valadares têm trajetórias de vidas territorializadas por experiências do passado e do presente, seja através de memórias atravessadas por múltiplas violências sofridas na infância e adolescência, seja no tempo presente com vivências sociosexuais que as territorializam na cidade na condição dissidente de *mariconas*.

Palavras-chave: *Maricona*. Envelhecimento de Homens Gays. Governador Valadares.

ABSTRACT

The objective of the research was to understand how mariconas' life trajectories are constituted in aging processes, in the city of Governador Valadares, especially in the context of the global pandemic of Covid-19. This is a qualitative, interdisciplinary research, supported by territorial and gender studies, whose instrument for data collection was semi-structured interviews. In addition, I made records in a field diary and dialogued with the mariconas, based on subjective experiences as a researcher who also perceives himself in the same condition. The thesis presents as results: a) that mariconas perceive themselves as aging in Governador Valadares from multiterritorialities; b) their experiences are marked by different types of violence experienced in the past and by panics in the present; c) the subjective understanding they have of their experiences allows them to break with local heterosexist, homophobic and ageist schemes; d) the context of the Covid-19 pandemic is seen as a territorial and political experience, in which there was an agency of different experiences for the management of the risk of contamination, at the same time that sociosexual practices materialized. It is concluded that the mariconas interviewed from Governador Valadares have life trajectories territorialized by past and present experiences, either through memories crossed by multiple violence suffered in childhood and adolescence, or in the present time with sociosexual experiences that territorialize them in the city in dissident condition of mariconas.

Keywords: *Maricona*. Aging of Gay Men. Governador Valadares.

LISTA DE IMAGENS

1.	Divulgação em rede social sobre fornecimento de PrEP em Governador Valadares	121
2.	Registros em aplicativos de pegação gay em Governador Valadares	130
3.	Registro de matéria jornalística sobre manifestações contrárias à votação da Escola Sem Partido	154
4.	Materiais de divulgação de festas do circuito gay em Governador Valadares	159
5.	Material de divulgação e registros da Primeira Parada Gay de GV em 2010 e da organização da edição em 2020.	161
6.	Bianka Carvalho Gomes	165
7.	Estrada de Ferro Vitória a Minas	173
8.	Pico do Ibituruna e o Rio Doce em Governador Valadares – MG. Registro feito em 20.08.2013	177
9.	Organização Mundial de Saúde alerta sobre a pandemia de Covid-19	189

LISTA DE TABELAS

1. Estado da arte sobre teses que pesquisam o envelhecimento gay 037
2. Dados socioeconômicos e marcadores sociais de diferença dos interlocutores 042

LISTA DE GRÁFICOS

1. Panorama de contaminação por sífilis entre 2016 a 2020 em Minas Gerais 124
2. Brasil: Perfil de Pessoas Vítimas de Violências, por Orientação Sexual, por Raça/Cor (2019) 170
3. Brasil: Perfil de Pessoas Trans Vítimas de Violências, por Raça/Cor (2019) 170

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAUIF – Associação Atlética União, Igualdade e Força

APPG – Assessoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Univale

BH – Belo Horizonte

CAO-DH – Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Defesa dos Direitos Humanos

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

DF – Distrito Federal

DINTER – Doutorado Interinstitucional

EUA – Estados Unidos da América

FIV – Fertilização in vitro

FPF – Fundação Percival Farquhar

FPJ – Fundação João Pinheiro

GLS – Gays, lésbicas e simpatizantes

GP – Garoto de programa

GV – Governador Valadares

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

HSH – Homens que fazem sexo com homens

IPEA - Instituto de Pesquisas Aplicadas

IST – Infecção Sexualmente Transmissível

LGBT – Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais

LGBTQIA+ - Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, queer, intersexuais e pessoas assexuais +

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

MPE – Ministério Público Estadual

MSN – Messenger

NEDER – Núcleo de Estudos sobre Desenvolvimento Regional

NIGS – Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades da UFSC

NUH – Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania

PEP – Profilaxia pós-exposição

PG – Fazer programa

PL – Projeto de Lei

PMN – Partido da Mobilização Nacional

PP – Partido Progressistas
PrEP – Profilaxia pré-exposição
PSD – Partido Social Democrático
PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira
PSL – Partido Social Liberal
PT – Partido dos Trabalhadores
REDS – Registros de Eventos de Defesa Social
RGInt – Região Geográfica Intermediária
SESP – Serviço de Saúde Pública
SindUte – Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais
STF – Supremo Tribunal Federal
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA – Universidade Federal do Pará
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UNICAMP – Universidade Pública de Campinas
UOL – Portal Universo Online
UNIVALE – Universidade Vale do Rio Doce

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	20
2.	PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO: A ENVELHECÊNCIA E O ORGULHO DE MARICONAR.....	24
2.1.	Os estudos de gênero.....	28
2.2.	Antropologia	30
2.3.	Estudos territoriais	33
2.4.	História.....	35
3.	ITINERÁRIOS DA PESQUISA E AS <i>MARICONAS</i>.....	37
4.	MEMÓRIAS TERRITORIALIZADAS POR MARICONAS	53
4.1.	A EVITAÇÃO FAMILIAR.....	53
4.2.	A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR.....	63
4.3.	A VIOLÊNCIA EM OUTROS ESPAÇOS	74
4.4.	A FIGURA DO PRIMO E A DESCOBERTA DA SEXUALIDADE	79
4.5.	A VIOLÊNCIA SEXUAL E SEUS IMPACTOS	81
4.6.	O SUICÍDIO COMO POSSIBILIDADE.....	84
4.7.	CONFLITOS COM AS PRÁTICAS SEXUAIS E COM AS DROGAS	86
5.	AFINAL, QUANDO UMA GAY MARICONA?.....	90
5.1.	A MARICONICE COMO PROCESSO DA VIDA.....	90
5.2.	A REPULSA PELA FEMINIZAÇÃO E A FALOMAQUIA	104
6.	<i>“TODO MUNDO JÁ PEGOU TODO MUNDO”</i>: EXPERIÊNCIAS DE HOMOSSOCIABILIDADES GAYS.....	117
6.1.	O FANTASMA DA AIDS E A PRESENÇA SILENCIOSA DA SÍFILIS	117
6.2.	A PEGAÇÃO GAY: DOS ‘BANHEIRÕES’ AOS APLICATIVOS	127
6.3.	A TROCA DE FAVORES SEXUAIS E O MEDO DA EXPLORAÇÃO FINANCEIRA 138	
7.	<i>“SER GAY EM VALADARES É VOCÊ DÁ UM CHUTE NA PORTA DO ARMÁRIO TODO DIA”</i>: O PÂNICO MORAL DA HOMOSSEXUALIDADE.....	143
7.1.	ENTRE CRISTO E O PECADO: CONFLITOS COM AS VIVÊNCIAS RELIGIOSAS 143	
7.2.	O PÂNICO MORAL E A “IDEOLOGIA DE GÊNERO”	154
7.3.	VAMOS EVITAR ESCÂNDALOS: SER GAY EM UMA CIDADE CONSERVADORA 158	
7.4.	A VIOLÊNCIA FÍSICA CONTRA LGBTs	169
9.	<i>“VOCÊ É VIADO, NÃO IMUNE, FIQUE EM CASA”</i>: VIVÊNCIAS GAYS E A GESTÃO DE RISCOS EM TEMPOS DE PANDEMIA	190

9.1.	A COVID-19 É TERRITORIAL	190
9.2.	A PANDEMIA TAMBÉM É POLÍTICA.....	195
9.3.	A GESTÃO DE RISCOS NA PANDEMIA: CUIDADOS CONSIGO E COM OS OUTROS.....	200
9.4.	QUANDO O PRAZER FALA MAIS ALTO	212
10.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	221
11.	REFERÊNCIAS.....	231
12.	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	248
13.	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .	250

1 INTRODUÇÃO

Uma pessoa não é apenas determinada pelo nome que é chamada. Ao ser chamada por um nome injurioso, uma pessoa é humilhada e menosprezada. Mas o nome oferece outra possibilidade também: ao ser insultada, à pessoa é dada, paradoxalmente, uma certa possibilidade para a existência social, iniciada em uma vida temporal da linguagem que excede o objetivo prévio que anima o insulto. Assim, a injúria pode aparecer para fixar ou paralisar, mas também produz uma inesperada e capacitada resposta. Ser chamado é ser interpelado, logo o insulto corre o risco de inaugurar um sujeito no discurso que usa a língua para reagir à ofensa (Judith BUTLER, 1997, p. 2)

Era 24 de outubro de 2021, por volta das vinte e três horas, ou um pouco mais. Os eventos aconteciam naquele período meio que de forma clandestina. Oficialmente não havia proibição pelo Poder Público local para realizá-los, porém as pessoas, em sua maioria, relutavam por expor em suas redes sociais que estavam saindo de casa para confraternizar. Já vacinado com duas doses e depois de superar a segunda contaminação pela Covid-19, resolvi arriscar. Estava com uma amiga em uma casa de show aos pés do Pico da Ibituruna³ em Governador Valadares, para aproveitarmos a noite. Entre uma música e outra, e ao som de cantores sertanejos, ao nos aproximarmos da área dos banheiros, minha amiga encontrou uma conhecida de longa data, que naquela hora já aparentava estar um pouco alterada. Após se cumprimentarem, minha amiga me apresentou para sua conhecida. Eis que a moça – que desconheço até hoje – estendeu a sua mão e imediatamente me disse: “Prazer, *maricon*! Está curtindo a festa? Viu que tá cheio de boyzinhos por aqui?”⁴.

Era o que me faltava. Ser visto e impelido a me ver como uma *maricon*. Não me lembro ao certo como reagi àquilo que naquele momento me pareceu um insulto – pois ela não tinha intimidade comigo para abordar abertamente minha sexualidade e minha condição etária. Mas, na realidade, e com o passar do tempo, essa experiência me serviu para perceber aquilo que Judith BUTLER (1997) afirma como possibilidade para a existência social.

A descompensada estava certa. Aparentemente, meu corpo já lhe expressava uma certa faixa etária e uma dada expressão de sexualidade que talvez tenha lhe feito assim me ler imediatamente – é o que deduzo. Eu já tinha comigo a compreensão pessoal de que a temática

³ Trata-se de ponto turístico cartão postal da cidade mineira de Governador Valadares, cuja formação rochosa de formato pontiagudo chega à 1123 metros de altitude, o que faz com que se torne o palco para a prática de voo livre com suas ótimas condições térmicas, a partir da realização de campeonatos mundiais (BRAGA, AMORIM, ARAÚJO & NOVAES, 2020).

⁴ Todas as vezes que apresento de forma breve a fala de alguém que atuou na pesquisa como interlocutores o farei em *itálico*.

dessa pesquisa também se referia à minha existência social, inclusive alguns de meus próprios interlocutores em suas falas já me colocavam na mesma condição, quando respondiam algumas questões sobre a envelhecimento gay. Mas eu não havia ainda ouvido isto tão nitidamente de uma outra pessoa com quem não tinha nenhuma proximidade. Isso me fez pensar: “realmente estou em um processo de envelhecimento”, e que minha expressão de afetividade/sexualidade não deixa dúvidas de minha homossexualidade – o que já esperava e que não representa nenhum aspecto negativo para mim.

Mas a cena vivida me fez indagar-me por muito tempo: quais os motivos a fizeram me nomear como *maricon*? O que em mim a mobilizou para essa classificação? Qual o objetivo prévio de alguém associar o que se vê à *mariconice* e sexualidade com interesse homoerótico por outros homens gays e mais jovens que “estariam à disposição” naquele ambiente? Seria eu um dos poucos homens já mais velhos naquele ambiente, em um dado contexto pandêmico, cuja faixa etária sinalizava como um marcador social para a coletividade, me definindo como pertencente a um grupo de risco?

Não sei essas respostas. O que sei é que o possível insulto – ainda que a intenção da pessoa possa não ter sido este – serviu para que eu produzisse as reflexões que ora apresento nesta tese. Da interpelação e com essa escrita, eu reajo teoricamente e tomo esta categoria como uma possibilidade de mostrar o orgulho de ser nomeado como *maricon* no contexto em que desenvolvi minha pesquisa.

Esta pesquisa teve como objetivo principal compreender como se constituem trajetórias de vida de *mariconas* em processos de envelhecimentos, a partir de distintas temporalidades, na cidade de Governador Valadares, em especial no contexto da pandemia mundial de Covid-19. Tomo a liberdade de produzir essa investigação por me “sentir afetado”, na concepção de Jeanne FAVRET-SAADA (2005). Afetado pelo contexto histórico da pandemia, e das (re)infecções da doença que me acometeram, e afetado também em minha existência social com as articulações entre masculinidades, homosociabilidades e envelhecimento na condição de uma *maricon* que vive em Governador Valadares.

Assim, não se trata de uma concepção de trabalho de campo com observação participante como mera empatia para com um outro, e nem de perceber que a fala dos meus interlocutores deva ser mais corroborada porque suas vivências se darem no mesmo contexto que minhas experiências. Me vejo também “implicado” (Bruce ALBERT, 1995) nesta investigação. Os dados da pesquisa são questões políticas e que me colocam como observador de uma dada realidade, ao mesmo tempo em que esta realidade reflete, política e socialmente, a minha existência social.

Essa pesquisa é um projeto de conhecimento que parte de um campo ético no qual entendo-me como um sujeito pós-estruturalista, descentralizado, que não possui uma total compreensão de si mesmo, mas que mesmo assim se responsabiliza pelos próprios atos, os quais nesta produção, dentre seus limites, lhes tornam expostos. Também coaduno com a filósofa Judith BUTLER (2015, p. 35), em seu entendimento de que o reconhecimento de si se dá com os regimes de verdade, pois estes fornecem “(...) um quadro para a cena do reconhecimento, delimitando quem será classificado como sujeito de reconhecimento e oferecendo normas disponíveis para o ato de reconhecimento”. Assim, considero a relevância da condição ontológica do sujeito mais do que necessariamente a condição social da normatividade sob a qual se orchestra o cenário de seu reconhecimento⁵.

É no “eu”, corporal, exposto ao outro, que se tem uma despossessão do sujeito, em que este pode se constituir em sua singularidade de sujeito, e narrar a si mesmo. É na exposição com o outro que se tem esse saber subjetivo. A narratividade de si exige uma interpelação, tal qual a que abre essa introdução. Por isto, esta pesquisa se dá com interlocutores cujas singularidades, em certas medidas, são iguais às minhas, mas com o intuito de que eu possa “estranhar o familiar”, ao mesmo tempo em que seja possível “familiarizar o exótico” – como na clássica perspectiva antropológica de Roberto DA MATTA (1978).

Entendo que ser *maricona* em Governador Valadares é uma identidade subjetiva que carece de interpelações para que seja visibilizada e compreendida. A afetação que toma meus interlocutores face às minhas perguntas é a mesma que me tomou ao assim ser nomeado, e me fizeram atentar para o foco das inquietações que também se referem à minha existência social⁶. A partir do meu trabalho de campo⁷, passei a pensar em que medidas as narrativas de si dadas pelos meus interlocutores me permitem refletir sobre tais vivências e singularidades em distintas temporalidades, e hoje encontram-se vivenciando em comum o envelhecimento.

⁵ Nesse sentido, Judith Butler, em *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética* (2015, p. 39), critica a concepção foucaultiana por entender que a condição ontológica do sujeito deve ser o objeto de regimes de verdades pelos quais os sujeitos podem se reconhecer. Assim, deve prevalecer a singularidade dos sujeitos, de forma exposta, mais que necessariamente “(...) um conjunto de normas que governam a reconhecibilidade”. A esse respeito, sugiro também a leitura do capítulo *Abertura para o campo ético*, em “*Cartografia do Pensamento Queer*”, de Rafael LEOPOLDO (2020).

⁶ Ressalto que a perspectiva subjetiva (e política) do pesquisador, que se vê (e é nomeado por outros) como *maricona*, deve ser entendida como uma singularidade de minha existência, uma vez que não é possível generalizar que todos os interlocutores escutados se percebam e/ou utilizem o termo “*maricona*” para expressarem como percebem suas trajetórias de vida em processos de envelhecimentos, ainda que alguns deles (tais como Baco, Zeus e Poseidon) tenham utilizado tal nomenclatura a partir de suas vivências subjetivas nos circuitos gays.

⁷ Adoto o conceito de trabalho de campo como aquele dado por Elisete SCHWADE e Miriam Pillar GROSSI (2018, p. 16) entendendo-o no “(...) sentido amplo, como prática e como reflexão, construída no entrelaçamento entre diversos campos – empíricos, teóricos, disciplinares”. Entendo que a reflexão envolve aspectos empíricos, decorrentes do campo de pesquisa, teóricos (com as escolhas epistemológicas empreendidas) e disciplinares.

A tese foi organizada em nove capítulos, incluindo essa introdução. No capítulo dois apresento o percurso teórico-metodológico interdisciplinar, a partir das contribuições dos estudos de gênero, da antropologia e da história, em diálogo com os estudos territoriais. No capítulo três descrevo o itinerário da pesquisa e apresento as *mariconas* interlocutoras. No quarto capítulo apresento os espaços de experiências relativos ao passado das *mariconas*, com suas narrativas que remetem às vivências territorializadas por violências físicas e simbólicas, sofridas em distintos contextos, tais como família, escola, etc. Também apresento narrativas sobre a descoberta da sexualidade e a relação com a figura do primo durante essa iniciação, as memórias de violências sexuais e os seus impactos, além de reflexões sobre a iminência do suicídio em momentos de aflição, e dos conflitos decorrentes de práticas sexuais e do contato com as drogas.

No capítulo cinco analiso o processo do tempo presente, o qual permite a multiterritorialização de se tornar *maricona* a partir dos trinta anos de idade. Neste contexto, destaco aspectos relativos aos preconceitos com feminilização e a realização de comportamentos que se pautam pela falomaquia. No capítulo seis apresento as experiências de homosociabilidades gays das *mariconas*, a partir do pânico coletivo relativo à possibilidade de contato com a aids e a presença silenciosa da sífilis, as práticas de pegação gay em banheiros públicos e com o uso de aplicativos, bem como a vivência de troca de favores sexuais e o medo da exploração financeira.

No capítulo sete, apresento o pânico moral da homossexualidade que também territorializa o tempo presente das *mariconas*, ao analisar os conflitos que elas sofrem em suas vivências religiosas, além do pânico moral político atual com o que se denominou como “Ideologia de Gênero”, ao considerar o fato de Governador Valadares ser uma cidade conservadora. Já no capítulo oito apresento uma análise do que denomino como metronormatividade pendular, a partir das experiências das *mariconas*, uma vez que elas decidiram não imigrar para o exterior, no entanto, transitam para as capitais próximas em buscas de vivências sociosexuais.

Por fim, no capítulo nove, apresento as vivências de gays e a gestão de risco em tempos da pandemia de Covid-19. As *mariconas*, nesse tempo presente, são territorializadas a partir da vivência de medos, de cuidados com seus familiares mais velhos, com a indignação política e com as mudanças de planos. Por outro lado, nessa gestão de riscos, têm-se a existência de comportamentos em busca da manutenção de um corpo perfeito, a realização de encontros às escondidas, e a continuidade de práticas de pegação por meio da utilização de aparatos tecnológicos. Seguem ainda as considerações finais, referências e os apêndices.

2. PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO: A ENVELHECÊNCIA E O ORGULHO DE MARICONAR

Quem envelhece é homem hétero. Gay nasce, cresce, fica jovem e *maricona*. O termo, oriundo do pajubá⁸, pode ser tomado como um adjetivo ou um verbo. Adjetivo porque aponta uma condição da vida da gay⁹ quando ela passa dos seus trinta anos de idade. Verbo porque *mariconar* é uma ação ao longo do tempo. Não acontece da noite para o dia, mas também não demora para chegar: é certa que ela se apresenta para você um pouco antes, ou com certeza, logo após seus trinta anos de idade. Isso mesmo: diferente da envelhecência dos homens héteros, que se dá entre os 45 e 60 anos, como afirma o próprio poeta Mário Prata na crônica que abre essa tese, ser gay e ter 30 anos significa o início de um processo em que o homem gay se percebe como uma *maricona*.

É que o corpo da *maricona* nessa idade começa a apresentar expressões de que mariconou: é uma ruguinha debaixo do olho direito, é um fiozinho branco no topo da cabeça ou na barba, é uma celulite na parte interna da coxa. Mas não é só isso. No meio gay, o boyzinho¹⁰ já não o vê como um igual no rolê. Em ambientes do cenário noturno, já começa a ser visto como o tiozão, principalmente quando está em um ciclo de amizade com outros gays mais novos. Mas como evitar o processo de *mariconar*? Dirão: “é preciso se apresentar fisicamente em forma atlética, padronizada, tipo uma *barbie*”¹¹. Se tiver uma barriguinha qualquer, desista! Ainda tem que ter uma certa apresentação visual que demonstre algum status social e que exale vigor sexual. E não pode se vestir e se portar de qualquer forma!

Seja como for, é fato que a gay dos trinta começa a se ver mais próxima à realidade da gay de quarenta, ou até dos cinquenta anos do que, necessariamente, da realidade dos *novinhos*

⁸ O pajubá, também denominado por alguns autores como ‘bajubá’, é um dialeto que surgiu no contexto da ditadura militar brasileira, entre os anos de 1960 a 1970, como um instrumento linguístico-cultural que visa a constituição de uma identidade comunitária entre pessoas LGBTs. Segundo Carlos Henrique LUCAS LIMA (2016) sua origem está associada à língua iorubá-nagô, com apropriações feitas por gays e travestis, numa tentativa de uma ‘escrita-resistência’ e ‘palavra-ferramenta’ às normas de gênero e sexualidade, cujas reflexões se pautam pelos estudos queer e os estudos descoloniais. Para mais informações, sugiro ainda Renato Régis BARROSO (2017) e Gabriela Costa ARAÚJO (2018).

⁹ A partir da proposta de adoção acadêmica dos saberes oriundos do pajubá como dialeto de gays e travestis, nesta tese, o uso do termo ‘gay’ será feito flexionado no feminino: ‘*a gay*’, assim como ‘*a maricona*’, ‘*a interlocutora*’. Trata-se de usar um costume nas práticas de vivências entre viados, e que denota uma forma de expressão da criação de vínculos afetivos entre gays. Trata-se também de uma posição política queer na escrita, pois ao flexionar a linguagem para o feminino objetivo problematizar práticas linguísticas que, em regra, utilizam do masculino genérico. Nesse sentido, coaduno com Carmem Rosa CALDAS-COULTHARD (2007), que aponta a necessidade de a academia refutar a androcentria e o patriarcalismo.

¹⁰ ‘*Boyzinho*’ é o gay novinho.

¹¹ ‘*Barbie*’ é um termo do pajubá, e se refere à gay que expressa uma masculinidade a partir de uma apresentação física típica de praticantes de esportes de musculação, na lógica de reprodução de uma masculinidade hegemônica.

na casa dos vinte anos. Mas, afinal, por que essa faixa etária aponta para uma mudança no modo de se viver? Por que para homens gays, a envelhecimento começa mais cedo? O que, de fato, significa *mariconar*?

O termo envelhecimento¹² é utilizado por Sylvia Salles Godoy de SOUZA SOARES (2012, p. 11) para pensar a velhice como uma fase da vida em que “(...) o corpo nos surpreende, não sendo como o imaginávamos, reagindo de forma inusitada ou nos desobedecendo abertamente”. A autora faz um paralelo da velhice com a adolescência, em que o sujeito estranha seu corpo após a infância e passa a ter outras exigências e demandas que lhe apontam o curso da vida de se tornar velho. É a partir da relação tumultuada com as mudanças corporais que a psicanalista propõe pensar a relação entre juventude (quando as mudanças, em tese, são harmônicas e integradas), a velhice (quando as mudanças não são resolvidas de forma exitosa), e a envelhecimento, quando tais questões, no campo subjetivo, “(...) estão sendo resolvidas e equacionadas” (SOUZA SOARES, 2012, p. 11-12).

Inspirada no texto do escritor e teledramaturgo Mário Prata que abre essa tese para pensar a fase de envelhecimento¹³, a autora alude que se trata de se viver um período em que se sabe que não se é mais jovem, mas também se sabe que não se é um velho. Assim, o exercício é de pensar as territorialidades da envelhecimento de homens gays, que de um modo geral decorrem das indefinições vivenciadas nesse curso da vida, semelhante ao período da adolescência.

Souza Soares (2012, p. 21) também aponta que o processo de envelhecimento é a fase “(...) marcada pela turbulência de afetos e emoções precipitada pelo processo de mudanças expressivas que as alterações do corpo podem trazer no plano subjetivo e em suas relações com o mundo”. Nesse sentido, a envelhecimento se basearia em dois eixos: a) em decorrência da cultura em que se encontra em um dado momento e em contextos específicos, e; b) e em nível individual, “(...) na intensidade que a complexidade de fatores provoca, no cenário das representações mentais, porquanto se vive de forma diferente, dependendo de como cada indivíduo se insere em sua cultura, dentro de seu nível social, econômico, etc.” (SOUZA SOARES, 2012, p. 22).

Já o filósofo Wladirson Ronny da Silva CARDOSO (2014), ao analisar modos de vida gay de homossexuais masculinos na cidade de Soure (Marajó/Pará), deu destaque ao termo ‘envelhecimento’, grafado sem a letra ‘s’. Não se trata de uma mera diferença textual. O autor

¹² Destaco que a autora grifa o termo utilizando a letra “s”.

¹³ Mário Prata, em sua crônica que abre esse capítulo, também grifa a terminologia com o “s”.

pontuou que o termo se refere a um processo que coloca em xeque não somente as similitudes das vivências das juventudes e da velhice, numa dimensão que é binária e dicotômica. Ao pensar o envelhecer de homens que se identificam como gays, e que, portanto, rompem com um padrão heterogeracional estabelecido de se pensar os processos de envelhecimentos, os resultados da sua pesquisa apontaram que eles se viam como *envelhecentes* e não como velhos propriamente. O autor concluiu que se tratava “(...) muito mais de um processo constante de envelhecimento e amadurecimento, do que propriamente numa última fase ou estágio da vida” (CARDOSO, 2014, p. 20)¹⁴.

Nesse sentido, assim como apontam, por exemplo, os estudos da Sociologia da Juventude (Juarez DAYRELL, 2007; Edmarcius NOVAES, 2016, Ana Cristina LEMOS 2016), nos quais as juventudes são compreendidas como construções sociais que marcam as territorialidades próprias das distintas formas de ser jovem (sobretudo com diversos marcadores sociais de diferenças, tais como gênero, raça, orientação sexual, etc.) e não por mera classificação biológica que os tipifica entre 12 a 18 anos de idade, a Sociologia do Envelhecimento aponta para uma envelhecência que materializa distintas formas de organização de pessoas que atualmente não se percebem mais na juventude, e que estão nesse limbo que é se ver amadurecendo, mas que, ao mesmo tempo, ainda não estão completamente velhos.

A velhice como um problema social é objeto de pesquisas pela Sociologia do Envelhecimento desde os anos de 1950 (Wilson José Alves PEDRO e Jesús P. MENA-CHALCO (2015). Os estudos sociológicos elaborados visam, sobretudo, não a naturalizar como uma categoria única, mas questionar sua constituição social e levantar hipóteses teóricas¹⁵ e metodológicas¹⁶ fundamentadas sobre a velhice e os discursos mais atuais. Rosa Maria da Exaltação COUTRIM (2006) critica o fato de os estudos sobre o envelhecimento serem predominantemente do campo da Gerontologia, que se coloca academicamente como porta-voz da temática. Ela sugere que outros saberes se ocupem a respeito, principalmente a

¹⁴ Agradeço a gentileza de Wladirson Ronny da Silva Cardoso de corresponder ao meu contato por meio de rede social em dezembro de 2020 e apontar o trunfo de sua pesquisa ao utilizar o termo grafado como ‘envelhecência’: Em suas palavras, a proposta foi “desessencializar o processo e encarar a velhice como fase sempre atual e não como uma “teleologia”. Nascemos e, deste fato, resultam dois imponderáveis: vamos envelhecer e morrer. A morte é um “real desconhecido”, mas a velhice é constante e atual”.

¹⁵ A este respeito, sugiro *Sociedade dos Indivíduos* (1987) e *A solidão dos moribundos: seguido de “envelhecer e morrer”* (2001), ambos de Norbert ELIAS.

¹⁶ Segundo Rosa Maria da Exaltação COUTRIM (2006, p. 84), existem três linhas bem definidas sobre a pesquisa em relação ao curso da vida, estabelecidas por Tamara K. HAREVEN (1987): “(...) A primeira delas aborda a sincronização da vida dos indivíduos e as transformações da vida familiar. A segunda, busca a relação entre a vida individual, a vida familiar e as transformações históricas; já a terceira vertente enfoca as relações intergeracionais, sendo que todas realizam análises longitudinais”.

partir dos próprios velhos, tal qual ocorreu com os estudos feministas e as discussões sobre as múltiplas vivências de mulheres. Por outro lado, a questão pública da velhice é hoje também recorrente no campo da Sociologia do Envelhecimento (Maria Cecília de Souza MINAYO E Carlos E. COIMBRA JR, 2002), uma vez que a partir dos anos de 1990 o Estado passou a elaborar medidas para solucionar seus problemas, não somente em relação à saúde pública, mas também em outras frentes como a segurança pública, previdência, assistência social, etc. (Remi LENOIR, 1998).

Essa condição da vida de muitas pessoas que se percebem não mais na juventude, ao mesmo tempo em que não se percebem como propriamente velhos, pode ser compreendida a partir do que aqui denomino como **multiterritorialidades da maricona**, constituídas a partir das narrativas das *mariconas* interlocutoras desta investigação, sobre as especificidades que percebem em seus processos de envelhecimento enquanto homens gays, o que se dá subjetivamente a partir de distintos espaços de experiências e horizontes de expectativas.

Para compreender como se constituem trajetórias de vida de *mariconas* em processos de envelhecimentos, a partir de distintas temporalidades, na cidade de Governador Valadares, em especial no contexto da pandemia mundial de Covid-19, realizei uma investigação cujo *corpus* teórico-metodológico é interdisciplinar, conforme a proposta do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina¹⁷.

Uma pesquisa interdisciplinar é aquela que se pauta em um aporte teórico-metodológico que propõe integrar os saberes disciplinares das ciências materiais (compreendidas com os conhecimentos físicos e biológicos) e a realidade humana, entendida a partir dos conhecimentos sobre processos mentais e representações individuais e coletivas, em saberes de campos como as ciências humanas e as sociais. Para Héctor Ricardo LEIS (2005, p. 5), a **interdisciplinaridade** “(...) é sempre uma reação alternativa à abordagem disciplinar normalizada (seja no ensino ou na pesquisa) dos diversos objetos de estudos”. Ao entender que para um mesmo desafio do conhecimento se tem diversas reações interdisciplinares, sua prática é um posicionamento contrário às tentativas de homogeneização e enquadramentos conceituais.

Como propõe Richard J. BERNSTEIN (1983), o conhecimento se organiza a partir do empirismo, da interpretação e da criticidade. A análise fragmentada e disciplinar se torna, neste contexto, simplificadora, o que não permite outras análises de lógicas racionais, instrumentais

¹⁷ Ressalto que toda a minha formação acadêmica é interdisciplinar. Na graduação possuo formação em Direito e em Filosofia. Na pós-graduação *latu sensu* transitei no campo da Educação (com destaque a Educação Inclusiva, à Libras e à Educação Social), do Direito (com ênfase no campo das Políticas Públicas) e dos estudos culturais (fiz o GDE – Gênero e Diversidade na Escola / UFMG). No mestrado, minha formação também foi interdisciplinar com a Gestão Integrada do Território (UNIVALE).

e subjetivas sobre os objetos de pesquisa. Assim, é possível identificar uma pesquisa interdisciplinar (apesar de não haver consenso conceitual), a partir da forma em que se toma movimentos interdisciplinares, dos quais suas premissas fazem parte. Em minha pesquisa essa articulação é feita a partir de categorias oriundas dos estudos de gênero e dos estudos territoriais, bem como pelo uso de conceitos dos campos da Antropologia e da História.

2.1. Os estudos de gênero

Em meu mapa conceitual, os **estudos de gênero** auxiliam a compreender a nomeação que protagoniza essa tese. A escolha da terminologia *maricona* não é em vão. A palavra *maricona* é mais conhecida e utilizada sobretudo no cenário gay, comumente como algo ofensivo. Quando se deseja menosprezar uma gay por razões etárias, a escolha do termo é assertiva, pois receber essa alcunha denota que se carrega as multiterritorialidades do processo de envelhecer¹⁸. Trata-se, pejorativamente, de ser nomeada como a *bicha velha, desaquendada*¹⁹.

O exercício que proponho é similar ao que já aconteceu com outros termos, tais como *gay* e *viado*²⁰, que no passado eram sinônimos de injúria, mera irreverência, ou mesmo o riso intencionalmente homofóbico. Minha escolha nesta tese pelo termo *maricona* visa sua apropriação com o foco de desterritorializar os sentidos que lhes são atribuídos como abjeção, para reterritorializá-los com novos significados, a partir de reflexões sobre os motivos de tais incômodos. Ao evidenciá-lo, proponho a necessidade de politizar o termo de forma positiva, considerando as multiterritorialidades existentes no processo de *mariconar*, sob uma perspectiva que aponta para uma existência que pode ser (re)conhecida como digna e prazerosa.

Espero que após o tempo do insulto, esse (novo) sujeito do discurso possa existir sem que a sua presença signifique socialmente, sobretudo entre os seus pares, uma aberração, construindo novos regimes de verdades a partir de suas subjetividades, bem como novos discursos de uma ontologia do que signifique ser uma *maricona*.

Ao mesmo tempo, entendo que a gay envelhecete é objeto de rejeição em razão da construção de uma identidade que diz respeito ao seu tempo e lugar, materializada em um corpo

¹⁸ Thiago Santos da SILVA (2012) indica que a terminologia *Irene* também é utilizada no pajubá como sinônimo de gay masculino velho, em algumas regiões, como no Rio Grande do Sul.

¹⁹ No pajubá, “*aquendar*” é “sair fora”. A bicha é desaquendada quando todos ‘saem fora dela’.

²⁰ Maurício Pereira GOMES (2019) apropriou-se politicamente do termo *viado*, como categoria nativa da comunidade gay, propondo uma forma de resistência à injúria e a violência com a qual o termo é utilizado, a partir da grafia de ‘*viada*’.

no qual estão imbricados reflexos de suas trajetórias, suas experiências, posições socioeconômicas, atributos físicos e desempenhos sexuais dissidentes. É pelo corpo que somos vistos, identificados e nomeados, e assim, é também pelo corpo, em nossa relação com o mundo, que nossa imagem pode ser um lugar de apego, de falta e/ou de ilusão. O homem belo, de forma histórica, além de necessariamente ser heterossexual, é aquele atraente e viril. A globalização permitiu a especialização e o cuidado médico necessários para que isso se perpetue o máximo possível. De forma inconsciente, trata-se de modelos ou comportamentos aos quais o homem gay envelhecendo deve se adequar, caso almeje continuar sendo desejado entre os pares.

Nesse sentido, *mariconar* também se refere a viver uma forma de luto a partir dos trinta anos de idade²¹. Para além da rejeição dos pares, é consigo que a gay envelhecendo precisa lidar. É comum, diante do espelho, que a gay se perceba *maricona* e tenha a sensação de que está prestes a perder a influência, o desejo, e a vontade subjetiva de se arriscar. A libido reduz e dá um sinal de que é preciso abandonar a conduta normal de atratividade. Para muitas, nesse momento, resta-lhes a decisão de vivenciar a melancolia da solidão, por entenderem que perderam a capacidade de amar, passando, inclusive, a recriminar até mesmo o amor-próprio.

Sylvia Salles Godoy de SOUZA SOARES (2012) aponta que na contemporaneidade, a envelhecência é o luto das etapas da vida de qualquer ser humano. É como se a vida fosse um palco, em que as relações estabelecidas fizessem parte de uma peça teatral, cujo roteiro caminha para seu ato final. O corpo e seus sinais do curso da vida expressam nitidamente que o desempenho de seus órgãos já não são mais os mesmos. A imagem ao olho nú expõe o desgaste. A virilidade assombra a lógica falocêntrica e aponta para representações de uma vida assexuada, ou que passe a depender de trocas sexuais remuneradas para se satisfazer.

No entanto, o processo de se tornar *maricona*, e principalmente de perceber como tal, pode também ser o estabelecimento racional e realizado da gay que compreende bem este momento de seu curso da vida, e passa a construir uma imagem pessoal cujos valores apontam para outros estatutos, que não precisem acontecer (ou estacionar) pela/na dor e nas ausências de relações de afetos. Para tanto, o primeiro passo é compreender em que medida o envelhecimento gay possui territorialidades específicas, e a partir disso, constituir um orgulho de ser o que se é possível se tornar.

É no campo dos estudos de gênero que a temática da **violência**, evidenciada nos resultados desta tese, também será compreendida. Tomo a violência analisada como um

²¹ No capítulo 5 apresento essa discussão pormenorizada, sob a perspectiva das mariconas entrevistadas.

fenômeno intrinsecamente relacionado à homofobia, a partir das contribuições de Daniel BORRILLO (2010). Esse tipo de violência tem por objetivo estabelecer um sistema de humilhações e exclusões de homens gays em suas subjetividades, cujo funcionamento reside em indivíduos, na cultura, na cumplicidade jurídica e em instituições sociais, a partir de discursos e práticas, muitas vezes empreendidas de formas sutis e silenciosas. Isso significa, que esse fenômeno orbita em torno de emoções, condutas, normas e dispositivos, pelos quais aqueles que praticam tal tipo de violência, criam e reproduzem “um sistema de diferenças para justificar a exclusão e a dominação de uns sobre os outros” (BORRILLO, 2010, p. 11).

O estado puro da homofobia como violência é a perpetuação de um preconceito, cujo mecanismo opera no campo do não nomeado e do não pensável, na mesma lógica de outras violências: pela inferiorização. Para tanto, é preciso “desumanizar o outro e torná-lo inexoravelmente diferente”. (BORRILLO, 2010, p. 9). Em distintas temporalidades vivências por homens gays, entendo que a violência de cunho homofóbico se manifesta, e visa a angústia e pânico moral da existência de ser gay.

De acordo com o referido autor, esse tipo de violência ocorre de duas maneiras: a partir da rejeição irracional, em que se violenta o campo dos afetos, e se manifesta por meio de condutas que assumem marcas de injúrias e insulto; ou a partir de uma construção ideológica, cognitiva, em que se expressa por atitudes muitas vezes consensuais e invisíveis, nas quais atribuem a existência de homens gays à uma posição hierarquizada como marginal, tendo sua sexualidade e comportamentos questionados e considerados como secundários.

2.2. *Antropologia*²²

Na antropologia brasileira mais urbana, com foco nas experiências singulares de/em segmentos médios urbanos, destaca-se Gilberto VELHO (1978) com suas contribuições sobre como se davam processos de transformações pessoais. A análise do cotidiano, dos estilos de vida e das identidades sociais, permitia a compreensão de experiências singulares e dos processos sociais, dados a partir do externo. Outra vertente se deu com o que se configurou como antropologia da prática, definida por Sherry ORTNER (1987) como uma constituição cultural da subjetividade, que considera que o envolvimento subjetivo do pesquisador desloca o objeto de reflexão antropológica, quando este permite que o foco não seja somente o

²² Os conceitos principais que constituem o mapa conceitual da pesquisa, a partir de seu itinerário de realização, estão neste item negritados.

estranhamento do familiar, passando a dialogar com os processos sociais, pois entende sê-los frutos deste externo.

Outros saberes que compõem meu mapa conceitual advêm da Antropologia. A **subjetividade** é uma das temáticas que se faz presente na investigação, e apresenta distintas formas analíticas no referido campo, sobretudo a partir dos anos de 1980, até se chegar ao que se considera hoje em uma antropologia pós-moderna²³. Inexoravelmente, os estudos sobre subjetividades se direcionavam para possibilidades que os sujeitos tinham de reapropriação em contextos marcados por relações de poder, sobretudo a partir de agenciamentos²⁴ de enunciação, tomados como fruto de um registro do social.

No processo de confronto e de lutas das subjetividades, com imposições coercitivas homogeneizantes, estratégias moldavam outras formas de se fazer escolhas críticas, visando não se perpetuar o controle sobre desejos e vontades, o que incluía o próprio ato da pesquisa. O foco da Antropologia era direcionado para questões sobre posicionamentos situados, as possibilidades de trocas, proximidades, encontros, no exercício de se estranhar o familiar e de tornar familiar aquilo que fosse tido como exótico.

Elisete SCHWADE e Miriam Pillar GROSSI (2018), no entanto, apontam a necessidade de pesquisas antropológicas que analisem subjetividades não somente a partir do que se encontra nas falas de interlocutores. A proposta é pensar em que medida os encontros intersubjetivos mobilizam transformações nos sujeitos envolvidos. Assim, a subjetividade do pesquisador como uma questão ética impõe a necessidade de se pensar outras questões críticas em seu processo de pesquisa, tais como suas emoções, afetividades, interesses e medos – que podem, inclusive, ser os mesmos, ou diferentes de seus interlocutores. Neste sentido, a definição proposta pelas antropólogas para a subjetividade em uma dada pesquisa é contundente para minha tese, pois visa tornar a subjetividade do pesquisador, com seus itinerários e percursos, objeto da própria reflexão antropológica:

A subjetividade, como construção, processo, permeada pela diversidade de contextos – e relações de poder – emerge como parte do processo de produção do conhecimento. Para além de recursos de

²³ Elisete SCHWADE e Miriam Pillar GROSSI (2018) citam as primeiras produções desta área do conhecimento a partir da década de 1980, dando destaque à autores de Roberto Cardoso de Oliveira, Jeanne Favret-Saada, Michael Fischer e George Marcus. A época, a partir as contribuições de Michel Foucault e Félix Guattari, a noção de desconstrução e os processos de produção do poder eram pensados para se perceber questões relativas à subjetividade.

²⁴ Parto do conceito de agência de Sherry B. ORTNER (2007) como perspectiva epistemológica para pensar em que medida a vivência da *mariconice* envolve a construção de formas de resistências específicas face às relações de desigualdades e assimetrias de forças sociais, que pautam o envelhecimento como sendo necessariamente gestado na matriz heteronormativa, perpassando espaços de experiências, desde a infância e a adolescência até os dias atuais, bem como para se pensar o futuro.

aceitação do pesquisador, o encontro intersubjetivo proporciona o reconhecimento mútuo, por meio de diferentes nuances e manifestações – medo, sofrimento, indignação, proteção, cuidado. Embora tais emoções estejam sempre contextualizadas, atreladas a temas de pesquisas específicos, orientadas por meio de referências teórico-metodológicas singulares, o reconhecimento mútuo se situa como um ponto em comum da prática da pesquisa antropológica (SCHWADE & GROSSI, 2018, p. 14).

Nesse sentido, a Antropologia colabora com a investigação na medida em que me proponho nesta tese conhecer os aspectos subjetivos das existências sociais das *mariconas* interlocutoras, mais do que, necessariamente, produzir análises macrossociológicas do que signifique a vivência do processo de envelhecimento na condição masculina e gay. Trata-se do que os antropólogos Guilherme Rodrigues PASSAMANI (2015) e Wladirson Ronny da Silva CARDOSO (2015) apontam como necessidade de se produzir análises de etnografias do particular, sobretudo em contextos interioranos.

Tal percepção se dá porque considero que os interlocutores de minha pesquisa optaram por não migrarem para os grandes centros urbanos próximos, como a região metropolitana de Belo Horizonte ou para Vitória, no Espírito Santo (ambas capitais mais próximas de Governador Valadares), ou mesmo para o exterior, ao considerar que o fluxo migratório local é uma territorialidade da região, conhecida mundialmente. Pelo contrário, as *mariconas* se organizaram na construção de uma identidade homossexual positiva (Adailson da Silva MOREIRA, 2015), mesmo que alguns ainda permaneçam na vivência da dominação de suas sexualidades pelo/no armário²⁵ (Fernando Altair POCAHY, 2011), preferindo a invisibilidade pública de suas dissidências.

Ressalto que o exercício é discutir as vivências do envelhecimento, de masculinidades e homossociabilidades como marcadores sociais de diferença, em uma perspectiva pós-estruturalista²⁶. Isto significa que refuto metanarrativas totalizantes sobre as relações entre

²⁵ Richard MISKOLCI, em *Desejos Digitais* (2017), propõe uma outra análise do conceito de “armário” que difere da perspectiva de Eve Kosofsky SEDGWICK (2007), para quem se trata de uma forma de opressão gay no século XX. O sociólogo propõe que se pense o armário e a necessidade de se assumir como uma resposta para uma dada localidade, com prazo marcado, mas também como um regime de visibilidade cultural que fomenta a perpetuação de uma hegemonia que é heterossexual, e que por isto, é responsável por regular o que pode e o que não pode ser reconhecido coletivamente.

²⁶ Segundo Guacira Lopes LOURO (1999) o movimento pós-estruturalista traz “(...) o centro das atenções o discurso, provocando uma ‘virada linguística’, ou seja, afirmando que a linguagem não seria propriamente uma representação da realidade feita pelos sujeitos, mas sim constituidora dos sujeitos e da realidade”. Nesse sentido, indica uma “(...) proposta de ‘desconstrução’ dos princípios fundantes sobre os quais se construíram os tradicionais sistemas de pensamento. Considerando tais sistemas como metafísicos, iria tentar desconstruir as ‘oposições binárias’ que os sustentavam. Essa proposta talvez pudessem permitir uma abordagem muito mais radical a uma das oposições binárias mais solidamente instaladas no pensamento e na prática ocidental, ou seja, a

saber, poder e verdade, tendo como foco as questões sociais, culturais e linguísticas. Já a compreensão de **marcadores sociais de diferença** que utilizo nesse percurso é a definida por Marcio Bressiani ZAMBONI (2018, p. 13), como “(...) sistemas de classificação que organizam a experiência ao identificar certos indivíduos com determinadas categorias sociais”. Assim, trata-se de classificações, não exaustivas, que organizam a experiência humana em seu mundo social.

Corroboro com Zamboni (2018) ao entender que os marcadores sociais de diferença se caracterizam pelo fato de não serem naturais (pois também entendo que todo sistema de organização humana é uma construção social e, portanto, necessariamente deva ser contextualizado), por não se constituírem isoladamente (uma vez que se fazem presentes nos discursos sobre a experiência humana, e ao mesmo tempo em suas práticas) e por estarem intimamente correlatos às relações de poder (já que tal sistema organiza esses marcadores com uma operação de cunho capitalista e, assim, o faz justamente porque esses apontam para as diferenças vivenciadas em lógicas patriarcais, raciais, heteronormativas, etárias, sociais, culturais, políticas, etc., todas fomentadoras de desigualdades).

Por outro lado, também coaduno com Adriana PISCITELLI (2008) e Carlos Eduardo HENNING (2015), que apontam que os marcadores sociais de diferença também servem como formas de pensar em subjetividades, ao compreendê-los como potências em contextos de desigualdades sociais, na medida em que fomentam resistências, questionamentos e desconstruções por táticas empreendidas em tais vivências²⁷. Dessa forma, por se tratar de subjetividades de indivíduos possuidores de múltiplas categorias construídas socialmente, as tomo como multiterritorialidades, ao dialogar com conceitos do campo dos estudos territoriais.

2.3. Estudos territoriais

Os estudos territoriais contribuem com a investigação a partir da utilização das categorias “território” e “multiterritorialidades” em mapa conceitual. Compreendo **território**, a partir de Rogério HAESBAERT (2004), para o qual, trata-se de uma construção histórica, social e marcada por relações de poder, o que exige o seu uso numa perspectiva integradora de

oposição homem/mulher, masculino/feminino, oposição essa entendida como natural e imutável, reveladora e desencadeadora de uma hierarquia aparentemente universal e eterna” (LOURO, 1999, p. 110).

²⁷ Nesse sentido, para Carlos Eduardo HENNING (2015), “não necessariamente é preciso desenvolver a análise de uma infinidade de marcadores em toda e qualquer análise social, mas atentar para o entrelaçamento daqueles que se mostram relevantes contextualmente, ou seja, partindo de análises atentas às diferenças que fazem diferença em termos específicos, históricos, localizados e, obviamente, políticos”. (HENNING, 2015, p. 111)

uma geografia cultural. O conceito é, desta forma, um instrumento analítico e também de intervenção, que serve para verificar questionamentos, significados e diálogos que podem ser construídos, a partir da análise de uma realidade territorial, e de suas implicações políticas nas múltiplas relações sociais, as quais os sujeitos que nela estão inseridos estabelecem.

O geógrafo brasileiro define território como “uma construção histórica e, portanto, social, a partir de relações de poder (concreto e simbólico)”. Dessa forma, o território, enquanto objeto de análise, “(...) possui tanto uma dimensão mais subjetiva, (...) de consciência, apropriação ou mesmo, em alguns casos, identidade territorial, e uma dimensão mais objetiva”, que se dedica a “(...) dominação do espaço, num sentido mais concreto, realizada por instrumentos de ação político-econômica” (HAESBAERT, 2004, p. 42).

Se todos vivemos, portanto, em territórios distintos, históricos e socialmente construídos, vivenciamos **multiterritorialidades**, resultantes de relações de poder²⁸. O alerta feito pelo autor é que o conceito de território não é sinônimo de materialidade de um espaço construído, nem um conjunto de forças nessa materialidade. Diz respeito, simbolicamente, à apropriação dessa materialidade e, de forma mais concreta, ao domínio político-econômico de um dado espaço, partilhado socialmente. Assim, esse espaço não é uma mera construção, mas palco de ações reais de dominação – o que faz com que a discussão de território ultrapasse sua compreensão como sinônimo de espaço e seja relevante para pesquisas como esta que o tomam em sua dimensão simbólica.

A partir de Haesbaert (2004), pode-se entender as multiterritorialidades pelo viés político, econômico e cultural, ao considerar que cada sujeito, dentro de suas possibilidades de organização territorial, emprega distintos significados às suas vivências – o que evidencia também o caráter funcional do território vivido. O autor ressalta que “(...) o processo de territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos”, por considerar que “(...) toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios”. Assim, nessa perspectiva simbólica, “(...) em certo sentido, teríamos vivido sempre uma multiterritorialidade” (HAESBAERT, 2004, p. 344).

Portanto, as multiterritorialidades são resultados dessas construções sociais, coletivas e multidimensionais de um território organizado pela ordem do poder, o qual compreendo

²⁸ Aqui entendo o poder a partir das contribuições de Michel FOUCAULT (1979), para quem este se manifesta como “(...) uma rede de relações variáveis e multiformes; é exercido e se constitui na relação, historicamente. Há o poder sem o rei: “Com poder não quero dizer ‘o Poder’, como conjunto de instituições e de aparatos que garantam a submissão dos cidadãos em um determinado Estado. (...) Com o termo poder me parece que se deve entender a multiplicidade de relações de forças inerentes ao campo no qual se exercitam (...); o jogo que, através de lutas incessantes, transforma-o, reforça-o, inverte-o; o apoio a estas relações de forças encontram umas nas outras (...)”. (FOUCAULT, 1979, p. 82)

possível de se “(...) exercitar a partir de relações desiguais e móveis; de ser visto imanente a outras relações, como as econômicas, de conhecimento e de relações sexuais, sendo produtivo (...)” (Edmarcius NOVAES, 2016, p. 53). Na estrutura do poder, a operacionalização das multiterritorialidades exige aparatos sociais em relações com intencionalidades, trazendo consigo também a necessidade de organização de estratégias de resistências, que são subjetivas.

Noutras palavras, com as diversidades e complexidades vivenciadas em distintos territórios, na lógica hegemônica do capital, as multiterritorialidades se constituem por meio das relações sociais que se pautam pela dominação e pela apropriação das regras do jogo do poder em cada território, e por isso elas são subjetivas, na medida em que a análise de cada relação social, com suas hierarquias e estratégias, ocorre de forma cultural, simbólica.

A contribuição dos estudos territoriais para a pesquisa é, desta forma, analisar a *mariconice* como um processo e não como uma teleologia. Ela se dá com aspectos de enraizamento espacial, aqui analisados a partir das vivências das *mariconas* interlocutoras que decidiram por se estabelecer no território material e cultural de Governador Valadares, e a partir dele se constituírem, ao vivenciarem suas subjetividades territorializadas por marcadores sociais de diferença relativos às masculinidades, envelhecimento e homossexualidades, dentre outros, e em distintas temporalidades – como na recente (sobre)vivência ao contexto da pandemia de Covid-19.

2.4. História

Ainda na proposta metodológica interdisciplinar que costura essa tese, aciono em meu mapa conceitual as categorias **espaços de experiências** e **horizontes de expectativas**, empregadas por Reinhart KOSELLECK (2006), e que são por ele analisadas sob o prisma da História em uma abordagem formal, para se pensar nas temporalidades das trajetórias de vida, a partir das narrativas das *mariconas* investigadas. Tais categorias, de modo geral, servem para pensar em que medida a sociedade procura “(...) delinear e estabelecer as condições das histórias possíveis”, ainda que isso não seja “(...) as histórias mesmas”. Nesse sentido, Koselleck (2006) entende espaços de experiência e horizontes de expectativas como “categorias do conhecimento” e, portanto, fundantes da existência de uma história, já que “(...) todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem” (KOSELLECK, 2006, p. 306).

A experiência, em especial, é tida como o passado atual, em que “(...) acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados”, razão pela qual se manifesta com o conjunto de uma “elaboração racional” e “as formas inconscientes de comportamento”. Já a expectativa refere-se ao interpessoal e se realiza no hoje, tratando-se de um “(...) futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto”. Assim, se constitui de “(...) esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade (...)” (KOSELLECK, 2006, p. 310).

Ao pensar que espaços de experiências e horizontes de expectativas se constituem de formas distintas nas realidades humanas em razão das diferenças e, nesta pesquisa, analisadas a partir das vivências subjetivas das *mariconas* interlocutoras para organizar suas narrativas sobre as vivências adquiridas no passado e no tempo presente, cabe refleti-las à luz das categorias de Koselleck, pois este afirma que essas categorias são históricas no que dizem respeito ao espaço e ao tempo. Isso significa dizer que espaço e tempo não são alternativas em si; pelo contrário, são complementares, uma vez que “(...) não se pode ter um sem o outro: não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa” (KOSELLECK, 2006, p. 307).

É nesse sentido que (re)conheço as subjetividades dos espaços de experiências das *mariconas* investigadas nesta tese, quando narram suas vivências. Em um primeiro momento, retornam às suas infâncias e adolescências, e resgatam memórias de violações sofridas. No tempo presente, narram como percebem que tais experiências territorializam suas práticas de homossociabilidades gays em Governador Valadares, inclusive no período pandêmico de Covid-19, ao mesmo tempo em que direcionam seus olhares para o envelhecimento vivido. Por fim, já na conclusão, no exercício de pensar o tempo futuro, (re)conhecem horizontes de expectativas, os quais apontam como as *mariconas* agenciam formas de cuidado de si e pensam o devir orgulhosamente, a partir de projetos de vida.

3. ITINERÁRIOS DA PESQUISA E AS *MARICONAS*

A discussão sobre o envelhecimento gay não é recente. Um estado da arte²⁹ que realizei ainda no início do meu itinerário no doutorado, indicou que a temática é recorrente em produções, principalmente de teses acadêmicas brasileiras. Ao procurá-las, encontrei nove teses produzidas entre 2011/2019. Com elas, pude compreender melhor como pesquisadores tratavam categorias como ‘envelhecimento’ (ou processos de envelhe(s)cências), ‘masculinidades’ e ‘homossexualidades’ (e/ou práticas homoeróticas), especificamente quando as discutiam entendendo que se tratavam de subjetividades vivenciadas ao mesmo tempo.

TABELA 1
Estado da arte sobre teses que pesquisam o envelhecimento gay

Ano	Autoria	Programa	Título da Tese
2011	Fernando Altair Pocahy	Programa de Pós-Graduação em Educação – UFRGS	<i>Entre Vapores e Dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento</i>
2011	Murilo Peixoto da Mota	Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – URFJ	<i>Homossexualidades Masculinas e a Experiência de Envelhecer</i>
2013	Gustavo de Oliveira Duarte	Programa de Pós-Graduação em Educação – UFRGS	<i>O “Bloco das Irenes”:</i> articulações entre amizade, homossexualidade(s) e o processo de envelhecimento
2014	Carlos Eduardo Henning	Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – UNICAMP	<i>Paizões, Tiozões, Tias e Cacuras:</i> envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo

²⁹ Segundo Norma FERREIRA (1995, p. 257), estudos dessa envergadura visam “(...) mapear e discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares”. Para tanto, utilizei o campo de buscas do Catálogo de Teses e Dissertações, da Plataforma da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, fundação vinculada ao MEC – Ministério da Educação.

2014	Wladirson Ronny da Silva Cardoso	Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPA	<i>Para além da juventude – “antropologia da experiência” e do “modo de vida gay” de homossexuais masculinos em processo de envelhescência da cidade de Soure (Marajó/Pará)</i>
2015	Adailson da Silva Moreira	Programa de Estudos Pós-Graduação em Psicologia Clínica – PUC/SP	<i>Metamorfose da alma: visões do processo de envelhecimento homossexual masculino</i>
2015	Gustavo Santa Roza Saggese	Programa de Pós-Graduação em Educação – UFRGS	<i>Entre perdas e ganhos: homossexualidade masculina, geração e transformação social na cidade de São Paulo</i>
2015	Guilherme Rodrigues Passamani	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UNICAMP	<i>Batalha de Confete no “Mar de Xaráyés”:</i> condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidade.
2019	Maurício Pereira Gomes	Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - UFSC	<i>“Se eu passar despercebido o baile não prestou”.</i> Visibilidade e resistência viada no interior de Santa Catarina

Fonte: Banco de Teses da CAPES

Nesse itinerário da pesquisa, um momento instigante se deu a partir da construção coletiva com minhas professoras orientadoras, sobre a diferença de meu universo de pesquisa em relação aos estudos elencados acima, pela constatação de que o grupo de homens gays envelhecetes de Governador Valadares estudado, são mais jovens, sujeitos de camadas médias, e que estão hoje na faixa etária entre 30 a 55 anos de idade. Esse dado é significativo por dois motivos: primeiro, porque difere das pesquisas anteriormente elencadas, cujos interlocutores foram, em sua maioria, homens gays com 60 anos de idade ou mais. Depois, porque o grupo pesquisado vivencia o início do processo de envelhescência específico, o qual

denomino como *mariconice*, a partir de 30 anos, principalmente, em suas relações estabelecidas com pares no circuito gay.

Atrela-se ao fato de se tratar de uma geração que nasceu na década de 1980 adiante, cujo contexto político brasileiro à época era de redemocratização, ao mesmo tempo em que o mundo vivenciou o *boom* da epidemia do HIV. Essas conjunturas aparecem de forma contundente nos relatos das *mariconas*, e auxiliam a pensar os reflexos desses cenários nas formas pelas quais elas viveram suas infâncias e adolescências, como bem as experiências de homossexualidades que atualmente empreendem, além de pensar o futuro.

Escrever as análises necessárias, a partir da observação e da interação, com homens gays em processos de envelhecências em Governador Valadares, foi um desafio justamente porque não escrevo “sobre” eles, mas “com” eles. Pertenço, enquanto sujeito, às existências sociais de uma população que se aglutina por identidades e vivências similares, por ser um dos LGBT³⁰s locais. A interação, os encontros intersubjetivos e a comunicação para a pesquisa foram assim definidas pelo objeto. A observação participante se fez durante todo o percurso investigativo, porque com as *mariconas* com quem dialogo nesta tese, compartilho também uma comunidade de destino. O que significa afirmar que eu também sou “(...) de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados” (Ecléa BOSI, 1988, p. 2). Assim, coube a mim, enquanto pesquisador, a responsabilidade social e política de ser fiel às observações do campo. Nesse sentido, as entrevistas semiestruturadas realizadas que seguiram um roteiro em profundidade³¹, me permitiram mais do que coletar dados, exercitar a escuta do outro, das singularidades em suas trajetórias³², valorizando a experiência subjetiva dos meus interlocutores³³.

Escolhi as interlocutoras através de meus laços afetivossexuais e de amizades. Dez entre quinze *mariconas* estudadas são amigas, sendo que entre estas algumas são conhecidas há anos,

³⁰ Apesar de reconhecer demandas de visibilidades das diversas formas de identidades de gênero e orientações sexuais, adoto a terminologia LGBT em minha escrita acadêmica, pois, atualmente, essa ainda é mais facilmente encontrada em mecanismos de busca digitais..

³¹ O roteiro das entrevistas semi-estruturadas utilizadas na pesquisa de campo está disponível no apêndice A. Assumo que elas foram direcionadas para capturar as vivências dos interlocutores a partir de seus espaços de experiências e horizontes de expectativas.

³² Tomo o conceito de trajetória de Gilberto VELHO (1999, p. 100), para quem trata-se de um elemento constituidor da sociedade complexa ocidental: “(...) é a progressiva ascensão do sujeito psicológico, que passa a ser a medida de todas as coisas. Neste sentido, a memória deste indivíduo é que se torna socialmente mais relevante. Suas experiências pessoais, seus amores, desejos, sofrimentos, decepções, frustrações, traumas, triunfos, etc. (...) São os marcos que indicam o sentido de sua singularidade enquanto indivíduo, que é constantemente enfatizada”.

³³ Miriam Pillar GROSSI, em “*Na Busca do outro encontra-se a si mesmo*” (2018), aponta que a subjetividade pela ótica do gênero, nos estudos antropológicos, visa a revalorização da experiência subjetiva em detrimento da racionalidade, presente no Pensamento Social Ocidental Moderno, que é androcêntrico e etnocêntrico.

outras são contatos, por exemplo, que desenvolvi em minhas experiências com os movimentos políticos e/ou LGBT locais. Já outras cinco *mariconas* são contatos com os quais já vivenciei alguma experiência homoerótica em períodos anteriores as entrevistas. Destaco esses vínculos por entender que é preciso romper com o que Luiz Fernando Rojo (2005) aponta como “o mito do antropólogo assexuado”, em que é necessário reconhecer que em alguns tipos de pesquisa a subjetividade erótica perpassa o processo. Senti essa subjetividade erótica nitidamente em alguns momentos de realização das entrevistas, quando algumas das *mariconas*, ou antes ou mesmo após finalizá-las, me perguntaram se eu estava solteiro (e na época eu estava), e como estava lidando com o isolamento durante a pandemia. Em três casos essas abordagens finalizaram-se com um convite para um encontro em breve, “*após você terminar sua tese*” ou “*quando esse negócio da Covid passar*”. É nesse sentido que coaduno com perspectiva de Wagner Xavier de CAMARGO (2018) quando pontua que o corpo do pesquisador é também um instrumento de coleta de dados e de produção de uma etnografia também sexual³⁴:

Negar a importância do sexo e a dimensão do prazer no contexto da etnografia seria o mesmo que negar o quão produtivo podem ser tais dimensões na produção de conhecimento. O sexo, em minha pesquisa, teve um papel de experimentação cultural, principalmente por envolver contatos com outras culturas e modos distintos de explicitação das sexualidades. Porém, tal experiência baseou-se no nível de outras tantas experimentações culturais que nos engloba, como assistir uma ópera, ou ver um filme estrangeiro, ou ainda participar de um fórum acadêmico internacional (no caso, para nós pesquisadores/as). (CAMARGO, 2018, p. 150).

Assumo essa posição por entender que a experiência vivida, na condição de homem gay envelhecido que também decidiu residir na cidade de Governador Valadares me auxiliou a realizar essa pesquisa. Por outro lado, também assumo que minha tese tem como inspiração metodológica a “etnografia do particular”, na concepção de Lila ABU-LUGHOD³⁵ em “A

³⁴ Entendo que práticas afetivossexuais antes ou após as entrevistas, em certa medida servem para territorializar as relações de poder e as territorialidades subjetivas tanto do pesquisador como os interlocutores. Rozeli PORTO (2018) aponta que esse tipo de pesquisa foge dos modelos clássicos propostos por Bronislaw Malinowski com seus “*ethos academicus*”, pois ao permitir adentrar ao campo das subjetividades, recebem como crítica a existência de uma possível ineficácia epistemológica e a falta de cientificidade, justamente por ter rompido com o mito da assexualidade do pesquisar no campo da sexualidade. Uma pesquisa que se pauta pelo corpo como instrumento de coleta de dados e de produção etnográfica é a tese de doutorado em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco, defendida por Francisco Gleidson Vieira dos Santos (2019), denominada “*Uniformizados pela pele, vestidos pelo desejo*”, a criação de um “novo mundo” a partir das orgias *barebacking* do “Rei Sol”.

³⁵ A partir de sua pesquisa com um grupo de beduínas no Oriente Médio, a antropóloga questionou a escrita cultural e propôs uma outra escrita, de cunho feminista. Sua crítica situa-se no fato de que a antropologia cultural convencional reforça separações que carregam sentidos hierárquicos. Nesse sentido, a cultura serviria para distinguir antropologicamente entre o ‘eu’ e o ‘outro’, sendo uma ferramenta essencial para se fazer existir o outro

escrita contra a cultura” (2018), para quem pesquisas deste tipo³⁶, fundadas em conversas pessoais, podem ajudar a compreender nossas vidas, de amigos, famílias, do mundo que nos cerca.

Entendo que investigar sobre como homens que são gays e envelhecidos percebem tais articulações ao residirem em Governador Valadares, e em especial no contexto da pandemia de Covid-19, pode contribuir para se compreender como ocorre esse processo de *mariconice*, a partir da reconstituição das formas particulares pelas quais tais homens entendem, narram e interpretam suas próprias vivências³⁷.

Nesta pesquisa, ao todo foram entrevistadas 15 *mariconas*, apresentadas mais abaixo em ordem cronológica de realização das entrevistas. Para garantir o anonimato de suas identidades, decidi nomeá-las com nomes de deuses gregos, e eticamente retirar aspectos que possam fazê-las reconhecidas por outras pessoas que também residem na cidade, e eventualmente, as conheçam. A escolha pela utilização de nomes gregos se deve a uma vinculação à cultura grega existente na construção literária da subjetividade homoerótica moderna³⁸, porém, as escolhas dos pseudônimos para as *mariconas* não representam nenhuma vinculação com o teor simbólico específico de cada um dos deuses gregos.

A utilização de nomes de deuses gregos como pseudônimos para as *mariconas* também se justifica pelo fato em comum de que todas elas nasceram em (ou logo na infância se mudaram para) Governador Valadares, vivenciando, desta forma, também essa territorialidade. Entendo que a decisão de permanecerem no município, em alguma medida é também um ato

– e isso indica que, apesar de ter uma intenção anti-essencialista, tende a cristalizar ainda mais as diferenças analisadas em cada caso concreto.

³⁶ Cabe destacar que a perspectiva do particular não é novidade no campo das ciências sociais. A própria antropóloga cita a perspectiva de Pierre BOURDIEU (1994), porém dele se diferencia ao entender que a perspectiva da etnografia do particular visa a garantia de meios textuais que representem os acontecimentos, e não a teorização dos assuntos em si. Outro autor que também apresenta essa perspectiva é o sociólogo da educação, Bernard LAHIRE (2005), com sua proposta de construção de patrimônios individuais de disposições de crenças e ações, em uma proposta de entender o sujeito da pesquisa como um “social individualizado”. Segundo o autor, busca-se compreender o “(...) corpo individual que tem a particularidade de atravessar instituições, grupos, campos de força e de lutas ou cenas diferentes”. Assim, trata-se de “(...) estudar a realidade social na sua forma incorporada, interiorizada” (LAHIRE, 2005, p. 13) e não somente por intermédio de dados macrossociológicos.

³⁷ Neste sentido, nos capítulos seguintes, em que apresento as falas de meus interlocutores, utilizo o máximo possível do conteúdo por eles narrados. Entendo que em alguns pontos o relato é extenso e que isso possa ser passível de críticas, no entanto, trata-se de uma opção metodológica com o intuito de fornecer o maior número possível de elementos que facilitem a compreensão sobre tais *mariconas* e com estas percebem a si mesmas, e narram as vivências de si e de suas formas de vida social.

³⁸ Segundo o historiador Daniel Barbosa DOS SANTOS (2009, p. 257), é inequívoco que obras científicas, literárias e historiográficas oriundas da cultura grega, “(...) ao criarem representações da tradição homoerótica grega, narram/inventam um ambiente cultural homoerótico que, em conexão com as diversas teorias e práticas ativistas, criam uma cultura política homoerótica”. As esculturas e as artes no geral de origem gregas, também depõem sobre essa narrativa da existência de uma cultura política homoerótica, a partir do culto ao masculino e ao falocentrismo – termo inclusive de origem grega (Felipe ADAID, 2016).

político, considerando a necessidade de articular suas subjetividades enquanto homens envelhecidos e com práticas homoeróticas, em uma cidade cujas sociabilidades são, de um modo geral, interioranas e conservadoras, além de marcadas pelos fluxos migratórios para os Estados Unidos e Europa – territorialidade mundialmente reconhecida.

Em meu planejamento inicial todas as entrevistas seriam realizadas de forma virtual por meio da utilização do Google Meet, o que me permitiria gravar as imagens e sons durante as entrevistas, para posteriormente transcrevê-las. Esse plano se deu em razão das medidas de isolamento social que vivíamos à época em decorrência da pandemia de Covid-19. Treze entrevistas foram realizadas de forma virtual. No entanto, duas *mariconas* entrevistadas exigiram, como uma condição para participarem da pesquisa, que as gravações acontecessem presencialmente, e que fosse gravado somente o áudio – o que foi prontamente atendido.

Essas duas entrevistas foram realizadas em minha residência de forma separada e em dias distintos. Estávamos o tempo todo de máscaras faciais e sentados com uma distância de 1,5 metro, conforme era previsto em orientações médicas à época como forma de se evitar contaminação. Disponibilizei também álcool em gel para as duas *mariconas* assim que cada uma chegou em minha residência. Após finalizar as entrevistas, agradei a disponibilidade das entrevistas e elas se retiraram. Era o período de ápice de contaminação e letalidade da doença na cidade, e a realização dessas entrevistas de forma presencial marcou esse momento do itinerário da pesquisa. Entendi que a condição de confiança das *mariconas* era o fato de que as entrevistas seriam feitas de forma presencialmente, e assim teriam certeza de que a gravação seria somente do som.

Já em todas as entrevistas virtuais, realizadas em distintos dias, eu estava em meu escritório pessoal. Utilizei meu notebook pessoal e as registrei em arquivos pessoais na nuvem³⁹. Quatro das trezes *mariconas* preferiram utilizar o Google Meet com as câmeras fechadas, sendo possível somente gravar seus áudios. Em alguns momentos era comum as interlocutoras perguntarem se eu as estava ouvindo, o que entendi que se tratava de momentos rápidos de instabilidade da internet – o que não trouxe nenhum prejuízo para as gravações.

Todas as entrevistas foram transcritas e lidas exaustivamente. Posteriormente organizei os dados levantados por categorias, identificando quais *mariconas* narravam tais vivências em cada uma delas: violência (na escola, na família, na rua, em espaços religiosos, em outros locais); experiências marcantes positiva e negativamente na infância e adolescência; início das

³⁹ Nuvem (ou *cloud computing*) é uma tecnologia que permite acesso remoto a softwares, armazenamento de arquivos e processamento de dados por meio da internet. Utilizo, pois, se tornou uma alternativa que me permitiu o acesso de forma mais fácil ao material.

experiências sexuais; atributos que atraem ou repelem possíveis parceiros; relação com afeminados; a não autodeclaração como gays; a prevenção de saúde (com o uso de camisinhas, realização de exames de HIV; referências à aids (e o uso de PrEP e PEP); ser gay em Governador Valadares; como gays se conhecem na cidade; frequência em lugares LGTBs, o uso (ou não) de aplicativos de pegação gay; a relação entre capitais e interior mineiro; as vivências religiosas na cidade; o processo de envelhecimento de homens gays; diferenças entre envelhecer sendo heterossexual e sendo gay; escolhas do passado que fariam diferentes; planos de paternidade, profissional, afetivossexuais; e, a vivência da pandemia de Covid-19 (lugares que frequentavam, a vivência da sexualidade, situação de saúde). Tais categorias são apresentadas e discutidas no decorrer dos próximos capítulos, a partir do eixo central da tese que são as trajetórias de vidas dos interlocutores que vivenciam processos de envelhecimento.

Antes de iniciar cada entrevista eu fornecia um link de acesso à um formulário online Google, em que cada *maricona* poderia ter acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE da pesquisa⁴⁰. No referido termo, elas tinham acesso às informações tais como o objetivo da pesquisa, as contribuições e os riscos eminentes da pesquisa (inclusive com a possibilidade de desistir em qualquer momento de participar). Após concordarem, elas assinavam virtualmente o termo, respondendo os seguintes campos: ‘nome completo?’; ‘qual a sua idade?’; ‘em que bairro você mora?’; ‘você nasceu em Governador Valadares? Se não, onde?’; ‘Qual a profissão de seus pais?’; ‘em que ramo de atividade/profissão você atua?’; ‘qual sua situação conjugal?’; ‘como você define sua cor ou etnia?’; ‘você tem algum credo religioso? Frequenta alguma igreja/instituição religiosa? Se sim, qual?’; ‘qual palavra você usa para se autodefinir em relação à sua sexualidade?’. As *mariconas* cujas entrevistas foram realizadas presencialmente acessaram em minha residência o mesmo link, leram o TCLE e o preencheram concordando com a participação. Como anteriormente informado, ressalto que uso o termo flexionado ‘*a maricona*’ visa reconhecer um costume nas práticas de vivências entre viados, o que denota uma forma de expressão da criação de vínculos afetivos entre gays. Também é uma posição política queer em minha escrita, pois ao flexionar a linguagem para o feminino tenho por objetivo problematizar práticas linguísticas que, em regra, utilizam do masculino genérico. Nesse sentido, coaduno com Carmem Rosa CALDAS-COULTHARD (2007), que aponta a necessidade de a academia refutar a androcentria e o patriarcalismo.

⁴⁰ Ressalto que essa tese é um produto do projeto de pesquisa denominado “Gênero e Território: sociabilidades, fatores geracionais e suas inter-relações” (Eunice Maria Nazareth NONATO, 2019), financiado pela Universidade Vale do Rio Doce, e que tem por finalidade compreender tais conceitos, tomados como processuais, de acordo com as questões de gênero e estudos territoriais. O projeto possui aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer n. 3.775.412).

TABELA 2
 Dados socioeconômicos e marcadores sociais de diferença dos interlocutores

Deus Grego	Idade	Escolaridade	Atuação profissional	Religião	Etnia	Situação afetiva	Territorialidade marcante
Apolo	34	Superior	Professor	Católico	Pardo	Solteiro	Preocupação com o corpo
Ares	32	Superior	Sem ocupação	Evangélico	Pardo	Solteiro	Dilema entre os desejos e a “exigência da Palavra”
Asclépio	37	Superior	Servidor Público e Profissional liberal	Agnóstico (de origem evangélica)	Branco	Solteiro	Anseio por encontrar um companheiro
Aquiles	32	Superior	Profissional liberal e militante LGBT	Cristão (de origem evangélica)	Branco	Namorando	Peso da religião e violências familiares na infância
Baco	55	Superior	Aposentado e universitário	Sem credo religioso	Pardo	Solteiro	Conflitos com subjetividades de identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes
Deimos	53	Superior	Professor universitário	Católico	Branco	Solteiro	Repulsa por afeminados
Dionísio	38	Superior	Administrador	Católico Apostólico Romano	Branco	Solteiro	Medo de ser explorado financeiramente por eventuais parceiros
Eros	36	Superior	Servidor Público	Candomblecista	Branco	Solteiro	Atração sexual por homens negros

Fobos	33	Superior	Administrador	Católico	Pardo	Solteiro	Conflito com a visibilidade pública de sua homossexualidade
Hefesto	35	Superior	Profissional liberal	Sem credo religioso	Preto	Solteiro	Desigrejamento em razão de sua homossexualidade
Hermes	35	Superior	Educador e Garoto de Programa	Católico Praticante	Pardo	Solteiro	Vivência aprofundada no circuito gay local, em espaços de pegação e com homens de cidades do entorno
Hypnos	30	Superior em andamento	Atendente	Católico Apostólico Romano	Pardo	Solteiro	Vivência da vida religiosa na Igreja Católica e a homossexualidade oculta.
Poseidon	49	Superior	Servidor Público	Desigrejado (de origem evangélica)	Negro	Solteiro	Pedofilia da adolescência e violência homoafetiva religiosa
Urano	35	Superior	Professor	Católico não praticante	Negro	Namorando	A demora pela compreensão da sua sexualidade e o racismo no circuito gay.
Zeus	53	Superior	Atua no ramo estético	Católico	Branco	Namorando	Entende que gays envelhecem melhor porque não tem muitas despesas como os homens héteros

Fonte: Entrevistadas realizadas pelo Autor, 2022.

A primeira entrevistada foi a *maricon* **Apolo**⁴¹. Realizada no dia 09 de março de 2021, no período da noite, o encontro durou cerca de quarenta minutos. Nascida na cidade, a *maricon* tinha 34 anos, era professora com formação em nível superior. Apresentou-se como solteiro, pardo, cristão católico e como homoafetivo. Morava sozinha em sua residência, que é próxima à casa de seu irmão. Sua mãe é falecida e ela não tinha contato com a figura paterna. Havia muito tempo que eu não tinha contato com ela. No entanto, desde o início, com a primeira mensagem que enviei por WhatsApp a convidando para a pesquisa, sempre se apresentou solícita. Durante a entrevista demonstrou-se um pouco apreensiva, disse que era a primeira vez que se encontrava na posição de entrevistada. Para mim, em razão do contexto da pandemia, também era uma novidade realizar pesquisas de forma virtual. Tinha o receio de que, por algum motivo, eu perdesse o conteúdo gravado, o que não aconteceu. A *maricon* disse que atualmente deseja ter um companheiro, mas que evitava homens que performam um comportamento escandaloso. Disse que já vivenciou preconceitos por ser homoafetivo em um estabelecimento comercial da cidade, e que sente falta de lugares que sejam específicos para gays no circuito noturno local. Na pandemia tomava alguns cuidados para cuidar de si e dos outros, apesar de não abrir mão das atividades físicas, frequentando academia.

Ares foi uma das *mariconas* que exigiu que a entrevista fosse realizada de forma presencial. Ela tinha 32 anos, também com formação em nível superior e é natural da cidade. Residia com seus pais, aposentados. Encontrava-se profissionalmente ‘sem ocupação’. Se identificou como solteiro, pardo, cristão evangélico, e como sendo gay. O processo de conseguir sua participação foi moroso. Como a conheci por meio de um aplicativo gay (Grindr), precisei conversar muito com ela sobre a proposta de minha pesquisa, por meio do WhatsApp. Ela já me conhecia do contexto profissional, o que de certa forma fez com que se criasse uma certa confiança de sua parte em desenrolar as conversas e, posteriormente, me conceder a entrevista, que foi realizada no dia 22 de março de 2021 pela manhã em minha residência, em torno de meia hora. Sua preocupação era que sua identidade de alguma forma pudesse ser exposta (o que garanti que não aconteceria), já que é uma gay que ‘*curte escondido e é evangélico*’. Apresentou como territorialidade mais marcante a vivência de um dilema existencial entre seus desejos e práticas homoeróticas, com o que ele entende como sendo uma “*exigência da Palavra*”, que é ser heterossexual.

⁴¹ Negritarei os nomes das *mariconas* neste tópico para facilitar a identificação das interlocutoras da pesquisa. Como afirmado anteriormente, e por considerar os saberes oriundos do pajubá, ao me referir às *mariconas* o farei no feminino, como é comumente utilizado no circuito gay.

Asclépio é uma *maricona* com 37 anos de idade, também valadarensense. Filha de trabalhadores com baixa escolaridade, tem orgulho de ter dois cursos superiores. Residia com sua mãe, de quem toma conta. Profissionalmente é servidor público, mas atua também como profissional liberal, em razão de sua dupla formação. Afirmou estar solteiro, ser branco, agnóstico (de origem evangélica) e homossexual. Por conhecê-lo há muitos anos, imediatamente aceitou participar da pesquisa quando a convidei. Acredito que por essa relação, também se sentiu segura e conversou comigo por mais de uma hora no dia 22 de março de 2021, no período da tarde. A territorialidade mais marcante de toda sua fala é o anseio por encontrar um companheiro. Também trouxe reflexões sobre o impacto do *boom* da aids nos de 1980 para sua geração e afirmou que tem dificuldades de estabelecer vínculos através de aplicativos gays. Entende que por morar no interior isso dificulta ainda mais concretizar seu desejo de se ter um companheiro, apesar de perceber que a tecnologia mudou, em sua visão, essa relação entre capital/interior.

Aquiles é uma *maricona* de 32 anos de idade, natural da cidade. Atua profissionalmente na área que formou, inclusive militando na causa LGBT. À época da entrevista, realizada no dia 22 de março de 2021, já a noite e com duração em torno de uma hora, a *maricona* afirmou que vivia uma união estável (estabelecida no contexto da pandemia) e se identificou como sendo branco, cristão (de origem evangélica) e gay. Quando a convidei para participar da entrevista prontamente aceitou e se mostrou muito solícita e feliz com a temática que escolhi, por entender a carência de produções a respeito do assunto para a região⁴². Diferentemente das *mariconas* anteriores citadas, ela não tem aversão por tipos de masculinidades que sejam tidas como afeminadas, e apontou motivos pelos quais gays afeminadas sofrem com preconceitos por outros gays. Uma territorialidade que marca sua narrativa é o peso da religião. Foi por meio (e por causa) dela, que a *maricona* afirma ter sofrido violências, inclusive físicas, no contexto familiar ainda em sua infância.

Baco é a *maricona* mais velha entre as que entrevistei. Meu vínculo com ela sempre foi virtual por meio de redes sociais, e em razão do contexto político vivenciado em minhas relações locais. Decidi mandar uma mensagem para ela por meio das redes sociais, convidando-a para a pesquisa e ela prontamente aceitou. A entrevista aconteceu no dia 23 de março de

⁴² Entendo-me territorializado na condição de acadêmico professor-pesquisador-militante. Por muitos anos atuo com minorias (pessoas surdas e com outras deficiências, movimento LGBT local) e com políticas públicas socioassistenciais, seja na gestão ou em espaços de controle social com Conselhos de Direitos. Sobre o engajamento político de pesquisadores, me inspirei em “*Entre pesquisar e militar: engajamento político e construção da teoria feminista no Brasil*”, de Anahi Guedes de MELLO, Felipe Bruno Martins FERNDANDES e Miriam Pillar GROSSI (2018).

2021, na parte da tarde, e durou 1h30 minutos. Com 55 anos de idade, natural da cidade e filha de pais com pouca formação escolar, possui dupla graduação, e na pandemia resolveu fazer uma terceira para ocupar seu tempo, pois é aposentada. Identificou-se como pardo, sem credo religioso, homossexual e solteiro. No entanto, durante a entrevista a *maricona* demonstrou que tem um vínculo afetivo-sexual com um rapaz mais jovem que ela. Em toda a sua fala, reforçou elementos que entende que são associados à uma corporeidade juvenil, pois segundo ela, "*ninguém gosta de velho*". Sua territorialidade mais marcante é a nítida expressão de conflitos internos com aspectos das subjetividades de identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes: em dado momento, por exemplo, afirma que tem "*pavor à gays afeminados*".

Deimos é uma *maricona* com 53 anos de idade e que mora sozinha. Nascida em outro país, chegou em Governador Valadares na sua fase escolar. De família de classe média alta, possui graduação e mestrado em uma determinada área, na qual leciona. Se apresentou como solteiro, branco, católico e gay. Muito cortês ao ser abordado para participar da pesquisa, prontamente aceitou. Se demonstrou aberto para falar sobre as questões levantadas. A territorialidade que marca sua entrevista é sua compreensão de que nas capitais ela encontra mais homens gays dispostos a se relacionarem amorosamente, além de ter uma repulsa por homens que sejam afeminados.

Dionísio é uma *maricona* de 38 anos de idade e que residia sozinha. Natural de uma cidade em torno de 100km de Governador Valadares, mudou-se para a cidade há mais de uma década por considerá-la segura. Filha de pais comerciantes, tem formação em nível superior. Identificou-se como solteiro, sendo branco, católico apostólico romano e homossexual. Ao ser abordado para participar da entrevista, inicialmente demonstrou-se apreensivo e resistente. Tive que conversar por vídeo no WhatsApp para explicá-lo os detalhes da pesquisa, e após esse momento e ao compreender do que se tratava, passou a gostar do convite, demonstrando em todo momento estar feliz por participar, ficando eufórico com as temáticas abordadas. A entrevista aconteceu no dia 23 de março de 2021 no período noturno. A homossexualidade é também um tabu para a *maricona*. Segundo ela, o fato de ter sido pega pela família, ainda na adolescência, tendo uma relação sexual com um primo, fez com que os vínculos familiares ficassem fragilizados, inclusive até à época da entrevista. Ela afirmou que atualmente tem dificuldades em encontrar um parceiro, e que teme ser explorado financeiramente de alguma forma nessa tentativa.

Eros é uma *maricona* com 36 anos de idade, que reside com sua mãe. Tem pouco contato com a figura paterna, pois seus pais são separados. Natural da cidade, é descendente de uma família de classe média, cujos pais são profissionais com formação em nível superior.

A *maricon*a tem formação superior e é servidor público na área da educação. Se autodefiniu como sendo branco e homem cis gay. Hoje também toca e canta na noite profissionalmente, além de publicamente professar vivências pela matriz religiosa do Candomblé, o que aparentemente trata-se de uma mudança que não é mais um conflito familiar. Durante a entrevista, realizada em torno de quarenta e cinco minutos, no dia 24 de março de 2021, Eros explicitamente afirmou ter atração sexual por homens negros, com corpos magros e com barba, atributos simbólicos de masculinidades lhe agradam. Seu relato foi relevante na pesquisa por permitir se pensar na falomaquia e na existência de uma hierarquização de corpos a partir da lógica da branquitude e da feminilidade no circuito gay.

Fobos é a outra *maricon*a que preferiu que a entrevista fosse realizada de forma presencial, o que aconteceu no dia 24 de março de 2021, no início da noite e durou em torno de quarenta minutos. A *maricon*a, de 33 anos, inicialmente, relutou em conceder a entrevista por entender que não poderia contribuir com a pesquisa, porque apesar de gay, não era publicamente assumido. Após eu explicar que ser assumido não era um critério de seleção, aceitou participar, desde que de forma presencial. A *maricon*a é natural de um distrito, mas reside na sede da cidade há muitos anos. Aqui fez curso superior e retorna a área rural eventualmente para visitar seus pais, que são produtores rurais. Atua na área administrativa de uma empresa e na pandemia acumulou outros trabalhos remotos para aumentar a renda e como forma de se ocupar, pois ficava “ansioso com as notícias” sobre a letalidade da Covid-19. Se define como pardo, não possuidor de credo religioso e gay. Fobos tem como territorialidade marcante um conflito com a visibilidade pública de sua homossexualidade.

Hefesto é uma *maricon*a com 35 anos de idade e que mora sozinha. A entrevista foi realizada no dia 25 de março de 2021, no período da tarde, e durou em torno de 1h30 minutos. Também natural da cidade, com pais aposentados, tem ensino superior em uma área em que atua clinicando e sendo docente. Se identificou como solteiro, preto, não tendo nenhum credo religioso, e como gay. Diferentemente das demais *maricon*as, Hefesto afirmou que só se interessa por homens que sejam afeminados, justamente porque estes não têm comportamento machista. Ela também se vê como afeminada. Filha de um pastor, a *maricon*a não vivencia mais nenhuma forma de expressão religiosa, e entende que religiões são ferramentas de controle social, encontrando-se hoje “*desigrejada*”.

Hermes é uma *maricon*a com 35 anos de idade e residia com seus pais, que são aposentados. Concluiu formação no ensino superior e atuava como educador. Ao ser contactado para a entrevista, prontamente aceitou participar, afirmando que a condição seria poder falar “abertamente sobre tudo”. A entrevista aconteceu no dia 25 de março de 2021, no

período noturno, e durou 1h20 minutos. A *maricon*a se definiu como sendo solteiro, pardo, católico praticante. No campo da sexualidade preencheu como “*livre – versátil*”. Essa definição, na realidade, demonstra que apesar de não verbalizar abertamente como prometido, em alguns momentos da entrevista, ela deixou a entender que realizava alguns programas com outros homens. Hermes afirmou que tinha atração por homens com uma “*pegada diferente*”, o que significava que “*o cara tem mais pinta de homem*”. Ao lembrar das vivências na escola, a *maricon*a relatou práticas de violências que sofria, inclusive sexuais. Hoje adulto, vivencia experiências que lhe permitem trocas financeiras, de forma esporádica. Sobre o contexto da pandemia, criticou as medidas de isolamento social afirmando que as pessoas burlavam e continuavam se encontrando para diversas finalidades, e que entende que aumentou a prática sexual entre homens, com trocas financeiras. Hermes afirmou que na cidade os gays se conhecem de diversas formas, “*inclusive em corredores de supermercados*”, mas que há práticas de pegação em locais específicos, que variam para todos os gostos e interesses, sendo necessário se ter cuidado para não se tornar vítima de práticas de violência. A *maricon*a afirma que Valadares é um polo na região para práticas sexuais entre homens, que se movem de cidades menores do entorno para tê-las e após retornam para suas casas, causando pânico em suas esposas.

Hypnos é a *maricon*a mais nova que foi entrevistada. Com 30 anos, residia sozinha e cursava ensino superior em um ramo no qual já atuava profissionalmente. É natural de uma pequena cidade próxima a Governador Valadares onde vivem seus pais, que possuem pouca escolaridade. Se declarou solteiro, pardo, “católico apostólico romano” e gay. Ao ser convidado para a pesquisa, se demonstrou interessado por entender que a temática é rara na região. A entrevista aconteceu no dia 26 de março de 2021 no período da manhã e durou em torno de uma hora. Sobre o início de suas vivências sexuais, a *maricon*a confirmou que se fosse hoje, o que aconteceu poderia ser percebido como um abuso sexual, porque na época ela era menor de idade (em torno dos 14 anos de idade); no entanto, garantiu que isso não lhe trouxe maiores consequências. Durante a entrevista, demonstrou-se preocupada com sua saúde sexual e afirmou que importava a PrEP da cidade de Juiz de Fora, fazendo uso como forma de prevenção. No entanto, a territorialidade que mais se destaca em sua narrativa é o fato de ter sido seminarista da Igreja Católica.

Poseidon é uma *maricon*a de 49 anos e residia com a sua mãe. Valadarense, filha de pais com pouco estudo escolar, possui duas graduações. Servidor público, se declarou solteiro, sendo negro, cristão, sem frequentar nenhuma instituição religiosa, e homoafetivo. Apesar de se encontrar “*desigrejada*”, como ela mesmo nomeou, a *maricon*a também teve sua criação

em igrejas evangélicas. Quando lhe fiz o contato para participar da entrevista, me pediu um tempo para pensar, e eu achei que não aceitaria. Passado o tempo solicitado, confirmou a participação. A entrevista aconteceu no dia 26 de março de 2021, no período da tarde, e durou em torno de 1h30 minutos. A *maricona* se demonstrou muito reflexiva durante toda a entrevista, realizando o exercício de articular bem as palavras, de forma pausada e com muita firmeza. Em um dado momento, ao perceber que sua narrativa informava que sua iniciação sexual se deu quando era menor de idade (13 anos), e que isso hoje configuraria um abuso sexual, Poseidon se confundiu com as palavras e pediu para interromper, refazendo sua fala e pedindo que eu a “*melhorasse em minha escrita*”. Percebi que o cuidado ao falar demonstrava, primeiramente, uma forma de afeto e consideração por mim. Depois, uma preocupação para que suas ideias fossem de fato compreendidas sem deixar pontos críticos. Essa foi uma experiência subjetiva em que percebi, de forma concreta, como pesquisas que adentram no campo da privacidade podem mexer com aspectos íntimos, e causar riscos à saúde mental de quem é entrevistado. A *maricona* é um amigo querido, que em razão do estilo de vida tanto meu como o dele, ainda antes da pandemia, tínhamos pouco contato; no entanto, a memória afetiva dos momentos vividos há muitos anos permanece, sendo o afeto e consideração recíprocos. Percebi um esforço de sua parte ao mexer em suas memórias para colaborar com minha pesquisa. Em diversos momentos, Poseidon concluía suas respostas de forma reflexiva, como se estivesse processando suas vivências, agora com outras perspectivas, e talvez, com mais maturidade ao falar sobre elas para mim. Em relação ao conteúdo de suas respostas, Poseidon afirmou que não tinha problemas em se relacionar com homens afeminados, inclusive teceu críticas ao fato de que gays afeminados sofrem preconceito e exclusão pela própria comunidade gay. A territorialidade mais marcante em Poseidon foi suas memórias de violências e de exclusões vivenciadas na infância e na adolescência, principalmente no contexto religioso, onde foi expulso da convivência por ter sido descoberto e exposta àquela comunidade como gay pelo seu líder pastor, o que lhe trouxe um trauma religioso, passando a ser desigrejado de forma definitiva. Nesse contexto, em torno dos anos 1980-1990 o *boom* da aids acontecia e o bullying que vivenciou associava sua sexualidade à possibilidade de contaminação por HIV, sendo “um castigo divino” por aquilo que a sua comunidade de fé acredita ser pecado. A experiência vivenciada aos 20 anos de idade lhe marcou mais que o fato de ser um homem gay e negro. O recorte racial também é forte em sua narrativa. Especificamente sobre essa territorialidade, Poseidon destacou que teme as abordagens policiais. Relatou também que já sofreu preconceito por ser negro em tentativas de estabelecer encontros afetivossexuais em aplicativos gays, o que ainda não havia vivenciado por sua idade.

Urano é uma *maricona* de 35 anos de idade, e reside com a mãe e um irmão. Filho de mãe solo aposentada, se graduou e atualmente faz doutorado, além de ser professor. À época da entrevista se declarou valadarense, solteiro, sendo negro, católico não praticante, e no campo da sexualidade escreveu “resistência”, o que aponta a dimensão política com a qual encara sua homossexualidade, como é possível notar em diversos momentos da entrevista. A territorialidade que marca a *maricona* é o processo moroso que vivenciou até se compreender como gay. Ela afirmou que se pudesse teria vivido com mais liberdade e mais cedo sua sexualidade.

Zeus é uma *maricona* com 53 anos de idade e residia com um jovem de 18 anos, a quem denominou como “um namorado”. Natural da cidade, a *maricona* é descendente de uma família opulenta e possui curso em nível superior. Desde cedo optou por atuar no ramo da estética, sendo muito prestigiado pela sociedade local em sua atuação profissional. Se declarou como branco, católico e homossexual. Tive acesso a *maricona* a partir da articulação feita por uma amiga em comum, que é sua cliente. Prontamente participou da entrevista, que aconteceu no dia 29 de março de 2021, próxima à meia-noite, e durou em torno de 1h10 minutos. Sobre a envelhecimento, a *maricona* entende que gays se diferenciam de heterossexuais porque “*gays cuidam mais de suas aparências*”, uma vez que não tem com quem gastar seus recursos financeiros ou gastam bem menos que homens heterossexuais, que precisam arcar com despesas familiares e de suas mulheres.

4. MEMÓRIAS TERRITORIALIZADAS POR MARICONAS

Esse capítulo tem por objetivo apresentar os espaços de experiências das *mariconas* que compõem esse grupo investigativo que atualmente vivenciam a envelhecimento, em relação às memórias de suas infâncias, territorializadas por diversas formas de violências, físicas e simbólicas. Elas ocorreram em contextos familiares, escolares e em espaços públicos, incluindo algumas narrativas que remetem as práticas de violência sexual. Já na adolescência, a iniciação sexual com a figura de primos e os conflitos com as práticas afetivossexuais também são memórias territorializadas pelas *mariconas* entrevistadas.

4.1. A EVITAÇÃO FAMILIAR

Uma das formas pelas quais narrar o tempo do passado significa lembrar de experiências territorializadas pela violência é considerar que elas começam no contexto familiar. A necessidade de *mariconas* estabelecer formas de cuidado de si⁴³ na fase adulta, até mesmo como possibilidade de se pensar o futuro, muitas vezes, decorre de uma prática denominada de evitação familiar, vivenciada ainda na infância e na adolescência. Trata-se de um preconceito homofóbico de cunho familiar, que segundo Sarah SCHULMAN (2010) p. 118) acontece quando pessoas com sexualidades dissidentes são “excluídas de participarem de conversações, comunidades e estruturas sociais”, pois “a elas não é permitida qualquer voz sobre como elas mesmas são tratadas, não podendo falar ou retrucar”. Nesse sentido, essa territorialidade marca as trajetórias de vida dessas *mariconas*, haja vista se tratar de “(...) uma forma de crueldade mental que é desenhada para que finja que a vítima não existe ou nunca existiu” (SCHULMAN, 2010, p. 118).

As violências vivenciadas pelas *mariconas* em contextos familiares foram relatadas com destaque para práticas de evitação realizadas, sobretudo, pelas figuras paternas (pais e avó), em momentos marcantes em festas/encontros familiares, além das violências de cunho

⁴³ Walter Omar KOHAN (2009) articula a subjetividade e os jogos de verdade na perspectiva foucaultiana e aponta que o filósofo organizou a compreensão de ‘cuidado de si’, a partir de três períodos: no século V a.C., com a perspectiva socrático-platônico; nos séculos I e II d.C., com o que entende como a idade de ouro do conceito, e; nos séculos IV e V d.C., ao se concretizar a passagem do ascetismo pagão para o ascetismo cristão. A partir dessa organização temporal, o autor aponta três dimensões do conceito: “(...) em primeiro lugar, o cuidado de si comporta uma atitude geral, uma maneira de estar no mundo, de preocupar-se com os próprios atos e de ter certas relações com os outros. O cuidado de si é uma atitude frente a si, aos outros e ao mundo. Em segundo lugar, o cuidado de si é uma forma de atenção, de olhar. Cuidar de si é deslocar o objeto do próprio olhar do exterior para si mesmo. Implica uma atenção especial ao que se pensa e ao que se dá no próprio pensamento. Em terceiro lugar, o cuidado de si designa um conjunto de ações e práticas de si sobre si. Há uma ampla gama de ações, exercícios, técnicas, pelas quais ‘o si’ se modifica, se transforma, se transfigura” (KOHAN, 2009, p. 418).

psicológico. Algumas *mariconas* relataram memórias parecidas em seus relacionamentos com os irmãos, sobretudo, no período em que estes descobriram suas dissidências sexuais, narrando agressões físicas e verbais sofridas. A *maricona* Asclépio, por exemplo, afirma ter sido chantageada e agredida fisicamente por seu irmão:

Asclépio⁴⁴: (...) meu irmão, quando descobriu, ele me chantageou, ele parou de conversar comigo. Teve uma vez que ele me empurrou com força da cadeira, e eu caí no chão, isso porque ele queria que eu sáísse do computador que estava no quarto dele, mas esse computador era de todo mundo né, para usar para estudar. No dia eu estava estudando, e a essa altura, ele já sabia (da sexualidade), e aí ele queria porque queria que eu sáísse do quarto, e ele me empurrou da cadeira com força, só que eu revidei, levantei e dei um murro na cara dele (risos).

Já a *maricona* Aquiles viveu a evitação familiar após ser chantageada pelo irmão e ser retirada “do armário” para toda a família por outra pessoa desconhecida. Hoje convive bem com seu irmão agressor, apesar de ponderar seus receios em razão do conservadorismo que marca sua percepção de seu irmão, por ela nomeado como bolsonarista. Destaca-se o apoio que recebeu de mulheres em seu torno (uma amiga e uma cunhada), para que o cenário familiar se alterasse:

Aquiles: O meu irmão, o que veio depois de mim, ele quando descobriu, ele foi extremamente homofóbico, porque ele colocou um programa espião no meu computador, e ele viu todas as minhas conversas de MSN, e ele ameaçou contar para o meu pai. Eu lembro que na época que ele veio a descobrir, eu era estagiário, e eu tinha conhecido um cara de São Paulo, que ele vinha para Ipatinga, e eu ia encontrar com ele em Ipatinga, para poder conhecê-lo, ele era assim, a primeira, a primeira pessoa que eu tinha conhecido e conversado. Aí eu lembro, na época a gente tava conversando, eu inventei para minha mãe que eu tinha um congresso da faculdade para poder ir para Ipatinga, no final de semana, para poder ficar com ele lá. Aí meu irmão descobriu, eu fiquei doido, porque ele ameaçou contar para minha mãe, e forçadamente, eu tive que sair do armário, para uma amiga, para ela poder, e chorando, ela era estagiária lá onde eu também era, foi onde que ela ligou lá para minha casa, perguntando se eu estava lá, entendeu? E nisso eu chorando, achando que ela ia contar, para poder confirmar a minha ida no Congresso, que nunca existiu. Na realidade, foi só assim que o que meu irmão tava do lado da minha mãe, escutou a conversa da minha mãe, que ele, “não, realmente ele tá indo para o congresso, eu devo ter lido alguma coisa errada”. Mas assim eu vivi um tempinho, um período de um ano, assim, um ano e meio, dois anos, sendo chantageado, pelo meu irmão, e com ameaça de toda hora, ‘*vou contar, vou contar*’, e, na realidade os meus pais ficaram sabendo da

⁴⁴ Para apresentar e analisar os relatos das *mariconas* utilizo o negrito, com o pseudônimo dado à cada *maricona* interlocutora, e com o uso de “pesquisador”, considerando em que alguns momentos se fez necessário a exposição do diálogo estabelecido. Tal sinalização também serve para sinalizar ao leitor que se trata de um relato das interlocutoras e não de uma citação direta.

minha sexualidade, de um outro contexto, de uma outra forma, e que não foi pela boca do meu irmão, nem pela minha boca também não. (...) hoje meu irmão, não somos super amigos, mas convivemos super bem. O meu irmão me defende, às vezes, que houve confusão com relação à que a minha questão da sexualidade, ele comprou a briga dos meus pais, e parte disso foi muito eu devo muito a minha cunhada, que ela foi e conversou com o X: *‘olha não é assim, você não pode tratar o seu irmão dessa forma’*, *‘você não pode ser machista’*. Meu irmão, infelizmente, ele é bolsominion, entendeu, e essa situação toda, mas graças a Deus essa aceitação ele tem. Óbvio que ele precisa mudar bastante, se desconstruir bastante né, mas, ele tem hoje essa compreensão, essa aceitação, e esse respeito, principalmente.

Hermes também sofre evitação familiar pelos irmãos. Discursivamente, no entanto, relativiza as falas de cunho homofóbico que lhe marcam, apontando que hoje estabelece relações sociais positivas, em que a sua homossexualidade se torna brincadeira entre amigos. Trata-se de um agenciamento pela ironia⁴⁵ para manter seus vínculos de afetividade:

Hermes: (...) verbal apenas tem com irmãos, quando briga né: *‘ah, vai tomar no seu cu, seu safado, seu viado, você só anda no meio de viado’*, você entendeu? Mas eu nunca eu liguei não, porque eu conheço todo mundo, todas as raças, negro, traficante, bandido, rico, pobre, você me conhece, você sabe disso, eu tô no meio de tudo quanto é tipo de gente, então já levo na esportivo. Hoje mesmo, os próprios amigos, esposos de amigas minhas: *‘o viado pega aqui um negócio para mim’*, eu também bato na bunda deles, dos casados, é a mesma coisa (...).

Diferentemente das figuras familiares femininas, os relatos apontam violências verbais e chantagens realizadas pelos irmãos e comportamentos violentos das figuras paternas. Nas memórias de algumas *mariconas*, essas violências eram até mesmo físicas, em especial quando

⁴⁵ Duarte (2015) entende que homossexuais, ao longo da vida, por enfrentarem desafios, costumam desenvolver habilidades, tais como um tipo de malandragem, para sobreviverem ao império de uma cultura que é heterossexual. Essa percepção de um desenvolvimento de um comportamento irônico marca os estudos gays já há alguns anos: “Obrigados, muitas vezes, a viver nas sombras, incitados à mentira e ao disfarce, homossexuais partilham de uma visão irônica da vida e dos sujeitos, fazendo do riso e do deboche formas de defesa e um certo e estilo de vida (...) A homossexualidade é uma vivência de fronteira, de limite, é um não-lugar, que permite um olhar distanciado e crítico em relação à norma, à ordem, aos lugares estabelecidos e valorados positivamente. A violência homossexual, numa sociedade heteronormativa, é quase uma ironia, já que é a vivencia do descompasso entre o que se diz e o que se vive, entre o discurso e o corpo, entre o que se deve ser e o que é” (ALBUQUERQUE-JUNIOR, 2008, p. 105). É a ironia, portanto, uma forma da maricocracia justamente porque é preciso romper com práticas que colocam os aspectos da subjetividade gay na condição de inferiorizada. Eribon (2008, p. 28) aponta que “(...) a “nomeação” produz uma conscientização de si mesmo como um “outro” que os outros transformam em “objeto”. É nesse sentido que ironia se torna uma mariconotopia para resistir à injúria e suas consequências, pois a injúria concretizada é que localiza o sujeito no mundo e, normalmente, como um ser abjeto. A partir das contribuições de Eribon (2008), Butler (1997) e Maurício Pereira Gomes (2019), é possível perceber que a injúria como abjeção tem três dimensões: a) primeiro, indica uma ameaça possível de ser realizada em qualquer momento; b) lembrança a existência de uma ordem sexual, em que não somente condena a homossexualidade, mas que a repugna e por isso a injúria, e; c) acionamento de fantasias que são paranoias, a ponto de entender, por exemplo, que a homossexualidade é contagiosa.

elas tinham que lidar com as práticas de bullying que sofriam no período escolar. Tais relatos demonstram que seus pais esperavam que elas agissem na lógica de uma masculinidade hegemônica, e quando isso não acontecia, pois sofriam bullying nas escolas em razão de suas expressões de gênero e sexualidades dissidentes, em suas casas, elas apanhavam também de seus pais, o que hoje compreendem como uma segunda forma de uma penalização e reforço da não aceitação de suas homossexualidades:

Dionísio: A minha mãe era tranquila, graças a Deus, mas o meu pai a situação era mais difícil, então ele, como que digo isso... então, ele não fazia nada comigo, mas também não ficava ausente, deixava de ser aquele pai que todo mundo tem, e eu acredito que justamente por esse motivo, mas assim, quando acontecia alguma coisa na escola assim, alguma reclamação, em virtude disso, e assim que os meninos ficam fazendo alguma brincadeira comigo e tal, eu reclamava lá, eu sempre reclamei, aí que chegava no ouvido dos pais, aí meu pai era um pouco violento, ele nunca expressou que era isso né, assim mais, ele batia de vez em quando, ele descontava a raiva dele toda. Mas ele nunca falou abertamente porque eu né, mas eu acredito nisso, em virtude disso, porque eu sou totalmente diferente dele né, do jeito que ele era.

Pesquisador: Você chegou a apanhar do seu pai. Você acredita que apanhou por causa de você reclamar na escola do bullying que você sofria?

Dionísio: Isso, e também por eu ser totalmente diferente dele, então ele já sabia alguma coisa né, mas só que ele não tinha aquela abertura para falar com a gente as coisas, ele descontava a raiva dele né? (risos).

As memórias das *mariconas* apontam para a forma como, pela primeira vez, puderam ouvir termos pejorativos como “boiola” e outros de tons agressivos. Os papéis de gênero esperados envolviam o reforço de determinados tipos de brincadeiras, trejeitos e roupas tidos como ideais para meninos:

Hypnos: Às vezes, o comportamento do meu pai, que às vezes na infância eu ouvia muito a essa questão que meu pai era do tipo 100% machista, ao extremo, então a gente sempre ouvia, às vezes quando passava um menininho, alguém mais novo, uma criança às vezes, mais molinha né, como diz o povo, mais emboiolada, vamos traduzir para língua popular, então ele criticava, falava no mundo né... Ah, uma questão que agora lembrei, de uma coisa que eu sempre gostei foi dançar música, e quando eu era mais novo eu até tinha uma certa ginga, hoje nenhuma, nem vem, mas até tinha uma certa ginga, e gostava de imitar o Latino, na época tinha aquela musiquinha, balada, do pop e tudo, bolava no mundo, e o meu pai xingava, quando me via, quando me via dançando, porque ele dizia que isso era coisa de boiola (risos).

Asclépio: E do meu pai, depois quando eu contei, não foi uma violência física, foi uma violência verbal né, porque a conversa foi muito... muito tensa e coisas muito fortes que ele falou gente, entendeu, do tipo, ah, ‘*você tem que morrer*’ e tal, essas coisas.

Aquiles: (...) eu vivi assim de forma implícita. E quando igual, por exemplo, os meus pais, procuravam, viam que eu estava brincando de boneca com as meninas, ou eu tinha um trejeito ou outro, eu sempre era reprimido, e era reprimido ou com certo tipo de um palavrão, uma palavra grosseira, ou até mesmo com a correção física mesmo.

A cobrança que *mariconas* sofrem refere-se à uma obrigatoriedade de reproduzir o que a literatura denomina como masculinidade hegemônica. O termo foi cunhado por Robert W. CONNELL⁴⁶, em parceria com James W. MESSERSCHMIDT (2013), no artigo “*Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*”. A lógica do conceito não é essencialista, no entanto, demanda o reconhecimento da sua existência em uma dicotomia, ao compreender que também existem masculinidades subordinadas.

No campo dos estudos de gênero, têm-se que o termo surgiu nos anos de 1980 na Austrália, e reflete sobre o papel social do masculino em múltiplas relações de poder, o que permite apontar para a experiência de uma pluralidade, nomeada como masculinidades hegemônicas. Com viés sociológico, o conceito absorve contribuições das teorias feministas sobre o patriarcado, e da perspectiva marxista gramsciana, para ratificar sua existência de forma hierárquica, em detrimento de outras formas de masculinidades que não sejam heterocentradas. Por não ser estática e essencialista, e ser pautada na hegemonia conferida culturalmente pelas instituições, as masculinidades hegemônicas atuam por meio de padrões de discursos e de práticas de dominação nos campos da educação, da criminologia, da comunicação, dos desportos, da saúde, dos estudos organizacionais e profissionais, entre outros.

Em suas múltiplas faces, as masculinidades hegemônicas são constituídas em processos sociais, e por isto há uma circulação de modelos de condutas masculinas que se tornam ‘admiráveis’, sejam em aspectos locais e regionais (quando a atenção se direciona em problemas específicos), ou globais (ao impactarem agendas políticas). Neste sentido, as masculinidades hegemônicas descartam outros aspectos que se associam ao que é feminino e às expressões afetivossexuais entre homens homossexuais e/ou homens cisgêneros, considerados como masculinidades subordinadas ou dissidentes.

⁴⁶ A produção foi publicada originalmente na Revista *Gender & Society*, em dezembro de 2005. Em 2013 foi traduzida para a Língua Portuguesa e publicada na Revista Estudos Feministas, da Universidade Federal de Santa Catarina. À época do texto original, Robert W. Connell ainda não havia vivenciado seu processo de transição de gênero; o que, ao acontecer, marcou a transição da cientista social australiana que passou a assinar suas produções como Raewyn Connell.

A hierarquia que sustenta a compreensão das masculinidades hegemônicas baseia-se em símbolos de autoridade que encorporam⁴⁷ socialmente em seus corpos a virilidade, força e competências. As masculinidades hegemônicas são, portanto, uma estrutura de um projeto, cujas configurações perpassam o discurso e se materializam em práticas ao longo do tempo⁴⁸, em que as experiências de vida não são tão satisfatórias, mas tendem a perpetuar os padrões do poder patriarcal.

Já o conceito de masculinidades subordinadas ou dissidentes pode ser compreendido como uma territorialidade importante para pensar, por exemplo, a liberação gay. Elas são, de certa forma, um ataque aos estereótipos de gênero, em que o poder é tido como opressão do homem e pelo homem, criador de uma hierarquia das masculinidades a partir da homofobia por parte do masculino convencional. As pesquisas sociais empíricas⁴⁹ também contribuíram para a confirmação de uma pluralidade de masculinidades e para se pensar a complexidade da construção de gênero para os homens pela perspectiva do patriarcado, o que perpassa a dominância nas relações de gênero de forma hierarquizada.

Entendo que o conceito de masculinidade hegemônica criado por Robert W. CONNELL e James W. MESSERSCHMIDT (2013) foi elaborado já pensando numa perspectiva territorial, uma vez que no próprio texto aparece a discussão da existência de uma geografia das masculinidades. Com um viés territorial de cunho material, a proposta é pensar as masculinidades com foco no regional, sobretudo na dimensão dos protestos que apontam para análises das masculinidades hegemônicas empiricamente de forma local (com destaque às histórias de vida), face às suas formas regionais (pensando em aspectos culturais de um Estado-Nação) ou globais (cujo foco se dá nas agendas políticas de gênero), o que em certa medida se apresenta nesta tese.

⁴⁷ Connell & Messerschmidt (2013) utilizam a terminologia “encorporação” e não “incorporação”, no sentido de tomar o corpo.

⁴⁸ Os autores pontuaram que “a masculinidade hegemônica não se adapta simplesmente às condições de transformação histórica”. Trata-se de “uma hibridização cuja apropriação de elementos diversos”, faz com que seja “capaz de se reconfigurar e adaptar às especificidades de novas conjecturas históricas”. Desta forma, não haveria um padrão unitário da masculinidade hegemônica, uma vez que esta se constitui a partir de “negociação, tradução e reconfiguração”, por exemplo com a masculinidade gay, em momentos em que homens heterossexuais se apropriam de alguns de seus estilos e práticas de vida, sobretudo em sentidos locais (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013, p. 261).

⁴⁹ Os autores apontam que foi o psicanalista norte-americano Robert Jesse Stoller que popularizou o conceito “identidade de gênero”, ao mapear variações no desenvolvimento de meninos, dando destaque ao que hoje se denomina como transexualidade. Nesse sentido, para mais leituras sobre a relação entre psicanálise, masculinidade e homossexualidade, sugiro “*Conjugando amor e desejo: sobre experiências masculinas do “assumir-se” homossexual*” de Eduardo Steindorf SARAIVA (2007) e “*O lugar do gênero na psicanálise: da metapsicologia às novas formas de subjetivação*”, de Felipe Figueiredo LATTANZIO (2011)

Mais esmiuçadamente, a dimensão territorial das masculinidades hegemônicas é tomada pelos autores ao pensar em sua incorporação social, a partir da reflexão sobre as formas de representação do conceito e de seu uso dos/nos corpos de homens, para a construção das identidades e de comportamentos masculinos desejados em muitos contextos. Ao pontuar que, por exemplo, a teoria queer⁵⁰ e a transexualidade mudam os processos de incorporação e a lógica da hegemonia, os autores destacam que os corpos são objetos e agentes da prática social, cujos circuitos

(...) de encorporação social podem ser muito diretos ou simples, ou podem ser longos e complexos, passando por instituições, relações econômicas, símbolos culturais, e assim por diante – não cessando de envolver os corpos materiais (...). Dentre grupos dominantes de homens, os circuitos de encorporação social constantemente envolvem as instituições nas quais seus privilégios permanecem (...) (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013, p. 270).

Na infância e na adolescência, normalmente, homens gays agenciam formas de repelir a evitação familiar reproduzindo ou as expressões das masculinidades hegemônicas exigidas por seus familiares, as incorporando, ou as afrontando. Zeus, em especial, apresentou um relato de vivência de evitação familiar pela figura do pai e do avô paterno. Ao mesmo tempo, pontuou como agenciava seu enfrentamento para não aceitar o preconceito com sua masculinidade dissidente por seus familiares e, de uma forma banal afirmou: “*eu queria dar close*”, referindo ao uso de brincos e realização de uma tatuagem:

Zeus: (...) O pai do meu pai era muito preconceituoso. Nossa, custou a me aceitar. Na verdade, eu acho que ele só me aceitou quando estava para falecer. O pai do meu pai, eu furei a orelha e coloquei um brinco. Nossa, aquilo para ele foi um fim. Também, gente, eu era muito atrevida né? (risos). Eu pus um brinco. Eu falei pro meu pai “*eu vou colocar um brinco*”, ele: “*vai colocar brinco coisa nenhuma*”. Eu devia ter uns 12, 13 anos de idade. 40 anos atrás. Aí eu não furei uma

⁵⁰ Richard MISKOLCI (2011) entende que a teoria queer altera a lógica de se pensar as masculinidades que fogem ao estereótipo estabelecido. Com a teoria queer e a influência dos estudos pós-coloniais, deixa-se de lado as “histórias dos oprimidos”, tidos numa perspectiva dos estudos culturais gramscianos como subordinados, que experienciam a perda dos jogos de poder da história, e passa-se a explorar as experiências constitutivas destes sujeitos. Já o geógrafo Benhur Pinós da COSTA (2011) aponta que as Geografias Queers se tornaram neste campo uma relevante contribuição epistêmica ao romper com teorias totalizantes, entendendo que as subjetividades passam a ser operacionalizadas por meio da análise das performances estabelecidas: “(...) as geografias queer contribuem para o encontro das diversidades de expressões individuais e coletivas, o que rompe com as teorias totalizantes que compuseram a dicotomia entre homossexual e heterossexual, assim como com a uniformidade imposta por um modelo étnico gay. Os sujeitos operacionalizam suas subjetividades em relação a uma diversidade de desejos para com o mesmo sexo e objetivam situacionalmente as ações afetivas e sexuais (...). O desejo, a ação e o corpo se produzem na situação da interação. Diferentes eventos são produzidos por diferentes sujeitos em busca da afetividade e de sexo. A composição da situação é a localização dos diferentes feixes desejantes dos diferentes sujeitos que operacionalizam identificações sobre si mesmos e os outros, compondo uma situação coletiva” (COSTA, 2011, p. 338).

orelha não, furei as duas de uma vez, já que é pra dar ibope, vou dá esse trem direito. Para você ter ideia, com 15 anos eu fiz tatuagem. Naquela época não fazia tatuagem. Meu pai falou “*você nunca mais arruma emprego, isso é coisa de cadeia*”. Eu fui para Disneylândia com 15 anos, quando eu cheguei da Disneylândia eu cheguei tatuado. Tinha um tatuador na frente do hotel que eu estava na Disney, aí eu fui lá e ele falou que precisava da permissão do meu pai. Eu pedi o papel da permissão que eu ia no hotel pegar a assinatura, entrei na lanchonete do lado, assinei e voltei, “*aqui, meu pai assinou*”, e o cara fez a tatuagem. Meu pai queria me matar, queria arrancar a tatuagem com faca. Mas eu sempre fui assim, usei cabelo comprido, naquela época era coisa de “*new age*”, mas eu gostava era de dar pinta, eu punha brinco não era porque cantor usava brinquinho, era super difícil, mas eu queria era dar close.

A evitação familiar também é relatada por algumas *mariconas* a partir de pressões psicológicas em encontros/festas familiares já na fase da adolescência. Seus familiares as instigavam para que estabelecessem relacionamentos com ‘namoradinhas’. Em tais práticas, os discursos visavam perpetuar as masculinidades hegemônicas, a partir da construção de relações de cunho afetivo (atração) e sexual (ser macho) com mulheres naquele momento do curso da vida, como um comportamento a ser valorizado e vivenciado o mais cedo possível:

Eros: (...) física não, mas verbal sim, rejeição né? Sempre ser tratado diferente, e assim, ali no meio da família, família assim sempre tem mais um que não cheira né, porque sabia que era diferente, comentários, deboches sempre aconteceu, isso aí era rotineiro.

-

Hefesto: Toda vez que perguntava para mim era quando queriam saber se eu ia arrumar namoradinha, e eu me sentia invadido. Então isso pra mim, era violência (...) Normalmente, essa pergunta era muito comum, e outra, não, basicamente, essa era mais comum, ‘*ah, você tem que arrumar uma namorada*’, ‘*quando é que você vai arrumar uma namoradinha?*’. É isto, uma cobrança para heterossexualidade (risos).

A *maricona* Aquiles narra suas memórias de espaços de experiências em que sofreu com a prática da evitação familiar. As festas de família eram o cenário em que ela mais sofria tais exclusões, constituindo estes momentos um lugar de tensão. Hoje, ao fazer um paralelo com sua atual realidade, em que se encontra bem-sucedida profissionalmente, aponta que houve mudanças de comportamentos de seus parentes somente em razão de seu status financeiro, pois ainda não acredita que seus familiares lidem bem com sua orientação sexual.

Aquiles: Eu não digo uma violência, mas assim, as festas de família sempre tinham alguns comentários, entendeu, igual por exemplo, eu adorava dançar, toda vez que tinha festa de família, que tocável ‘É o Tchan’, só dava o Aquiles ali (risos). E dalê comentários de todo mundo, era piadinha do rolê, era eu, e os meus outros primos gays

também, porque eles também não poupavam os outros não, entendeu? A diferença hoje, é que hoje para minha família, é o doutor Aquiles, que para eles ou deve estar ganhando uma burra de uma grana, bem sucedido, e eles super me respeitam, e fazem questão, é '(...) *nossa, tem tempo que você não vem aqui em casa*', '*vem aqui em casa jantar*', '*qualquer hora eu vou no seu escritório para tomar um café*', entendeu? Mas na infância era um terror, era um terror. Então, eu não tenho muita, ilusão, ou um senso de pertencimento de estar sempre em família, ou do lado das pessoas que hoje fazem questão, porque por conta da posição hoje que eu me coloquei, até por me verem muito na televisão, porque para eles eu sou o doutor da Globo, que toda hora você vê que eu tenho entrevista, e essas coisas, do que por eles gostaram de mim pela minha essência. Posso estar errado? Eles podem ter mudado? Podem. Mas não sinta essa verdade, entendeu?

A possibilidade de superar a evitação familiar pelo posicionamento profissional atual é um dilema que reflete a apreensão de *mariconas* sobre o comportamento de seus familiares. Diferentemente dos héteros, os gays desde cedo aprendem que só podem contar consigo mesmos ou com amigos que também vivenciam essa condição para resolver seus problemas, e isto os prepara para os dilemas que enfrentam, sobretudo, ao envelhecerem. É por isso que nessa fase do curso da vida uma *maricona* pode estabelecer consigo mesmo suas formas de cuidado de si⁵¹, a partir de outros vínculos afetivos para (r)existir e para lidar com rejeições e formas violentas contra sua existência, transformando dores e situações vexatórias iniciadas, sobretudo em seus contextos familiares, em orgulho de si, mobilizando-as para projetos de vida bem-sucedidos.

Por outro lado, mesmo quando bem-sucedidas profissionalmente, *mariconas* podem ainda sofrer com práticas preconceituosas de seus familiares. A *maricona* Aquiles também narra, a partir de sua atuação profissional e ao analisar a diferença em envelhecer sendo hétero e sendo gay, que percebe que muitas *mariconas* ricas, quando ficam velhas e necessitam de amparo geriátrico, acabam se tornando alvo de disputas por familiares que desejam, na realidade, ter acesso a vantagens financeiras, não se importando de fato com seu familiar gay, que pode na velhice viver uma situação de fragilidade física, emocional e afetiva:

Pesquisador: Qual a diferença?

Aquiles: Primeiro pela questão dos filhos. Por exemplo, se já é difícil para as famílias cuidarem de seus idosos, que estão numa situação com

⁵¹ O conceito “cuidado de si” de Michel FOUCAULT (2011) é uma “(...) noção grega, bastante complexa e rica, muito frequente também, e que perdurou por toda a cultura grega: a de *epimelēia heautoú*, que os latinos traduziram, com toda aquela insipidez, é claro, tantas vezes denunciada ou pelo menos apontada, por algo assim como *cura sui Epimilēia heautoú* é o cuidado de si mesmo, o fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo, etc” (FOUCAULT, 2010, p. 4). Nesse sentido, sugiro a leitura de Francisco ORTEGA (1999), para quem o conceito possui uma dimensão agonística (cujas relações são livres e com o desafio para a reciprocidade, sem submissões), e intersubjetiva.

a saúde fragilizada (...). Agora você pensa: você acha que sobrinho vai cuidar de algum LGBT idoso? Não vai. Já é difícil para os filhos. Você acha que alguém que não tenha seu parentesco direto, é totalmente diferente, se for cuidar vai ser motivo de muitas situações que eu já peguei aqui, de LGBTs idosos, e pessoas por exemplo: o cara tem uma aposentadoria muito boa, só que a família vai lá, deixa o cara numa situação totalmente de vulnerabilidade social e detona aposentadoria, porque o cara ganha 10, 15, e 20 mil reais, ou tem essa herança, entendeu? Já aconteceu de LGBT passar procuração, ou terem a curatela deferida na justiça. E isso também porque é um LGBT rico tá, porque se o LGBT for pobre meu filho, se amanhã ou depois, ele cair morto, faz dois dias. É porque o rico ainda tem gente querendo, porque tem interesse em alguma vantagem financeira, e isso eu tô falando com você sem qualquer hipocrisia, e das coisas que aparecem, já apareceram, para mim, eu tenho visto é isso.

É nesse contexto familiar de vínculos fragilizados pelos preconceitos que gays materializam em suas existências o que Raymond BERGER (1982) denomina como “*maestria do estigma*” e Douglas C. KIMMEL (1978) de “*competência em crises*”. O primeiro conceito aponta que “os homossexuais precisam lidar com o manejo do desvio social e da discriminação desde muito cedo” (HENNING, 2014, p. 135), e que, por isso, aprendem competências para lidar com estigmas cotidianos em cada esfera social em que se encontram, tornando-os aptos para lidar com as possíveis formas de discriminações quando se direcionadas às questões, inclusive, do processo de envelhecimento.

Já o segundo conceito refere-se à uma premissa de que existem peculiaridades no curso da vida de homossexuais relativas ao processo de revelação pública dessa identidade para membros de suas redes sociais imediatas. A competência em crises seria, portanto, uma forma que a gay adquire no curso da vida para lidar com a necessidade e/ou a possibilidade de sair do armário de forma bem-sucedida, a ponto de ser o processo de *mariconice* o mais maleável para ser vivenciado (KIMMEL, 1978).

Nesse sentido, pode-se entender que *mariconas* ao pensarem seus espaços de experiências acionaram memórias ainda na infância e na adolescência por meio da evitação familiar. É por meio das violações no contexto familiar que homens gays envelhecidos necessitam converter seus olhares para si mesmos, preocupando-se com seus próprios atos, dando atenção aos seus próprios exercícios de pensar, e organizando suas formas de agir sobre si mesmo, e com aquilo que lhes marcou negativamente em suas trajetórias. Porém, o ambiente escolar também é um espaço de experiências que as *mariconas* afirmam ser palco de situações de violências que as territorializam.

4.2.A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Outro espaço vivenciado na infância e na adolescência pelas *mariconas*, cujas memórias remetem às experiências decorrentes de práticas de violência, é o contexto escolar. Presente nos relatos de onze das *mariconas*, tais violências foram classificadas em formas verbais, físicas e até sexuais, e nomeadas pela prática do ‘bullying’. A *maricona* Dionísio, por exemplo, menciona aspectos que são comuns nas narrativas dos interlocutores para descreverem as práticas de bullying sofridas em escolas: “(...) *aquelas gracinhas lá pelo meu jeito de andar, pela minha voz que tenho fina, né? Então tudo isso gerava desconfiança para esse lado, então ficava aquelas piadinhas dentro da sala né, falando que a gente (risos) queria era ser bicha, viada, essas coisas...*”. Em diversos momentos de seu relato sobre esse aspecto, a referida *maricona* demonstrou que tais práticas eram tão comuns à época, e foram tão incorporadas em sua existência que até mesmo se acostumou com elas: “(...) *mas nada assim que me prejudicou, em alguma coisa (...) mas nada, assim, graças a Deus, nada que foi muito grave não*”.

Se por um lado Dionísio demonstra que, de certa forma, naturalizou para si tais práticas, o relato de Poseidon aponta para as práticas de bullying que ela vivenciou na transição da infância para a adolescência, quando acontecia o que ela também chamou de uma “pandemia”, ao se referir ao contexto do *boom* da aids, na década de 1980. Assim, antes de falar das práticas de violência em si, o interlocutor fez toda uma contextualização de suas vivências e apreensões do que era se descobrir como gay em um momento crítico para sexualidades dissidentes:

Poseidon: Ah, essa época de ... era início dos anos 80 né, uma década muito complicada, era, olha para você vê, tinha uma pandemia, nós vimos uma pandemia nessa época, pandemia da aids, e era uma pandemia que a princípio, ela era, ela recebeu até mesmo a alcunha de ‘praga gay’, então você imagina né? Eu estava me descobrindo gay, no cenário, de falar, vamos colocar a cidade de Valadares. Vamos falar primeiro sobre esse cenário de Valadares, porque é a questão da religiosidade da cidade, me afetou demais né, porque eu comecei a frequentar a igreja com sete anos de idade. E a gente sabe que sempre existiu esse antagonismo com relação a ser gay e ser cristão. Então, eu ao mesmo tempo que eu estava imerso no cenário religioso, eu estava também inserindo e nascendo gay, isso começou a ser muito conflitante, tinha essa questão da praga gay também surgindo, então era muita, muita coisa para uma cabeça (risos), muito pequena, vamos dizer assim, então não foi fácil minha adolescência. Foi um início perturbador, essa década dos anos 80 mexia com a comunidade gay de uma maneira muito, muito forte.

Assim, a *maricon*a aponta as piadas feitas por colegas na escola e remete ao fato de que à época não se tinha a discussão hoje se denomina como ‘antibullying’:

Poseidon: (...) na escola, por exemplo, eu me lembro de vários rapazinhos né, da mesma idade minha, fazendo aquelas chacotinhas né, sempre tinha isso, porque você é diferente, talvez a voz é diferente, os gestos são diferentes, então, eles já captavam aquilo, e vinham aquelas malícias de crianças né, entre aspas, para poder menosprezar a pessoa, então eu sofri muito. Nessa época nem se falava de bullying né (risos), nessa época nem existia o bullying, e a gente sofria muito.

Cabe destacar um alerta da educadora Ana Cristina Marques de OLIVEIRA (2022). A autora entende que é preciso ter cautela ao analisar tais práticas de violência meramente como bullying no contexto escolar. Nesse sentido, aponta que é preciso superar uma compreensão a respeito do conceito, que é entendido, genericamente, como uma ação agressiva entre pares, de natureza intencional e repetitiva, e gerado a partir da crueldade dos agressores. Nesse sentido, é preciso ficar atento às formas hostis, e muitas vezes naturalizadas, pelas quais as novas normas identitárias são falsamente toleradas no contexto escolar, mas que na realidade, não auxiliam no rompimento de tais discursos e práticas agressivas, uma vez que isso pode desconsiderar a expressão de outras formas de violências, entre elas essas relatadas pelas *mariconas* como violências que são de cunho homofóbico.

Entendo que tais violências vivenciadas pelas *mariconas* no contexto escolar são mascaradas e silenciadas de uma forma específica, porque os atos agressivos que homens gays sofrem ainda na infância visam constituir uma expectativa de masculinidade exigida socialmente. A psicanalista Malvina Ester MUSZKAT, em seu livro “*O homem subjulgado: o dilema das masculinidades no mundo contemporâneo*” (MUSZKAT, 2018), aponta que o masculino é tão subordinado à uma ‘ordem social’ quanto o feminino. Segundo a autora, existe uma ordem presente no imaginário social, estabelecida por grupos detentores de poder, que diz respeito às regras binárias as quais disciplinam comportamentos em nossa cultura, tanto para corpos masculinos como femininos. O princípio que funda tal ordem é o do falo. Assim, é a partir da *neca*⁵², em destaque numa dada hierarquia, que se exclui aqueles corpos que não a possuem – como no caso, mulheres e transhomens. Igualmente, é o princípio do falo que exclui todas as demais formas de subjetividades de corpos sexualizados que são dissidentes, isto é,

⁵² A ‘*neca*’, de forma consensual, em diversas obras/manuais de pajubá, refere-se ao pênis vinculado ao corpo masculino (Jovana BABY, 1995; Orocil SANTOS JUNIOR, 1996; Ângelo VIP & Fred LIBI, 2006; Larissa PELÚCIO, 2009; Gabriela Costa ARAÚJO, 2018).

aqueles que não se pautem pelo poder falocêntrico na constituição de suas relações afetivossexuais.

Em sua argumentação, a psicanalista aponta que esse princípio falocêntrico reforça a hegemonia responsável por trazer conflitos para os corpos masculinos com seus próprios afetos. Isto se dá porque, de um lado, a ordem cultural imposta para a organização social se desenvolveu com o domínio das subjetividades das mulheres (a partir do patriarcado, elas passaram a ser vistas também como uma propriedade privada e, portanto, necessitadas de serem fiéis à somente um único macho), e por outro lado, porque a definição sociocultural de gênero alude para a produção de identidades que são subordinadas ao que é imposto. O ponto crítico, segundo a autora a partir da perspectiva foucaultiana, é que em toda relação de poder que se funda em hierarquias que subordinam dissidentes, existem resistências produzidas por aqueles excluídos.

Para além da conotação cultural de cunho biológico em torno do falocentrismo, Muszkat (2018) aponta que as masculinidades se dão a partir das subjetividades. Numa perspectiva guattariana, o processo de constituição das masculinidades passa por aspectos individuais, coletivos e institucionais das subjetividades. No plano pessoal, notadamente, pelo rompimento do afeto com a mãe, momento em que se tem o início da produção das subjetividades. No campo coletivo, ocorre pelas culturas que fomentam representações mentais sobre o *ser homem*, com discursos ideológicos e políticos de cunho moral. Já no campo institucional, se dá a partir de ideais regulatórios impostos socialmente pelos detentores do poder. Portanto, a teoria do falo é simbólica para explicar, no campo da subjetividade, a castração dos afetos do macho. A cultura patriarcal oprime a todos, inclusive aos próprios homens. Não lhes cabe outra alternativa: é preciso ser macho – e machista, doa o que (a quem) doer.

É assim, no ‘reinado da *neca*’, em que culturalmente se funda a masculinidade, que o pênis é o dominador das representações subjetivas dos homens, o que, por vezes, acaba confundindo-os por um aspecto que também é biológico: a obrigatoriedade da ereção, instintiva e independente. Por ser a *neca* um órgão insubmisso ao corpo ao qual pertence, pode se manifestar excitado a qualquer momento, e este fato pode trazer insegurança emocional ao homem. Justamente por isto, o pênis ereto é símbolo de seu poder; já o contrário, flácido, denota sua impotência e, portanto, coloca em xeque a masculinidade de seu portador. Há assim uma crise na construção das subjetividades masculinas, fruto da relação do homem com a sua própria *neca*.

A proposta do falocentrismo é que o pênis seja tido como símbolo da dominação, em uma cultura patriarcal. Ao homem, com o pênis ereto, cabe a atribuição de ser o ativo, o dominador, submetendo seu Outro (no caso da perspectiva binária e heterocentrada da sociedade, aquele Outro portador de um corpo definido biologicamente como mulher), ao seu prazer penetrante. No entanto, a psicanalista pontua que o consentimento ativo do corpo que é dominado sobressai em relação ao poder daquele que é o dominador. Assim, culturalmente, espera-se que o corpo da mulher faça a adesão à vontade de dominação pelo corpo masculino, para que o homem possa penetrá-la sem qualquer interferência.

Para a psicanalista (MUSZKAT, 2018), isso explicaria no campo da subjetividade a manifestação de casos de violência masculina, pois ela nada mais é do que o reflexo de um tipo de insegurança do homem com a sua própria *neca*, quando este não consegue materializar seu pênis como um território de poder, e muito menos na condição de um território do prazer, que deveria ser concedido de forma irrestrita pelo corpo da mulher.

Por outro lado, a autora aponta que a lógica não binária obriga as ciências a se dedicarem às subjetividades. Justamente por isto, a homofobia se caracterizaria como um fantasma para os machos, pois ataca as premissas que sustentam a hegemonia masculina do homem hétero: seu Outro, neste caso não é uma mulher, mas um homem gay, que consegue e/ou aceita ser dominado e penetrado. E ainda mais: consegue sentir prazer no ato sexual, ao suportar a dor (que nem sempre acontece) provocada por aquele que o penetra. Rompe-se, assim, a lógica do prazer do homem com seus pares, que até então é somente vinculada ao território do poder de dominação de corpos com vaginas. Em uma outra crise, o herói, na verdade, se vê frágil e servo de seu poder, face à homossexualidade que lhe aponta a possibilidade do prazer para além da lógica binária, e sem a necessidade de ser pelo uso de sua *neca*.

Vítima do patriarcado que o tipifica como herói, desde a mitologia grega em que possuía o símbolo da virtude, o macho com sua *neca* ereta se torna desta forma vítima fatal das sexualidades dissidentes, necessitando de uma máscara social que a utiliza, que é a da violência como forma de controle de sua estabilidade enquanto macho, tamanho confronto com a dissidência transgressora da ordem social e cultural que lhe é imposta. Neste sentido, a autora aponta que o pecado cristão fez com que o patriarcado se tornasse um projeto político, pois diferente da perspectiva grega, a ‘transgressão’ passou a ser condenada:

Do ponto de vista dos gregos, Eva teria sido julgada como heroína mítica de todos os tempos. Aquela a quem deveríamos nossa eterna gratidão. Adão e Eva seriam heróis incensados, cuja coragem para desafiar a Lei divina teria permitido que nos deixassem como legado o

nosso bem maior: o Conhecimento. Mas infelizmente, não foi assim. Pois que, para a doutrina cristã, às noções de erro, de imprudência, naturais do humano, foi atribuído um caráter de vício e transgressão moral, que marcaram profundamente a formação de nossa subjetividade. O recalque e o castigo foram os princípios que prevaleceram no imaginário coletivo de nossa cultura, estabelecendo regras de conduta a ser seguidas sem nenhum questionamento com as trágicas consequências que marcam, ainda hoje, nossa forma de apreender o mundo de maneira normativa e preconceituosa (...). A capacidade de transgredir, de questionar, que conduz ao conhecimento e marca a singularidade dos sujeitos, é o único caminho capaz de permitir a reflexão acerca das formas estabelecidas pelo poder político instituído. O patriarcado é um projeto político (...). A premissa do pecado cristão tende a criar uma sociedade de moral conservadora, cronificada, cheia de tabus, que, de quebra, induz à repressão do desejo e da criatividade e garante uma sociedade infantilizada” (MUSKZAT, 2018, p. 76).

O machismo, a homofobia e a transfobia são, desta forma, um mecanismo de defesa do macho para reafirmar o poder da *neca*, mas sempre com muita dor, pois estas existências dissidentes atacam a subjetividade do macho com a insegurança que lhe é dada em sua relação falocêntrica. Trata-se da incapacidade de lidar com o medo, com a insegurança, com a fraqueza que vem da possibilidade da flacidez diante de uma possível proposta em que a sua *neca* deveria se manter sempre ereta e disponível, mesmo diante de outro corpo masculino que deseja algo além da adesão a dominação penetrante, pois consegue facilmente ultrapassar o território do poder, e se satisfazer em um território do prazer de ser dominado. As masculinidades de homens heterossexuais se desfazem diante das expressões prazerosas de masculinidades dissidentes.

Já Elton Bruno Soares de SIQUEIRA e Marcelo MIRANDA (2018) apontam que os estudos sobre masculinidades, que surgiram na área interdisciplinar como tema transversal, são bastantes criticados por serem, quase sempre, feitos em lógicas binárias, essencialistas e funcionalistas. A crítica se dá porque não há a concepção dos corpos, sexos e gêneros como ficcionais e contingenciais, e por isso, hierarquizam-se dicotomicamente, excluindo as masculinidades subordinadas, descartando assim suas experiências e as intersubjetividades. No entanto, segundo os autores, esta seria a crise das masculinidades: o desconforto com os padrões culturais rígidos, quando se propõe pensar a partir das masculinidades subordinadas que são múltiplas⁵³. Os autores articulam ainda que a masculinidade é um processo também

⁵³ Neste sentido, citam José Silvério TREVISAN (1998) como um representante da análise do mito da masculinidade, que passa obrigatoriamente por categorias psicanalíticas como falo, castração e androgenia, em que o macho na vida real possui condições de vida diferentes das propagadas como as que deveria possuir numa sociedade pós-industrial.

de subjetivação enquanto construção social e que este aspecto não deve ser descartado, pois as categorias psicanalíticas quando não compreendidas podem fomentar masculinidades falocêntricas e com desejos castrados. Indicam também que é preciso se atentar para o fato de que o discurso masculino é burguês, e que conta com o apoio da religião para se fortalecer como hegemônico:

Apesar de a história da ascensão da burguesia ter sido acompanhada por uma lenta e progressiva laicização do Estado, é importante lembrar que a moral cristã serviu ideologicamente aos interesses de muitos dos Estados burgueses. Além disso, os ideólogos burgueses não podiam se privar da religião, que constituía (...). Como a burguesia precisava do apoio das massas, flexibilizava algumas de suas determinações e cooptava a religião, usando-a para finalidades educacionais, tais como procurar reprimir as paixões físicas descontroladas dos fiéis, contribuindo para manter a estabilidade familiar e, com isso, a propriedade burguesa (SIQUEIRA & MIRANDA, 2018, p. 47-48).

De forma didática, Marcos Nascimento (2018) apresenta um histórico das pesquisas sobre masculinidades no Brasil, e indica que elas estão imbricadas em quatro eixos: o campo da saúde⁵⁴, a educação⁵⁵, a paternidade⁵⁶, e a relação entre a homossexualidade e a violência. Para o autor, em todos os eixos, a homofobia é o pilar de construção das masculinidades.

Outra interlocutora que tem toda sua narrativa marcada pelas vivências de violências na escola é Aquiles. Ela lembra que as práticas, que eram físicas, estavam associadas ao fato de gostar da cantora e apresentadora Xuxa Meneghel. Ao mesmo tempo, a *maricona* demonstra que no contexto local em que vive até hoje, encontra com um de seus agressores, atualmente colega de profissão, sendo este obrigado a reconhecer seu sucesso profissional, o que de certa forma lhe dá prazer em perceber que conseguiu, de alguma forma, utilizar dessas memórias violentas como artefato de superação pessoal:

Aquiles: É, principalmente na escola, porque quando eu tinha 6 anos de idade, os meus coleguinhas fizeram, seis para sete anos, fizeram uma rodinha né, lá no Colégio, e eles começaram a me bater, me chamando de viadinho e de Xuxa, porque eu lembro que eu gostava muito da Xuxa, eu cantava muita música da Xuxa, então eles para poderem denegrir, não é denegrir né, porque a gente não pode usar essa

⁵⁴ No campo da saúde, segundo Nascimento (2018) destacam-se as discussões sobre as políticas para a saúde do homem, o envolvimento masculino com a violência e com acidentes de trânsito, sobretudo de jovens, e sugere a leitura de Sérgio CARRARA, Jane RUSSO e Livi FARO (2009); Rita Flores MULLER e Joel BIRMAN (2016).

⁵⁵ No campo da educação aponta para o papel da escola na construção de masculinidades e feminilidades, e cita, dentre outros, Sérgio CARRARA (2015); Márcio CAETANO, Paulo Melgaço SILVA JR e Jimena GARAY HERNÁNDEZ (2014).

⁵⁶ A paternidade como destaque no campo da educação envolve a discussão dos homens no cuidado dos filhos, tomando-a como comprovação social da virilidade (Viviane CASTELLO BRANCO, 2016; Vera Lucia MORIS, 2008).

palavra, mas menosprezar minha sexualidade, entendeu? Para poder falar ‘*eu sei que você é viado, seu apelido agora na escola é Xuxa*’, e ficou assim da minha primeira série, até o Ensino Médio, entendeu? Não tinha um ano que eu não sofria algum episódio de homofobia, seja ela é verbalizada, ou algum tipo de violência, física mesmo.

Pesquisador: Sim, me conta alguma vivência sua, lá da sua infância, da sua adolescência, que te marcou muito em razão da sexualidade?

Aquiles: A primeira foi essa dos 7 anos de idade, que eu te falei da rodinha, e eu lembro uma no meu terceiro ano do Ensino Médio, meu último ano, o dia que o menino ... eu já estava cansado, ele era o ‘Rei dos Bullying’, inclusive hoje ele também atua na minha profissão, inclusive assim, você lembra aquele primeiro evento de diversidade sexual?

Pesquisador: Uhum.

Aquiles: Esse cara fez tanto bullying comigo na infância, mas tanto bullying, tanto bullying, que a ironia do destino ele ficar todo desconcertado, ter que abrir um evento de diversidade sexual, na qual eu era Presidente. Isso foi uma zoação no grupo do Colégio, porque a terra plana não gira não, ela capota e desce o morro (risos). Foi uma zoação no grupo do colégio (no whatsapp) para ele, porque todo mundo falou: ‘Nossa, quem diria hein, Fulano, você perseguia o Aquiles, a escola inteira por conta da sexualidade, agora tem vídeos seus, sendo obrigado a falar bem do Aquiles, a falar bem dos gays, a falar bem do evento de diversidade sexual, em nome de político, pra você não perder seu cargo’. Que ironia do destino!

Outro relato interessante é o da *maricona* Asclépio, em que aponta que chegou a sofrer bullying com práticas de violência física, no entanto, eram praticadas por outro menino que era gay. Isso demonstra uma forma conflituosa do próprio agressor de lidar com sua sexualidade no contexto escolar, sendo a violência física uma forma de performar publicamente uma certa masculinidade hegemônica que pudesse refutar qualquer expressão de dissidência sexual:

Asclépio: Uai, bullying, xingamento, piada é... e eu era do PBL, que era o “Partido das Bichas Loucas”, é aquela coisa de criança de, de bullying de escola, sabe? É... teve uma vez que um menino correu atrás de mim... aquilo achei muito estranho, mas ele não conseguiu é... (pausa) ... fazer nada comigo, depois ele parou de implicar comigo. E tem uma vez que um outro menino partiu para cima de mim, mas ele era gay também, então, eu não sei, se era porque ele era mal resolvido, não se aceitava, entendeu? Era, vamos dizer assim, uma bichinha raivosa já desde a infância (risos).

Nesse mesmo sentido, a *maricona* Hermes assinala que não denunciava as violências que sofria, inclusive dando a entender que eram práticas de cunho sexual dentro da escola. E é justamente isso que ela percebe como diferente nos dias atuais, em que tais violências podem ser denunciadas e combatidas no espaço escolar:

Hermes: Sofrer a gente sofre assim, piadinhas, mas eles falava (sic), mas assim pra colher, pra descobrir. No entanto, até hoje quem sabe, sabe, quem não sabe fica tentando saber, mas quem sabe também não fala, mas vamos dizer, até dentro da escola já rolou, depois da aula, só na automática, com brincadeira mesmo que tudo vai fluindo, através das brincadeiras mesmo, tipo assim, vamos dizer ‘*ah, você faz? Tem coragem? Você topa?*’, aí num certo momento, ‘*se você topa eu topo, você tem coragem?*’, então vai fluindo, uma coisa automática.

Pesquisador: Entendi. E na infância, você falou das piadinhas e tal, como que eram essas piadinhas que você ouvia?

Hermes: Nossa, são tantas (risos). É tipo assim: ‘*you gosta de dar o rabo*’, cê (sic) entendeu?, ‘*you tá falando homem, mas tipo assim, pega aqui*’, cê entendeu. ‘*O piru dele é grosso, o do outro é fino*’. Já teve já até na fase da adolescência, mas vamos dizer aí a infância e adolescência, ‘*quem tiver o piru menor chupa o outro*’, cê entendeu? Tipo essas brincadeiras mesmo, mas aquela invocação de brincar para acontecer, você não tava com maldade, mas aquele que você acha que não tinha, mas já tá com maldade com você também.

Pesquisador: Entendi, mas sendo ou não com maldade, você não sofria?

Hermes: Eu não levava muito pra esse lado, não eu sabia o que eu tava fazendo, eu até falo para algumas pessoas que eu sempre fui uma criança adulta, entendeu? Acho que por eu morar num bairro nobre, vamos dizer com cabeça de adulto, pessoas mais velhas, eu sou irmão mais novo, então vivenciando, tem muita coisa observando, então já sabia o que que era certo, e o que era errado, tem que fazer, ficar calado, você entendeu? Não tem aquilo como se fosse hoje a nova geração, da pessoa pressionar, a pessoa pega e conta, sabendo que pode ter trágicas, problemas familiares, preconceito e etc.

Apesar de se ter hoje muitos mecanismos de denúncias de violências no contexto escolar, coadunado com Ana Cristina Marques de OLIVEIRA (2022), para quem as violências naquele território são reforçadas por uma rede de proteção, envolvendo professores e comunidade escolar mais ampla, que produz o abafamento para os casos como o de Hermes. Explicita-se uma combinação desigual de territorialidades de forças, que simbolicamente se impõem para beneficiar os interesses de grupos hegemônicos. Em diálogo com a perspectiva dos estudos territoriais, principalmente com o conceito de territorialidades das visibilidades de Rogério HAESBAERT (2017), a educadora salienta que o espaço escolar deve permitir a existência de mobilidades, as quais fomentam outros olhares sobre as situações de violências escolares. Essa abertura, esse trânsito, que permite a concretização de denúncias sobre práticas violentas no processo educativo, muitas vezes, não é utilizado por vítimas, pois muitas, infelizmente, não conseguem até mesmo se perceberem nessa condição de vulnerabilidade, sendo necessário a existência de um suporte dado por uma rede, para assim ser convencido e se mobilizar alguma alteração – o que acontece, normalmente, no percurso formativo de homens gays em outros momentos de suas trajetórias escolares, já quando adultos.

Se a denúncia não é um caminho adotado por homens gays na infância e na adolescência, estes são forçados a agenciarem outras performances para não serem vítimas de práticas de violências no contexto escolar. Urano, por exemplo, menciona com orgulho que explorou seu destaque em sala de aula como aluno aplicado aos estudos para evitar as práticas de bullying e agressões físicas, além de agenciar contrapartidas com os colegas na realização de tarefas como uma tentativa de evitar violências físicas:

Urano: (...) eu lembro de um caso quando eu tava no quarto ano, que um menino falou assim ‘*ah, você é gay*’, mas eu não entendi, eu acho que ele sabia mais disso do que eu, eu não entendia muito bem, ‘*ah, você é viado*’, ficava enchendo meu saco, mas eu me sentia, como eu era um menino, vamos dizer assim nerdzinho, eu me protegia por causa disso, porque a galera não achava isso bacana, porque eu era aquele menino nerdzinho, mais que andava com o pessoal, que ajudava todo mundo nos trabalhos, todo mundo queria fazer trabalho comigo, então na escola, que é o lugar que eu acho que é o lugar mais vulnerável para com a gente (...) mas eu acho que por eu ser um garotinho nerd assim, vamos dizer assim, a galera me protegia assim, não gostava do que os outros fazia né? Eu até conversei com uma amiga minha um dia desses, que a gente estudou juntos na adolescência inteira, e ela falando assim “*nossa eu sabia que você era, mas assim, a gente de gostava de você, isso era o de menos assim, e aí a gente gostava estar com você, dos seus papos*”.

Performar atributos tidos como próprios das masculinidades hegemônicas é uma forma de evitar as violências físicas que três *mariconas* narram em seus relatos. Apolo aponta que “*sempre teve coisas de meninos*”:

Apolo: Sim, não físico, mas verbalmente, né? O que não deixa de ser uma violência né, uma agressão psicológica né? Às vezes, por ficar mais tímido, às vezes por não estar com os meninos né, então acaba que a gente realmente, quem se identifica gay, principalmente na adolescência, talvez não quando criança, mas aí você escuta termo pejorativo como ‘gayzinho’, ‘boiola’, ‘a bichinha’, né? Não foi muito porque como eu disse, eu sempre tive coisas de meninos, as minhas amizades eram também muito de menino né, mas essa violência verbal sim, existiu na escola.

Algumas *mariconas* relataram que reagiam às práticas de bullying de cunho homofóbico praticando para a agressão física contra os autores de tais práticas. Hefesto, por exemplo, aponta que em sua performance de masculinidade batia nos autores do bullying porque à época ser chamado de gay era uma violência. Ela concluiu seu raciocínio sobre a temática apontando que seus agressores, na verdade, reproduziam a violência do contexto em que vivenciam, relativa à pobreza:

Hefesto: Todas, menos agressão física, porque no caso, eu batia.

Pesquisador: Você reagia batendo?

Hefesto: Ahram. Era a única forma que eu sabia, porque afinal de contas, ser gay era algo violento né? Não era um tipo de violência virar e falar que você é gay, não era? Hoje eu não entendo isso como um tipo de violência. É gay? É. Tá! Eu não entendo isso como um tipo de violência mais, mas naquela época eu entendi como violência. Como que eu podia reagir? Ah, falar assim: ‘*ah, você é hétero?*’. Não, é dando soco.

Pesquisador: Essas violências no contexto escolar foram só em forma de palavras, como que elas aconteciam?

Hefesto: Só, e mesmo assim, com grupos muito pequenos, porque eu nunca fui de sofrer muito bullying em minha escola, porque eu sempre fui aluno destaque, então os professores sempre gostavam de mim, sempre tive boa relação com diretores, pedagogos, então eles sempre... sempre fui o queridinho na escola sabe, de meus pais serem chamados só para eu ser elogiado, pra você ter ideia, então era mais um ... e eu sempre tive escola pública, mas eu sempre tive os materiais, meus pais sempre incentivaram muito a educação, eu sempre... meus materiais, era muito zeloso, eu parecia uma menina no corpo de menino sabe, porque a ideia das meninas lá, era que elas fossem mais zelosas, mas eu sempre fui muito zeloso, então eu sempre fui muito quisto na escola. Agora um grupo muito pequeno, que hoje eu entendo que são pessoas que sofriam violência também na infância, mais um outro tipo de violência, que é ligada a pobreza, não que eu não seja, mas a violência ela vai gerar um outro tipo de violência, então ele procura fragilidade do outro para poder ser violento, então acho que é isso, então muito pouco tá, mas nesse muito pouco, eu batia.

Já Zeus, além de agredir fisicamente os colegas praticantes de bullying, os perseguia. Ela performava o que denomina como ‘*fazer máfia*’: trata-se de uma articulação pela qual os meninos heterossexuais da escola necessitavam ter a sua amizade, para que pudessem ‘pegar alguma menina’, pois, caso contrário, suas amigas eram influenciadas por ela a desistirem do envolvimento com tais garotos:

Zeus: Pois é, eu sempre fui muito assumido. Eu nunca tive esse problema, graças a Deus. Uma vez eu cheguei na escola e os meninos falaram alguma gracinha, eu meti a porra logo, acabava a história logo e falava “*você vai apanhar do viado para aprender a não ser bobo. Vai ficar mais feio, porque vocês não apanham de homem, vai apanhar de uma bicha*”. Enfiava a mão (risos), e quebrava a cara dos bofes logo, e fazia uma máfia também, eu era amigo das mulheres todas, todas. E as minhas amigas só ficavam com quem eu deixava. Eu fazia uma máfia. Então se me irritasse, se me chamasse de viado, se me irritasse, irritasse que eu falo é me dando bullying né, coisas de crianças, não pegava ninguém, não beijava ninguém, porque eu não deixava. Ou ficava meu amigo, ou era excluído. Então era babado (risos), então eu sempre fui muito, não tinha essas coisas não. “*Zeus é bichinha*”. “*Sou mesmo, eu como às suas custas? Tá afim de levar umas porradas?*” Porque quando era engraçadinho, era umas piadinhas que eu achava

bonitinho, eu não importava não, mas se me ofendesse eu já enfiava a mão na cara e resolvia logo. Vai apanhar de uma bicha para aprender o que era apanhar de um viado. Aí era pior e eles ficavam com medo porque você apanhar de um viado era pior. “*Olha lá, apanhou de uma bicha, você não é homem não!*” (risos). Aí era pior. “*Pra eu mostrar que eu sou mais homem que você para você aprender*”. Eu realmente não fui de brigar assim, quando a pessoa falava comigo, eu falava assim “*ah, pára de ir lá em casa de noite, querendo me pegar, tô afim não*”. A pessoa acabava que não tinha isso comigo não. Porque o bullying todo mundo sofria, mais o meu bullying era mais light assim, sabe? Se me irritasse eu chamava uma professora, uma superior e falava “*tá assim, assim, assim, vou enfiar a mão na cara e depois vocês não reclamam comigo, tá?*”. Aí logo tomava safanão dos outros também. E naquela época, o professor podia bater, podia pegar, então era *bão* (sic).

Tais relatos apontam formas agenciadas pelas *mariconas* para sobreviverem às práticas de violência escolar, a partir de performances que as associavam à masculinidade hegemônica, seja a partir de produções discursivas controladas por meio de uma relação de docilidade-utilidade, ou mesmo reduzidas às técnicas de poder próprios de corpos masculinos. Como aponta José SENA FILHO (2018), a performatividade faz com que outros masculinos subvertam o poder de controle que propõe uma masculinidade hegemônica, uma vez que

(...) *performance* e performatividade são conceitos submetidos ao regime dos discursos e das instituições que os regimentam na história e na cultura. Por isso, a *performance* poder ser uma repetição cristalizada como essência do gênero e da sexualidade, constituindo o corpo, e que pode inscrever subjetivações nessas demandas. Entretanto, do mesmo modo que pode produzir esse efeito de verdade, que são repetidos nas práticas sociais, pode também ser subvertida pela performatividade constituída no processo das interações sociais, pois o performativo é uma realização iterável e suscetível a renovação (SENA FILHO, 2018, p. 113)

Nesse sentido, entendo que *mariconas*, ao pensarem seus espaços de experiências na infância e na adolescência, acionaram memórias de discursos e práticas de violência sofridos no contexto escolar, e explicaram os motivos pelos quais, à época, precisaram do reforço performativo de uma masculinidade hegemônica, a partir de expressões públicas que são configuradas pela agressividade e virilidade, inclusive, em alguns casos, entre seus semelhantes. Ao mesmo tempo, tais relatos apontam que no contexto escolar há uma política de silenciamento. Trata-se do que Eni Puccinelli ORLANDI (2007) entende como uma produção de um recorte entre aquilo que se diz e aquilo que não se diz no âmbito escolar. É pelo silêncio, com sua dimensão política, que se pode compreender a linguagem escolar e pensar as formas de violências institucionalizadas. As subjetividades que marcam as

territorialidades das *mariconas* em suas memórias da infância e da adolescência no contexto escolar apontam para um processo de produção de sentidos silenciados. Eles apontam para a lógica do implícito, pois “todo dizer é uma relação fundamental como o não dizer”. (ORLANDI, 2020, p 12). Seus relatos apontam para relações de poder que hierarquizam suas existências como inferiores. Para tanto, na historicidade da construção do discurso, os conflitos são produzidos com o objetivo de violentar, humilhar e excluir, e ao mesmo tempo, permite a construção de processos de resistências, ainda que isso exija tempo e maturidade, a ponto de se conseguir perceber tais violências, e construir outros horizontes de expectativas.

4.3. A VIOLÊNCIA EM OUTROS ESPAÇOS

As ruas, ambientes de festa, bares, ou contexto laboral também são espaços sociais que contextualizam as memórias de violências do tempo do passado das *mariconas* investigadas. Poseidon apresenta um relato de vivências de exclusões na infância e na adolescência vivenciadas nas décadas de 1980-1990, em que ela não era bem quista entre os amigos pela vizinhança, além do trauma religioso aos vinte anos quando, no contexto religioso, teve que se assumir gay e passou a ser desigrejado⁵⁷.

Poseidon: Olha, na minha adolescência era sempre complicado né, porque, é o que eu te falei, na década de 80, 90, não tinha, não era como hoje né, hoje essa geração z, por exemplo, de 2000 em diante, ela veio no período muito propício para o acolhimento, né? Ainda que hoje a gente perceba muita homofobia, muitos assassinatos de gays, ainda existe, mas essa geração hoje ela tá muito mais aceitável né, mas aceita (risos). Então na minha época, sair e estar no meio da vizinhança, e ser visto pela vizinhança, não era bem quisto não, sabe, eu tinha amigos, mas amigos gays, amigos héteros bem pouquíssimos, bem pouquíssimos.

Pesquisador: Tem alguma vivência na sua infância adolescência que te marcou em relação a sua homossexualidade, seja algo positivo ou negativo?

Poseidon: Aí, Ed. Muita coisa marcou né? É difícil você falar, se lembrar talvez um episódio ‘x’, sabe, mas, eu acho que foram muitas marcas, que não dá para saber, falar, de repente de uma. Se você quer, por exemplo, na questão negativa da coisa, me lembrar de um trauma, o trauma maior foi essa questão da exclusão, sabe? De um meio religioso, onde você procura Deus, e depois vem uma comunidade e te arranca, te desarraiga de uma maneira muito vexatória e adoecedora,

⁵⁷ Sobre processo de desigrejamentos por questões relativas às sexualidades dissidentes, me fundamento na dissertação de mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina, da colega do NIGS, Tatiana Bezerra LOPES, intitulada “*Evangélicas em (des)igrejamento: interpelações de gênero e sexualidade nas práticas de igreja e desigrejar*” (2022).

essa é a verdade. Então, negativamente eu coloco essa marca, sabe, eu tinha 20 anos, foi 1991.

Nesse contexto, pode-se perceber que hoje *mariconar* é vivenciar uma territorialidade não-normativa e desprivilegiada em toda a trajetória de vida, porque é pela heteronormatividade que as instituições sociais idealizam e orquestram as relações de poder moralistas sobre as vivências das relações homoeróticas. Autores apontam (Luis Palhano LOIOLA, 2011; Luciana de Almeida da CUNHA, 2016; Edmarcius NOVAES, 2021b) que essas moralidades podem ter conotação tradicional (a partir de posturas morais cristãs, em que a prática sexual deve se direcionar a reprodução, negando o prazer orgástico do ato sexual, e por isto, reduzidas às discussões sobre aspectos genitais, que seriam estabelecidos pela natureza justamente para perpetuação da espécie humana) ou mais brandas, indo desde a discussão sobre ser homossexual e a diferença de se comportar como homossexual⁵⁸, até mesmo pensando em uma possível integração social de gays, sem esquecer do chavão que os direcionam: ‘Deus ama o pecador, mas abomina o pecado’. Nesta lógica, cabe ao homossexual, sobretudo envelhecendo, retornar ao armário e se arrepender da ‘prática pecaminosa’, se preparando para a finitude de sua existência e o acerto de contas com o que se toma religiosamente como divino.

Por outro lado, a *maricona* que se compreende pertencente a um grupo não-normativo também sofre com o que Stephen MORIN (1997) denomina como heterossexismo: trata-se de um sistema ideológico capaz de negar e estigmatizar outras formas de manifestar a sexualidade, valorizando práticas discriminatórias de condutas, comportamentos ou identidades que fujam à lógica da heteronormatividade. Murilo Peixoto MOTA (2011) aponta que o heterossexista, tal qual o racista, estabelece práticas com o intuito de supressão de direitos sociais e civis de todos aqueles cujo *habitus* não sintonizam com a heterossexualidade, que para o heterossexista trata-se de uma natureza humana universal.

Uma experiência de heterossexismo marcante foi vivenciada pela *maricona* Apolo, em um bar na cidade de Governador Valadares tido como mais liberal, ao ser repelida por abraçar um amigo. O relato ainda apresenta um certo receio de procurar pela Polícia Militar, com medo de sofrer mais represálias:

⁵⁸ A diferença entre ‘ser homossexual’ e ‘se comportar como homossexual’ aponta para a diferença entre a terminologia ‘homossexual’ e ‘gay’. O primeiro aponta-se para uma vivência se molda aos padrões heteronormativos que exigem o cumprimento de seus requisitos morais. Já ser gay, segundo David M. HALPERIN (2012) em “*How to be gay*”, é vivenciar o aprendizado de se perceber como dissidente, e a partir disso, estabelecer formas de resistências. Gomes (2019) aponta a terminologia *viada* como um processo alternativo dessa subjetivação, a partir do uso da criatividade e do poder de negociação e de resistência às tratativas sociais que são heteronormatizadas.

Apolo: Lá no “Bar X” uma vez, estávamos um grupo de pessoas que tinham pessoas que eram LGBTs, e outros que não eram. E nessa questão, eu e um amigo e uma outra pessoa nós demos um abraço, ele ficou abraçado com outra pessoa e tal, e a gente foi assim reprimido por aquele abraço né? A dona do estabelecimento chegou até o grupo, e ela referiu assim como se aquele lugar fosse ‘*um lugar de família*’, ‘*que lá não aceitava aquele tipo de situação*’, ela foi bem enfática, e aí, esse amigo meu que sentiu mais ofendido, aí ele questionou algumas coisas, e ela simplesmente não teve argumento né? Aí ele foi encontrar ela na parte de baixo e falou que se caso ela não se redimisse nós iríamos embora sem pagar e chamar a polícia, e foi o que aconteceu, a gente saiu sem pagar. E ele só não chamou a polícia, porque a gente ainda não queria que fosse uma situação mais extrema né? A gente sabe também que às vezes, não vou julgar, mas quando se aciona um órgão que é para te defender, acaba se tornando um pouco mais complicado e voltando ainda mais para você. Então foi uma situação muito complicada assim, que a gente julgava um bar que não poderia acontecer dessa forma, mas que não foi assim (...).

O medo da Polícia também foi apontado pela *maricon* Poseidon, ao ser perguntada sobre como ela percebe o fato de ser uma gay envelhecida e ao mesmo tempo negra:

Pesquisador: Você, além de gay, você é negro. Como é essa questão? Como é viver ao mesmo tempo, possíveis formas de violência, por ser gay e também por ser negro?

Poseidon: Na minha adolescência e juventude, fazendo um retrospecto, eu percebo um racismo, principalmente pela instituição Polícia Militar. Por quê? Foram incontáveis as vezes que eu na rua fui parado, eu não estava numa situação nenhuma que pudesse justificar eu ser abordado, eu ser, sofrer uma revista, uma humilhação por palavras, entendeu, então eu atribuo isso ao fato simplesmente da minha cor né? Eu não estava em situação nenhuma que pudesse justificar isso, então eu sofri muito essa questão de racismo, por parte dessa instituição, particularmente. Pessoas, é aqui acolá, bem poucas, nunca assim me chamando ‘*ah, o preto, o negro*’, não, mas a atitude, às vezes, a maneira que da pessoa se colocar um pouco, isso foi pouco com relação à questão de ser negro.

As narrativas de medo vivenciado por Poseidon em relação à Polícia Militar podem ser compreendidas com as contribuições do advogado, jurista e filósofo Silvio Luiz de ALMEIDA na obra *Racismo Estrutural* (2021), para quem o racismo é sempre uma manifestação da sociedade, dada de forma normal, cuja estrutura privilegia determinadas raças em detrimento de outras, em um processo que é político e histórico, e em que se há condições sociais para identificar grupos raciais e discriminá-los sistematicamente. A instituição citada pela *maricon* está atrelada a essa dinâmica, na medida também é hegemônica por determinados grupos

raciais, e que utilizam de seus mecanismos, no intuito de perpetuar interesses políticos e econômicos⁵⁹.

A *maricona* Poseidon também assinala que o racismo acontece quando tenta estabelecer algum tipo de contato com outros gays por meio da tecnologia⁶⁰, o que confirma que o panorama heteronormativo também se sustenta nos privilégios da branquitude e é reproduzida, inclusive, em sociabilidades gays:

Pesquisador: E em relação a ser negro e gay ao mesmo tempo, por exemplo, nas suas vivências sexuais, você sentiu alguma vez, alguma forma de preconceito por outros gays, por ser negro, alguma coisa assim?

Poseidon: Não, não senti. A não ser na internet. Na internet sim. No *tet-a-tet*, no dia a dia, quando encontrava, não percebia, mesmo porque, você aborda alguma pessoa com os olhares, e você sabe se ela corresponde ou não né, mas na internet, no início principalmente, dois mil e pouco, que a gente não tinha nem WhatsApp, não trocava foto, essas coisas, quando começava a rolar o papo, até aí tudo bem, mas quando você começar a falar do seu físico, e de cor, aí sim eu já percebi cortes abruptos, por causa da questão de ser negro.

Já a *maricona* Dionísio relatou práticas de heterossexismo que vivenciou no trabalho. Quando indagada sobre o fato de ser além de um homem gay também uma pessoa com deficiência física, a *maricona* menciona que percebeu que o preconceito dobrou:

Dionísio: Trabalho a gente sente que existem aqueles que aceitam a gente como a gente é, e aqueles que não aceitam e quer demonstrar aceitando, mas, às vezes, de vez em quando, eu escuto umas piadinhas assim, umas indiretas, para ver, já me questionaram várias vezes, alguns colegas, da minha orientação. Questionaram assim, querendo que eu falasse abertamente, mas como eu tenho comigo que isso não precisa, eu acho que não precisa gente falando com ninguém, a gente já é, e pronto, acabou, então, eu nunca abri para ninguém lá no trabalho, mas eu sei que eles percebem e sabem, e como é uma maioria que vamos assim dizer é preconceituosa, na frente da gente é um jeito, por trás tá falando até, então acaba que eles aceitam, são obrigados a aceitar, mas eu, em 10 anos de trabalho onde eu trabalho atualmente, eu sinto eu não sou bem recebido no meio deles, por essa situação e pela situação da deficiência também, que eu adquiri com o tempo. Isso até me foi falado já, por uma psicóloga lá do trabalho, que ela já havia percebido isso e tal. Daí a gente vai levando né, fazer o quê? Todo dia

⁵⁹ Sugiro como leituras a respeito os livros “*Racismo recreativo*”, de Adilson MOREIRA (2019), “*Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*”, de Achille MBEMBE (2018) e “*Decolonialidade e Pensamento Afrodiáspórico*”, de Joaze BERNARDINO-COSTA; Nelson MALDONADO-TORRES e Ramón GROSGOUEL (2020).

⁶⁰ Nesse sentido, indico a leitura da dissertação do Mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande, de Diego Miranda NUNES, intitulada “*A produção das masculinidades e socioespacialidades de homens que buscam parceiros do mesmo sexo no aplicativo Tinder em Rio Grande – RS*” (2014).

a gente ouve uma piada para lá, uma indireta para lá, e a gente fica escutando.

Pesquisador: E como você lida com essa questão? Você tem uma deficiência e é gay. Como você percebe isso?

Dionísio: Ah, isso eu tô percebendo agora, porque eu adquiri a deficiência com 23 anos de idade, então já tem 15 anos que eu sou deficiente. E eu já era gay desde a adolescência nessa época. Eu lembro que quando eu fiquei deficiente, pensei bastante nesse ponto: “*agora tô encravado, mais ainda, porque além de ser (risos) uma coisa, é outra coisa, é um conjunto*” (risos). E eu assim, só que graças à Deus, eu aceitei a minha deficiência tranquilamente, por isso que eu acho que eu me prezo bastante, e a situação da orientação foi difícil para mim, porque eu não sou muito aberto nesse assunto, então, pouquíssimas pessoas, que assim, eu me envolvi, que sabem, agora ultimamente, nos últimos anos, que algumas pessoas, alguns amigos, algumas pessoas da família me deram abertura, E aí sim eu me abri pra elas, mas não são todos né, que eu falo, mas todos eu sei que pensam, que acham que é. Então agora, nessa altura da minha vida, que eu tô assim, conseguindo entender melhor essa minha situação, aí é onde que eu percebo que por ser gay, e por ser gay deficiente, a situação dobrou, a diferença dobrou, então muitas vezes quando eu percebo, quando eu saio, que eu vou em algum ambiente diferente, aí todo mundo já causa impacto né, pela deficiência aí, e aí quando eu tô lá, demora um pouquinho e que o povo percebe o meu jeito, eu já consigo identificar quem é, quem aceita e quem não aceita naquele ambiente. Então antes eu não tinha isso para mim, antes eu chegava e ficava naturalmente, mas agora não, agora eu já tô com essa visão, e às vezes, isso me incomoda bastante, incomoda bastante.

As experiências do processo de *mariconar* são singulares. Perceber sua territorialidade de não ser pertencente ao grupo normativo indica que sua constituição como um sujeito⁶¹ nesse processo se dá de formas subjetivas, pois este se ressignifica não mais como “(...) desviado e bloqueado mediante outro mecanismo de poder”, mas que há “a possibilidade de retrabalhar o poder” (Judith BUTLER, 1998, p. 22). Pertencer a um grupo não normativo é, diante de nomeações pejorativas de espaços de experiências pretéritos e atuais que indicam anomalias, produzir novos territórios de sociabilidades gays, cujos arranjos sociais indicam a fuga da normalização⁶².

⁶¹ Para essa reflexão, tomo o conceito de “sujeito” numa perspectiva foucaultiana, em que as vivências e práticas são processos de assujeitamento e controle. A noção de sujeito, desta forma, “(...) aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e toma sujeito a” (Michel FOUCAULT, 1995, p. 234-235).

⁶² Para Tomaz Tadeu da SILVA (2000), os processos de normalização visam “(...) fixar uma determinada identidade como a norma”, para a “hierarquização das identidades e das diferenças”. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas

Trata-se da subjetividade oriunda das relações homosociais estabelecidas entre aqueles que compartilham das vivências gays, estabelecidas pelo marcador social da envelhecimento. A *maricona*, nesse contexto, se percebe como um sujeito que rompe o assujeitamento e o controle, em todos os espaços sociais nos quais se territorializa.

4.4. A FIGURA DO PRIMO E A DESCOBERTA DA SEXUALIDADE

No exercício de resgatar tais experiências da infância e/ou da adolescência, oito das quinze *mariconas* narraram a constituição de uma relação de afeto e de vivências homosociais com as figuras de seus primos, principalmente quando de suas iniciações sexuais; porém, para cada uma, isso se deu de forma distinta, e em muitos casos, deixando marcas negativas. A *maricona* Asclépio, por exemplo, lembra de experiências que lhe marcaram na infância e na adolescência, apontando com certa nostalgia como viveu uma paixão infantil pela figura de um primo. Sua perspectiva é positiva porque para ela isso a fez se perceber como gay:

Asclépio: (...) Uma das que marcou, agora tem várias outras coisas, por exemplo, questão afetiva, teve... teve um primo meu, que era um primo de terceiro grau, que era no segundo, no segundo ano né, que a gente chamava, segunda série, eu lembro que eu ficava muito... meio que uma paixão infantil por ele, sabe, ficava esperando por ele no fim do dia, eu ficava pensando nele, com muita frequência, e depois eu percebi que eram pensamentos e não era só... que era uma coisa afetivo-sexual, porém, para infância entendeu, quando ainda era inocente. Eu lembro que de ter ficado muito triste, muito tempo quando eu podia ver ele, que eu tinha expectativa muito grande de ver ele com frequência, eu gostava muito dele né, e era diferente por exemplo, do contato que tinha com as meninas, que eram mais de amizade, né?

Já Aquiles teve uma experiência diferente com um de seus primos. Ela relata que perdeu a virgindade já tardiamente com este primo, no entanto, por causa do peso da religião em sua vida, naquele momento, se sentia “sujo”:

Aquiles: Eu lembro que a primeira vez que eu fiquei, a minha primeira experiência sexual, foi com um primo meu. Eu lembro que eu me senti mal, quando eu perdi a minha virgindade. Eu perdi minha virgindade, como nunca fiz nada com mulher, nunca tive atração, nada, eu lembro que eu me senti sujo, que eu me sentia mal, por conta dele, por todas aquelas coisas da religião e tudo, que me impediram até mesmo de viver aquilo ali com uma certa liberdade. Foi tarde, e mesmo assim não foi pleno.

possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única (SILVA, 2000, p. 83)

Dionísio também relata sua experiência negativa com a figura do primo. Por ter sido pego por familiares tendo uma relação sexual, isso marca a forma como ela se sente tratada por seus parentes até hoje:

Dionísio: (...) teve um episódio na adolescência de, assim, envolvimento com o primo, e aí a gente foi pego lá com a boca na botija (risos). Um dia, então isso foi, assim que saiu para família né, para as famílias envolvidas, e gerou um transtorno muito grande na época. Então eu acho que a partir desse fato, o pessoal, família, por parte paterna, tem uma imagem muito ruim da minha pessoa entendeu, porque eles olham para mim e acham que o que aconteceu naquela época, eu faço isso sempre. Então o que eu percebi foi isso: em boa parte deles, que eles têm essa visão de mim.

Também não foi positiva a iniciação sexual de Eros com seu primo, por causa do contexto religioso em que era envolvida na época, o que fez com que ela se achasse pecadora e culpada pela prática sexual dissidente. Tudo isso a fez esquecer de como foi essa experiência:

Pesquisador: E como que foi assim, a primeira experiência?

Eros: Te falar que não lembro, eu não lembro. Mas não foi assim... o que eu posso dizer que eu acho interessante para essa abordagem, pelo contexto que eu ainda estava inserido, eu fazia com um primo, mas depois eu me senti culpado. Como se eu tivesse pecado, tivesse errado e tal. Então era bom só o ato (riso), depois a consciência me fazia ficar ruim, acho eu posso responder isso, nas primeiras vezes. Depois quando eu me libertei sim, aí já foi para 20, 21, 22 anos, aí já era bom, já era gostoso, aquela coisa de apaixonar e tal, e me aceitar, aí já era tudo bom.

A literatura sobre relações amorosas no Brasil pauta tais práticas entre homens são vistas, historicamente, como doença. Mary del PRIORE (2005, p. 212) aponta que o homossexual se tornou no século XIX um doente que precisava se tratar, e não somente um pecador. Os desejos entre homens decorriam de distúrbios psicológicos e expressavam as formas como foram criados, com uma “moral imprópria”.

Como se percebe com os resultados dessa pesquisa, muitos homens gays começam a vivenciar seus vínculos homoeróticos e práticas sociosexuais a partir de relações estabelecidas com a figura de seus primos – o que é diferente de vivências dadas no período de descoberta corporal na primeira infância, inclusive por meio de comparações corporais com coleguinhas, irmãos, primos, etc. Essa é uma lacuna identificada na pesquisa e que aponta para uma carência de produções a respeito, sobretudo a partir da ótica dos estudos gays, uma vez se tratar de uma experiência recorrente e silenciada em trajetórias de homens com sexualidades dissidentes

desde a adolescência. Entendo que se trata de uma forma de violência simbólica pois além dos aspectos históricos de uma moralidade, pode ser analisada à luz de práticas incestuosas – o que não é comum ocorrer quando se tem relações amorosas entre primos que são heterossexuais.

4.5. A VIOLÊNCIA SEXUAL E SEUS IMPACTOS

Algumas *mariconas*, ao narrarem vivências do tempo do passado, também pontuaram experiências que são consideradas além de violentas, criminosas. Hypnos e Poseidon se sentiram confortáveis durante nossa conversa, e nesse ponto relataram que suas iniciações sexuais começaram a partir do que pode ser denominado como abuso sexual, pois foram vivenciados no início da adolescência. Poseidon, por exemplo, pareceu-me ter dado conta de que sua iniciação sexual vivenciada em 1984, aos 13 anos de idade, foi uma prática de violência sexual somente quando perguntado diretamente sobre isso, a ponto de ficar confuso ao tentar explicar a situação. No entanto, diferente de Hypnos, a *maricona* conclui seu raciocínio nessa parte da entrevista afirmando que não foi uma experiência negativa, a ponto de deixar traumas.

Pesquisador: Com 13 anos, se a gente for analisar hoje, teria sido experiências de pedofilia né?

Poseidon: Sim.

Pesquisador: Como você analisa isso?

Poseidon: Com certeza, eu com 13 anos fiquei com caras que tinham mais de 18 né, e fiquei com caras que também tinham a minha idade. Eu não sei se eu estou muito certo da palavra pedofilia, mas eu acredito que a pedofilia tem a ver com o que tá numa situação de maior idade, e usufruindo do sexo com um menor né? Então eu fui sim envolvido por pedófilos, com certeza, pessoas de maior idade ficaram comigo quando eu tinha 13 anos, 14.

Pesquisador: Na época você tinha consciência disso? Como você avalia isso hoje?

Poseidon: Na época eu não tinha a mínima consciência disso. Não tinha, não se falava dessas coisas. Com 13 anos, isso foi em 1984, por aí, não se falava nessas questões de pedofilia, não sabia. Hoje, analisando isso... (pausa) bom, vamos por partes, analisando uma pessoa ficando comigo com 13 anos? (pausa). É, hoje seria. Acontece muito. Eu vejo muito. Eu não acho, eu acho que não deve... não tô sabendo te falar essa questão, vamos dar uma pausa nisso aí...

Pesquisador: Pode pensar, formular seu raciocínio.

Poseidon: O que eu quero dizer é o seguinte: eu acho errado, mas essa questão errada é tão, falar assim, errado socialmente. Errado realmente é, socialmente é realmente, porque deve-se ter maioridade, 18 anos, para se envolver (pausa). Bom, é isso. Eu acho (risos), que não se deve se envolver com menor, eu acho errado nessa questão, deve-se... deve-se primar pelo o que é imposto, o sexo com criança é errado, então que o adulto deve respeito. Edmarcius, você coloca depois melhor essas

palavras no seu trabalho, porque às vezes eu me perco aqui nas palavras.

Pesquisador: Preocupa não (risos).

Poseidon: Pega a síntese, do que eu falei e coloca com suas palavras, suas belas palavras (risos).

Pesquisador: Tá joia (risos). Isso não te trouxe um trauma. Vamos dizer assim?

Poseidon: Não, não trouxe, nem um pouco.

A *maricon* Hypnos, de igual forma, apesar de compreender que o que vivenciou foi uma prática de violência criminosa, rememora com prazer essa vivência e relata que tinha consciência do que fazia nessa relação que perdurou por muito tempo:

Pesquisador: As práticas sexuais mesmo com homens começaram quando?

Hypnos: O primeiro contato que eu tive... ah deve ser por volta dos 14 a 15 anos, eu já tava trabalhando, então já tinha uma certa, mesmo com menos idade né, já tinha uma certa liberdade, então podia sair à noite e tal...

Pesquisador: E foi com quem? Com algum colega, algum primo?

Hypnos: Foi com um conhecido. Ele, na verdade, era mais velho, bem mais velho que eu, inclusive, e era, tipo assim, eu trabalhava numa farmácia, ele trabalhava no setor do lado, que era próxima a prefeitura, era funcionário público, aí ele vira e mexe ele passava por ali, que ele mexia com questões fiscais né, então andava direto, mexia com alguma coisa e outra, e entre farmácia também era o cartório, ele passava por ali, e aí a gente foi isso conversando, até aqui a gente acertou.

Pesquisador: Você tinha 14 anos?

Hypnos: 14, para 15, nesta faixa.

Pesquisador: Se fosse hoje, seria uma prática de pedofilia, né?

Hypnos: Sim, exatamente, ele era bem mais velho.

Pesquisador: Como você analisa isso hoje?

Hypnos: Olha, na minha época, não foi aquela coisa obrigatória, não foi aquela coisa pervertida, eu já tinha noção do que eu queria e do que eu era, ele também, foi muito bacana, foi bom e até durou um bom tempo. Não foi nada que feriu alguma coisa no meu sentido, tanto na minha essência quanto no meu ego, e nem me traumatizou nesse sentido.

Pesquisador: E isso perdurou então, esse contato com essa pessoa?

Hypnos: Sim, bons tempos (risos).

Como habitualmente os processos de violência são naturalizados, as *mariconas* em suas experiências nesta temática, exigiram um processo que as estimulasse até terem a compreensão de que foram vítimas. Falar sobre tais vivências é tocar em feridas que precisam de tempo para serem melhor digeridas e ressignificadas. Jean Von HOHENDORFF, Luísa Fernanda HABIGZANG & Silvia Helena KOLLER (2012), em um ensaio teórico sobre a temática da violência sexual contra meninos, de um modo geral, apontam que há uma escassez de estudos a respeito. O pouco que existente assinala que um entre seis meninos experimenta alguma

forma de violência sexual ainda na infância e adolescência. No entanto, diferentemente do caso de violência contra meninas (em que há uma média de uma a cada quatro meninas), há uma menor notificação dos casos de violência sexual contra meninos.

Entre os motivos que fazem com que esse tipo de violência em contextos intrafamiliares se perpetue, está a existência de ameaças e barganhas. Isso leva a vítima a não revelar que sofre esse tipo de violência por temer a reação do autor. A idade da vítima, em média, segundo os autores, tende a ser até os 12 anos de idade, o que pode ser explicado em razão de ser nessa faixa etária que seu desenvolvimento físico e cognitivo já lhe permite compreender o que se é certo ou errado, podendo rapidamente identificar quando interações inadequadas são vivenciadas. Já os autores, em média, são do sexo masculino e heterossexuais. Normalmente, são conhecidos pela criança, principalmente parentes, sendo a maioria de idade adulta.

Os autores salientam que “(...) apesar de a violência sexual resultar em sofrimento, quem a comete não a comete o tempo todo, o que confunde a vítima, gerando sentimentos ambivalentes da criança em relação ao autor dessa violência” (HOHENDORFF; HABIGZANG & KOLLER, 2012). Por essa razão, é comum que as vítimas queiram que as práticas acabem, no entanto, não se tem o desejo de que o autor seja responsabilizado criminalmente, como se vê nos relatos das *mariconas*. Temem as consequências de revelarem tais práticas para seus outros adultos, e é comum que tais fatos somente venham à tona a partir das descobertas feitas por outras pessoas (como vizinhos, professores, etc.) ou por sinais apresentados no corpo da criança (como sangramento anal ou comportamentos atípicos, etc.). Como consequências, as vítimas podem sofrer diversos problemas físicos (traumas, infecções sexualmente transmissíveis), emocionais (medo, ansiedade, depressão), comportamentais (retraimento social, comportamento sexual inapropriado), além de alterações cognitivas.

Uma das preocupações relativas às violências sexuais contra meninos diz respeito ao conflito com sexualidade como uma consequência. Os referidos autores apontaram que por ser normalmente praticada por outro homem adulto, a violência sexual contra meninos pode ocasionar a sua confusão quanto a sexualidade, e uma repulsa à homossexualidade, já que foi em uma relação deste tipo que a violência se concretizou. Ainda, é possível que o conflito com a sexualidade se agrave, a partir da reação homofóbica de familiares e amigos sobre as atitudes dos vitimizados. Nesse sentido, é comum que esses meninos reforcem comportamentos que performam uma masculinidade hegemônica, por meio da força e presença ativa em suas relações sociais.

Nesse sentido, entendo que estas *mariconas*, ao pensarem seus espaços de experiências na infância e na adolescência, acionaram memórias de abusos sexuais às quais foram

submetidas, e que reflete a reprodução de comportamentos de vítimas de tais crimes, sendo necessário compreender que tais práticas devem ser denunciadas, combatidas, e seus autores responsabilizados criminalmente. Por outro lado, estudos sobre conflitos sexuais de homens gays que na infância foram vítimas de abusos sexuais podem apresentar em que medida essa relação entre ser vitimizado e ter uma sexualidade dissidente é subjetivamente compreendida, bem como traumas decorrentes desse tipo de violência podem ser trabalhados, com o intuito de lhe possibilitarem a construção de horizontes de expectativas que sejam positivas.

4.6. O SUICÍDIO COMO POSSIBILIDADE

Já a *mariconna* Aquiles, ao resgatar várias memórias das experiências subjetivas que lhe marcaram na adolescência, indicou que se pudesse não teria se assumido como gay muito cedo. A sua saída forçada no armário lhe trouxe complicações em razão do contexto familiar conflituoso, inclusive tendo sido agredido fisicamente pelo pai, como exposto anteriormente. Nesse ponto, a *mariconna* faz um forte relato, em tom de desabafo e com algumas lágrimas, em que aponta que o suicídio apareceu como uma possibilidade nesse momento do curso da vida, muito em razão da avalanche de violações sofridas. Em seu relato, a *mariconna* faz menção ao filme “Orações para Bobby⁶³”, em cujo enredo um protagonista adolescente se suicida, para afirmar que na sua adolescência o suicídio chegou a ser uma possibilidade, diversas vezes:

Aquiles: Talvez eu teria esperado um pouco mais, para poder ter essa conversa franca, entendeu? Porque os meus pais descobriram de mim através de alguém que ligou lá para minha casa e contou, que eu não sei quem. Eu estava na faculdade na época, fazendo monografia, sem dinheiro para nada. E você lembra daquele filme ‘*Orações para Bobby*’, quando a mãe dele descobre? Eu vivi aquilo ali que o Bob viveu. Eu chegava, tinha assim, umas três, quatro irmãs do coque, me esperando chegar da faculdade para poder orar, para expulsar o demônio de mim, entendeu? Aí dava três horas da manhã, minha mãe me acordava de madrugada, para poder orar, para Deus enviar a cura, era mais ou menos nesse contexto que eu vivi. E quando eles me perguntaram, eu não hesitei, eu fui e falei a verdade. Talvez eu poderia ter deixado os meus pais um pouco mais confortável, até por um conforto pessoal, de terminar a faculdade, entendeu? Já teve situações que eu fui fazer prova todo roxo, e vermelho, porque meus pais tinham me agredido por conta de conflitos com relação à questão da minha sexualidade né?

Pesquisador: Entendi. Você fez referência ao filme, e o Bob, ele suicida. O suicídio chegou a ser uma possibilidade para você?

⁶³ Orações para Bobby. Direção de Russell Mulcahy. Estados Unidos: Lifetime: Original Movie, 2009. 1 DVD (1h30min). A respeito, indico o artigo “*Orações para Bobby*”: *Quando o preconceito faz a vítima adoecer*”, de Felipe Brito FERNANDES, Giovanni Anselmo M. PELÓGIA e Paulo Sérgio Rodrigues de PAULA (2020)

Aquiles: Diversas vezes, diversas vezes. Principalmente porque a gente não tem referência. Você cresce, você não tem referência, ‘*olha, eu tenho esse tio, ou esse primo que é gay, que eu possa me espelhar nele, que ele viveu e ele falou: olha vai acontecer isso e isso*’. Você tem referência do seu pai hétero, do seu tio que é hétero. Que eles vão compartilhar vivências deles, você não tem outro tipo de referência. Então assim, você se descobre gay, no meio de uma família conservadora, de uma cidade provinciana, no meio de uma igreja, que toda hora fala que você vai para o inferno, e que Deus não gosta de você, aquela questão toda, se você não tiver uma estabilidade psicológica, você vai para as drogas, você suicida, você faz qualquer coisa, e ainda você quando você conta isso: “*vocês são vitimistas*”, entendeu? Eu, por diversas vezes eu queria subir no telhado, no terraço lá do meu prédio e pular de cabeça entendeu, e não tá mais aqui. Porque era um inferno, na escola era um inferno, preconceito dentro da família, igreja, e se ainda tem que dar conta de ser um ser humano, de ser um cidadão, de formar, de viver, tudo, entendeu? Porque você não tem apoio. Você me falar hoje que tem, é uma exceção uma família que seja muito zen, muito maravilhosa, mas que gay que tem apoio dentro de casa? Entendeu? Que pai vai chegar e dizer: ‘*o meu filho, parabéns. Nossa, você é gay*’. ‘*Nossa sua vida vai ser linda, maravilhosa, você vai ter seu marido, você vai ter seu filho*’? Não. Você vai levar pancada na rua, você vai tá andando, vai chegar um com a lâmpada e vai dar na sua cara, entendeu? Não existe. É muito difícil hoje. Até hoje, ainda mais, mesmo que a gente fale tanto, que a gente tente conscientizar, mas o nosso preconceito aqui nesse país, nessa cidade, ele é enraizado, ele tá no DNA, parece.

No artigo “*Violência autoprovocada: estigmas sobre identidades de gênero e orientações sexuais*”, que assino com Leonardo Oliveira Leão e Silva, Eunice Maria Nazareth Nonato e Fabiane Cristina de Souza Alvim (2022), realizamos um estudo ecológico a partir da base de dados das Fichas de Notificação de Violência do Ministério da Saúde, relativos ao ano de 2016, para identificar, entre outros aspectos, o local de ocorrência, faixa etária em que prevalece a maioria dos casos e métodos mais utilizados. Comparamos dados e discutimos sob a perspectiva dos estigmas provocados na saúde da população pesquisada, bem como a importância de ações de prevenção da violência autoprovocada, principalmente para a população LGBT.

Entre os resultados encontrados foi possível perceber que há uma limitação na identificação das tentativas de suicídio pelo Poder Público, “uma vez que se estima que o número de casos que não aparecem nos registros é em torno de vinte vezes maior que os dados conhecidos”. Isso tem como possíveis causas tanto as “defasagens em treinamentos e capacitações dos profissionais de saúde (o que impacta no adequado preenchimento das fichas de notificação) quanto na necessidade de sensibilização para a identificação e abordagem de

um assunto tão delicado, ainda envolto em tabus” (NOVAES, ALVIM, LEÃO E SILVA, NONATO, 2022, p. 48)

As questões das drogas e dos conflitos em distintos contextos marcados por práticas preconceituosas, são apresentados como motivações que mobilizam para práticas de violências autoprovocadas. Ressalta-se que a Lei Federal n. 13.819/19, que dispõe sobre a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e Suicídio, objetiva ampliar as unidades notificadoras, inclusive em escolas públicas e privadas. Espera-se também ampliar as discussões, fomentar novas propostas de treinamentos e esclarecimentos sobre os fluxos a serem tomados. Pesquisas específicas de atendimentos de homens gays e envelhecidos podem ser empreendidas para se compreender como tais territorialidades incidem em tais práticas.

4.7. CONFLITOS COM AS PRÁTICAS SEXUAIS E COM AS DROGAS

Por fim, as *mariconas* acionaram espaços de experiências do tempo passado, ao fazerem relatos sobre a existência de conflitos pessoais que vivenciam relativos ao início de suas experiências afetivossexuais, e no circuito gay, considerando aspectos morais e de cunho cristão que as atravessam. Nesse sentido, Urano, ao olhar para trás, afirma que se pudesse, teria vivido com mais liberdade, e mais cedo, o início de suas experiências homossexuais:

Urano: Ah, eu acho que lá no meu passado eu seria um pouco mais aberto, sabe? Ficar mesmo, mas acho que eu não seria aquele porralouco, mas eu acho que eu poderia me permitir um pouquinho mais na minha sexualidade, nas questões afetivo-sexual, ali naquele momento. Talvez eu não esperaria tanto tempo, no auge da minha juventude, para me relacionar e ter contato com outro cara. Mas não é algo que me arrependo, mas é algo que poderia ser um pouco diferente.

Já a *maricona* Poseidon, ao refletir sobre o período inicial de suas vivências homossexuais, faz um juízo de valor de suas experiências e afirma que se pudesse, “não teria sido tão promíscuo”:

Poseidon: O que eu faria de diferente? Essa pergunta sua tem a ver com arrependimento (risos), e com certeza tem muitos (risos), eu acho até muito bom se arrepender, porque é só assim, quando você olha para o passado, e faz uma reflexão, é que você muda né, você muda para melhor, só a partir dessa reflexão do passado. Eu acho que eu não teria sido, eu vou usar a palavra forte, não gosto dela, mas eu acho que eu caí bem aqui, eu não seria muito promíscuo né? Eu quando eu conheci o sexo aos 13 anos, eu meio que fiquei desenfreado, então isso, eu faria diferente, sabe? Eu queria ter a mentalidade que eu tenho hoje né, faria tudo muito diferente, com relação a esses encontros.

Hefesto, por sua vez, também crítica o que entende como intensidade de vivências sexuais no circuito LGBT, e junto com a questão do uso de drogas, entende que essas questões o impactou, sobretudo em razão de sua formação moralista, de cunho cristão:

Hefesto: Uai, ah, eu acho que, eu tinha que ser, podia ter sido antes, mas depois eu paro e penso que, um comportamento muito comum, pelo menos dessas pessoas que eu me relacionei, não me relacionei de beijo, sexo, namoro nada não, as pessoas que me relacionei enquanto vivência homossexual sabe, vivência gay, o mundo que eu vivi aqui, tem um comportamento que eu não curto muito, que é essa descoberta exacerbada da sexualidade, a vivência na verdade, a vivência exagerado dessa sexualidade. Para mim, é exagerada, porque eu me entendo afetivamente homo, mas só que a prática sexual eu não vivencio muito, mas não é porque eu não... que é pecado não, o que eu, eu ... transo? Transo. Beijo? Beijo, mas eu não tenho essa necessidade de... sexo para mim não é necessário. Eu gosto de trabalhar, muito, muito, mas vivência sexual, não. E eu achava que eles tinham muita, ao ponto de eu, nessa época com 18, 19 anos, a gente sempre tinha uma resenha e eu lembro que eu ficava bêbado, eu acordava assim de madrugada, eu via gente fazendo suruba (risos). Assim... não vai rolar. Aí eu comecei, porque, apesar de tudo, eu fui criado numa moral cristã. Eu tô falando de moral, e não de fé tá? E como eu fui criado dentro de uma moral cristã, muitas coisas fazem parte de mim, a primeira vez que eu fui numa resenha por exemplo, era GLS (risos). A gente falava que era GLS. Gays, lésbicas e simpatizantes, e não existia nenhuma gay, nenhuma lésbica, era todo mundo simpatizante (risos). *‘Não, eu sou GLS’*. *‘Mas você é gay?’*. *‘Não, sou simpatizante’* (risos). E aí eu via as pessoas usarem drogas, cocaína, aquilo pra mim foi (suspiro). E depois eu fui perceber que isso faz parte de uma vivência noturna, de um cotidiano noturno, e não necessariamente da comunidade GLS (risos) né, mas faz parte de uma cultura noturna, mas isso me assustou no primeiro momento, muito.

Tais conflitos podem ser compreendidos a partir do que Daniel BORRILLO (2010) aponta como uma das fases da violência homofóbica: sua desintegração psíquica e social. Para o autor, a homossexualidade desperta hostilidade pública por ser também concebida como uma decadência psíquica e moral, o que faz com homossexuais tenham suas liberdades confundidas com um narcisismo egoísta, a partir de um individualismo desenfreado em suas práticas sociosexuais.

Assim como são, por exemplo, recriminadas práticas contraceptivas de mulheres, a violência homofóbica constrói um fantasma para esse grupo, o qual, coletivamente, representa a homossexualidade como uma desintegração da civilização. O autor denomina esse fenômeno como uma “economia da homossexualidade” (BORRILLO, 2010): uma prática repressiva das vivências sexuais de homens gays que está na base da própria socialização humana. Tal

economia determina que é preciso moralizar as vivências sociosexuais de homens gays, pois, ao contrário, estas colocam a sociedade em perigo, desintegrando-a culturalmente, uma vez que o que se espera de comportamentos sexuais para a defesa da sociedade é a ordem heteronormativa. A forma de se perpetuar essa lógica é por discursos e práticas violentos, que ao serem internalizados reforçam a hierarquização e subalternização de vivências sexuais dissidentes.

Segundo o autor, isso ocorre desde o final do século XIX, quando antropólogos assimilavam a vivência da homossexualidade com práticas selvagens, oriundas de uma realização egoísta do indivíduo – já que heterossexualidade era tida como a única forma de sexualidade plausível, responsável pela transmissão da vida e perpetuação da espécie humana. Os reflexos dessa repressão da homossexualidade, portanto, justificam concepções moralistas que afligem as subjetividades de alguns homens gays na adolescência, e durante toda trajetória de vida. Nesse sentido, se permitir vivenciar práticas homoeróticas intensas, como as relatadas pelas *mariconas*, é transgredir um dever moral sobre a defesa da sobrevivência comunitária. Por outro lado, vivê-las de forma recatada é um exercício feito por alguns homens gays que reproduzem um interesse social sobre a sexualidade, cujo discurso afirma que a imoralidade é inexistente em relações heterossexuais.

Já a discussão sobre o uso seguro de drogas trazida por Hefesto, indica uma pauta que precisa ser analisada sob a ótica da saúde pública e sem moralismo, compreendendo-a como atravessada por aspectos relativos às desigualdades sociais, sobretudo quando se diz respeito às vivências dadas no circuito gay. Pessoas em condições subalternas, em especial LGBTs, que assumem o uso de drogas, correm o risco de serem analisadas por um viés higienista, em que se é preciso pensar nos padrões de uso prejudiciais e em aspectos jurídicos que garantem a (i)legalidade da prática.

Marco Aurélio Máximo PRADO e Isabela Saraiva de QUEIROZ (2020, p. 223) apontam a existência de um discurso moralista, historicamente fortalecido por pensamentos higienistas, os quais assinalam que “o uso de drogas estaria relacionado a algum tipo de desvio, desajustamento ou conflito”. Outra questão que autores apontam e que precisa ser analisada sem moralismo, é a concepção “pejorativa e disfuncional dos usuários de drogas”, que exige uma espécie de correção a partir de tratamentos em comunidades terapêuticas que atuam em uma “lógica religiosa de moralização dos sujeitos”, questionando o “(...) prazer sob o signo do mal e da morte” (PRAZO & QUEIROZ, 2020, p. 224).

Coaduno com a crítica dos autores, no sentido de que é necessário romper com aspectos moralistas, de cunho religioso, acerca do fenômeno do uso das drogas. Para além disto, também

entendo a importância de se questionar as práticas denominadas por María del Carmen VALDERRUTÉN (2008) como “teoterapia”, realizadas por essas instituições religiosas, que são autorizadas e financiadas pelo Poder Público, e atuam na ‘recuperação’ de dependentes com práticas cujas bases são alicerçadas em dogmas religiosos. Isso significa que em suas ações, violências homofóbicas são materializadas como, por exemplo, a partir da repressão dos desejos homoeróticos dos dependentes, chegando às práticas que visam alterar as orientações sexuais dissidentes quando publicamente assumidas, o que não tem caráter científico, uma vez que homossexualidade não é doença.

No entanto, tais relatos indicam vivências do tempo do passado das *mariconas* que não diferem muito do tempo presente, pois estas também são marcadas pelo fenômeno da violência. Tratam-se de distintas formas de relações de poder, que mobilizam preconceitos, exclusões e pânico.

5. AFINAL, QUANDO UMA GAY MARICONA?

Se nos espaços de experiências das mariconas as memórias do passado remetem a diversas formas de violências sofridas, neste capítulo, o tempo presente serve para uma compreensão sobre as multiterritorialidades que atualmente constituem suas subjetividades. Para tanto, a partir da (re)apropriação conceitual do termo *mariconas* como um processo, e que para muitos homens gays se inicia a partir dos trinta anos de idade, neste capítulo, analiso as multiterritorialidades das *mariconas* que se referem ao processo de envelhecidas nesta condição.

5.1. A MARICONICE COMO PROCESSO DA VIDA

Ao se pensar em uma (re)apropriação conceitual do termo *mariconas*, indago: afinal, quando uma *gay mariconas*? Entendo que uma *mariconas* é forçada a saber que tal territorialidade se aproxima quando chega próximo aos seus trinta anos de idade, e normalmente, isso acontece porque assim o é nomeado por outra pessoa – como relatei em minha experiência que abre essa tese. Esse argumento etário é central para minha pesquisa pois ratifica essa territorialidade. Para além de assim ser surpreendido com a nomeação de *mariconas*, segundo John GAGNON e William SIMON (1973), o envelhecimento gay começa a partir dos trinta anos porque nesta fase etária já se observam tentativas de atratividades sexuais que são malsucedidas no circuito gay. Essa dúvida de quando se inicia a *mariconice* confirma a concepção de que gays, de forma geral, não tem consigo essa percepção espontânea de si mesmos – até mesmo durante algumas entrevistas foi perceptível certa surpresa com essas indagações, e a necessidade de algumas pausas reflexivas sinalizaram que algumas das *mariconas* de meu universo de pesquisa não haviam ainda pensado na questão.

A *mariconas* Hefesto confirma o argumento de que essa compreensão pode acontecer a partir dos trinta anos de idade, e aponta que ela se dá a partir das mudanças físicas e o início da maturidade. Usando da ironia como recurso interpelativo, respondeu brincando, ao afirmar que se envelhece “(...) *assim que nasci*”. Depois, cravou os 30 anos de idade como o momento em que ele assim se percebeu, e o assimilou a mim: *mariconas, bicha velha*”.

Pesquisador: Para você, com que idade que um gay começa a envelhecer?

Hefesto: Assim que nasci (risos). Olha, eu acho que a partir dos 30 anos, quando você aceita a sua idade, você já é cona, quando você aceita, porque tem muitos que não aceitam, e fazem ‘n’ procedimentos

estéticos e tal, e são assim *'nossa, você não é velho né?'* (tom de deboche). E aí tem uma aceitação sexual muito grande, porque as conas não são aceitas, muito bem aceitas, eu acho que não.

Pesquisador: A partir dos 30?

Hefesto: Quando aceita a idade, a partir dos 30, já é cona, quando aceita a idade, entendeu?

Pesquisador: O que é ser cona?

Hefesto: Ser cona é ser *maricona*, bicha velha (risos). É nós, Ed. É nós (risos).

A *maricona* Baco, por sua vez, também entende que esse processo começa aos trinta anos, e se dá quando a gay *"(...) deixa de ser piranha e se preocupa mais com estabilidade"*, sinalizando que é nessa fase que ocorre uma diminuição da prática sexual. Percebe-se que para ela a priorização da questão sexual nessa faixa etária se mantém mais no panorama heterossexual, pois entre os gays já se começam os preconceitos, o que faz com que a *maricona* passe a pensar mais em ter uma certa estabilidade financeira e emocional constituída:

Pesquisador: Com qual idade que você acha que o gay começa a envelhecer?

Baco: Eu acho que com 30 anos, acho que passa aquela empolgação todinha. Eu acho que é um momento muito decisivo sabe, ele começa a preocupar mais em ficar mais estável, eu acho que busca mais estabilidade com 30 anos, ele começa a pensar mais... ele deixa de ser menos... acho que passa a ser menos piranha sabe, menos prostituto, entendeu? Ele começa a pensar mais em ter mais estabilidade, e depois ele começa a perder o tesão, entendeu? Passa dos 40 anos, ele começa a valorizar outros aspectos, entendeu? Até os 30, eu penso que ele pensa muito na questão, exclusivamente, do coito, exclusivamente da prática sexual, entendeu? Depois, ele começa... eu acho que nesse sentido o homossexual ele envelhece mais rápido que o hétero.

Pesquisador: Por quê? Qual é a diferença?

Baco: Eu acho que o hétero ele continua a priorizar a questão do ato sexual, até mais pra... um homem que eu tô falando tá? Até mais tempo e fica com aquela coisa, a visão dele sexual é muito mais ampliada, até os 50 anos, vamos dizer assim. O homossexual não, eu acho que não. Eu acho que ele começa a ter mais, com 30 anos, mais qualidade, começa a priorizar outros aspectos, ele começa a priorizar mais cabeça, mais o dá certo, mais a personalidade, entendeu? O gozar junto, entendeu? É aquela coisa, ele começa a criar planos, entendeu? E então ele deixa de priorizar aquela coisa que é bem sexual mesmo, até os 30 anos, entendeu? É um corpinho, é bonitinho, entendeu? Ele sossega, eu acho que com 30 anos, ali para as médias 30, 35 anos, e tal, ele começa a sossegar, entendeu, ele começa a ficar mais quieto... porque na verdade o homossexual, ele é muito mais prostituto do que o hétero. Ele é muito mais efêmero, entendeu? As suas relações são muito menos duradouras. Se você observar bem a relação do homossexual ela só torna mais duradoura depois dos 30, pode pegar fazer uma pesquisa em cima disso que você vai ver. A maioria se fixa é mais depois dos 30, entendeu?

Baco, com seus 55 anos, percebe mudanças geracionais nesse processo. Segundo ela, esse perfil de envelhecer aos trinta anos entre homens gays é fruto de mudanças sociais, haja vista que a sociedade atualmente é mais aberta para as sexualidades dissidentes, se comparada com os contextos e as experiências vivenciadas por *mariconas* de gerações anteriores:

Baco: Eu não sei se é efemeridade, que daqui uns dias vou ter que mudar meus conceitos tá, porque isso tá mudando, isso tá mudando. Isso tá mudando em função da liberdade sexual que tá hoje, eu acho que não existe essa coisa, porque a dúvida pairava entre os parceiros era muito grande dentro da sociedade, se vai aceitar, ‘*isso não vai dar certo*’, ‘*ninguém vai querer*’, ‘*eu vou sofrer*’, ‘*eu vou ficar isso*’, então, aquela coisa vai indo, você não aguentava, você largava, daí a pouco determinava aquele relacionamento, aí você voltava, arrumava outro, aí ficava mais dois, três anos, na hora que aquela coisa começava a assentar, você ficava com medo, ‘*eu não vou morar junto*’, ‘*eu não vou fazer isso*’, você ficava naquele enrolo. Hoje em dia, você chega, o menino de 14, 15 anos, chega pro pai e fala: ‘*eu sou gay, esse aqui é o meu namorado*’, e pai vira e fala ‘*beleza*’, entendeu? Ou: ‘*Larguei sua mãe, esse daqui é o meu homem*’, entendeu? Então, a coisa ficou muito natural, entendeu? (risos) Então, nesse sentido que você pegar uma pesquisa nesses termos, você vai ver que a vida do homossexual, a vida amorosa, conjugal, ela começa depois dos 30, e é justamente por isso que eu falo que ele começa a envelhecer com 30 anos. Porque? Primeiro ele não tá mais bonitinho, a boniteza já vai se esvaindo, entendeu? Aí vai chegar, ele vai começar a pensar lá ‘*ah, eu não sou a cereja do bolo*’, então, aquele boyzinho bonitinho de 18 anos e tal, com corpinho todo centrado, todo certinho, todo definido, aquilo vai acabando, e como ele tem uma relação um corpo. O homossexual tem essa coisa com o corpo, ele tem uma relação física muito grande entendeu? Muito, aquela coisa muito arraigada, física, entendeu? Então ele começa a decair com seus 30 anos, que é natural, então ele começa a pensar de outra forma ‘*perai, eu vou ter que pegar essa aqui, segurar e tal, e pá pá pá...*’. Então essa relação, ela no homossexual, ela é muito, mais muito, mais aprofundada, é muito mais, ela realça muito mais, entendeu? Então você pode observar no nosso cotidiano. Com 30 anos começou a gente ficar velho mesmo, entendeu? (risos). É tanto que os próprios gays já começam a chamar de ‘*maricona*’. Como é que é? Bicha velha? Acho que é *maricona* mesmo, a *maricona* velha, entendeu? É um preconceito entre eles mesmo, entendeu? Então, você pode notar ali, que muito raramente você vai falar que o cara é coroa como o hétero, bonitão e tal, coroa, aí o outro gay lá já fala *maricona*, bicha velha e tal. Você pode notar que o termo é mais pejorativo.

Outra possibilidade de se pensar a *mariconice* a partir dos trinta anos é por meio da comparação com outras realidades locais próximas⁶⁴, tais como as vivenciadas por gays

⁶⁴ Outra possibilidade de se pensar a territorialidade do envelhecimento gay em outras realidades é a partir do recorte da transexualidade e travestilidade masculina. O imortal João W. NERY, em *Velhice Transviada* (2019), ao apontar relatos de suas vivências e de outras personalidades transexuais envelhecidas, aponta que no caso dos

argentinos, e por gays norte-americanos – considerando que em Governador Valadares a cultura americana é muito forte em razão do fluxo migratório. Ao pesquisar sobre o envelhecimento gay, Gustavo Santa Roza SAGGESE (2015) o faz a partir do prisma histórico das fases de visibilidade da homossexualidade, e do recorte de estabelecimento de oposições de perspectivas entre os gays jovens e os gays mais maduros, amparado em estudos do argentino Ernesto MECCIA (2011) e do norte-americano Steven SEIDMAN (2002).

Na Argentina, os gays maduros, além de um discurso marcado por tristezas e direcionamento para a vida sexual, narravam que eram os últimos de uma geração daquele país que viveram suas experiências homoeróticas de formas enclausuradas, clandestinamente. Já Steven Seidman (2002) apontava que na experiência de norte-americanos, gays maduros tiveram que adotar, em algum momento da vida, “(...) as expectativas sociais de casamento heterossexual e constituição da família, além de um constante autoexame que não deixasse transparecer qualquer traço corporal de ‘feminilidade’” (SAGGESE, 2015, p. 46), o que denotou uma necessidade de se pautarem pela heteronormatividade. Por outro lado, há um indicativo de que para os gays mais novos, essa necessidade dos mais velhos esconderem suas sexualidades configurava-se uma situação constrangedora e, justamente por isso, os mais maduros eram vistos como pouco autênticos pelos mais novos⁶⁵.

Saggese (2015) conclui que a experiência brasileira sobre o processo histórico de visibilidade política gay é similar à argentina e à norte-americana, e por isso a homossexualidade é mais um demarcador de experiências do que necessariamente uma identidade. É uma forma de localizar um ponto de vista pelo qual se experimenta e se compreender certos fatos, pois aproxima-se de

(...) diversos aspectos, de contextos internacionais que vêm observando, há um tempo considerável, a existência de uma ‘subcultura’ homossexual. Assim como neles, a homossexualidade ‘à brasileira’ atravessa um período prolongado de marginalidade até que seja vista como algo passível de reconhecimento social, processo que se intensifica a partir do início de nossa abertura democrática. Também testemunhamos (...) resistências e progressos no que diz respeito a

transgêneros, “(...) são muito poucos os que conseguem chegar a senescência, ou seja, que tem o direito de se tornar senis na idade avançada. Estima-se que a média de vida de uma travesti seja de 35 anos”. Em uma escrita sobre a vivência do envelhecimento por transexuais em nosso país, o autor aponta que: “(...) não há estatísticas oficiais para determinar quantos somos, tantos vivos quanto mortos. Como as nossas vidas são marginais, sofrendo humilhações e violências simbólicas e físicas, considero que quem sobrevive acima dos cinquenta anos já pode ser considerado uma pessoa transvelha” (NERY, 2019, p. 17-18).

⁶⁵ Em sua pesquisa, Saggese (2015) aponta sobre como uma diferença de pontos de vista entre gays mais novos e gays mais maduros, por exemplo, a forma como as Paradas LGBTs são vistas: para alguns gays mais maduros, elas tornaram-se muito mais hedonistas, e para os gays mais novos, como uma manifestação legítima. Em comum, o fato de separarem o público do privado: no privado, cabe a aceitação pela sociedade e, no público, o respeito, com a circulação da homossexualidade em espaços externos.

representações midiáticas, relações familiares, reconhecimento de direitos e possibilidades de circulação nos espaços urbanos (SAGGESE, 2015, p. 61).

Asclépio, com seus 37 anos, experimenta esse momento do curso da vida e aponta para outro aspecto do envelhecimento gay: o cuidado com aspectos estéticos. A *maricona* confessa que já faz tratamento para calvície, porque ela o incomoda. Ela entende que o início do processo de envelhecimento do gay não é diferente dos heterossexuais, começando aos 40 anos com as mudanças físicas. Para ela, o que difere gays de heterossexuais é o fato de que os gays se cuidam melhor, com o objetivo de serem bem aceitos na sociedade e em suas famílias, a partir de uma boa aparência física:

Asclépio: Ah, eu acho que ... (risos), acho que para todo homem isso é a partir dos 40 já começa a sentir as mudanças no corpo... calvície, sono, cansaço físico, entendeu?

Pesquisador: A partir dos 40?

Asclépio: É.

Pesquisador: E isso tem diferença entre envelhecer sendo hétero e envelhecer sendo gay?

Asclépio: Eu percebo que para quem é hétero, muitos homens, a questão estética não é tão importante assim, questão do cuidado com o corpo né, e pros gays parece que sim, conta. Muito porque, como um gay, ele não é plenamente aceito na sociedade, então, de forma não generalizada, mas eu creio que uma parcela dos gays, idealiza um parceiro que atenda vários requisitos, entendeu? Para ele poder ser melhor aceito na família e na sociedade, e um desses requisitos acaba recaindo sobre uma boa aparência física. Então eu creio que isso faz com que os gays valorizem mais a aparência física, e busquem mais isso, entendeu? De certa forma, mas não de forma generalizada, para todo mundo, mas para uma parcela dos gays, sim.

A literatura apresenta diversos motivos (alguns criticados) para isso. Gustavo de Oliveira DUARTE (2013), por exemplo, ao afirmar que isso ocorre, pondera que ao contrário de homens que vivenciam a matriz heterossexual, em sua maioria, os gays não saem das casas de seus pais para constituírem casamentos, já que não se pautam por uma cultura em que há uma necessidade de reprodução humana como a única sequência natural do curso da vida. Nesse sentido, eles acabam por agenciar performances com as quais focalizam questões estético-corporais, associadas à manutenção da virilidade e a atração por meio do corpo em forma (ou em sua tentativa), e pelo acúmulo de experiências de vida.

Entendo que ser *maricona* e ter a compreensão dessa territorialidade aponta para o fato dessa necessidade de se agenciar uma performance tático-corporal que entende ser o próprio corpo envelhecendo um espaço de produção e delimitação de diferenças (LOURO, 1999), e isso

se dá a partir de processos de subjetivação que auxiliam no reconhecimento desta identidade (Richard MISKOLCI, 2012) de forma positiva. Por isso, orgulhosamente, a *maricona* consegue construir um discurso performativo sobre sua (homos)sexualidade⁶⁶, e seu corpo se diferencia de outros corpos em envelhecimento, em muitos casos, justamente porque ele é marcado pela vivência de uma sexualidade dissidente.

De igual modo, tal territorialidade performativa tático-corporal também indica que o corpo da *maricona* é um construto social e linguístico, atravessado por relações de poder a partir das marcas provenientes do que se compreende socialmente como masculinidades e feminilidades, e demais marcadores sociais de diferenças. Ao mesmo tempo, sua sexualidade é um fenômeno social e histórico, ultrajante às crenças, ideológicas e estigmas sociais que servem para regular o uso dos corpos em espaços públicos e privados. A *maricona*, ao se perceber como um gay envelhecendo, por meio da linguagem e de sua história, (re)territorializa os significados e os sentidos dessa experiência a partir de suas experiências sexuais e afetivas.

A *maricona* Eros também entende que aos 40 anos o gay envelhece, mas aponta que esse processo começa com sinais de mudanças físicas alguns anos antes, sendo um significativo sinal quando se deixa de ser atraente para gays mais novos. Por outro lado, Eros assinala que os gays envelhecendo preferem se relacionar com outros gays mais novinhos, porque estes têm mais vigor sexual e corpos mais juvenis:

Eros: Eu acho que é quando a gente, assim, a gente começa a aproximar dos 40. Vou falar por mim.

Pesquisador: Por quê?

Eros: Sinais no corpo. A barba branca, cabelo branco. Você já não tem aquela bochechinha em pezinho assim, já caiu um pouquinho (risos). E outra coisa também, você nota que os outros gays, os mais novos, ele já não tem tanto interesse em você, porque tipo assim, você tá com 35, 36 anos, eles têm 20 e poucos, entendeu? E você percebe que, não todos, eu não posso generalizar, mas a grande maioria que tá na sua idade, tem 36, 38 anos, quer também os novos, então eles estão agarrados naquela coisa... eu não tô falando todo mundo, mas a grande maioria que eu conheço sim. Então, quando você está se aproximando dos 40, você fala assim '*oh, o tempo passou!*', entendeu? Então é necessário se reciclar né? Começar a olhar para si muito diferente, as formas de se relacionar, as formas de se cuidar, acho que é se aproximando dos 40.

Pesquisador: E por que você acha que homens, de sua faixa etária, aproximando dos 40, tem interesse por meninos mais novos?

⁶⁶ A jornalista Graziela Zanin KRONKA (2003, p. 157) menciona que (in)visibilidades de homossexuais são tidas a partir de seus corpos, tomados como elementos discursivos: "A instauração dessas diferentes características corpóreas que identificam (ou supostamente camuflam) o indivíduo homossexual (e, conseqüentemente, o indivíduo heterossexual), corresponde, de certa forma, à apropriação de um discurso que se propaga em um corpo que é, ao mesmo tempo, constituído e constituinte do discurso da (homos)sexualidade".

Eros: Estética, estética, vaidade, beleza, né? Vou falar: o gay não, porque é preconceito, o ser humano, tanto que os caras que tem vinte anos de casado, quando eles separam, eles vão ficar com mulheres mais novas. Porque o ser de vinte e poucos anos ele tem mais, como se diz, tem mais beleza, tem mais vida, tá jovem e tal, tudo certinho no local. Então assim, o ser humano tem muita vaidade, estética, acho que é por isso.

Tais representações indicam que as concepções sobre a velhice ocidental ainda estão relacionadas à cultura do consumo. Envelhecer, portanto, é aproximar-se da morte, ter perdas, depressão, a partir de um corpo que não é mais produtivo por motivos biológicos. No caso dos homens gays, a cultura implora por uma beleza que se materializa necessariamente em uma réplica do que se tem em corpos jovens, cujos atributos físicos se prostram diante do discurso do mercado, que sexualiza, padroniza e hierarquiza corpos homossexuais desejantes.

Fernando POCAHY (2011) reflete sobre a necessidade de a velhice comparar e disputar com a juventude, a partir das ideias de atividade sexual e de referências de beleza. Para ele, haveria um culto da juventude como marca da cultura gay que automaticamente recusa e desprestigia a envelhecência desse corpo dissidente. O autor também entende que a vida social do corpo gay envelhecendo faz essa exigência porque não demanda de somente uma lógica de moralidade sobre o corpo. Narrativas sobre relações humanas com o corpo não captam plenamente suas vivências, que inclusive se dão também em relação a um conjunto de normas.

Tal concepção de predileção pela juventude aparece na pesquisa realizada a partir da narrativa de Baco, para quem, em sua subjetividade, apesar de se ver como velho, afirma ter preferências por meninos mais novos. A *maricona* é contundente ao expressar que, na realidade, “ninguém gosta de velho”. Indagada, apresenta elementos que para ela apontam para uma corporeidade juvenil, como por exemplo, andar de bicicleta e gostar do que ela denominou como “músicas mais jovens”:

Baco: Eu vejo que ninguém gosta de velho.

Pesquisador: Por quê?

Baco: Porque é velho, simples assim (...). Eu acho que quando você tem, você começa uma relação muito novo, você fica preso nela, entendeu? Eu sou um cara que tem dificuldade com ser velho, embora seja, embora saiba que seja um privilégio. Mas eu tenho essa dificuldade. Então todas as minhas relações... funcionou mais ou menos assim: quando eu tinha ali na idade dos 11, 12 anos eu me envolvia com gente que tinha 12, 13 anos. Aí evolui para 18 anos, eu me envolvia com pessoas de 18 anos e tal. Aí eu paralisei ali: 18, 20, e ficou por aí. Então, eu fui ficando velho, mas eu tenho dificuldade em me relacionar com pessoas mais idosas. Então, tanto que é que o atual tem 28. A diferença para 55 é bem puxada, entendeu? Mas eu tenho dificuldade de lidar com pessoas mais idosas, realmente tenho. E eu

acho que é fixação, e eu não sei como é que é Psicologia vai explicar isso né, é bem freudiano isso: é aquela fixação você tem nas suas fases. Eu fixei aí na minha fase lá dos meus vinte poucos anos, entendeu? (risos). Então, aí eu fui ficando mais idoso, mais adulto, e continuei me relacionando com pessoas mais novas. Agora tem uma coisa também: a minha relação, essa relação, nós estamos falando no sentido sexual, mas a relação também social ela também é pra gente mais novo. Meu grupo de convivência é de jovens, sempre lidando com pessoas de 20 poucos anos, 30 anos e tal. Eu não tenho, eu tenho poucos amigos com mais de 40 anos por exemplo, muitos poucos, entendeu? (...) Eu fiquei fixado naquela fase ali. Então, eu não me considero que eu me envelheci, eu não me olho no espelho, eu ainda acho que tenho 18 anos e tal, eu gosto é de andar de bicicleta, eu gosto de música mais jovem, é tudo mais jovem. Então, isso também tem relação, a minha relação sexual também, ela geralmente é com pessoas mais novas.

Pocahy (2011) contribui com a discussão ao apontar que as questões etárias são também categorias políticas, históricas e contingentes, mas que se dão de forma isolada. É por isto que a velhice cria condições de inteligibilidade do que se constrói em sociedades ocidentais pós-modernas como humano, sendo que gênero e sexualidade se articulam nesse projeto, eminentemente biopolítico⁶⁷.

A *mariconice*, nesse contexto, exige uma performatividade para o funcionamento tático-corporal diferente, que opera em outra forma, como resistência. A velhice performativa de corpos gays como *mariconas* indica a necessidade de se romper com o discurso heteronormativo que padroniza corpos envelhecidos, além do próprio discurso homonormativo, em que práticas homossexuais reproduzem a perspectiva heteronormativa, cujas lógicas se baseiam em regimes discursivos de gênero e de homossexualidades que padronizam socialmente as formas pelas quais os sujeitos gays devem ser e dizer sobre suas existências, sobretudo nesse ciclo da vida a partir de parâmetros que ditam a juventude.

Um dos estigmas presentes e que precisa ser combatido é o que afirma que corpos gays se recusam a envelhecer - até porque isto é inevitável. A existência de um culto da juventude como marca da cultura gay a partir dos anos de 1980 é atualmente ratificada em anúncios que promovem o amor gay com imagens de homens jovens, decorre de uma tentativa de um combate à um velhicismo (Didier ERIBON, 2003), que desqualifica a existência de homens

⁶⁷ A historiadora Tânia Navarro SWAIN (2008) entende que a juventude e a velhice são categorias sociais de idade criadas pelo biopoder para classificar o humano em níveis hierárquicos, com vistas ao consumo avassalador: “O que é esta juventude, tão rápida, tão fugaz, tão fluida, cujas margens se alongam ou se retraem, segundo as condições de imaginação, de enunciação, das representações sociais do mundo, dos corpos, do humano? (...) Mas o que é afinal a velhice? Quais são seus limites, seus objetivos e seus laços? Como a idade pode determinar o pertencimento, senão em um mundo traçado, estabelecido, definido, onde os gostos e preferências se estabelecem segundo a publicidade, a propaganda, avatar último de uma globalização avassaladora em marcha?” (SWAIN, 2008, p. 264).

gays envelhecendo como “bichas loucas”, e os caricaturiza com personagens gays extremamente afeminados, sobretudo em produções televisivas e de publicidade, além de programas de humor de cunho duvidoso e hostil⁶⁸.

Outro aspecto sobre a diferença de envelhecer sendo gay e sendo hétero, apontado pela *maricona* Eros é que os gays vivem mais o medo da solidão nesse processo de envelhecimento, se preocupando com a falta de se ter alguém responsável por cuidá-los:

Pesquisador: Qual a diferença de envelhecer sendo gay e de envelhecer sendo hétero? Quando você olha para pessoas da sua faixa etária e que são héteras, você vê essa diferença? Você vê essa diferença também nos héteros, ou não tem diferença?

Eros: Eu acho que tem. Tem pelas vivências familiares e sociais, vamos supor: as pessoas da minha idade, já tem filhos, já tem uma família e ela já tá caminhando, programando, “*quando eu ficar velha, meu filho vai cuidar de mim*”, e elas vão ter sobrinhos, elas já tem as reuniões familiares que todo mundo se aceita, e o gay não, o gay muitas vezes, não todas as famílias, mas as famílias assim fundamentalistas, você já é mais separado, você vive mais afastado, você já é mais solitário. Eu acho que o gay envelhece mais solitário que o hétero.

Um dos pioneiros nesta discussão, o cientista social Júlio Assis SIMÕES (2004), denomina como “envelhecimento precoce” o dilema que gays na faixa de 30 a 40 anos vivenciam justamente nessa luta para se apresentarem a partir de uma concepção de homens bem-sucedidos e que não necessitam de cuidados. Segundo o autor, isto seria um dilema porque, sobretudo em centros urbanos e em metrópoles, vivenciar esse momento da vida pode promover sintomas depressivos ao se comparar com a realidade de homens próximos que vivenciam a matriz da heterossexualidade. Se apresentar como bem-sucedido é o caminho desejado para refutar o estereótipo de ‘bichas velhas taradas’, ‘gagás’ ou ‘*mariconas*’.

Por outro lado, coaduno com a perspectiva butleriana que ultrapassa a dimensão discursiva da sexualidade e das identidades fixas, a partir das diferenças binárias de gênero e da compreensão das masculinidades e feminilidades. Ao mesmo tempo também ultrapassa a lógica da heterossexualidade como modus de vivências de aspectos afetivos sexuais e de um processo de envelhecimento que sejam eminentemente heteronormativo, que forcem, por

⁶⁸ Sobre as referências de homossexualidades na televisão desde o ano de 1960, sobretudo em programas femininos e de humor, sugiro a leitura do capítulo *Visibilidade Viada e Resistência* (GOMES, 2019) e João Silvério TREVISAN (2018), com *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Nestas obras, aponta-se como a militância gay nas últimas décadas têm problematizado esses estereótipos e contribuído para suas desconstruções, fazendo com que muitos personagens humorísticos percam espaço na mídia heteronormativa que por anos somente contribuiu de forma negativa para os processos de preconceitos e exclusões sociais. Atualmente, as redes sociais têm contribuído também para desfazer esses estigmas sobre o envelhecimento de homens gays, sendo o perfil denominado “*Bee40tona*”, produzido por Márcio Rolim, um expoente.

exemplo, o gay à retornar para o armário na velhice para se ter alguém para cuidá-lo. Entendo que ser *maricona* é uma crítica à heterossexualidade e a identidade fixa da velhice com seus estigmas, culturalmente uma experiência coletiva tida como dada, fixa e imutável. A diferença entre um homossexual que envelhece de forma homonormativa e um gay que se *maricona* é justamente o fato de se alegrar por se “tornar-se *maricona*”, e por isto objetiva viver os processos de territorialização espaço-temporal desse ciclo da vida de forma orgulhosa. A organização de uma performance tático-corporal, dada em uma temporalidade social e constituída pela *maricona*, se dá a partir das vivências dessas experiências⁶⁹ que precisam, portanto, ser historicizadas como identitárias.

Ainda sobre quando se inicia a *mariconice*, outras interlocutoras não apontaram uma faixa etária específica, mas destacaram outros comportamentos. Fobos, por exemplo, aponta que o gay envelhece quando começa a ser chamado por gays mais novos pelo termo comum no pajubá denominado como ‘*daddy*’. Ela explica que há uma geração mais nova e que iniciou suas práticas sexuais mais cedo que sua geração, e que muitas *mariconas*, tais como ele, gostam desses rapazes mais novos, porém vivenciam conflitos geracionais relacionados à maturidade:

Pesquisador: Com que idade você acha que um gay começa a envelhecer?

Fobos: Cara, ultimamente já tá, aqui em Valadares até que não, mas nas capitais eu vejo que pessoas da minha idade já tá sendo chamado de ‘*daddy*’ (risos).

Pesquisador: Por quê?

Fobos: Porque tá. Porque os gays mais novos estão se descobrindo muito mais cedo, então tá tendo uma vivência, entrando no mundo de vida sexual ativa bem mais cedo, aí quando chega na minha idade já viveu muita coisa, já tá velho, no mundo gay.

Pesquisador: No olhar deles, né? E no seu olhar, com sua idade, como você percebe, na sua vivência, que você tá envelhecendo? Ou você ainda nem percebeu isso?

Fobos: Não, eu sei. É lógico que eu já percebi que tô envelhecendo justamente por isso. Tem pessoas mais novas aí chegando que dá vontade de dar em cima, mas a diferença de idade é muito grande.

Pesquisador: E aí você tem medo?

Fobos: Não é que eu tenha medo. Sei lá, eu prefiro não arriscar. Lógico que eu não tô falando de pessoas menores de idade, né? Mas eu prefiro

⁶⁹ Joan SCOTT (1998) aponta que o conceito de experiência não se refere às explicações originárias. Trata-se do contrário, pois "(...) tornar visível a experiência de um grupo diferente expõe a existência de mecanismos repressivos, mas não sua lógica ou seus funcionamentos internos; sabemos que a diferença existe, mas não entendemos como constituída em relação mútua. Por isso, precisamos nos referir aos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e apresentam as suas experiências. Não são os indivíduos que têm experiência, mas sim os sujeitos que são constituídos pela experiência. Experiência nesta definição torna-se, então, não a origem de nossa explicação, não a evidência legitimadora (porque vista ou sentida) que fundamenta o que é conhecido, mas sim o que procuramos explicar, sobre o que o conhecimento é apresentado. Pensar sobre a experiência desse modo é historicizá-la, bem como historicizar as identidades que ela produz" (SCOTT, 1998, p. 304).

não arriscar. Aí é até questão da... por mais que eu goste de me relacionar com pessoas mais novas, eu com a idade que eu tô, pegar um rapaz com a idade de 17, 18 anos, ele maior de idade, a cabeça não é a mesma, não é a mesma mentalidade, por mais que sexualmente é seu estilo que me agrada, mas a questão mentalmente, da cabeça, é diferente.

A figura do ‘coroa’ (os ‘*daddys*’ atuais), que no cenário gay flutua entre a estabilidade positiva do envelhecimento com um certo protagonismo e prestígio *versus* a depreciação decorre dos estigmas sobre o envelhecer e de ter seu corpo tido como monstruoso (Jeffrey Jerome COHEN, 2000)⁷⁰, não atinge a dimensão desse momento da vida quando tomado conscientemente por uma *maricona*. Uma *maricona* que se organiza a partir de sua temporalidade social, percebe que é possível performar um funcionamento tático-corporal que ultrapassa o culto ao corpo jovem após os trinta anos de idade. Trata-se de não se conformar com uma propensão a sentimentos negativos por ser um gay envelhecete.

Murilo Peixoto da MOTA (2011, p. 166) em sua pesquisa já apontava que gays velhos que menos se preocupam com aspectos físicos “(...) são justamente aqueles em que a questão da sexualidade não se tornou um pilar para seus projetos de vida”. Ao mesmo tempo, apontou que gays velhos que se preocupam com seus corpos a partir de uma indumentária e uma modelagem que os associam à juventude são aqueles que vivenciam consigo mesmo o envelhecimento como algo negativo e segregador, cabendo-lhe evitar a deterioração de si e a sensação de inutilidade.

Entendo que a *maricona* que orgulhosamente tem consciência dessa temporalidade social, relaciona-se com seu corpo para além da necessidade de perpetuar as práticas sexuais e de cultivar as exigências de corpos juvenis como parâmetros. Ela toma seu corpo como político, cujas implicações são sociais e se direcionam para romper com as normas estabelecidas para esse momento da vida, apresentando novas formas de se constituir e de se enunciar como um gay envelhecete. Nesse sentido, PocaHy (2011, p. 155) foi assertivo ao pontuar que “(...) o corpo é a materialidade mais artificial dos discursos, pois as marcas precisam ser recitadas”.

⁷⁰ Jeffrey Jerome Cohen (2000), em *Pedagogias dos monstros*, aponta que “(...) o monstro corporifica aquelas práticas sexuais que não devem ser exercidas ou que devem ser exercidas apenas por meio do corpo do monstro. (...) o monstro impõe os códigos culturais que regulam o desejo sexual” (COHEN, 2000, p. 44). Por isto, o monstro é aquela figura ambígua: “(...) para que possa normalizar e impor, o monstro está continuamente ligado a práticas proibidas. O monstro também atrai. As mesmas criaturas que aterrorizam e interditam podem evocar fortes fantasias escapistas; a ligação da monstruosidade com o proibido torna o monstro ainda mais atraente como uma fuga temporária da imposição. Esse movimento simultâneo de repulsão e atração, situado no centro da composição do monstro, explica, em grande parte, sua constante popularidade cultural, explica o fato de que o monstro raramente pode ser contido em uma dialética simples, binária (tese, antítese ... nenhuma síntese). Nós suspeitamos do monstro, nós o odiamos ao mesmo tempo em que invejamos sua liberdade e, talvez, seu sublime desespero”. (COHEN, 2000, p. 48)

Compreender essa territorialidade permite que *mariconas* possam orgulhosamente se recitarem para além de aspectos estéticos e corporais, a ponto de assim serem vistos social e politicamente sendo possuidores de projetos de vida⁷¹.

Já a *maricona* Zeus, com 53 anos, relata que com o passar do tempo passou a ver o processo de envelhecimento de forma diferente, e que hoje entende que não tem diferença entre gays e heterossexuais. Em sua resposta ao ser indagado sobre como é vivenciar o processo de envelhecimento, destaca-se um certo desconforto pelo uso termo *maricona*, feito por outras pessoas, para nomeá-la.

Pesquisador: Entrevistado, com qual idade você acha que um gay começa a envelhecer?

Zeus: Envelhece? (risos). Gay envelhece? Porque eu falo, os outros falam ‘*olha, você tá maricona*’, ‘*querida, Maricona tá a senhora, eu tô ótima*’ (risos). Eu não acho, eu acho que gay se rotula muito. O povo fala ‘*você é maricona*’, ‘*maricona é sua avó, querido, tô ótima, tô dando show em vocês tudo, nas novinhas*’. Não sei se tem disso, sabe? Eu quando tinha 20 anos eu achava que uma pessoa de 40 era *maricona*, era velha. Hoje eu tenho 50, eu acho que com 20 anos tem muitos que tão muito mais velho que eu, às vezes, você entendeu? Então assim, depende, sei lá, a idade cronológica não é a idade mental, graças a Deus. Eu tô muito bem assim, tanto que eu namoro com um 18, então, “*aceita cara que dói menos*”. Tanto que eu tô dando um caldo em muito novinha por aí (risos). Mas isso é coisa da cabeça de gay, ‘*ah, que fulano é maricona*’, é tão mais fácil a pessoa se preocupar com a sua vida e deixar a do outro. A gente envelhece como qualquer hétero envelhece.

Sua resposta demonstra que não é possível generalizar o uso do referido termo para todas as interlocutoras da pesquisa e para todos os homens gays que se percebiam como envelhecidos, o que justifica a perspectiva política que aqui adoto, com o objetivo de ressignificá-la de forma positiva. No entanto, a *maricona* destaca que na aparência os gays são mais novos, porque se cuidam mais que homens heterossexuais e porque não tem com quem gastar, ou gastam bem menos se comparado com homens heterossexuais com suas companheiras:

Pesquisador: Não tem diferença do hétero e do gay, no processo do envelhecimento?

Zeus: Eu acredito que não. Eu acho que o gay demora muito mais envelhecer que o hétero, até fisicamente, porque se cuida mais que

⁷¹ Diferentemente de um projeto de futuro, um projeto de vida “(...) é aquilo que o sujeito imagina que o levará ao sentimento de satisfação pessoal por estar integrado à sociedade, e que fará a diferença não apenas para si mesmo, mas para outras pessoas, gerando então felicidade - que seria o comportamento com algo que esse indivíduo considera envolvente, desafiador e atraente” (NONATO, NOVAES, LEMOS, VITÓRIO & OLIVEIRA, 2022, p. 10)

hétero, né? Ele se trata muito mais. Eu tenho 53 anos de idade, eu tenho amigos da minha idade, inclusive meu irmão mais novo que é hétero (...), todo mundo que olha para ele acha que ele é mais velho que eu, e eu sou mais velho que ele 10 anos. Então assim, as pessoas levam um susto. A gente se cuida mais.

Pesquisador: Você acha que o gay se cuida mais, por quê?

Zeus: Tem mais tempo, é mais vaidoso, não tem com quem gastar. O hétero, por exemplo, tem família, mulher é muito caro, e o gay não tem isso, né? O gay, o dinheiro é pra ele, pra pagar uns boys também, mas os boys são mais baratos que mulher. Mulher é muito caro, gente, é sapato, é unha, maquiagem, é cabelo, é vestido. Mulher gosta de champagne, homem não, você paga uma pinga, uma cerveja tá ótimo. Mulher não, gosta de champagne, é um drink que é o dobro do preço. Mulher você dá um salto alto da *Carmen Steffans* pra ela, 500,00 conto, um boy você dá um chinelo da Renner, 50,00 reais (risos). Então assim, eu falo que a gente tá no lucro, que o boy é muito mais barato. Mulher é um bicho muito caro (risos). Com o dinheiro de uma mulher você sustenta três boys, você sustenta três homens (risos).

Hypnos discorda que gays envelhecem melhor do que homens heterossexuais porque se cuidam mais. Ao contrário afirma que gays envelhecem muito mais rápido como consequência de um modo de vida com excessos de experiências em orgias, drogas e noitadas, não vivenciando uma fase de sossego, o que em sua opinião acontece mais com homens heterossexuais:

Pesquisador: Para você tem diferença envelhecer, sendo gay ou sendo hétero, ou todo mundo envelhece do mesmo jeito?

Hypnos: Depende do jeito que você viver a sua vida, quanto o jovem tá querendo ou não o desgaste, seja ele por noites, ou baladas, ou festas, ou qualquer outro uso de alguma coisa que se faça. Isso desgasta muito o organismo humano. Não que héteros não tenham, mas infelizmente os homossexuais hoje veem muito essa questão do uso de droga, veem muito algumas coisinhas de libertinagem, né? Noitadas, né? Tendem muito a querer aquela liberdade excessiva, então a gente vê muito sobre questões de orgias, são feitas, e ali rola muita coisa e tudo isso, é ali são coisas que vão desgastando um pouco. Nesse sentido, eu acho que os homossexuais se maltratam mais, nesse sentido, não que os héteros não fazem, mas eles, pelo menos são fases né, tem a fase de gandaia, mas depois que arrumar uma sossega.

Pesquisador: O gay não sossega?

Hypnos: Infelizmente não. A maioria das vezes não, raridade você acha alguém.

Pesquisador: Você acha que os relacionamentos fixos de gays são mais rápidos do que de héteros, tem diferença?

Hypnos: Fala menos duradouros?

Pesquisador: Isso.

Hypnos: Sim, até hoje não achei nenhum que queira durar muito, mas sim, a maioria infelizmente hoje pensa muito em aprontar, em viver desregradamente aquela famosa libertinagem, hoje realmente é difícil achar alguém que queira um relacionamento sério e único, exclusivo, para realmente que parte da uma vida e continuar alguma coisa assim a dois.

A diferença entre envelhecer sendo hétero e sendo gay para a *maricona* Hefesto também está no campo dos comportamentos. Para ela trata-se de uma questão cultural relacionada ao gênero e não à sexualidade: cabe ao homem, mesmo que gay, o papel de cuidar, e às mulheres serem cuidadas⁷². A *maricona* compara as diferenças a partir de sua concepção de patriarcado:

Pesquisador: Qual que é a diferença então de envelhecer sendo hétero e sendo gay?

Hefesto: O público para o comportamento sexual. O homem gay prefere, pelo menos é o que eu acredito, não é que seja verdade, se relacionar com pessoas ainda com muita vitalidade, ou seja, pessoas mais jovens. O público hétero, e aí eu tô falando de mulheres, elas buscam homens mais velhos porque nossa cultura, nós somos criados para poder ... para mulher encontrar homens mais velhos que elas. A questão é até patriarcal? “*Então deixa eu encontrar um homem que cuida de mim*”. Já o homem gay ele busca alguém para poder ou estar igual, mesmo vivência de idade, ou também para ele cuidar, porque ele ainda é um homem, e o homem, à nossa cultura, ele tem que cuidar. Entende?

Pesquisador: Entendi

Hefesto: É isso aí. Então você me fez uma pergunta e eu tô explicando a pergunta sem responder né? Bom, então a resposta é o público, é isto, a diferença ao público.

Tanto a compreensão de Hypnos como a de Hefesto acima relatadas apontam para uma territorialidade da masculinidade hegemônica, que pode ser pensada a partir da produção de Miriam Pillar GROSSI (2003), ao associar o uso da força como honra masculina no contexto laboral. Segundo a antropóloga, a divisão ocidental entre política e trabalho como atividades masculinas e o cuidado doméstico como atividade feminina ocorreu com a Revolução Industrial no século XIX. Neste sentido, uma lógica burguesa se perpetuou, fazendo com que o gênero marque tarefas e papéis exclusivos de homens e mulheres nas sociedades tradicionais e camponesas⁷³.

De modo geral, coaduno com muitos de meus interlocutores e com a literatura de que a *mariconice* inicia-se por volta dos trinta anos de idade, quando em sociedade, ou ao ser assim

⁷² A perspectiva nativa de cuidado da interlocutora reflete como a masculinidade hegemônica reproduz estereótipos relativos aos papéis sociais, uma vez que no campo feminista o cuidado é tido como uma prática realizada, na maioria dos casos, mais por mulheres do que por homens.

⁷³ Grossi (2003) entende que na relação do homem com o trabalho, sua masculinidade ocorreu primeiramente com o uso da força física; posteriormente, no domínio da tecnologia, transitou para o paradigma da competência. Assim, a empregabilidade se tornou a demonstração da masculinidade, cujo discurso aponta que o homem é o responsável pelo sustento familiar, com o cumprimento do papel patriarcal. A antropóloga pondera que o neoliberalismo atual traz um paradoxo do mundo do trabalho em relação ao gênero, pois, com a crescente exigência de qualificação especializada e o aumento do desemprego, o papel tradicional de provedor dos homens foi colocado em xeque, afetando diretamente suas relações privadas familiares.

nomeado, o homem gay percebe-se envelhecendo ao se comparar com a realidade da matriz heteronormativa. Nessa fase do curso da vida, em tese, homens heterossexuais estão no ápice de sua maturidade e atratividade sexual, quando já não se constituíram em família, vendo-a aumentada com a chegada dos filhos, o que auxiliam no preenchimento do tempo e no fortalecimento dos vínculos afetivos. Seu contrário é a vivência da *maricona* aos trinta anos de idade, em que se percebe com primeiros sinais das mudanças biológicas de seu corpo, que precisam ser evitadas para não transmitir publicamente o início do declínio físico e a redução de sua atratividade sexual, sobretudo para com os gays mais novos. A preocupação com a estabilidade financeira e emocional também são indicativos que sinalizam para o início da envelhecimento entre os pares gays.

Numa lógica de dimensão existencial, o sujeito se harmoniza com o tempo, com suas relações no mundo e com sua própria história, e vive o envelhecimento positivamente. É nesse sentido que proponho que ser *maricona* é ter uma territorialidade cujo funcionamento tático-corporal performativo é uma temporalidade social: significa que a *maricona* pensa as questões de gênero como performativas, apontando para sua desnaturalização e instabilidade constantemente. Isto se dá justamente porque gênero demanda tempo para sua constituição, além dos aspectos territoriais (simbólicos ou concretos) externos à *maricona*, e sob o qual, ela vivencia uma “(...) repetição estilizada de atos” (Judith BUTLER, 2003, p. 200).

Se por um lado exigem homossexuais envelhecetes que se preocupam com as marcas estéticas-corporais e as associam à uma valorização da juventude, é possível ser um gay *maricona* a partir de uma constituição da existência enquanto sujeito com acúmulo de conhecimentos, sensibilidades e experiências de vida⁷⁴. A existência desse funcionamento tático-corporal de uma *maricona* critica uma cultura que toma a juventude como valor e não somente como uma fase da vida, além de colocar em xeque a necessidade de sua busca exacerbada como novas formas de reinvenção e gestão do envelhecimento (Guita Grin DEBERT, 2020).

5.2. A REPULSA PELA FEMINIZAÇÃO E A FALOMAQUIA

Uma das formas pelas quais as homosociabilidades de homens gays envelhecetes na cidade de Governador Valadares se constituem é pela repulsa da feminização. A lógica do

⁷⁴ Carlos Eduardo Henning (2013; 2014; 2020) propõe o conceito de ‘performances etário-geracionais’ para pensar a multiplicidade de experiências sociais sobre ser um velho gay, e aponta para a necessidade da gerontologia LGBT ultrapassar a lógica da heteronormatividade.

sistema sexo/gênero como ferramenta conceitual, e que possibilita análises das atividades humanas pela sociedade e suas performatividades femininas⁷⁵ e masculinas, surgiu historicamente em 1990. Tais performatividades foram tomadas como regimes de verdade, de produção e regulação dos modos de subjetivação, que auxiliam na constituição das masculinidades e nas reflexões a seu respeito (Benedito MEDRADO & Jorge LYRA, 2018, p. 08).

No circuito gay em Governador Valadares as performatividades que se assimilam às masculinidades hegemônicas constituem uma forte territorialidade. As *mariconas* investigadas compreendem, com raras exceções, que tais masculinidades são necessárias para serem bem-sucedidas em suas tentativas afetivossexuais. Nesse sentido, a *mariconas* Poseidon nomeia o preconceito que gays afeminados vivenciam no circuito gay local, sobretudo em espaços públicos, como uma perversidade:

Pesquisador: E se o cara for afeminado, como você lida?

Poseidon: Tranquilo. Eu já tive envolvimento, vários (risos), com caras afeminados, vários.

Pesquisador: Como você avalia a questão de afeminados sofrerem preconceito por alguns gays, pelo fato de serem afeminados?

Poseidon: Isso acontece sim, com certeza, acontece muito. E a comunidade gay, ela pode ser muito perversa por um aspecto, e esse é um deles, por quê? A comunidade como um todo, seja o afeminado, seja o que não é, ela sofre preconceito, então ela deveria ser a primeira a abraçar o afeminado né, e infelizmente que não é isso que a gente percebe. Então, o afeminado, realmente ele sofre esse preconceito, e muitas vezes até mesmo a sua exclusão de certos grupos de homossexuais, isso existe muito. Eu vejo sinceramente como uma falta de cultura da parte de quem menospreza essas pessoas, não tem por que isso, falta de cultura só. Acho que o que eu posso dizer é isso, deveria ler mais, para poder abrir a mente né?

Já a *mariconas* Aquiles afirma que não tem esse tipo de preconceito, e entende que tais práticas são decorrentes de um machismo institucional:

Pesquisador: Por que que você acha que entre os gays tem preconceito com homens afeminados?

Aquiles: Por conta desse machismo institucional que a gente vive né? Nós somos criados no ambiente naturalmente machista, entendeu? Até mesmo para esses gays mais enrustidos, ou que casam com mulheres para poder apaziguar, é aquela coisa “*ah, não velho, eu sou afeminado, eu não gosto de afeminado, e sou fora do meio, é uma coisa aqui,*

⁷⁵ Os autores apontam que a compreensão que temos atualmente sobre mulher surgiu no início do século XIX: “Segundo Jurandir Freire Costa (1992), essa crença de que somos original e naturalmente divididos em dois sexos começou a ganhar força cultural no fim do século XVIII e início do século XIX. Anteriormente, segundo ele, a medicina e a ciência galênica reconheciam a existência de um só sexo: o masculino. A mulher era o representante inferior desse sexo, porque não tinha calor vital suficiente para atingir a perfeição do macho (MACHADO & LYRA, 2018, p. 08)

irmão, de brother, não sei o quê”, entendeu? É uma hipocrisia do caralho, desculpa a expressão, mas é que eu não aguento isso.

Pesquisador: E você acha que isso é vinculado à questão dos papéis sexuais, de ser ativo ou passivo?

Aquiles: Não, eu acho que não, você sabe porquê? É mais uma questão comportamental, de jeito, como eu me posiciono: se eu sou aquele gay mais travado, mais machão, ou que eu não quero parecer, ou dá a entender que eu sou homossexual, do que ativo ou passivo. Porque tem cara que você vê, e parece o Rambo, entendeu? E na cama ele gosta de ser passivo. Então isso para mim não tá ligado a posição sexual não.

Carmen RIAL (2011) afirma que a masculinidade é incorporada como um habitus: “(...) o *ethos* que é encarnado no verdadeiro sentido do termo, transforma-se em carne, é corporificado” (RIAL, 2011, p. 210). A jornalista e antropóloga ressalta que em diferentes culturas há uma relação entre dor e a construção das masculinidades, por exemplo, em práticas esportivas. Essa relação de dor deve ser pública para se comprovar uma virilidade:

(...) A dor masculina é pública, a feminina não tem sido. As práticas de muitos esportes implicam esforço, sacrifício e dor. Sacrificar o corpo no esporte aporta um capital simbólico aos praticantes. A derrota não desonra se o derrotado for capaz de suportar a dor até o final (assim como a pobreza não desonra). A desonra vem de não se ter sacrificado o corpo, de não se ter resistido à dor (...). A dor mantém a honra do derrotado. Para merecer a vitória, é preciso sofrer; se não no ringue, nos treinos (RIAL, 2011, p. 215).

Neste sentido, segundo a autora, os homens são exigidos corporalmente a exaustão em suas práticas esportivas, e mesmo assim, voluntariamente, as praticam de forma prazerosa, o que para ela aponta que a masculinidade seria uma performance, responsável por teatralizar a morte, uma vivência simbólica da finitude da vida:

Há prazer na dor do esporte. E mais do que a dor, o esporte pode proporcionar aos praticantes e fãs uma experiência simbólica da morte, uma vivência mimética da perda. A morte aparece teatralizada sob muitas formas. Sabemos que as derrotas são, em geral, vividas como perdas (...). As expressões sociais de sentimentos nesse momento são as de dor e luto (RIAL, 2011, p. 216).

Já as historiadoras Mary DEL PRIORE e Marcia AMANTINO, na obra denominada “*História dos Homens no Brasil*” (2013), entendem que as masculinidades são plurais, construídas socialmente, e historicamente dadas de acordo com diferentes temporalidades, áreas geográficas, sexualidades, classes e religiões. O que haveria de comum em todas elas é que a história dos homens não é feita somente por conquistas e heroísmo. Para tanto, é uma história de silenciamento, de sofrimento, dores e humilhações, que passam a condenar os

homens a ficarem calados. Essa dor em ser homem, com o medo de humilhações em suas virilidades em razão de se ter qualquer expressão que venha a ser associada à feminização, foi narrada pela *maricon* Asclépio, que aciona até mesmo conhecimentos na área dos estudos de gênero, para tentar explicar por que só se sente atraída por gays que tenham o que denominou como “comportamento heteronormativo”:

Pesquisador: Tá, e porquê que é o afeminado não te atrai?

Asclépio: Uhum... é difícil responder isso (risos e pausa). A princípio, é uma questão... eu não sei se é só sexual, entendeu? Porque eu me entendo como homoafetivo, como uma pessoa que tem atração por uma pessoa do mesmo sexo, e uma pessoa que tem comportamento, tido como masculino, então uma pessoa que é muita afeminada, talvez ela vai me remeter uma mulher, entendeu? Acho que eu vou perder a atração física, porque a minha atração está no masculino. Agora a questão do que é afeminado é uma coisa relativa, porque se eu for dizer sim, afeminado, seria uma coisa muito afeminado, porque às vezes pode ter um outro rapaz que não é totalmente masculino, mas que ele me atrai, entendeu? Nunca tive uma relação com um rapaz assim, isso é uma coisa complicado definir né? Mas de modo geral, resumido, seria que é mais tendente a um comportamento masculino heteronormativo.

A masculinidade viril, forjada na dor em ser homem e requisito que falta em comportamentos de homens gays afeminados, também precisa ser validada por práticas de violência. Joana de Vilhena NOVAES (2013) salienta que a violência se configura como outro aspecto da masculinidade que historicamente marca o homem. A autora parte do prisma de que a masculinidade é uma produção discursiva simbólica e estruturante, construída culturalmente como uma posição de poder e, que numa perspectiva bourdieusana, tem seu discurso legitimado pela sociedade.

(...) como qualquer produção discursiva, a masculinidade deve ser vista como espaço simbólico de sentido estruturante que modela atitudes, comportamentos e emoções a serem seguidas. Aqueles que seguem tais modelos não só são atestados por homens do mesmo modo que não são questionados pelos outros que compartilham desses símbolos (NOVAES, 2013, p. 359-360)

A masculinidade exige uma representação social que disciplinariza o corpo como um símbolo de um processo de conquista e legitimação da dominação masculina, uma vez que numa perspectiva conservadora, a mulher deve ser tida como uma pessoa fisicamente fraca, necessitada de proteção e em busca de um parceiro que se responsabilize por ela, torna-a submissa a ele. Se o espetáculo de uma performatividade que não seja masculina deve ser rejeitada, a *maricon* Deimos, em sua narrativa, exemplifica a rejeição da feminização que

marca suas subjetividades como um homem gay. Ela relata uma experiência com um ex-namorado, que ao dançar as músicas da cantora Joelma⁷⁶, não estaria naquele momento com “uma postura masculina”. Isso poderia ter efeitos negativos em seu desempenho sexual com o referido parceiro:

Deimos: (...) já tive um namorado mais afeminado, ele era fã da Joelma, ele dançava a Joelma pra você ter ideia. Aí um dia falei com ele, ele chegou no meio da sala e fez uns passos lá, aí eu falei com ele “*calma, se não vai espantar o meu tesão aqui*”, porque assim, me tira um pouco disso, eu gosto do homem masculino né, me atrai tanto no dia a dia, quanto na relação mesmo, da relação sexual, o homem mais masculino né, mais, mais parecido comigo.

Pesquisador: E que seria o que? Me dê exemplos dessa masculinidade que te atrai?

Deimos: Ter uma postura masculina mesmo, né? Sem trejeitos, sem voz muito fina, sem aquele estereótipo mesmo afeminado, porque realmente na hora da relação me incomoda um pouco.

A narrativa da *maricona* serve para refletir sobre o fato de que as masculinidades gays que resistem sem ajustamentos sociais, correm o risco de receber adjetivos pejorativos sobre suas condutas, como ‘bichas’ ou ‘viados’. Nesse sentido, performatizar uma homossexualidade que possa ser denominada como ‘escandaloso’ é o que também faz com que a *maricona* Apolo não sinta atração em outro homem gay:

Apolo: (...), mas uma questão pessoal de personalidade ou posicionamento, uma questão por exemplo, a pessoa mais afeminado ou efeminado, não sei como é a expressão não me atrairia para ficar né, o que eu também não tenho uma questão de preconceito, porque eu tenho amigos assim, mas para construir um relacionamento não seria a primeira pessoa que eu iria procurar.

Pesquisador: Por quê?

Apolo: Porque eu não me identifico. Eu acho assim que, não que a pessoa que seja afeminada, se identifique com a questão mulher né, mas é uma questão mesmo de me sentir atraído né, se eu me sentisse, por exemplo atraído por mulheres, ou num sentido mais pejorativo, tipo assim, a pessoa que se aparenta mais com mulher, eu não ficaria, porque né, meu gosto é pelo homem cis né, esse termo tão utilizado agora né? O cis (risos).

⁷⁶ Joelma da Silva Mendes, cujo nome artístico é Joelma, é uma cantora, dançarina, compositora e empresária brasileira, paraense, representante de um ritmo musical chamado Calypso, um tipo de brega pop, e que exige uma performance que necessita da habilidade de cantar e dançar ao mesmo tempo, munido de botas de plataforma com salto-alto, sem parar. Trata-se de uma artista muito quista por muitos da comunidade LGBT.

A *maricona* Hypnos, de igual forma, aponta que um quesito de seleção é o homem não “*quer se fazer de mulher*”. A isto associa a possibilidade de ser “*gente escandalosa*”, numa perspectiva misógina em que se associa mulheres à histeria:

Pesquisador: E o que que você evita assim fisicamente?

Hypnos: Gente escandalosa.

Pesquisador: O que é que é gente escandalosa para você?

Hypnos: Aquele que... sei também que não é algo né, e nem se deveria ser comentado nesse sentido, mas é uma opção minha, e é aquela coisa, é a minha opção, mas não significa que eu preciso propagar isso, porque infelizmente acaba sendo um quesito de seleção, e não é bacana. Mas para mim, eu não gosto daquele parceiro, daquele homem, que quer se fazer de mulher, e às vezes, se veste como, tenta fazer aquelas coisas mais efeminados, para virar aquela coisa, e fica meio grotesco, fica algo rústico, algo de homem com traço feminino e fica estranho. Aquilo não me chama atenção em ponto nenhum, apesar de entender que, de acordo com as teorias, é a manifestação do gênero dele, e isso eu respeito, tenho até alguns amigos que são assim, hoje moram em Belo Horizonte e tudo, mas para mim, enquanto parceiro, não me atrai.

Se são condutas tidas como ajustadas ao padrão heteronormativo que diferenciam homossexuais de bichas, a *maricona* Dionísio, de forma explícita, as nomeia a partir do uso de termos como “*homem normal*”, “*com jeitinho de homem*”, que “*parece ser hétero*”. Estas nomeações apontam que estes tipos de gays performam uma expectativa masculina que permitem uma expressão de gênero que seja considerada atrativa e aceita socialmente:

Pesquisador: Quais possíveis homens gays que não te atraíam?

Dionísio: Ah, a afeminada demais, não me atrai.

Pesquisador: Por quê?

Dionísio: Na verdade, o que me atrai é parecer como um homem normal, então a pessoa pode ser gay, pode ser bi, mas se ela aparecer com um homem normal, me atrai. Agora se ela for afeminada demais da conta, não me atrai, não tem jeito, não consigo, entendeu? Não consigo. Mas se tiver um jeitinho lá de homem (risos), já me atrai bastante (risos).

Pesquisador: E o que é um jeitinho de homem?

Dionísio: Ué, parecer como um homem normal, é você não parecer com mulher, uai, entendeu?

Pesquisador: Entendi.

Dionísio: Igual, a gente tem aí, tem muito gay isso aí, que são, que parecem que são heteros, e a gente nem sabe que são gays, gays assumidos que parecem ser héteros, comportam na rua normalmente, se tem algum relacionamento e tá na rua, andam juntos, mas não faz nada para afrontar ninguém, então eu prezo muito isso, porque eu acho, que é certo que a gente cada um é cada um, e nós convivemos no século tal, e todo mundo tem que respeitar todo mundo, mas eu acho que, mesmo assim, a sociedade não está preparada para ver tantas coisas assim abertamente (...).

Outro elemento acionado pelas *mariconas* que demonstra a territorialidade de repulsa à feminização diz respeito à relação do homem com a moda. Segundo Márcia Pinna RISPANTI (2013), a moda, ao surgir como transitória no final da Idade Média, apontava para aspectos da classe social pertencente. Foi a Revolução Industrial que trouxe mudanças mais significativas nos tipos de vida na Corte, permitindo a existência da figura dos dandistas, uma espécie de precedentes dos metrossexuais: homens que apresentavam uma preocupação com a aparência, vestindo-se com apuro, lançando moda. Essa associação da moda à feminização foi possível de ser percebida na narrativa da *maricona* Urano. Ao ser indagada sobre os possíveis tipos de masculinidades que possam lhe atrair, afirmou que há roupas que performam masculinidades, e que isto lhe agrada mais:

Pesquisador: E afeminados?

Urano: Eu já fiquei com um cara afeminado uma vez. Eu achei bacana. Eu não evito, mas não sei porquê, rolou de uma vez só. Não sou aquele cara chega e deixa bem claro que não curte afeminado, que não rola. Não, se pintar na hora e eu achar interessante, super fico de boa, mas aconteceu uma vez você. E essa questão de afeminado é muito complexa né? Talvez eu seja afeminado, porque tem caras que acham que qualquer trejeito e você já é afeminado né? Tem que ser másculo, másculo, másculo. E eu não consigo nem entender a complexidade de afeminado. Talvez pra um amigo o cara pode ser afeminado, mas pra mim não é.

Pesquisador: Para você o que é ser afeminado? Por exemplo, esse cara que você ficou: o que nele que você achou que ele era afeminado?

Urano: Ah, ele tinha umas roupinhas mais apertadinhas assim, ele tinha uns trejeitos mais femininos assim, mas ele não era aquele cara bem afeminado, que usa salto, aqueles caras que performa uma feminilidade ali muito presente. Não, ele era um cara que tinha uns trejeitos mais femininos, umas roupas mais coladas, mas pra mim não era tal afeminado, para outras pessoas talvez sejam, pra mim era, porque ele tinha também uma voz mais suave, mais fina, umas roupas mais coladas, mas não era aquele que tava ali toda hora performando uma feminilidade ali. Ele tinha uma masculinidade ali presente.

Cabe ainda destacar que a territorialidade de repulsa à feminização é marcada nas narrativas de algumas *mariconas* por um discurso até mesmo de ódio, além de uma dificuldade de entender e aceitar a transexualidade.

Pesquisador: E os caras mais afeminados?

Baco: Odeio, tenho pavor. Nesse sentido eu tô para te afirmar que eu sou preconceituoso. Eu não consigo lidar, eu não tenho como lidar. Respeito, trato com extremo carinho, com extremo respeito, não desrespeito, mas não consigo engolir. Quando eu falo que não consigo engolir, eu não consigo conviver, entendeu? Então, eu tenho pouquíssimas pessoas conhecidas trans. Alguns até sabem da minha situação, mas o Baco, você não convive, você não anda, você não

mexe, você não envolve, você não comenta, você não, não consigo, eu não consigo fazer, não consigo... isso não cabe na minha cabeça, entendeu? Eu sou extremamente difícil de compreender isso, entendeu? Eu entendo a relação homossexual masculino, entendo a relação homossexual feminina, mas eu tento, e eu não vou dizer para você eu não tentei, eu tento entender a transexualidade, eu tento entender o transgênero, eu assisto a novela⁷⁷ que terminou agora, que a menina queria tirar os seios de todo jeito, e eu tentando acompanhar aquilo, eu leio sobre isso, mas eu acho uma coisa meio que difícil sabe, embora a gente sabe, historicamente falando, isso existia lá na pré-história (...).

Percebe-se que a violência é uma característica da constituição das masculinidades devido à falta de alteridade, ou seja, ela ocorre quando um homem não é reconhecido pelo outro homem como homem em sua forma singular de masculinidade, tornando-se necessário impor a representação da virilidade por meio da força e do poder. A violência como parte da sociabilidade masculina indica a incorporação de “(...) um traço psicológico de controle e domínio que desenvolve valores torpes de se conceber o social de forma hierarquizada e segregacionista” (NOVAES, 2013, p. 369).

Na modernidade, a masculinidade do homem moderno encontra-se em decadência em razão da ascensão das minorias (mulheres, homossexuais, negros, etc.), cuja proposta é questionar os privilégios do homem padrão (homem, hétero, branco, jovem), condenando-os, pois a homosociabilidade masculina é impostada no contexto da violência e do risco⁷⁸, tendo o corpo como seu atributo masculino simbólico. O corpo masculino, forte e viril, se torna assim um capital, pois mantém o poder de atração sexual. O corpo como capital é disciplinado, assim como a masculinidade, que se dá de acordo com a hierarquia dominante entre os homens.

Nesse mesmo sentido a *maricona* Hermes, por exemplo, afirmou que existe uma “*pegada diferente quando o cara tem mais pinta de homem*”, e apresentou uma compreensão entre feminização e transexualidade carregada por estereótipos, associando a feminização com transexualidade, e transexualidade com prostituição e práticas delituosas:

Pesquisador: Caras muito afeminados, não é um problema?

Hermes: Não, não é muito meu perfil não.

⁷⁷ A novela que a *maricona* Baco se refere é “A força do querer”, escrita pela novelista Glória Perez e produzida pela Rede Globo de Televisão, reprisada em 2021, em razão da pandemia.

⁷⁸ Novaes (2013) aponta que o uso de drogas para fins específicos no contexto esportivo é outra característica desse processo de sociabilidade e de práticas produzidas e reiteradas, a partir de uma procura de alcançar o padrão masculino, viril e fisicamente forte. Neste sentido, aponta também que não há diferenças com o cotidiano dos bailes funks, em que o uso das drogas também visa atingir um fim específico, dentro de uma função que se direciona à um estilo de vida: “No caso dos frequentadores de bailes *funk*, o uso é feito com o intuito de estimular e potencializar o caráter da disposição guerreira, do forte, do poderoso, do que pode tudo; em relação aos lutadores de jiu-jítsu, o uso de drogas está associado ao exercício físico pesado para modelar o corpo, criar músculos e também para torná-los fortes, poderosos e invencíveis, ou seja, igualmente funciona para estimular e potencializar o caráter da disposição guerreira” (NOVAES, 2013, p. 376)

Pesquisador: Por quê?

Hermes: Porque a pegada é diferente quando o cara tem mais pinta de homem, quando tipo assim, curte homem, você entendeu? Acho que os caras afeminados vão mais para a questão dos trans, eles têm o público deles.

Pesquisador: Qual é o público deles, o que você acha?

Hermes: Acho mais o afeminado e trans, ele leva mais para o lado prostituição mesmo, entendeu? Então ele não tem aquela pegada. É lógico que do lado de cá, versátil, os caras reservados, casados, namorados, amigos, grupos, de igreja, escola, vizinhos, curtem, mas rola dinheiro? Rola. Rola festinha? Rola. Rola sigilo? Rola. Só que é tipo assim, o cara pode tá com um tesão, pode tá muito doido para sair, eu vejo isso, não só pra mim, eu vejo caras comentando, tem medo, por causa do perfil deles ser mais afeminado, ‘sou travesti’, tipo assim: ‘se eu falar, não dá nada, já sou queimado mesmo’, entendeu? Então o público já tem medo deles, entendeu? Mesmo as pessoas que curtem têm medo deles, entendeu? Eu vejo nesse olhar.

Fobos, por sua vez, ratifica a compreensão de que ser bicha é não ser ajustar ao esperado. No entanto, expõe uma compreensão equivocada ao afirmar que ser gay afeminado significa até mesmo alterar a personalidade em razão da sua sexualidade:

Fobos: Eu não gosto, até feio o que vou falar, mas eu não me relacionaria com uma pessoa afeminada.

Pesquisador: Por quê?

Fobos: Porque não me atrai.

Pesquisador: O que nela não te atrai?

Fobos: Ser afeminado. Se a pessoa, a questão da sexualidade, por gostar de homem, for alterar a personalidade da pessoa, isso aí já não me atrai.

Cabe destacar que nem todas as *mariconas* interlocutoras manifestaram aversão à feminização. Hefesto, por exemplo, afirmou que só se interessa por homens afeminados, justamente porque estes não têm comportamentos machistas. Ela também elencou comportamentos pelos quais ela própria se vê como afeminada:

Hefesto: ... ah, eu não sei, eu gosto de homens mais delicados.

Pesquisador: O que é ser um homem delicado para você?

Hefesto: Homens que tenham (pausa) ... que não tem o comportamento de machista, eu não gosto de homem que ... que tem aquela ideia de macho, não gosto.

Pesquisador: Você se atrai por homens que no meio LGBT são chamados de afeminados?

Hefesto: Sim, LGBTQIA+. Sim, gosto de homens mais afeminados.

Pesquisador: Porquê?

Hefesto: Porque eles não são machos (risos).

Pesquisador: E essa vivência sexual com esses homens é algo tranquilo para você?

Hefesto: Todos eles foram, todos eles, eles são mais afeminados, todos eles que eu já namorei. Já namorei um por quatro anos, outro três anos, dois anos, todos eles.

Pesquisador: Você se vê afeminado?

Hefesto: Dizem que não, mas eu me vejo.

Pesquisador: Por quê?

Hefesto: É porque eu não tenho essa coisa de macho, eu não sou, eu não coço o saco, não cuspo no chão (risos). Tô zoando. Mas é que eu acho... então não, não me vejo afeminado, tá? Eu me entendo como gay, e eu aceito. Ah, talvez é isso: talvez o afeminado pra mim é aquela pessoa que se aceita. Não consigo me relacionar com quem não se aceita.

Nesse sentido, foi possível perceber, a partir do trabalho de campo, que o machismo no interior da própria comunidade, faz com que, em sua maioria, gays afeminados sofram preconceitos entre seus pares. Quando essa condição de feminização é interseccionada com outros aspectos, tais como os étnico-raciais, essas masculinidades apresentam territorialidades que são específicas das subjetividades das ‘bichas-pretas’, marcadas por estereótipos falocêntricos, em que se associam corpos masculinos negros à uma obrigatória virilidade e atratividade sexual.

Eros: O que me atrai geralmente são pessoas assim, morenas, pode ser morena, é mais assim, eu gosto de homens negros e mais magros. Não que eu tenho nada contra, mas tipo assim, é meu biotipo, é um perfil mais grotesco, pedreiro, e negão, sabe? Às vezes, barba até... esse é o que me atrai.

O relato acima da *maricona* Eros demonstra o que Paulo Melgaço SILVA JUNIOR e Marcio CAETANO (2018) problematizam em relação às masculinidades negras, que podem ser analisadas a partir da colonização, em um processo generificado e que orbita por uma masculinidade hegemônica que é branca. A colonialidade (relações de poder) e colonialismo (contexto de colonização)⁷⁹ demarcam as formas de ser masculino, sendo mais recentemente

⁷⁹ Paulo Melgaço da Silva Junior e Marcio Caetano apresentam que colonialidade, colonialismo e decolonialidade são conceitos distintos: “A **colonialidade** é mais duradoura e envolve as relações de poder que emergem do contexto do colonialismo europeu e que têm associado dominação a subordinação e colonizador ao (à) colonizado(a), não obstante a emancipação das colônias. A colonialidade é parte constitutiva da modernidade, é seu lado sombrio, oculto e silenciado (Mignolo, 2003). (...) a colonialidade envolve as relações de poder que emergiram no contexto histórico do colonialismo europeu nos continentes americano, asiático e africano. Entretanto, seus efeitos não se limitam àquele período de domínio imperial; deixou consequências físico-psicológicas no Ocidente e Oriente”. (SILVA JUNIOR & CAETANO, 2018, p. 191-192). Já a **decolonialidade** trata-se de “(...) uma crítica da modernidade baseada em experiências geopolíticas originárias no sul do hemisfério e nas memórias da colonialidade. Ela busca possibilidades de desvelar os processos de colonização, que acabaram por produzir subjetividades subalternizadas e por inferiorizar determinados grupos sociais, como indígenas e negros(as), ao mesmo tempo em que se preocuparam com a negação e desqualificação de seus conhecimentos quando comparados aos eurocentrados” (SILVA JUNIOR & CAETANO, 2018, p. 193). (**grifo nosso**).

no contexto educacional acionadas as questões da decolonialidade para se pensar criticamente o colonialismo, além dos processos econômicos e históricos da colonialidade. Nessa perspectiva colonial, eminentemente falocêntrica, os corpos negros são sexuados:

A lógica do mercado afetivo constrói o homem e a mulher negra como sensuais, sexualmente potentes e sempre prontos para realizarem desejos e fantasias. Seus corpos, em princípio, estão livres das regulações preconizadas pelos valores judaico-cristãos e orientados pelos valores carnis e demoníacos do desejo, como preconizado pela colonialidade. O reconhecimento e o pertencimento dos corpos de homens e mulheres negras passam pela sexualização da existência (...). (SILVA JUNIOR & CAETANO, 2018, p. 193).

Marcia AMANTINO e Jonis FREIRE (2018), por sua vez, apresentam que a história da sociedade brasileira e das masculinidades é marcada pela escravidão vivenciada no país⁸⁰, desde as formas de dominação pelos colonizadores até as formas de sobrevivência de negros africanos que migravam internamente:

A sociedade brasileira está marcada em sua essência pela presença negra, quase sempre mestiçada com outros grupos étnicos. Pensar no povo brasileiro significa analisar as mestiçagens biológicas e culturais ao longo de diferentes processos históricos, muitas vezes com base na violência física. Como visto, os milhares de africanos que aportaram em terras brasileiras trouxeram consigo seus corpos amedrontados, sua cultura e seus valores, e conseguiram, com maior ou menor grau de eficiência, se adaptar em uma nova sociedade baseada em premissas hierarquizantes e excludentes (AMANTINO & FREIRE, 2013, p. 47).

Desta forma, masculinidades negras vivem um trânsito territorial entre as masculinidades hegemônicas e subordinadas. Ao mesmo tempo em que tem a sua identidade social negra se constituindo num processo hierárquico subalterno, no qual vivencia a exclusão política e econômica, sua identidade sexual é construída como a negra, e isso lhe confere a ideia de poder ao associar a figura do homem negro com o estigma de potência para a reprodução, uma vez que o negro deve portar necessariamente um pênis avantajado. Essa cultura preconceituosa ocorre porque a raça é um elemento constituinte que faz com que homens negros ainda na infância e juventude, aprendam de forma violenta, como devem ser e agir a partir da concepção de virilidade, e quando na iniciação sexual, que sua performance

⁸⁰ Os autores pontuam que o desequilíbrio sexual entre os escravos brasileiros não conseguiu desorganizar suas vidas. Foi preciso pensar em estratégias e experiências para que estes homens, mulheres e descendentes, encontrassem certos espaços de autonomia e sobrevivência, por meio de solidariedade e reciprocidade. Aliás, até hoje, homens e mulheres negras precisam vivenciar processos de subversão à ordem culturalmente imposta que os excluem dos processos sociais (Marcia AMANTINO; Jonis FREIRE, 2018).

obrigatoriamente deve ser ativa. Neste caso, além da perspectiva falocêntrica, os autores pontuam que até seus testículos ganham destaque, pois

(...) por meio deles, são produzidos a quantidade e textura do esperma. Importantes elementos do ato sexual, a textura grossa e a quantidade do esperma sinalizam quatro elementos interessantes ao debate: a satisfação sexual do homem; a eficiência e a autoestima da parceira desse homem; o sujeito é homem de verdade dado o imaginário em que a quantidade e a textura do esperma são garantias de gravidez da parceira sexual; e se algo comprometer esse empenho, a masculinidade ou o ato sexual não foi complexo e/ou satisfatório. Esses elementos orientam e assombram, em maior ou menor grau, a masculinidade negra (SILVA JUNIOR & CAETANO, 2018, p. 196-197).

Assim, tem-se que uma performatividade que é territorializada de forma subversiva: a masculinidade negra passou a absorver os estereótipos de uma expectativa biológica (portador de um pênis grande) e sexual (papel ativo e viril) do colonialismo, o que, de certa forma, transformou o que lhe desumanizaria em algo positivo: ter orgulho da virilidade e de sua superioridade, em relação ao homem branco e suas práticas sexuais. Meeg Rayara Gomes de OLIVEIRA (2018) contribui na compreensão dessa territorialidade preconceituosa, ao apontar como relevante a necessidade de se considerar outras formas de subordinação das experiências e subjetividades de homens negros, uma vez que estes sofrem de falomaquia⁸¹ por homens brancos, numa violência discursiva e simbólica que visa a marginalidade sexual e social. A autora pontua que o homem negro, nessa relação que o hierarquiza abaixo do homem branco, é aquele tomado a partir de características que são essencialistas: precisa ser forte, viril, e ter a *neca* grande. Seus limites estão assim contornados nas dimensões de seu corpo, cuja extensão simbólica recai na sexualidade, afinal, é preciso também ‘ser bom de cama’.

Quando a masculinidade negra é analisada em ambientes gays⁸², segundo a autora, além da falomaquia, o homem negro pode ter outras subjetividades ainda mais marginalizadas caso se apresente afeminado, pois tem-se aí a figura da ‘bicha-preta’. Há, desta forma, um choque

⁸¹ Rolf Manungo de SOUZA, no artigo “*Falomaquia: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente*” (2013), aponta que “(...) as representações de homens negros e brancos fazem com que estes dois grupos se coloquem em posição antagônica pela disputa pelo prestígio da masculinidade. Cabe lembrar que as interações entre homens, de qualquer grupo étnico são marcadas pela disputa entre homens de origem africana e europeia que têm características próprias, subjazendo, neste pugilato, todos os mitos criados em torno do pênis do homem africano, a sombra que o homem branco criou e que se voltou sobre ele mesmo (...). Esta disputa (maquia) pelo poder (phallus) e prestígio conferidos pela masculinidade entre homens negros e brancos é o que eu chamo de falomaquia (Souza, 2010). Esta luta, às vezes, tem caráter de uma verdadeira titanomaquia, mas na maioria é um verdadeiro massacre” (SOUZA, 2013, p. 40).

⁸² Entendo que outras pesquisas com o foco em vivências de *mariconas* negras podem aprofundar as reflexões sobre tais territorialidades a partir desse marcador social de diferença.

também com as hierarquias raciais, em que o homem negro é sujeito de desejo, e como uma coisa, deve ser viril, penetrante. Para tanto, em nada deve ser associado à figura feminina.

Esse modelo de masculinidade negra presente em ambientes *gays* agrega ao mesmo tempo dois estereótipos relacionados ao homem negro: o “negão”, que é aquele sujeito cis heteronormatizado, viril e de grande apetite sexual, e o “negro de alma branca”, que por meio de uma boa educação pretende integrar-se à sociedade branca, mas, que na maioria das vezes, é ironizado por ela, sendo apenas tolerado, conforme alude João Carlos RODRIGUES (2012). Por outro lado, esses mesmos homossexuais recusam a companhia de sujeitos que expressam condutas afeminadas, de viado, de bicha, reproduzindo em parte a conduta opressora da qual são vítimas (OLIVEIRA, 2018, p. 131).

6. “*TODO MUNDO JÁ PEGOU TODO MUNDO*”: EXPERIÊNCIAS DE HOMOSSOCIABILIDADES GAYS

Neste capítulo, as multiterritorialidades das *mariconas* se referem às experiências de homossociabilidades empreendidas na condição de gays envelhecetes na cidade de Governador Valadares, a partir dos seguintes recortes: as questões de saúde sexual em decorrência do pânico da Aids e o aumento dos índices de sífilis; as práticas de pegação gay em espaços públicos, como os ‘banheirões’, e por meio do uso de aplicativos; e, o medo de exploração financeira e da troca de favores sexuais em envolvimento afetivossexuais.

6.1. O FANTASMA DA AIDS E A PRESENÇA SILENCIOSA DA SÍFILIS

O fantasma da aids e alta incidência da sífilis constituem também uma das formas pelas quais as homossociabilidades de homens gays envelhecetes na cidade de Governador Valadares se constituem:

Hefesto: Quando eu era criança, eu frequentava o “Clube Vermelho”, meu pai trabalhava numa empresa aqui e a gente tinha carteirinha do “Clube Vermelho”. Teve uma vez isso, na década de 90, a década de 80 foi a década do boom, da descoberta do HIV, da aids, e não era HIV, era aids, não é? E no “Clube Vermelho”, uma vez (riso nervoso), eu lembro como se fosse hoje, tinha um casal, dois homens, eles não estavam se beijando, mas estavam brincando dentro da piscina, fazendo carícias, alguma coisa assim, e como o HIV era uma doença relacionada a aids, vamos chamar de aids, porque naquela época era. Como a aids era a doença dos gays, eu lembro que o clube era cheio, mas eles estavam na piscina, e na piscina grande e tal, eles estavam nessa piscina, e onde eles estavam, não ficava ninguém em volta deles, ninguém. Até que um dia, uma hora eles foram convidados a sair da piscina. E eu lembro que eu fiquei tão fascinado com aquele comportamento deles, e que tipo assim, eu não tinha experiência, vivência, não sabia o que era aids, HIV, não, só que era a doença dos gays, e aí eu lembro que eu mergulhava para poder chegar perto deles, sem... ‘*ah, tô nadando sem querer*’. Mas não é questão sexual, mas a questão de descobrir aquilo, que aquilo existia, e eu vivia aquilo.

Pesquisador: E eles saíram da piscina quando eles foram convidados?

Hefesto: Sim, sim, saíram do clube!

O forte relato de Hefesto remete à uma experiência na infância que o fascinou ao perceber que havia outros homens que lhe pareciam semelhantes, despertando o desejo de melhor entender o que se sentia internamente em relação à sua atração afetivo-sexual. Ao

mesmo tempo, essa experiência o territorializou com a marca de um espaço de experiência coletiva, localizada nos anos 1980/1990, que reflete os impactos do *boom* da aids, pejorativamente tomada à época como a “doença dos gays”.

Na literatura brasileira sobre o envelhecimento de homens gays, as contribuições de Carlos Eduardo HENNING (2014) são significativas para compreender, em uma linha do tempo, o que Hefesto relata como impactante para uma geração infantojuvenil naquele tempo passado, e que hoje estão processos de *mariconice*. Em sua tese, o antropólogo apresentou didaticamente apreensões que apontam para o que ele denominou como sensibilidades geracionais de LGBTs⁸³, organizadas em cinco períodos recentes⁸⁴, e as considerou como singulares⁸⁵.

É justamente no contexto de transição de regime político que ocorre o terceiro ‘*khronos*’ proposto por Henning (2014), a partir do refreamento do desbunde gay e da crise epidêmica da Aids. Segundo o autor, se por um lado, havia uma abertura política em prol da redemocratização no país, o surgimento da aids impôs mudanças morais ao regime de visibilidade que a homossexualidade havia conquistado nos anos de 1970, uma vez que militantes pioneiros do grupo SOMOS, por exemplo, foram vítimas do vírus e houve uma desarticulação das pautas políticas até então elaboradas. Instaurou-se um movimento de cunho moral-sanitarista, a partir de um “pânico moral promovido pela doença”.

Em sua pesquisa, o antropólogo obteve narrativas que remetem a esse período da contaminação pelo HIV como um momento traumático das formas de se estabelecer relações

⁸³ Henning (2014, p. 248) afirma que se trata de “uma maneira de me referir às identificações de fundo etário-geracional”, com o intuito de “evitar uma leitura reificada de ‘geração’ e, por outro lado, como uma maneira de dar margem à expressão do caráter fluído, conjuntural e por vezes incoerentes que essas associações e identificações geracionais tendem a ganhar corpo nos relatos de campo”.

⁸⁴ Sucintamente, para o antropólogo, o primeiro período se refere aos anos 1950-1960 e se refere às festas privas e bares de “entendidos”. O segundo período, na década de 1970, aponta para a expansão de bares e boates, com o desbunde homossexual. O terceiro, da década de 1980, aponta para o refreamento do desbunde, a crise epidêmica da aids, e a necessidade de suporte social e o luto. O quarto período, na década de 1990, tem-se a expansão da visibilidade e ostentação, com o ativismo e militância, ao mesmo tempo, com o término dos guetos gays. O quinto período seria referente a 2000-2010, com a disseminação da internet, que permite a pegação online e fast-fodas, tratadas mais a seguir (HENNING, 2014). Por empréstimo, entendo que posteriormente a produção do antropólogo, já vivenciamos um sexto período, relativo ao período de 2010-2020, com o estabelecimento de um pânico moral da homossexualidade e a perseguição política de dissidências sexuais, e a partir de 2020, um sétimo período que são as crises pandêmicas, a começar pelo Covid-19. Tais propostas serão apresentadas nos capítulos 7 e 9, respectivamente.

⁸⁵ Ainda no exercício didático de organizar os períodos dos movimento homossexual brasileiro, Duarte (2015) menciona que este foi analisado inicialmente por Julio SIMÕES e Regina FACCHINI (2009) em três ondas: “A primeira onda compreende o final de regime militar, o período de abertura política, de 1978 em diante: a segunda onda ilustra o período de redemocratização acerca da Assembleia Constituinte e o aparecimento da epidemia do HIV-Aids; finalmente, a terceira onda, a partir dos anos 1980, que consolida a parceria com o Estado e a multiplicação de grupos ativistas promovendo a diversificação de vários sujeitos a partir da atual designação LGBT. (...) Este período também assinala a expansão de um mercado segmentado volta a homossexualidade: moda e design, festas, diversão, lazer, viagens, entre outros” (DUARTE, 2015, p. 73).

homoeróticas. Da liberação sexual do desbunde teve-se, assim, o retorno ao armário das práticas sexuais e das relações afetivas entre homens. Por outro lado, estabeleceu-se a necessidade de se ter apoio social aos que eram contaminados, inclusive por amizades intergeracionais. Toda a situação de crise epidêmica trouxe como consequência a necessidade de articulação por políticas estatais de direitos humanos, com o foco, em um primeiro momento, no controle de infecções sexualmente transmissíveis e da aids.

Na entrevista com Hefesto, a *maricona* reflete que “(...) foi criado, construindo um mundo de medo do HIV”. Ele explica como percebe uma diferença no comportamento de gays que, assim como ele, foram criados antes da década de 1980 e do *boom* da aids, e os que foram criados a partir dos anos 1990, estando hoje com 30 anos. Inclusive aponta que tem uma dificuldade de se relacionar com gays mais velhos, justamente porque esta geração (com mais de 30 anos) teve sua vivência da homossexualidade estigmatizada como algo ruim, pecaminoso e doente.

Hefesto: É o seguinte: nascido na década de 80, final da década de 80, é criado na década de 90. É uma experiência de vida, uma experiência de mundo. Quem foi criado antes da aids ... eu acho que o que marca muito as relações sexuais masculinas gays é a década de 80. Eu acho que na década de 80 ela é era um ... existem as pessoas que nasceram antes do HIV, e pessoas que nasceram pós-HIV, e aquelas que a viveram ou a vivem. Eu vivi, eu fui criado, construindo um mundo de medo do HIV. Então assim, na minha construção, pessoas de 30 anos né, nós vivenciamos uma época que é pecado, doença, então tudo de ruim na sexualidade homoafetiva ou homoerotismo, que existia muito. Ok? Anterior ao HIV, nós tínhamos literatura, nós temos “O Ateneu”, saca? Que tem uma pegada homoerótica, nós temos no... isso daí não, mas enfim, é uma pegada mais erótica, mas é uma outra história, que é o Oscar Wilde né? Então assim, nós temos antes disso, mas quando a gente vive nessa década de 80, 90, é muito medo. Então, é muito a sexualidade homoafetiva, a homossexualidade e a homoafetividade, ela é vista de uma forma muito ruim, muito ruim. Então aquelas pessoas que viveram antes, é mais difícil a gente relacionar com elas (risos).

A *maricona* Poseidon, por sua vez, afirma que vivenciar o início da adolescência no *boom* da aids no término dos anos 80 e início dos anos 90 foi perturbador, ainda mais em uma cidade como Governador Valadares, em que a religiosidade é uma territorialidade muito forte:

Poseidon: Ah, essa época de ... era início dos anos 80 né, uma década muito complicada, era, olha para você vê, tinha uma pandemia, nós vimos uma pandemia nessa época, pandemia da aids, e era uma pandemia que a princípio, ela era, ela recebeu até mesmo a alcunha de ‘praga gay’, então você imagina né? Eu estava me descobrindo gay,

no cenário, de falar, vamos colocar a cidade de Valadares. Vamos falar primeiro sobre esse cenário de Valadares, porque é a questão da religiosidade da cidade, me afetou demais né, porque eu comecei a frequentar a igreja com sete anos de idade. E a gente sabe que sempre existiu esse antagonismo com relação a ser gay e ser cristão. Então, eu ao mesmo tempo que eu estava imerso no cenário religioso, eu estava também inserindo e nascendo gay, isso começou a ser muito conflitante, tinha essa questão da praga gay também surgindo, então era muita, muita coisa para uma cabeça (risos), muito pequena, vamos dizer assim, então não foi fácil minha adolescência. Foi um início perturbador, essa década dos anos 80 mexia com a comunidade gay de uma maneira muito, muito forte.

Já Asclépio lembra os traumas do início de sua adolescência por causa do *boom* da aids ao recordar atividades no contexto escolar em que se reforçava a morte de gays por HIV:

Asclépio: (...) a gente é da geração que ... e eu mesmo na escola, eu lembro que eles passaram para a gente o filme, que mostrava um casal gay que morria de HIV, o filme era muito famoso na época, porque era parte da educação né, para a questão da prevenção de DST e... a nossa geração da década de 80, viu as pessoas morrerem HIV, então por medo, mesmo que a gente toma cuidado, às vezes, por exemplo, você faz sexo oral e você não usa camisinha no sexo oral, mas nas outras práticas sexuais, por exemplo, penetração você usa camisinha, mas a gente sempre tem medo, e a gente se cuida né, assim, meio que uma paranoia né, vamos dizer assim.

A *maricona* Baco relatou a experiência de ter trabalhado nos anos de 1980 em Governador Valadares coletando sangue da população gay local, e faz uma reflexão sobre aquele momento no contexto nacional, comparando-o com os fatos recentes da pandemia da Covid-19. Para a *maricona*, os gays de Governador Valadares não compreendiam muito bem o surgimento da aids naquele tempo:

Pesquisador: Você falou aí da questão, da experiência de você ter coletado sangue lá anos 80 né, de gays, e tal. Como que foi a vivência desse período da Aids para gays, em Valadares, naquela época, como que você percebia isso?

Baco: Olha, a vivência, primeiro que eu tinha uma vivência relativamente pequena na época, mas o que eu tinha de vivência é só não ser assustado, porque fica mais ou menos igual a pandemia do coronavírus, se não chegar na sua casa, você ainda não usa máscara e tudo e tal, você só apavora quando ela chega, né? E aquela coisa nesse período, ela era muito ainda... os meios de comunicação não eram tão... primeiro que as coisas ficaram muito escondidas, né? A gente começou a perceber a gravidade da coisa, quando aparecia na televisão e a Globo noticiava aquilo muito pouco, é tanto que Freddy Mercury

só foi falar com o pessoal que ele tava doente, há três meses antes de morrer, Cazuzza da mesma forma. então esse pessoal é que trouxe a reflexão, quando os artistas começaram a morrer, o cara da banda lá de Brasília, o Renato Russo, e tal. Esse pessoal todo, esse pessoal trouxe uma contribuição muito grande na sociedade na época, alertava, né? Você perguntou sobre os anos 80, nos anos 80 já estava no auge do rock nacional, e também estávamos no auge do rock internacional, e nós tínhamos aí Queen e tal, e aí você começa ver as grandes estrelas do rock morrer de AIDS e tal, e começava a ligar as drogas e tudo. Mas, exclusivamente Governador Valadares, você não tinha medo da coisa naquela época, começa mais ou menos igual a nossa pandemia. Todo mundo começou a usar camisinha naquele primeiro momento, mas daí a pouco vai e começava a jogar a camisinha de lado, igual faz com a máscara, entendeu? Já joga de lado. É mais ou menos a mesma coisa, entendeu? Mas no princípio não tinha aquele medo né? E exclusivamente sobre o trabalho que nós fizemos, era difícil para você convencer uma pessoa, daquele trabalho que você tava fazendo, que era um trabalho de amostragem, de exame de sangue, sobre doença. Até você explicar para as pessoas, o conhecimento era muito pouco, era muito pouco, eu peguei um grupo de gay devia ter uns oito gays, mais ou menos, naquela esquina do negócio, e aí eu fui explicar para eles, o que que era nosso trabalho, explicar sobre a doença, que era uma doença viral que tava matando muita gente, e tal, ‘*não, que isso, não existe*’. A teoria da conspiração já existia lá naquela época, entendeu? Meio que burra né? ‘*É que tão querendo acabar com os gays e tal...*’, entendeu? Era muito difícil até para você colher o sangue dos caras.

Do *boom* da aids até os dias de hoje, o Brasil teve muitos avanços nas políticas de saúde sexual e de prevenção à transmissão de infecções sexualmente transmissíveis. Porém, uma demanda local de saúde pública que foi destacada durante a realização das entrevistas pelas *mariconas* foi a dificuldade de se conseguir a PrEP⁸⁶ no município. Hypnos ao relatar sua preocupação com sua saúde sexual, informou que por Governador Valadares não fornecer a PrEP até aquele momento, “importava” a medicação da cidade de Juiz de Fora, onde conseguia mais facilmente a profilaxia:

Pesquisador: Quais são os cuidados e prevenção de saúde que você toma em relação às suas vivências sexuais?

Hypnos: Eu faço uso de PrEP, já faz algum tempo, e no possível, sempre, dependendo do parceiro, camisinha. Faço os exames anualmente né, de rotina.

Pesquisador: O uso de PrEP que você faz é pelo serviço público?

⁸⁶ Trata-se de uma combinação de medicamentos para prevenir o HIV, sendo a profilaxia voltada para as populações-chave, formadas por pessoas que têm maior risco de serem infectadas pelo HIV. É composta pelo o que se chama de prevenção combinada; no entanto, a PrEP não é capaz de proteger das outras infecções sexualmente transmissíveis (IST 's), tais como sífilis, clamídia, gonorreia, hepatites B e C e HPV. Sugiro a dissertação de mestrado em Assistência Farmacêutica de Guilherme ZIRBEL, intitulada “*Eu confio na PrEP: o uso do medicamento da profilaxia pré-exposição ao vírus da imunodeficiência humana (Florianópolis, Santa Catarina)*”, defendida em 2021, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Hypnos: Não é o daqui porque aqui eu não consegui, mas eu pego lá em Juiz de Fora.

Pesquisador: Aí você vai lá em Juiz de Fora para pegar?

Hypnos: Não, eles mandam para mim, que eu tenho parentes lá, e meu primo também que é homossexual, mora lá, já fazia uso aí, eu meu me cadastrei como morador de lá para conseguir, que aqui em Valadares eu tentei, eles não fornecem, para essa finalidade, eles só fornecem para tratamento soropositivo, porque ela também pode ser usada no coquetel né?

Pesquisador: E como você analisa isso, o fato de Valadares não fornecer PrEP preventivamente?

Hypnos: Olha, eu achei até estranho porque pelo que, quando a gente vai lendo no site do Ministério da Saúde, é um direito, digamos assim, não é bem determinado, que não chega a ser uma diretriz de SUS, mas tem lá constando que é só dar entrada e tudo, eu até pensei em fazer a documentação para pedir a entrada, para vir para Valadares, mas não, vai dar muito trabalho, no momento eu não tô com disposição para isso (...), eu falei não vou mexer não, aí eu conversando com pessoal lá, eles me falaram, então vamos fazer aí e foi questão de 10 dias, foi de acordo, liberado e tal, mais depois de dez dias chegou para mim, eles me mandaram pelo correio. Mas é estranho, inclusive eu acho que poderia até diminuir muito, não que isso seja algum um escudo, salva vida né, mas acho que se tivesse aqui em Valadares, tivesse a devida instrução, nós teremos bem menos casos de HIV aqui, e Valadares tem um índice, um número muito grande de HIV, né?

Já a *maricon*a Hefesto relatou sua dificuldade em conseguir ter acesso ao PEP - Profilaxia pós-exposição, na rede pública de saúde municipal, informando a falta de conhecimento e preparo médico para o atendimento com esse objetivo. Visivelmente emocionado ao fazer seu relato, a *maricon*a acredita que só obteve êxito porque se considera uma pessoa instruída e conhecedora de seus direitos, e apontou que há uma carência de aperfeiçoamento dos serviços locais destinados aos cuidados de saúde sexual da população:

Hefesto: Oh, não é ser gay. Viver a sexualidade, seja ela qual for, expressão sexual em Valadares é difícil, porque aqui é bem conservador. Para você ter ideia, aqui nós não temos o PEP, profilaxia pós... como se pronuncia? Nós não temos o PREP, em Valadares não tenho PREP. Ou seja, nós temos vários profissionais do sexo, nós temos várias pessoas, homens que fazem sexo com homens, e que poderiam solicitar no sistema SUS o PREP e nós não temos. Então não é a sexualidade homo, mas sexualidade em Valadares é problema, e não é interesse de saúde pública, saúde pública aqui em Valadares. Nunca se preocupou com a sexualidade humana aqui, nunca. Nunca houve uma campanha aqui que fosse importante, significativa, aqui em Valadares. Eu tenho 34 anos, nunca vi uma campanha importante, significativa. Para você ter ideia, uma vez, em 2019, eu transei com uma pessoa sem camisinha. Acionei a rede para eu poder usar o PEP né? (...) só deu certo porque eu sou eu, se fosse uma pessoa que não tivesse conhecimento, não tivesse inteligência emocional, ou ansiosa, ou depressiva, ela não continuaria nesse processo, por que? O médico

que me atendeu. Vou começar pelo rolê: você tem que fazer uso do PEP até 72 horas, depois disso ele já não funciona mais, ok? Então, isso foi num domingo. Na segunda-feira, antes de completar 24 horas, eu fui estudar. ‘Meu Deus, pra que eu fiz isso’, me culpei horroroso, então já tem aquela questão da culpa, angústia da pessoa. Fui procurar, pesquisei, isso nas 24 horas. É no CRASE que olha isso, referência Aids em Valadares, fui no CRASE. Não é no CRASE, é no hospital, você tem que ir no hospital, e aí passei na porta do hospital naquele dia, nas 24 horas, eu fiquei ‘*aí, não vou não, tá muito cheio e tal*’. Fui nas 48 horas, no outro dia, terça, que iria fazer as 48 horas. Fui no hospital, cheguei no hospital, eu tive que passar pela triagem, tudo mais, ok, cheguei na triagem e falei: ‘*eu fiz sexo sem camisinha, eu quero usar o PEP*’. Fez tudo direitinho, foi super acolhedor, enfermagem ok. Fui para a sala esperar, cheguei lá, o médico foi ... que é até o médico até famosinho aqui em Valadares (pensando), ele pode falar nome?

Hefesto: Pode falar nome?

Pesquisador: Pode.

Hefesto: Então, tá bom então (risos). Do X, alguma coisa X (sobrenome). Ele me atendeu e foi e falou o seguinte: “*o protocolo é você tem que fazer o exame, e depois que você fizer exame, e chegar o resultado, aí você vai e usa medicação, e depois que você usar medicação...*”. Enfim, ele me falou o protocolo de pessoas que já vivem com HIV. Eu falei assim: ‘*oh, doutor, eu tenho 72 horas para iniciar a medicação por PEP, isso é meu direito, e eu exijo isso, eu não tô pedindo, quero fazer, e eu sei que na rede de Valadares tem PEP, então eu quero, não tô pedindo*’. E ele foi, aí tipo que subiu, porque ele que médico, eu fui, fiquei sentado na cadeira que eu tava sentado lá, também fiquei, aí ele foi, saiu da sala, deve ter ido para conversar com a enfermagem, para ligar para qualquer pessoa na farmácia sei lá, e foi e me deu a solicitação do PEP, e foi, tipo tirou um sarro, que eu tinha que tomar mais cuidado. Eu sei, mas estava fragilizado (riso com choro, emocionado). Não é fácil você ter que exigir seu direito, ainda mais nessa situação. Aí, beleza. Aí ele foi, e me deu. Fui lá na Enfermagem, tive que tomar uma porrada de vacina, porrada de injeção, e saí de lá com as medicações. É o mesmo antirretroviral do HIV, então todos aqueles sintomas de 28 dias tomando aquelas medicações, diarreia, etc. Enfim, o que eu quero dizer com isso é que, não existe em Valadares o cuidado com a atenção sexual, porque as pessoas na linha de frente não sabem trabalhar com isso.

Com o Boletim Epidemiológico HIV/aids (Sida), em sua *Edição Especial*, de 23 de setembro de 2021 (GOVERNADOR VALADARES, 2021)⁸⁷, o Poder Público evidenciou o perfil epidemiológico local, através de análise dos últimos 10 anos (2011-2020), com o intuito de compreender o comportamento do HIV/aids na cidade. Segundo o documento, no referido período, no Brasil foram notificados 306.045 casos de HIV e 376.938 de aids. Em Minas

⁸⁷ Disponível em:

<https://www.valadares.mg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/Boletim_Epidemiologico_HIV?cdLocal=2&arquivo=%7BE2D0E0D6-2AAE-0CCA-DEAB-BA6BE22EDACD%7D.pdf>

Gerais, a notificação de HIV foi de 21.784 casos e de aids, 26.034 casos. Em Governador Valadares, 539 casos de HIV foram notificados, e 407 de aids⁸⁸.

O documento também indicou que no município a população adulta jovem (20 a 29 anos) e do sexo masculino foi a responsável pela maior parte dos casos, e que “(...) a principal via de transmissão a via sexual por relação do tipo HSH – Homens que fazem sexo com homens, enquanto nas mulheres o predomínio foi nas relações heterossexuais”. O documento também aponta que parte significativa dos jovens têm mais conhecimento atualmente sobre formas de prevenção de HIV e outras ISTs, no entanto, preferem não utilizar preservativos. Entre as recomendações gerais elencadas à época encontrava-se: “Instituir Profilaxia pré-exposição (PrEP), a fim de reduzir a contaminação pelo HIV em grupos de risco” (GOVERNADOR VALADARES, 2021, p. 11).

IMAGEM 1.

Divulgação em rede social sobre fornecimento de PrEP em Governador Valadares



Fonte: @uniaoigualdadeeforca (2021).

Cabe ressaltar que a demanda apresentada pelas *mariconas* de fornecimento de PrEP no município foi pauta política de articulação protagonizada pela AAUIF – Associação Atlética União, Igualdade e Força, uma organização não governamental, que utiliza da rede social Instagram para pautar as questões sobre a comunidade LGBT, organizar e divulgar eventos e realizar mobilizações. Pelas redes sociais da ONG há a informação de que desde 2018 havia uma articulação com diversos atores políticos para acessar a Secretaria Municipal de Saúde com o intuito de pautar a necessidade da PrEP. Em outubro de 2021, a Prefeitura de Governador Valadares informou⁸⁹ que conseguiu o cadastro do Município e que o Governo do Estado passaria a fornecer a medicação a partir de novembro daquele ano, cabendo ao Município a

⁸⁸ Os dados epidemiológicos de cada município podem ser conhecidos acessando o banco de notificações do DATASUS, do Ministério da Saúde, pelo link: <<http://www2.aids.gov.br/cgi/deftohtm.exe?tabnet/mg.def>>

⁸⁹ Fonte: Site Prefeitura Municipal de Governador Valadares: <<https://www.valadares.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/valadares-vai-contar-com-a-prep-no-combate-ao-hiv/128774>>.

assistência ao usuário (avaliação da indicação do uso e acompanhamento clínico laboratorial), o que foi comemorado pelos ativistas LGBTs da cidade vinculados à Atlética.

Oito das quinze investigadas, afirmaram que não utilizam preservativos, e outras sete afirmaram que utilizam esporadicamente. Oito informaram espontaneamente que não fazem uso de preservativos quando estão em algum tipo de relacionamento fixo. Quatro afirmaram que não fazem exames de HIV nem esporadicamente porque têm medo do resultado, sete fazem esporadicamente, duas somente em casos de descuido, uma já fez somente uma vez, porém, nunca pegou o resultado. Apenas uma afirmou que faz o exame frequentemente.

Esses dados significam que pânico do HIV perpetua e impacta diretamente no autocuidado da saúde sexual das *mariconas* investigadas. Eros, por exemplo, quando perguntado se faz uso de camisinha em todas as relações sexuais afirmou: “*Quando eu estou namorando já há algum tempo, eu costumo fazer sem, mas assim, é uma coisa que não tá acontecendo há muitos anos (risos). Então, assim, sempre eu não posso falar, porque é mentira*”. Quando perguntado se faz regularmente teste de HIV, disse que não costuma fazer, mas “*tinha já algum tempo que eu não fazia, e eu entrei no laboratório, uma coisa assim, súbita, que eu tava querendo fazer, e tinha uma promoção de tudo quanto é doença sexual, era barato, isso foi quando a pandemia estourou no meio do ano*” (EROS).

Já a *maricona* Fobos, quando perguntada se faz exame de HIV, inclusive naquele momento de auge da pandemia da Covid-19, afirmou que realizava testes periodicamente, mas que sua preocupação é mais com a sífilis, porque segundo ela, na cidade há um surto de sífilis que pega “*igual pega coronavírus aqui em Valadares*”.

Pesquisador: Entendi. Para suas vivências afetivossexuais, então, nada alterou?

Fobos: Não, porque como eu te disse também não gosto muito de sexo né, então, eu falo de sexo sem penetração, coisa assim, sarro, essas coisas assim eu gosto, chama ‘*bromance*’ né? Sei lá como que se chama. O povo inventa cada nome. Então assim, não tive, inclusive, olha só pra você vê, como é o hétero e o gay. Faço exame de rotina e tal, fiz um quando eu tava namorando e depois que eu terminei o namoro, de seis em seis meses faço né? Aí eu fiz outro agora durante esse período que eu tive foi sarro, sexo oral, mas é importante fazer por causa das ISTs, por causa de hepatite, mas eu já tomei todas as vacinas já, mas vai que? Sífilis, também tinha sido vacinado, não, vacinei de HPV, mas vai que? Eu tinha 20 e poucos anos, mas vai quê? Então é bom fazer os exames. Meu médico até falou assim: ‘*menino, mas você é muito ansioso*’. Eu falei ‘*não vou brincar com isso não*’. (risos).

Pesquisador: Você tem medo?

Fobos: De ISTs?

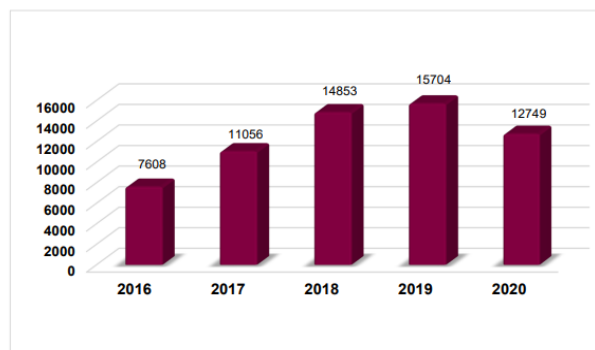
Pesquisador: É. Ou até mesmo de HIV?

Fobos: Eu fiquei com mais medo de sífilis, porque em Valadares tá o surto de sífilis horroroso do que de HIV, porque o risco de contrair com sexo oral é baixo. Existe? Existe. Mas é muito baixo. É tão baixo que nem entra nas pesquisas quantitativas, agora, sífilis não. O povo tá pegando sífilis igual pega, sei lá, igual pega coronavírus aqui em Valadares.

A preocupação de Fobos procede. O *Boletim Epidemiológico de Sífilis 2021*⁹⁰, lançado pelo Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde (BRASIL, 2021), apresenta dados de notificação no SINAN - Sistema de Informação de Agravos de Notificação, a partir do Datasus, informado pelas Secretarias Estaduais de Saúde. No período relativo a 2010-2021, foram notificados “(...) um total de 917.473 casos de sífilis adquirida, dos quais 51,7% ocorreram na região Sudeste, 22,4% no Sul, 13,4% no Nordeste, 6,9% no Centro-Oeste e 5,6% no Norte (...)”. Somente em 2020, em todo o país foram notificados uma quantidade expressiva de casos: “(...) 115.371. Na estratificação por regiões, observaram-se 54.586 (47,3%) casos notificados na região Sudeste, 27.201 (23,6%) na região Sul, 15.601 (13,5%) na região Nordeste, 9.744 (8,4%) na região Centro Oeste e 8.239 (7,1%) na região Norte” (BRASIL, 2021, p. 15).

Especificamente em Minas Gerais, o *Boletim Epidemiológico Sífilis 2021* apresenta o panorama do ano de 2020, em todas as regiões do Estado⁹¹. Foram 12.479 casos de sífilis adquirida; no entanto, 2019 foi o ano com a maior elevação da taxa de notificação:

GRÁFICO 1.
Panorama de contaminação por Sífilis entre 2016 a 2020 em Minas Gerais



Fonte: SINAN - IST-HIVAIDS/SES/SUBVS-SVE-DVCC-CIST
*Dados parciais sujeito a alteração e revisão apurados em 11/08/2021

Fonte: Boletim Epidemiológico Sífilis 2021 (GOVERNO DE MINAS, 2021, p. 18)

⁹⁰ Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/tags/publicacoes/boletim-de-sifilis>>.

⁹¹ Disponível em: <https://www.saude.mg.gov.br/images/noticias_e_eventos/000_2021/17-11-Boletim%20Epidemiol%C3%B3gico%20S%C3%ADfilis%202021.pdf>

Segundo o documento, em Minas Gerais, a frequência de casos de sífilis por ano, diagnóstico e faixa etária, é maior na população de 20 a 34 anos, seguida da população de 35 a 49 anos em todo o período analisado de 2016-2020. Especificamente sobre Governador Valadares, em uma consulta no site do Governo de Minas Gerais sobre dados de sífilis (<https://www.saude.mg.gov.br/sifilis>), foi possível perceber que a única Superintendência Regional de Saúde que aparece sem seu Boletim Epidemiológico é a de Governador Valadares.

Nesse sentido, o que se tem de forma pública são dados constantes no *Plano de Enfrentamento à Sífilis de Minas Gerais* (GOVERNO DE MINAS, 2021)⁹². A partir de dados relativos à 2019 (ano com maior elevação a nível estadual), Governador Valadares aparece em quarto lugar em casos de sífilis adquirida (com 507 casos, atrás de Betim com 510, Juiz de Fora com 1027 e Belo Horizonte, com 3405 casos). Quando são os casos de sífilis em gestantes, Governador Valadares apresenta 176 casos e fica em quarto lugar (atrás de Uberlândia, com 188 casos, Juiz de Fora, 227 casos, e Belo Horizonte, com 652 casos). Por fim, casos de sífilis congênita, Governador Valadares teve 124 casos, ficando atrás apenas de Belo Horizonte, com 257 casos.

Ao pensar em tais dados, torna-se necessário compreender que entre as formas pelas quais homens gays envelhecidos se conhecem em Governador Valadares estão as práticas de pegação, realizadas em espaços e banheiros públicos, ou a partir do aparato tecnológico que fomentam as *'fast-fodas'*, uma forma mais célere.

6.2. A PEGAÇÃO GAY: DOS 'BANHEIRÕES' AOS APLICATIVOS

Ao serem indagadas sobre como gays se conhecem em Governador Valadares, o aparato tecnológico ganha um atual protagonismo nas narrativas das *mariconas*, que demonstram que as práticas de pegação gay também territorializam as formas como as homossexualidades gays locais se constituem, para além da utilização de espaços públicos e as práticas de 'banheiro'. O relato da *maricona* Hypnos exemplifica o contexto, ao ser pragmático: afirma que utiliza os aplicativos somente quando deseja transar, e acredita que tal prática é comum para os outros gays que também estão nesse ambiente virtual:

Pesquisador: Tem lugares específicos para que esse grupo de homens gays de Valadares se conheçam, como é que eles se conhecem?

⁹² Disponível em:

<https://www.saude.mg.gov.br/images/noticias_e_eventos/000_2021/sifilis/Plano%20de%20Enfrentamento%20%C3%A0%20S%C3%ADfilis.pdf>.

Hypnos: Olha, no máximo que eu conheço, por exemplo, são aplicativos. Na cidade em si como um todo, não tenho muita certeza, até porque eu não sou muito sair, festa noturna e tudo, muito raramente, quando eu vou é com os amigos, então não vou com esse princípio de achar alguém, vou mesmo para me divertir.

Pesquisador: Como é o uso dos aplicativos em Valadares?

Hypnos: Os piores possíveis (risos). Dificilmente você acha alguém que queira conversar alguma coisa mais sério, ou que realmente tenha, pelo menos um papo legal, e a maioria tá querendo aventurinha mesmo, e de lá vaza.

Pesquisador: E como que você lida com isso?

Hypnos: De uma forma meio podre de dizer? Quando eu tô afim de te dar uma também, é só isso e pronto, quando eu não tô, só desinstalo aplicativo e vazo.

Pesquisador: E você acha que esse seu comportamento é também um comportamento dos outros?

Hypnos: Em alguns sim, outros não, alguns permanecem ali no aplicativo justamente para ter constantemente essas aventuras, acredito eu, que devem gostar da vida mais efêmera, mas é opção de vida de cada um.

Para quem não deseja somente sexo casual, o uso dos aplicativos não permite marcas positivas. A *maricona* Asclépio, por exemplo, entende que é muito difícil que uma amizade que surja do uso de aplicativos possa se transformar em um relacionamento amoroso. Segundo ela, esse território virtual utilizado por gays é mesmo somente para se estabelecer encontros pontuais, com a finalidade de práticas sexuais:

Asclépio: Ah, algumas amizades né, algumas amizades que eu tenho foram feitas assim. Mas eu vejo que não é para sair de uma amizade, para ir para um relacionamento não é o jeito vai interessante. Às vezes tem muita gente querendo apenas uma relação sexual, então para você conseguir uma relação sexual você consegue, mas conseguir um relacionamento, não é tão simples, entendeu?

Pesquisador: Entendi, e como seria então a forma correta para se ter um relacionamento?

Asclépio: Forma correta não existe local, não existe isso né, vamos dizer assim. Mas conhecer pessoalmente ainda é a melhor forma, quando você tem oportunidade de conviver, conhecer essa pessoa antes, de saber que gostos essa pessoa tem, esse ela tem afinidades com você, entendeu? Então eu considero que o jeito mais interessante é quando você dá a oportunidade de com essa pessoa. O aplicativo muitas vezes é só um meio de você marcar o encontro, para partir dali tentar uma possibilidade de convívio, para tentar conhecer uma pessoa, para só depois partir para um relacionamento. O problema é que no aplicativo você tem muita gente querendo apenas uma relação sexual, ou querendo fazer hora com a sua cara, ou querendo encontrar alguém, mas você perde um bom tempo conhecendo essa pessoa, e quando você encontra ela pessoalmente, às vezes, outras questões que você não conseguiu perceber a distância, no aplicativo, você percebe nos

primeiros encontros e depois um não desenrola um convívio que vai desenrolar em um relacionamento, entendeu?

Outra reclamação da maioria Asclépio é que muitos gays utilizam os aplicativos de pegação de forma enganosa:

Asclépio: (...) na internet tem pessoas de verdade, tem pessoas que estão ali só para passar trote, então primeiro, você já fica com esse medo: será que eu tô conversando com alguém de verdade ou com alguém tá fazendo hora com a minha cara? E segundo porquê... você começar a conhecer alguém a distância, você não consegue ver a pessoa pessoalmente, você às vezes cria expectativas em cima de conversas, que não são, as vezes, você não consegue ter uma percepção melhor, entendeu, com quem você tá conversando de fato, e aí não só a questão física da atração sexual, às vezes a pessoa coloca uma foto que te engana, você acha que ela pessoa que te atrai, uma pessoa que é bela, para você chegar lá e você vê não é nada daquilo, mas é também, uma questão de conhecer realmente com quem você tá lidando, entendeu, porque uma conversa à distância, você não tem a oportunidade... acho que nada substitui você conhecer alguém pessoalmente, não só a questão da atração física, entende, de conhecer caráter, de conhecer gostos da pessoa, o jeito dela agir no dia a dia. Não considero o melhor jeito, vamos dizer assim, de conhecer de pensar.

Baco confirma essa utilização dos aplicativos de forma enganosa. Ela percebe que na cidade, além da constituição de amizades, tais aplicativos e as redes sociais são formas utilizadas para se investigar se alguém é gay, o que se dá a partir dos contatos em comum na rede social Facebook, por exemplo:

Baco: Existe aquele ditado antigo né, '*um gambá cheira o outro*', entendeu? Eu acho que é mais ou menos por aí (risos). Hoje é muito complicado você falar isso, porque hoje existe o advento da internet, existe o Facebook, que foi uma arma pra gayzada em Valadares. O Facebook foi a invenção de Deus entendeu, porque ali, como é que você descobre um gay no Facebook? Basta olhar a lista de amigos dele. Diz um amigo meu que se você tiver vinte por cento de gay no seu Facebook, pode apostar, entendeu? É uma verdade. Então eu já chego assim, na hora que eu... ali você vai, você pede para adicionar, então hoje, se você perguntar hoje, é essa relação, é relação do Facebook né, é a relação da tecnologia, do Grindr, do Facebook. Esse tal de Grindr eu falo porque eu vejo os outros falar, mas ele na verdade, eu nunca entrei lá para ver como é que funciona entendeu, mas eu sei que é um site de encontros e tal, enfim. Facebook para mim ele, ele traz toda a realidade da vida, porque expõe, o próprio se expõe, de forma direta, indireta, ou de forma burra, entendeu, mas ele se põe, então muita gente que aí e posa, pela pose que o cara faz no Facebook, então dá uma quedinha de lado, entendeu, pela pose que ele faz, aí você vai ver o gosto musical dele, gosta de Madonna, mas não sei o que, ou então tem aquele gay intelectual também, que gosta de Chico, Caetano, e

tudo e tal, é outro tipo. Então existem marcas né, você bate o olho, você viu, pegou ali, então eu por exemplo, eu faço muito isso né. Alguém pede para adicionar eu entro lá no Facebook do cara, aí passa na lista de amigos, aí na hora que eu coloco na lista de amigos em comum, aí eu tenho lá 20 gays, eu falo: *‘é viado, não tem jeito, é viado!’*.

A *maricona* Hefesto corrobora a concepção de Baco. Relata que faz amizades pelos aplicativos, e ao demonstrar conhecer as diversas possibilidades de tecnologias, afirma utilizá-los para saber *“quem está na pista”*:

Hefesto: Tinder, Grindr, eu não sei se a gente matou o Scruff ainda, mas eu sei que esses dois aplicativos. O Tinder, o Grindr, Badoo, Scruff e eu acho que é isso. E o bate-papo Uol.

Pesquisador: E você usa esses ambientes virtuais?

Hefesto: Com muita preguiça, eu uso alguns de vez em quando, mas hoje se pegar meu celular não tem esses aplicativos mais, nem o Tinder. Tem algumas pessoas que começam a conversar comigo, e eu falo assim *‘ah, tô com preguiça de pessoas’*, mas o Grindr, mas estranhamente eu nunca fiquei com ninguém do Grindr, mas já foram lá em casa tomar cerveja, tal. Ficou até preocupado depois porque pegou coronavírus, foi bem legal (risos). Então, Grindr nunca fiquei com ninguém. Acho que é mais para bisbilhotar quem estava. Tinder, e o Instagram né? Instagram também é uma rede social.

Pesquisador: E é muito usado por homens que têm interesse em outros homens? É uma ferramenta para isso, você acha?

Hefesto: Também (risos). Também (risos). Muito também (risos).

Pesquisador: Num dado momento você falou que você entrou para ver quem tava lá. Isso é muito comum? Você acha que isso é muito comum?

Hefesto: Acho que para todo mundo, a gente quer saber quem tá na pista, mas é só pra saber. Se o movimento é o mesmo, como tá. (risos).

Já Eros, em seu relato, apresenta mudanças nas formas de se estabelecer esses vínculos de amizades entre homens gays na cidade. Para ele, quando começou suas vivências, o que se tinha como opção era o uso das salas de bate-papo do Portal UOL, e hoje se têm os aplicativos de pegação. A *maricona* relata que não se sente confortável com as mudanças tecnológicas e que não gostou de ter as experimentado:

Eros: Menino, na minha época, isso há 15 anos atrás, a gente já não tinha, assim, esse negócio de... usava muito era sala de bate-papo do UOL né, e tinha uns bares, acho que não tem mais nenhum bar aqui. Hoje, é o tal do Tinder e do Grindr, né? Eu acho que o povo tá conhecendo mesmo é mais pela internet mesmo. Tinder e do Grindr. Agora se tem um local de encontro eu não sei mais, eu passei dessa fase (risos).

Pesquisador: E como que era, dessa sua fala aí, da sua época?

Eros: A gente saía, a gente tinha... ah, vou lá no bar tal. A gente saía já com toda uma intenção. Tinha as festas né, todo mês tinha uma festa, bombástica, então assim, a gente todo mundo novinho já ia com a intenção ‘oba, vou beijar na boca e tal’, era muito isso. Hoje eu não vejo muito isso, eu não sei, talvez a ignorância minha, porque eu não tô saindo, hoje eu vejo mais a questão assim de Grindr, Tinder, não tem uns locais assim. E aí realmente, agora a gente pode falar uma coisa, mudou sim, a forma de relacionar mudou sim. Isso se você for comparar isso aí, até por meio de aplicativos, hoje tá muito a coisa do aplicativo, na minha época não tinha esses negócios de aplicativo. Única coisa que tinha era a sala de bate papo da UOL (risos), antiga, usa o MSN, mas não era com o mesmo efeito né, hoje o aplicativo mostra o cara que está a cinco minutos de você, então assim, mudou sim, pode colocar aí: a socialização ela mudou sim, por causa da tecnologia.

Pesquisador: E você usa?

Eros: Não. Não tenho. Já tive, mas não gostei, tive o Tinder.

Pesquisador: Por quê?

Eros: Eu ia conhecer as pessoas e não gostava, pra mim eu tava perdendo o meu tempo. Aí eu não tenho mais.

Para a *maricona* Urano os aplicativos de pegação estão com o prazo de vencimento marcado. Apesar de fazer muitas críticas, confessa que faz uso esporádico, inclusive junto com seu namorado em busca de sexo a três, mas concluí afirmando que a experiência os decepcionou porque por lá há uma procura por corpos padrões, o que demonstra a predominância da reprodução das masculinidades hegemônicas naquele território:

Pesquisador: Como que os gays aqui se conhecem?

Urano: Uai gente, de todas as formas, eu acho (risos). Grindr, bate-papo, eu não sei assim, porque eu não tive um grupinho de amigos gays aqui em Valadares, como muita gente tem e que conhece outros caras gays. Não conheço tantos assim não. Tem horas que falam assim ‘*aquele cara ali é gay*’, e eu ‘*noossa, nem imaginava*’. Mas acho que é assim, os caras se conhecem pelo Grindr, bate-papo.

Pesquisador: Pelos aplicativos?

Urano: Isso, pelos aplicativos, e quando tem festa né?

Pesquisador: Você já fez uso de aplicativos e como foi sua experiência por lá?

Urano: Já e foi bem chata (risos). Eu instalo, principalmente antes, eu instalava e desinstalava. O povo é muito limitado. Acho que aplicativo também já passou a era. Eu vejo algumas pessoas falando que já passou um pouco a era dos aplicativos. Acho que já saturou. Todo mundo ali já se conhece e tal. Mas pra mim é isso, aplicativo eu instalo e desinstalado, assim. Dou uma olhadinha, pouquíssimos caras que eu já fiquei dali.

Pesquisador: Você falou que saturou. Hoje estão indo para onde?

Urano: Eu não sei. Acho que vai morrer e vai surgir outra coisa, pelo menos outro aplicativo. O Grindr, que é o mais usado, aí vai vir outro, com outra roupagem, porque o formato dele acho que já não funciona mais. Igual eu te falei, eu instalo e desinstalado. Às vezes eu e meu namorado a gente fala: vamos instalar, e a gente instalou e conversou

com os caras, uns caras chatos e aí a gente desinstalou. A gente instalou tanto aqui em Valadares como na cidade dele, nas duas cidades a gente foi ver como a galera se posicionava, a gente não chegou a ficar a três. A gente até fazia a proposta, mas não chegou a ir não, mas a gente brincou e é muito chato, porque eles querem os caras padrão e tal,

Deimos foi a única *maricona* que apresentou outros territórios como possibilidades locais para homens gays se conhecerem na cidade, como as academias, o shopping da cidade, e a partir de encontros com amigos em comum:

Deimos: Hoje em dia vejo que é bem mais por aplicativo. Eu ainda sou do tempo em que a gente passava pelo outro na rua, trocava olhares, virava o rosto, dava um sorrisinho (risos). Hoje em dia ninguém faz isso. Tá todo mundo agarrado aqui assim (pega e olha o celular), você passa, você vê a pessoa até interessante, mas a pessoa tá olhando aqui para baixo, não vê nada, você olha para trás para ver se te olhou, a pessoa não olhou, continua agarrado no celular né (risos), então vejo muito isso, e acaba sendo muito pra aplicativo, ou algumas vezes, por relações com amigos ou coisa assim, mas eu vejo que a grande maioria mesmo aplicativo.

Pesquisador: Entendi. E lugares?

Deimos: Olha, academia aqui assim, é point, né? No shopping, agora com a pandemia nem tanto, né? O de encontrar na rua, trocar olhares, alguma coisa assim, acaba sendo em festas, casas de amigos, essas coisas, mas no mais, acho que é mais isso.

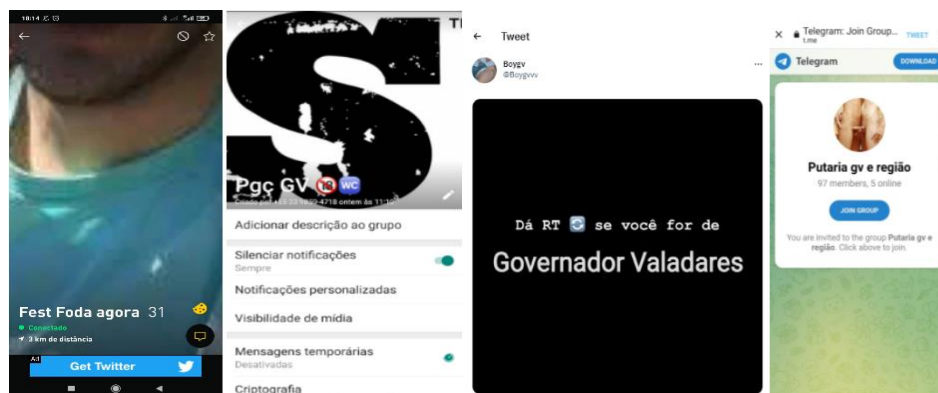
Tais relatos ratificam o que Henning (2014 denominou como o quinto ‘khronos’ das sensibilidades geracionais em sua pesquisa. Para o antropólogo, a partir dos anos 2000, a vivência das relações homoeróticas passou a ocorrer com o apoio das redes sociais⁹³, sobretudo a partir da extinta rede social ‘Orkut’. A pegação virtual se tornou uma realidade, impactando as interações homoeróticas de forma considerável, uma vez que o mundo virtual diminuiu as distâncias, modificou as narrativas e as aprendizagens intergeracionais de homens gays, que se viram quase que forçados a transitarem em ciberespaços gays.

Os aplicativos gays permitem a prática da ‘*fast-foda*’, pois além de apresentar as possibilidades de outros homens gays interessados, apontam a localização geográfica, o que facilita os encontros instantâneos para práticas sexuais. Tais práticas sexuais com desconhecidos, mediadas pela internet, de forma impessoal e pragmática, são por alguns tidas como uma transformação positiva nas oportunidades de efetuar a acessibilidade sexual entre gays. Em minha pesquisa de campo, detectei a organização de práticas de pegação gay em

⁹³ Neste sentido, sugiro a leitura da tese “*Você só precisa clicar: sexo virtual e masculinidades refletivas pelas webcams*”, de Rafael SALDANHA (2017), vinculada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC.

grupos na cidade de Governador Valadares para essa finalidade, a partir da utilização de aplicativos como o *Grindr*, redes sociais como o *Twitter*, e por meio de grupos de conversas instantâneas no *Whatsapp* e *Telegram*:

IMAGEM 2.
Registros em aplicativos de pegação gay em Governador Valadares



Fonte: pesquisa de campo (autoria, 2022).

Porém as práticas de pegação gay não acontecem somente a partir da utilização de aparatos tecnológicos. Quatro das *mariconas* apontaram que existem lugares físicos de pegação gay, e que são utilizados para se estabelecer redes de amizades. A *maricona* Dionísio explica como percebe a dinâmica da pegação na cidade: segundo ela, dependendo do horário e dos possíveis locais:

Pesquisador: Como que os homens gays se conhecem Valadares? Tem um lugar específico?

Dionísio: Ih (risos). Uai, antigamente era no bate-papo Uol, né? (risos). Acho que isso tem até hoje, deve ter. Mas tem alguns lugares, tem alguns barzinhos, tem alguns locais na cidade que o povo vai lá fazer as coisas...

Pesquisador: Tipo?

Dionísio: Eu acho que tem vários lugares, tem as praças da cidade, tem alguns barzinhos. Quando ficam fazendo nos banheiros dos supermercados de Valadares, em vários lugares, imagine o tanto que acontece. Assim, como tem em todas as cidades, aqui em Valadares também tem. Durante o dia, eu acredito que eles se conhecem em alguns pontos da cidade, fazem lá as chamadas 'pegação', a noite eu acredito que seja mais nos barzinhos, porque a cidade, a vida noturna da cidade é bem boa, então acredito que seja os barzinhos, as praças, os calçadões da cidade, bem nesse sentido. E no mundo virtual, aplicativo da vida que tá tendo aí.

Pesquisador: Quais são os lugares de pegação em Valadares que você conhece?

Dionísio: Nossa Senhora. O famoso Supermercado Amarelinho (risos), em suas diversas lojas pela cidade (risos). Famoso esse Supermercado Amarelinho. As faculdades, algumas praças mais

desertas ... deixa eu ver onde que eu já vi mais pessoal... Antigamente, quando eu mudei para cá a gente não podia passar na rua, em qualquer hora do dia, que um orelhão tocava. (risos) Aí eu atendia o orelhão e alguém falava com você e te sentava uma cantada e te levava embora. Aconteceu isso várias vezes, antes quando eu vinha Valadares, antes de morar aqui. Hoje em dia não tem mais, porque eu não tenho mais orelhão, mas mesmo assim se você sai à noite ou em um certo horário, e passa na Rua, você vê um monte de gente te procurando (risos). Aqui em Valadares funciona desse jeito.

Trata-se da prática de pegação entre homens, mais conhecida como “banheirão”. No campo dos estudos sobre homoerotismo⁹⁴, o termo se refere à expressão de uma diferença das práticas sexuais, pois dialoga com o exibicionismo e a proibição. Francisco Sales de COSTA NETO (2005) classifica essa prática como um *habitués*, por entender que expressam as “regras e leis diferentes do modelo conjugal homoerótico”, e problematiza a prática:

A cultura impõe o comportamento das pessoas, as atitudes tomadas e os gestos que têm seu lugar apropriado no tempo e na ordem espacial. Ela estabelece relações e hierarquias. Os lugares públicos podem ser considerados impróprios e neles se instaurara uma ambivalência ritualística. O homoerotismo em banheiro público e as mensagens de grafite compõem um certo ritual de trocas simbólicas, assim como tantos outros da nossa cultura. Feito o sexo e deixada a mensagem grafite, arruma-se a roupa, lava-se as mãos para voltar à vida cotidiana e aos afazeres comuns. Fica com a certeza de que algo foi levado e outro foi deixado no banheiro público. É nessa ordem para viver as normais sociais que se encontram as brechas que encorajam a outras ações voltadas à prática sexual e contra a proibição. No banheiro, segue-se a regra da própria permuta instaurada. Os *habitués* aceitam a produção da interdição social, cumprem involuntariamente a função de confirmar a ordem exterior e transgredi-las ao mesmo tempo (SOUZA NETO, 2005, p. 99).

Lee EDELMAN (2011), por sua vez, leva a discussão da masculinidade para o território do banheiro dos homens, e aponta para questões das masculinidades que ali são experienciadas. O autor parte do princípio de que os banheiros dos homens têm dois espaços, organizados pelos atributos das zonas específicas do corpo masculino: o público (com o urinol), e o privado (em que o homem esconde seu ânus):

Assim, os genitais, apesar de figurarem como “partes privadas”, adquirem aqui, através da abertura do urinol, um status relativamente

⁹⁴ Tedson da Silva SOUZA (2012) em sua tese intitulada “Fazer Banheirão: as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da Estação da Lapa e Adjacências”, pela Universidade Federal da Bahia, aponta, a partir de pesquisa autoetnográfica para investigar práticas de pegação que acontecem em banheiros públicos da estação de ônibus urbano em Salvador, que, dentre outros aspectos, tais espaços são aqueles destinos para desejos dissidentes, diversos tanto quanto os sujeitos que os praticam, sendo em comum o fato de serem todos homo-orientados.

“público”, enquanto o ânus e sua necessidade funcional carregam um peso maior nos encargos do pudor social. No banheiro dos homens as normas de exposição corporal masculina invertem os valores que as leis do *puduer* atribuem às porções privatizadas da anatomia masculina no mundo lá fora: você não mostra sua bunda no banheiro dos homens, e você não esconde seu pau (EDELMAN, 2011, p. 257).

O banheiro se torna então um espaço de compartimento e de ansiedade heterossexual, que se encontra entre as possíveis intenções do desejo homossexual e a possibilidade de se saber ou reconhecer a homossexualidade ao seu lado. Enquanto o urinol é o espaço de se ter a *neca* vista, o reservado é o espaço do compartimento separado, em que se pode experimentar o prazer anal pelo esfíncter ao defecar, que deve ser vivenciado de forma disfarçada, uma vez que não cabe à masculinidade viril a demonstração pública de prazer a partir do ânus, ainda que neste momento meramente biológico⁹⁵.

Como a masculinidade é falocêntrica, é o urinol o palco, o território público da performatividade da masculinidade. É ali que o macho pode estabelecer relações visuais rápidas e ter a proposta disciplinadora da heterossexualidade, que o diferencia das mulheres:

A bravata performática, “naturalizada” apenas pela insistência cultural, implícita no gesto de se segurar o pau na presença de homens engajados na mesma tarefa, depende de uma de duas assunções dominantes: ou essa exposição pode ocorrer porque o espaço que o permite é consagrado, mais ou menos explicitamente, para fins de sexo gay, ou a própria exposição displicentemente – ou apotropticamente – declara sua recusa em permitir que tal espaço seja porventura onde homens gays, ou o desejo gay, possam aparecer. Oscilando entre essas duas ascensões, a lógica do banheiro dos homens induz à efetivação normativa de uma indiferença vigilante que responde à pressão disciplinar que o banheiro dos homens exerce nas relações visuais (EDELMAN, 2011, p. 258)

Há, assim, toda uma performance visual no urinol do banheiro de homens, que oscila entre a efetivação normativa de uma indiferença vigilante esperada dos machos em relação à *neca* alheia, e a necessidade de repressão disciplinar dos homens que exercem tais relações visuais. É proibido olhar, pois olhar neste caso é sinônimo de feminização – é, ‘no fundo’, um macho querendo ser penetrado, e isso rompe com a performatividade ali desejada socialmente.

⁹⁵ Edelman, numa perspectiva laciana, aponta que o prazer anal pelo esfíncter é anterior ao falo, que possui uma posição privilegiada socialmente. Enquanto o falo estabelece a divisão dos banheiros entre masculino (macho) e feminino (fêmea), a partir de diferenças de percepção visual, o compartimento do vaso sanitário “beira perigosamente em abjetos desejos homossexuais, e porque essa satisfação marca uma ruptura na diferença que ameaçaria a supremacia e a coerência fálicas do significante da porta do banheiro dos homens”, razão pela qual, “ela deve ser isolada e vigiada a não ser que seu potencial erótico seja assumido” (EDELMAN, 2011, p. 257).

Por fim, o autor aponta que o banheiro masculino é o espaço para fazer com que o menino se torne homem, quando a exposição pública da masculinidade na infância ocorre sob o olhar paterno atento, visando o controle do desejo e sua internalização cultural do ser macho.

No entanto, destaca-se que as práticas locais de pegação também ocorrem em espaços públicos. A *maricona* Hermes aponta que existe uma variação de locais, a depender dos gostos e interesses, mas alerta para a necessidade de se precaver:

Hermes: É igual eu te falei: vai da vibe, vai da vibe. Eu chegar ali, por exemplo, dependendo de onde eu vou, porque vai dos ambientes. Eu já fui em formatura e coloque garçom pra mamar dentro de banheiro de salão de festa, já peguei em baía de festas, exposição, do Clube X, do Clube Y, tem dia que eu já tava no goró, mas aí já pega os caras no goró e você consegue, tudo safado, eles estão na noite é porque sabe que vai é porque vai rolar, para ganhar o mês, mas sabe que vai pintar tudo. E aí não tem aqueles eu que identifiquei, igual por exemplo tem gente que gosta só de bombado, tem gente que gosta só de playboy, tem gente que adora negro, tem gente que gosta só de pintosa, tem gente que gosta mais de reservado, tem gente que gosta mais de casado, e eu não, eu sou da vibe, eu gostei, vi que não é noia, não tá sujo, entendeu? É lógico que a gente tem que ter visão, ter muito cuidado, porque é uma área muito perigosa, tem muita gente muito mal-intencionada, eu puxo antes com amigos, ‘*eu já fiquei com aquela cara ali, o cara meteu, gozou e depois meteu um assalto*’ né, mas aí de quebrada, de canto. No momento que você chegou e verificou o ambiente, você ficou afim, vai rolar. De quebrada, encontrou em rua, aí por exemplo, vamos dizer assim, mato, é muito perigoso, tem uns que você conhece e curte, mas tem aqueles, que você sabe na hora, o coração começa a acelerar, você quer dar na fita, é croque, é roubo, é alguma fita, então, pode ser que a gente fica cega naquela situação e a pessoa não é, rolou e aconteceu. Porque isso já acontece demais, toda vida aconteceu. Tem gente mal-intencionada para tudo, mas é isso aí que te falei, vai do ambiente, você vai ali pra beber, igual pessoal tá querendo ir ali num barzinho na rua, quando você chega lá, você sente a ferveção, quem é que tá bebendo despistado, quem é que tá com amiga ali mais tá de olho em alguém, você chega e faz a leitura do ambiente, aí a conexão começa né chegar até a você (risos).

O relato da *maricona* Hermes é interessante porque ele menciona alguns lugares em que ele precisa ter cuidado a partir de sua experiência como profissional do sexo, ao mesmo tempo em que relata que, em sua perspectiva, na cidade não se tem lugares fixos para as práticas de pegação. O flerte acontece, às vezes, até mesmo nos corredores dos supermercados:

Pesquisador: E para a prática sexual? Para a realização da prática sexual, tem alguns lugares que você tem medo e evita?

Hermes: Nada, eu já fiz em tudo que é lugar. Tudo quanto é lugar eu já fiz. Dentro do fórum, dentro da prefeitura, já fiz dentro de escola,

atrás da Açucareira, só não fiz dentro da igreja ainda, cantinho de rua, atrás de caminhão viu, não tem isso comigo não.

Pesquisador: Você não tem medo?

Hermes: Não. Agora assim, por dentro de bairro, dentro dos lugares assim, lugar quebrada, dentro desses lugares assim, lugar quebrada, aí eu já nem vou, porque é muito perigoso, você não sabe a intenção da pessoa. Hoje eu tenho mais medo de motel do que em rua, eu não saio assim com desconhecido no motel, muito perigoso.

Pesquisador: No motel? Qual o perigo?

Hermes: É, nem esse lance de marcar em Grindr, de bate-papo e demais, eu não vou porque não dá pra confiar, não conhece, tá muito perigoso. Entendeu? É melhor você faz uma ali, tirou uma rapidinha de dentro do carro ali, aonde você tá, porque quem quer tirar uma não tem aquele negócio de ali é perigoso, ali não sei o que, não posso, sou conhecido, quem quer, eu já fiz esse estudo comigo e eu vejo isso em qualquer lugar. Ih, aqui perto de casa, na rua da esquina, na rua de trás, no banheiro do bar, entendeu, fingi que tava cheirando pó com o cara, só que era mentira porque todo mundo sabe que eu não curto droga, e aí só para tirar uma rapidinho, curiosidade de ver a pessoa, pessoa ver eu, só que motel com desconhecidos, já fui muito, hoje não tem coragem não, entende?

(...)

Hermes: Pegação toda vida teve, né? Banheirão tem, mas não aquela pegação de fazer cinco, seis. Vai rolar dois, três, né. Uma pessoa entra e a outra sai, um fica no banheiro, já fiz demais, em lan house, vamos dizer assim, galerias né? Mas coisas rápidas, não é de rolar, tipo assim, vamos lá e rolou, e tem aqueles esqueminhas. Até dentro do supermercado eu já fui cantado várias vezes. É o imã, ou então não é que a pessoa vê aquilo de você, ninguém sabe que você é, o negócio é que a pessoa tá naquela vontade de fazer, e gostou ou se identificou, encostou, puxa um papo, falando que a cerveja tá barata e tal, aqueles truques. Aí no fim, ‘ah, te conheço de algum lugar’, aquelas máfias baratas. É isso, mas fixo, fixo na pergunta que você fez aí, em Valadares não tem. Valadares não é radical, igual em capital. Não precisa ter um lugar para encontro.

Algumas *mariconas* vivenciam essas experiências em outras cidades. A *maricona* Urano, por exemplo, relata que presenciou gays em pegação no parque da cidade de Brasília (DF), e que percebeu que por lá essas práticas acontecem de forma mais corriqueira. Ao ser indagado se já fez banheirão em Governador Valadares, alegou a rotina como empecilho, além de preferir um espaço mais aberto, como uma floresta ou fora de sua cidade:

Urano (...) uma vez eu fui em Brasília e vi que tinha floresta lá que o pau quebra, e eu fui lá pra saber e eu fiquei de cara, muito impressionado, não no sentido puritano, mas de cara de como isso se dá muito naturalmente. E em Brasília foi interessante porque fui no parque da cidade, dentro, e eu fui andando dentro, sabia que tinha um lugar lá dentro, não sabia onde era, mas eu fui pra descobrir, e eu andando, andando, passou uma cavalaria da Polícia Militar, e pensando que se a cavalaria entrasse nesse lugar de pegação ia dá

merda, quando eu percebi eu fui andando eu percebia que a Polícia Militar entrou num lugar e sumiu. Eu andei uns passos a mais e já vi que o negócio era ali, numa parte perto de um estacionamento. E eu percebi que a Polícia Militar da ronda, mas uma ronda fachuta, antes de chegar no espaço de pegação, ela vira e vai embora. Então rola de uma forma tranquila, sem ninguém avalhacar, tipo, institucionalizou, um espaço institucionalizado. E tipo, eu percebi muitos carros importados, muita gente bem-vestida, cara de todo que é tipo, cara casado, branco, preto, cara bombando, magrinho, mais velho, e assim, eu acho isso muito legal, por um lado. É terrível porque é um espaço público, mas ao mesmo tempo, é interessante pensar isso. Eu comecei a ler as teses e dissertações e porque as pessoas usam esses espaços, religiosamente estão lá nesses lugares, e aí eu fiquei impressionado, porque essas pesquisas me explicaram que são por diversos motivos, não tem motivos únicos que vão ali.

Pesquisador: E esses lugares em Valadares, você já fez isso, de ir e observar?

Urano: Não, não.

Pesquisador: Por que você não fez aqui em Valadares?

Urano: Ah, não sei. Não rola, acho. Acho que sei lá, não rola, não sei porquê. Acho que igual eu te falei, aqui a gente tem as nossas rotinas, nossas coisas, não dá pra fazer nada mais socioantropológico, vamos dizer assim (risos), ou ir lá pra fazer isso, não dava. Acho que é um pouco isso: quando eu vou para uma cidade diferente, eu vou procurar entender como se dá essas coisas, e aí você tá um pouco mais propício, mais aberto pra ir. Se tivesse um lugar de pegação mesmo em Valadares igual essas florestas, eu não iria não, sei lá, acho que é o novo, de sair daqui e ver de fora pra dentro, acho que daqui não sei.

Se as práticas de pegação gay envolvem comportamentos de riscos, as vivências sociosexuais das *mariconas* entrevistadas também são marcadas pela preocupação com possíveis relações afetivossexuais que desandem para a troca de favores ou a exploração financeira.

6.3. A TROCA DE FAVORES SEXUAIS E O MEDO DA EXPLORAÇÃO FINANCEIRA

O estabelecimento de relações sociosexuais entre um homem jovem com outro homem mais velho é antigo⁹⁶. Adailson da Silva MOREIRA (2015) aponta que esse tipo de relacionamento tem para além do caráter sexual, muitas vezes, uma conotação de experiência sociosexual educativa, em que a *maricona* partilha ao gay jovem suas experiências de vidas e

⁹⁶ Segundo Moreira (2015), na cultura grega, o relacionamento entre um homem mais velho e um mais jovem remete à relação entre Ganimedes e Zeus. Nessa história, “(...) Ganimedes foi um belo jovem troiano que se viu levado ao Olimpo para servir como criado de Zeus e, de acordo com a maioria dos relatos, também como seu amante. Foi sequestrado ou por um pé de vento, ou pela águia de Zeus. Este enviou depois Hermes para consolar o pai do rapaz com alguma notícia do paradeiro do filho e para recompensá-lo pela perda com um par de belos cavalos (ou uma videira de ouro, conforme a versão) (MOREIRA, 2015, p. 113). Nasceria aí a primeira troca sexual por dinheiro, em que Zeus seria um pioneiro de uma espécie de “*sugar daddy*”.

conhecimentos adquiridos. Como uma prática de sociabilidade humana, por vezes marcada também pela vulnerabilidade socioeconômica, gays jovens que optam pela prostituição são tidos por discursos normativos como aqueles que procuram uma possibilidade para solucionar suas situações de pobreza, seja por meio de programas sexuais ou de ajudas, cabendo a *mariconas* escolher o que pode lhes ofertar em troca (Nestor PERLONGHER, 1987).

Adriana PISCITELLI (2011, p. 8), ao estudar o universo da prostituição e trocas afetivo-sexuais entre mulheres brasileiras e estrangeiros, explica que tanto o programa como a ajuda são trocas de favores sexuais. O que as diferencia é que o programa remete à uma relação comercial, uma prestação de serviço, enquanto a ajuda é uma renda que o jovem recebe sem ter necessariamente a finalidade de sobrevivência, mas que “(...) inserta em uma tradição de intercâmbios hierárquicos”, as quais lhe “remete a noções de amparo, cuidado e afeto que se expressam em termos de contribuição para a sobrevivência econômica”. Essa diferença faz com que as práticas sexuais de *mariconas* não sejam necessariamente dissociadas de afeto, ao mesmo tempo em que para os gays mais novos não é vista, em contextos específicos, como necessariamente prostituição (Guilherme Rodrigues PASSAMANI, 2014).

Nesse sentido, o dilema da *mariconas* é que ela se vê com o medo de ser a parte da relação que fomenta uma esperança de ascensão social para o gay mais jovem, e que por isso teme ser utilizado para essa finalidade, sendo posteriormente descartado e ficando ao léu, quando o jovem obtém o êxito almejado. Piscitelli (2011) menciona que a troca de favores sexuais se trata de uma das faces da inter-relação entre economia e sexualidade no Brasil, pois permite o acesso a diversos benefícios que levam à uma mobilidade social. No entanto, quando realizadas com certo teor de afeto e prazer, tais trocas não são tão estigmatizadas como no caso da relação mercantilizada da prostituição.

As diferenças socioeconômicas interferem nessa lógica: a *mariconas* rica ou proletária se torna a *sugar daddy* e o novinho se torna o seu amor, com acesso ilimitado aos recursos financeiros adquiridos ao longo da vida pela *mariconas*; já a *mariconas* pobre, quando consegue alguma prática sexual, ocorre, normalmente, ao frequentar algum território da pegação gay. Asclépio relata que ao tentar estabelecer relações afetivossexuais já se viu em desconfortos emocionais com a possibilidade de ser, de qualquer forma, explorado financeiramente:

Pesquisador: Como foi essa experiência para você, de conhecer caras que queriam ficar com você em razão de dinheiro, achando que poderia ter algum benefício financeiro?

Asclépio: A segunda experiência não foi tão ruim porque meio que eu percebi no começo, então não me envolvi, mas a primeira, foi muito ruim, porque era na época em que a gente começava relacionamento

por meio da internet, então eu conheci a pessoa no MSN e mantinha um relacionamento à distância, vamos dizer assim, por uns 4 a 5 meses, e criei uma expectativa e envolvimento. Aí depois marcamos alguns encontros, nós tivemos três encontros, e aí eu achei que ia acontecer alguma coisa, eu criei uma expectativa, porque eu estava interessado na pessoa, e depois ficou claro que a pessoa queria era dinheiro, aí não aconteceu nada, e criou um sofrimento por uma questão afetiva que não foi correspondida.

Já Fobos desenvolve um raciocínio comparativo em relação à diferença de envelhecer sendo gay e envelhecer sendo heterossexual, a partir da vontade de se querer estabelecer um relacionamento. A *maricona* entende que em muitos casos, gays aceitam bancar as trocas de favores que envolvem dinheiro para que os relacionamentos aconteçam:

Fobos: (...) como a questão do envelhecimento, o hétero ele vai ficando mais velho, mesmo tipo assim, às vezes não tendo muito interesse, ele dá um jeito de procurar um relacionamento para fixar, às vezes, até sem gostar. Aí vem as questões das traições, e ele acaba convivendo com a pessoa por conveniência, transa, a pessoa cuida da casa, cuida da família. Já em relação ao gay não.

Pesquisador: Em relação aos gays não tem nenhuma conveniência?

Fobos: Não quais as das relações hétero. Lógico que acontece de ter gays com questões de interesse, de dinheiro, entre um gay mais velho e um mais novo.

Pesquisador: E como você vê isso?

Fobos: Isso é questão de cada um. Você sabe quando estão querendo te enganar. Se você está em um relacionamento lá e você sabe que a pessoa tá por interesse, você sabe disso. Mas às vezes a gente acaba aceitando, falo a gente de modo geral, acabando aceitando, a questão da troca, a pessoa mais velha e sei lá o quê, “tô com um rapaz mais novo, ele me dá prazer e eu dou dinheiro”. Não tô falando que é a minha situação, tô falando no geral.

A *maricona* Dionísio afirmou que isso acontece tanto em relacionamentos heterossexuais e entre gays, mas entende que isso é mais incidente em relações homoafetivas:

Pesquisador: Tá, mas o que é que tem de diferente no envelhecimento de um homem gay e de um homem hétero? Tem diferença para você?

Dionísio: Para mim não tem diferença, mas para, vamos supor né, os parceiros têm muito (risos).

Pesquisador: Qual é?

Dionísio: Aí, Jesus. Aí, você... aí, é profundo, por exemplo...

Pesquisador: Normalmente, para parceiros, o que pesa?

Dionísio: Pesa que, tipo assim, ele vai para o outro lado nessa história aí, porque os mais velhos... eu acho que no mundo de hoje, eles estão usados, entende? Em situação de alguma vantagem. Então tipo assim, é raro você encontrar o amor ali nessa situação, porque muita gente vai querer só se beneficiar da pessoa.

Pesquisador: Benefícios de qual espécie?

Dionísio: Financeiro, ou qualquer outro jeito, principalmente financeiro.

Pesquisador: Então você acha que um homem gay ele acaba sendo explorado financeiramente?

Dionísio: Com certeza.

Pesquisador: E isso não acontece com héteros?

Dionísio: Acontece bastante também. É da mesma forma, mas eu vejo que é mais explorado do nosso lado.

Zeus, por sua vez, repudia a possibilidade de estabelecer algum tipo de relacionamento com rapazes que para ele são interesseiros, e afirma ser mais lucrativo contratar o serviço de garotos de programas para se satisfazer sexualmente:

Zeus: Quando eu vejo que o cara quer é dinheiro, quer me explorar, eu tenho ideia assim, quando eu não tô namorando, eu não tenho nada contra um garoto de programa, mas eu não gosto, sabe? Mas um garoto de programa é muito mais barato que um namorado. Você sair com um cara, que vem só pra aquilo mesmo, e você dá 100,00 reais para o cara, sai muito mais barato que você tem que sair com um cara, levar pra boate, levar para comer uma pizza, quando você ver você gostou mais de 200,00 reais. Enquanto o cara vem cá, te dá um show de cama, você pagou 100,00 e você não tem vínculo nenhum com ele. Eu sempre falo isso com meus amigos, mas não gosto, não faço, não é minha praia. Eu prefiro sair, gastar 100 reais do que dá 200, porque eu acho que aquilo é um abuso, então eu evito muito isso.

Nesse contexto, o interlocutor Hermes apresentou em seu relato um cenário de como acontecem as trocas sexuais e financeiras, inclusive a partir de suas vivências como garoto de programa, atividade que desenvolve esporadicamente:

Pesquisador: Você comentou aí de alguns que ficam querendo alguma coisa em troca, de dinheiro, ou outras coisas, como que é isso?

Hermes: Isso vai da vibe, eu já saí por isso, e se precisar eu saio também, então, é do momento né? Então, por exemplo, tem a pessoa que tá afim de tirar uma e *‘eu vou, vai fortalecer o quê?’*, mas aí porque realmente tá querendo, ou então já se acostumou a fazer isso. Eu vejo isso como normal também, porque isso é uma fase, é troca, tudo é troca, o mundo é sempre foi em troca, a gente trabalha também em troca de alguma coisa, então eu vejo assim, tá super natural. Tem gente que chega perto de mim e fala *‘dá um cigarro aí’*, eu *‘o que tá arrumando, o que vai rolar, e isso?’*, *‘vamo, tá de boa aí? Vamos?’*, questão assim eu falo de pessoas que ficam duvidando de esposa, marido, mulher, não tem disso, pessoa quando quer fazer coisa errada, três, cinco minutinhos você faz rapidinho, é o mais gostoso ainda, você faz e vai embora. Só que eu acho isso, tipo assim, isso veio de uma alguma forma de alguns anos atrás, *‘ah, pessoa tá fazendo PG’* (programa), eu acho isso natural: todo mundo pede alguma coisa. Tipo assim, eu acho que aquilo ali é um meio de confiança, você pode contar, por exemplo, eu tenho um carinhas que toda vez me pede um cigarro aí, *“me arruma dois conto”*, e eu sei que se um dia eu falar

'vamos ali fazer', ele vai me agradar porque eu fortaleci ele, vamos dizer assim, eu fico adiante. Se chegar um cara ali, nunca vi, pode ser velho, feio, bonito, chegar em mim na tora e falar assim *'você quer um troco?'* eu vou falar assim *'quanto?'*, é *'tanto'*, *'vamo uai'*. E daí? Entendeu (risos). Tipo assim, você não tá roubando, vamos dizer, você tá curtindo uma onda que a pessoa te ofereceu, isso já aconteceu demais comigo, demais, milhares de amigos, *'toma pra você comer um lanche, tomar uma, comprar um cigarro'*. Aí tem gente que costuma, já tive essa fase também, só que é uma forma que a pessoa acostumou tanto em fazer e ganhar, que ele acha que se ele fizer e não ganhar, é prejuízo, mas aí acaba rolando. Eu acho que esse tempo é passado, essa questão de falar de GP. Tem aqueles que falam *'eu vou por 100 reais'*, entendeu? Já chegou gente de fora da cidade aqui, saiu com amigos, ficou doido comigo, *'nossa, te dou até 500,00 reais'*, entendeu? Mas eu acho que é vibe, tem dias que você tá de graça. Agora, *'fortalece 10 conto aqui'* é gente bandida, usuária assim, vamos dizer. Então, isso tudo vai da vibe, do momento que você tá, das agendas, das festas, eu quero fumar uma antes de entrar dentro de casa, e passa um moto, pergunta *"onde é a rua tal"*, porque viu você sozinho boiando, e tipo se rolar, rolou. Então esse tipo de tudo que acontece, eu acho que tá muito normal, na minha visão, porque eu vejo isso todo dia, entendeu?

Hermes inclusive afirma que aumentou a prática sexual com trocas financeiras entre homens nesse contexto da pandemia de Covid-19:

Hermes: Eu acho que por tá acontecendo tanta coisa, e a pessoa tá sem liberdade, o negócio chegar em cedo, ter que ver parente, mais tempo de trabalho, então o momento que ele tem de fuga, ele apronta. Tá muito assim, rápido. Não tem aquele tipo assim, vamos marcar amanhã, então, por exemplo, vamos dizer, 10 horas na rua, aqui perto de casa, que eu tô no mundo vindo de um lado ou de outro, você não vê ninguém em rua, então quando há um momento, tipo assim, boiou, encostou, entendeu? A demanda, a procura hoje tá maior, bem maior. Aqui na esquina aqui de casa, da padaria, tá na esquina, vou para barzinho três quarteirões depois, a pessoa já sai te atacando, querendo.

Assim, tem-se que as vivências homossexuais específicas das *mariconas* operam em outras formas subjetivas e performatizadas. São estratégias, arranjos e agenciamentos, que se pautam em processos politizados do envelhecimento, e por isto, são erotizadas de forma cisheteronormativa. A importância de se pautar por uma perspectiva desconstrutivista é justamente compreender que o conceito de experiência deve ser tomado como a possibilidade de historicizá-las, juntamente com suas identidades: se "(...) não são os indivíduos que têm experiência, mas sim os sujeitos que são constituídos pela experiência", como preleciona Joan SCOTT (1998, p. 304), pensar a velhice como um acontecimento é, neste caso, pensar as *mariconas* por meio de territorialidades discursivas que são utilizadas neste tempo para organizar suas histórias e seus estilos de vida.

7. "SER GAY EM VALADARES É VOCÊ DÁ UM CHUTE NA PORTA DO ARMÁRIO TODO DIA": O PÂNICO MORAL DA HOMOSSEXUALIDADE

Neste capítulo, as multiterritorialidades das *mariconas* se referem às experiências de homosociabilidades empreendidas na condição de gays envelhecetes na cidade de Governador Valadares, a partir dos seguintes recortes: os conflitos com as vivências religiosas de cunho cristão; o impacto de um pânico moral da homossexualidade, sobretudo com o movimento recente denominado 'ideologia de gênero'; as dificuldades de se ter uma visibilidade pública da dissidência sexual em razão do conservadorismo local; e, a apreensão com a possibilidade de violência física contra LGBTs.

7.1. ENTRE CRISTO E O PECADO: CONFLITOS COM AS VIVÊNCIAS RELIGIOSAS

No itinerário da pesquisa para compreender esse processo subjetivo de se constituir em uma *maricona*, o grupo entrevistado evidenciou que vivencia um pânico simbólico a partir do peso da religião em suas subjetividades, pois aquela conflita com os desejos sexuais dissidentes e com muitas das práticas sociosexuais anteriormente relatadas. Assim, trata-se de uma territorialidade local muito forte: a relação com o sagrado, o que marca as *mariconas*.

Pesquisador: Como é ser gay em Governador Valadares, para você?

Poseidon: É não ser você na sua essência, sabe? Eu tive a oportunidade de eu fazer pós-graduação em Belo Horizonte, e o contexto é outro, sabe, por dois anos, todos os meses, eu ia em BH, e eu tinha tempo de frequentar gay cenário de BH no sábado à noite, e no domingo à tarde e à noite, e a gente percebe como é outra coisa sabe? Gays se beijam na rua, andam de mãos dadas, passam na multidão e a multidão não olha (risos). Eu acho que nada será melhor quando um gay, aqui em Valadares, conseguir andar de mãos dadas com o namorado, e ele passar como se fosse fantasma na multidão, para mim, isso é que seria o grande ganho sabe? É você estar inserido como qualquer um. Ninguém olha um hetero dando a mão né, se deu uma bitoquinha (risos), são duas pessoas imersas numa multidão de iguais. Mas aqui não, aqui o gay tem que se portar, ele tem que se podar, sabe, de várias maneiras, então Valadares é uma cidade que eu acredito, com certeza, por causa do cunho cristão, seja evangélica, ou seja católico, que essa cidade tem muito forte, é muito forte, então a gente tem que ser um pouco, como é que fala, tolhido, a gente não consegue ser quem você realmente quer ser, quem você pode ser.

Ao serem indagadas sobre como lidam com o fato de que na religião cristã (seja católica ou evangélica, e com raras exceções), a homossexualidade é tida como um pecado, as

mariconas apresentaram espaços de experiências distintos: algumas concordaram que realmente é pecado⁹⁷, e que por isso compreendem que vivem suas subjetividades de forma errada; outras condenam não a homossexualidade, mas sim uma certa promiscuidade que caracterizaria essa vivência; e algumas optaram pelo ateísmo. A *maricon* Ares se denomina como evangélico frequentador e nessa parte da entrevista demonstrou que vivencia um dilema entre o que ele entende como “*exigência da Palavra*” e o que vivencia como sexualidade, tido como apenas de uma fase:

Pesquisador: Você frequenta alguma religião?

Ares: Eu vou na igreja né?

Pesquisador: Qual igreja? Qual religião?

Ares: Eu sou evangélico, né?

Pesquisador: E como é essa questão para você, da religião e de viver esses momentos de encontros com outros homens?

Ares: É, porque na questão da Bíblia né? Ela proíbe, né, a questão.

Pesquisador: E como você lida com isso?

Ares: Eu sei que eu tô meio errado com isso (risos), mas eu sei que essa fase, ela vai passar.

Pesquisador: Entendi, então você vive isso, mas acha que é errado?

Ares: É errado, mas de vez em quando, a gente fica... dá uma escapadinha (risos)

Pesquisador: E depois da escapadinha, como você fica, você com você mesmo, em razão disso?

Ares: Não, assim, eu fico assim, ressentido, mas depois aquela coisa passa né?

Pesquisador: E?

Ares: Depois eu fico muito tempo sem, depois vem, depois passa, é uma fase, vai passando.

Pesquisador: Entendi. Mas a religião te proíbe isso e você concorda?

Ares: É, na verdade é mais ou menos. A Bíblia que proíbe, que fala, porque a religião tem gente que fala que todas as religiões levam a Deus, e Deus é um só, negócio de religião tem gente que discute, quebra pau, mas negócio é a Palavra que fala. Então esse negócio de religião, eu não gosto de falar de religião, tem gente que fala de religião que dá confusão, que dá briga, eu tenho uma opinião sobre isso, que a Bíblia fala que é errado.

Pesquisador: Então para você é pecado?

Ares: É.

Pesquisador: O que você faz é pecado?

⁹⁷ Nesse sentido, sugiro a leitura de “*Uma brecha no armário: propostas para uma teologia gay*”, de André S. MUSSKOPF (2015), em o teólogo propõe, assim como na Teologia Feminista, uma leitura da teologia a partir da “(...) subjetividade e na particularidade do contar histórias de vida gays e lésbicas”, no sentido de que a partir disto, se torne possível “recuperar seu passado de opressão e discriminação, curando profundas feridas deixadas por esse passado”, além de “(...) permitir a vida significar e fazer frente ao sistema que oprime e marginaliza através da formação de uma consciência coletiva, (...) emergindo como sujeitos de si mesmos e de seu futuro”. Trata-se de um imaginar, superando a concepção linear dominante e valorizando as experiências subjetivas para “(...) reconstruir imagens apagadas e borradas”, sendo este o “pressuposto epistemológico para este novo sujeito que emerge” (MUSSKOPF, 2015, p. 28-29). Para além desta obra, ainda indico as obras “*Deus, Sexo e Diversidade: relendo a Bíblia sem preconceitos*”, de Michel NAHAS FILHO (2015) e “*Teologia e os LGBT+: perspectiva histórica e desafios contemporâneos*”, de Luís Corrêa LIMA (2021),

Ares: (Sinaliza afirmativamente com a cabeça)
Pesquisador: E você fica mal com isso, e depois passa?
Ares: (Sinaliza afirmativamente com a cabeça)
Pesquisador: E por que você continua fazendo?
Ares: Ah, tem aquela vontade de fazer né?
Pesquisador: E?
Ares: Aí eu fico um tempo, seguro, e aí depois passa, é assim ...

Já a *maricon* Hefesto atualmente não vivencia mais nenhuma forma de expressão religiosa, pois entende que a religião, enquanto “(...) *organização católica ou organização protestante, é muito problemática, em relação a algumas questões*”. Para ela, a religião é “*uma ferramenta de controle social, que às vezes é uma benção, mas muitas vezes é uma desgraça*”, porque nem sempre “(...) *a religião vai dar conta de responder todas as questões existenciais*”. Seu relato sobre o início da adolescência, e a forma como lidava com sua sexualidade e sua vivência religiosa, principalmente no contexto da igreja é forte. A *maricon* explica por que ela mesmo decidiu se desligar da instituição e viver de forma desigrejada.

Pesquisador: A sua formação familiar era religiosa, de que base?

Hefesto: Protestante.

Pesquisador: E como era vivenciar o contexto protestante na infância e na adolescência, e ser gay, e saber o posicionamento que, em regra a igreja, os protestantes têm?

Hefesto: Eu orava para não ser gay. Eu orava, jejuava, eu chorava, eu subia no monte, até que chegou uma época que eu falei assim: “*ou Deus é surdo, ou ele é mudo, ou isso não é problema*”. E aí para eu ficar mais leve comigo, eu fui para a segunda coisa, a segunda resposta: isso não tem problema, porque eu não ia falar que Deus é surdo, porque eu achava que era um absurdo né, eu então vi que não tem problema, então acho que eu tô fazendo papel de trouxa, orando para ele, e o problema é da igreja. Aí eu fui, cheguei perto do pastor, chamei os pastores, a liderança, e falei com eles assim: ‘*gente, olha estou me desligando, eu fui batizado aqui, acho que com seis meses, estou me desligando da igreja porque eu não acredito mais nessas convenções, e eu não quero, eu não quero, ser desonesto com a religião, com a igreja, então eu estou me desligando*’.

Pesquisador: E até hoje você está desligado, de qualquer instituição religiosa?

Hefesto: Graças a Deus.

Pesquisador: E como você lida com a questão de um possível pecado?

Hefesto: Não existe isso. Eu não lido. Não me importo com a religião, mais não. A questão de Deus para mim já transcendeu, transcendeu a fé, não acredito nisso mais não.

Diferente de Hefesto, outras *mariconas* apontam para uma possível conciliação da homossexualidade e a religião, sendo condenável o que consideram como promiscuidade – o que demonstra uma latente moralidade cristã que persistente em suas vivências. A *maricon* Dionísio afirma que é católico apostólico romano, mas atualmente está “*desviado*”. Com a

pandemia, parou de frequentar e se distanciou, mas sente “*falta de estar perto mais das coisas lá da igreja*”. Disse também que nunca teve problema com isso, porque “*o pessoal sempre me aceitou e me deu cobertura*”. Ela se posiciona afirmando que a igreja tem suas doutrinas, e que cabe às pessoas acatá-las:

Pesquisador: Como que você lida com isso, porque a religião cristã, em tese, ela acha que a homossexualidade é um pecado, como que você lida com isso?

Dionísio: Hoje, graças a Deus, está mais compreensível essa situação na igreja. A situação da gente ser o que a gente é né, e viver realmente o que a gente é, agora preciso entender de uma forma mais correta né, igual todo mundo né, não viver lá na promiscuidade sempre, essas coisas todas. Aí por esse lado, eu vejo que é o que estraga na nossa orientação, porque é uma imagem que passa para todo mundo né, que a pessoa que é assim, a pessoa que tem essa orientação, aí ela faz tudo isso, e na verdade, tem quem faz e tem quem não. Então hoje eu consigo enxergar bem assim a posição da igreja na nossa vida, vejo que a igreja até tenta ser melhor com a gente, mas tem os empecilhos da doutrina, de cada uma, mas a igreja hoje acolhe muito mais a gente do que antigamente, tanto a Católica, como as outras também, eu percebo isso. Agora é claro que, não é que cada um tem que ... se você é cristão você tem que fazer as coisas de acordo com o que que você acha que Deus gostaria, eu penso assim.

Já Eros revelou que vivenciou a demonização de sua afetividade no contexto evangélico, passando por pressões psicológicas e sessões de “cura interior” que deixaram cicatrizes. Atualmente no Candomblé, essa questão é superada consigo mesmo:

Eros: No contexto religioso foi a demonização da minha afetividade. Eu vim aí de uma família que era cristã fundamentalista, mais desse lado bem de negócio de revelação, de cura interior, não sei o que, então eu já escutei que era um demônio, que eu era endemoniado, já escutei que era o diabo que tava fazendo isso, então tinha toda essa pressão psicológica, já passei com o processo de oração, processos de renúncias, de cura interior, de tentar curar a minha afetividade né, assim, eu fui forçado a isso algumas vezes, e foi bem doloroso, bem desgastante, assim, o lado emocional a gente acaba adquirindo cicatrizes que, para te falar a verdade, vai levar um pouquinho, para o resto da vida aquela dor.

Pesquisador: Entendi. E hoje em dia, como você vê esse aspecto da sua vida, como você vive isso, relacionado à sua sexualidade?

Eros: Hoje eu tô muito bem comigo mesmo, assim, em relação à minha homossexualidade, é uma coisa que para mim tá tudo resolvido, tá tudo certo, entendeu? Não tenho nenhum sabotador, até de fora, quem tenta falar que é errado, eu já corto, aí não me atinge mais, e eu mesmo não me saboto nesse sentido, eu sei que tá tudo certo, tudo bem, sou assim, faz parte de mim, eu vim assim e ponto e acabou.

Poseidon apresentou em um longo relato de uma vivência religiosa muito triste e violentadora, tanto em discursos como em processos de pressão psicológica e demonização da afetividade, o que culminou em sua expulsão da igreja evangélica a qual pertencia, de forma vexatória. Apesar disto, a *maricona* acaba demonstrando como os impactos na forma de vivenciar sua sexualidade até hoje decorrem dessas experiências, ao afirmar que a promiscuidade seria um comportamento sexual que valoriza somente o desejo e que o objetivo da Bíblia seria “*resguardar a pessoa*”, isto é, manter uma relação que seja homonormativa, a partir da procura de uma pessoa para amar e ser fiel - o que, então, deixaria de ser pecado⁹⁸.

Poseidon: Por eu ser de uma família cristã, então tinha pai, mãe, irmãos, e eu próprio também, todos nós frequentando essa instituição religiosa, e fazia cobranças né? A igreja até então não sabia, mas eles, os pais, faziam essas cobranças que eu tinha que me comportar como crente, então foi uma pressão e uma barra que eu tive que enfrentar. E muitas vezes a custos de outras depressões mais leves, que eu consegui lidar de uma maneira mais solitária, já não envolvendo eles, mas foi essa a questão toda: está num ambiente cristão que não acolhia.

Pesquisador: Entendi. Na igreja você sofria preconceito mesmo antes de assumir?

Poseidon: Olha sempre tinha assim, às vezes, algumas piadinhas, os olhares né, que a gente capta, mais nada muito declarado, até um certo momento x, mais ou menos, quando eu devia ter uns 17 anos, aí aconteceu o episódio que foi um divisor de águas ainda na minha vida dentro da igreja, por quê? Eu comecei a me corresponder, e na época era correspondência mesmo (risos), não era nem telefone, eu comecei a receber trocar umas cartas, com um rapaz do Rio de Janeiro, só quem não podia receber essas cartas na minha casa. Então eu tinha uma certa confiança com um rapaz da igreja, e eu pedi a ele para receber essas correspondências por mim. Não deu outra né? Uma dessas cartas parou na mão do pastor dessa igreja, e ele assim, sem sabedoria nenhuma, nenhuma, levou essa correspondência. Nunca vi, nunca tive acesso a essa correspondência minha. Levou ela para uma espécie de Assembleia, com várias pessoas, e eu só soube o conteúdo dessa carta depois por outros amigos. Esse rapaz do Rio de Janeiro, ele queria me inserir num grupo de gays que viajavam pelo país e pelo mundo, com descontos, entendeu, era, se não me engano, provavelmente, deveria ser, a primeira movimentação de GLS né, que na época ainda era essa sigla, que via, que queria fazer algo em prol da comunidade, entendeu? Então é nessa carta que ele oferecia isso, eu me inseri nesse clube, para eu poder ter descontos de viagens, descontos de compras, entendeu? Mas eu imagino que era tudo assim, deveria ter, essa carta deveria ter muitas fotos com homens, homens com homens né, então enfim, deu no que deu, sabe o que deu? Eu fui excluído dessa igreja, por causa dessa descoberta assim abrupta da minha sexualidade.

⁹⁸ Sugiro a leitura do livro de Vanrochris Helbert VIEIRA, denominado “*Gays Evangélicos: vivendo no front*” (2021), em que o autor traça um panorama de formas atuais que diferentes grupos têm adotado para lidar com a fé e a sexualidade, a partir de uma pesquisa de campo com quatro grupos de gays evangélicos em distintas igrejas evangélicas na cidade de Belo Horizonte.

Pesquisador: E depois disso, como você passou a viver a sua experiência religiosa?

Poseidon: Muito, muito conflito. Sempre muito conflito, porque eu sabia assim: a crença estava em mim, a crença em Deus, em Cristo, a formação cristã estava e está dentro de mim, mas eu não podia exercê-la de uma maneira plena por causa do meio evangélico, mas eu insistia sabe, tanto é que depois que eu fui excluído dessa igreja eu passei alguns anos sem ir na igreja, e até um momento eu decidi participar de uma outra. Mas você nunca é inteiro, sabe, você nunca tem uma aceitação plena, você não consegue ser você nesse meio, você tem que sempre estar ocultando uma face, você não consegue ser 100%. Você não consegue ser íntegro. Então foram várias experiências assim de entrar numa igreja e sair, de entrar e sair, de maneira que hoje, aos 49 anos, muitas águas rolaram, eu estou, o que eles chamam hoje de desigrejado né?

Pesquisador: Assim, a religião cristã, evangélica, católica, afirma que a homossexualidade é pecado. Como você lida com isso?

Poseidon: Eu busco respostas, há algum tempo eu busco respostas com relação a essa questão. Eu sofri muito é porque eu não tinha uma mentalidade com base em outras opções de respostas para textos bíblicos que a igreja sempre interpretou de uma maneira só. Só que eu comecei a procurar outras respostas com relação a isso, e eu vi que não era bem assim como eles colocavam, tão taxativos. Então hoje, eu vejo de uma maneira, eu vejo o seguinte: que pode ser pecado, mas não é pecado essencialmente, sabe? Eu acredito que tem situações que sim, mas tem situações que não.

Pesquisador: Por exemplo?

Poseidon: Olha, lendo a Bíblia a gente vê um ataque muito forte ao sexo descompromissado, a promiscuidade né, ao comportamento sexual exclusivamente no intuito de liberação do desejo né? Eu acredito que talvez a questão colocada como pegada seja justamente isso, essa falta de coesão que o ser tem em se deixar partilhar a sua essência com várias pessoas, sem ter o amor como base, sabe? Sem ter o amor como a argamassa disso? Você fica um ser fragmentado né? Quanto mais experiências sexuais, com mais parceiros, de maneira desenfreada, você inevitavelmente, psicologicamente, você se torna um ser fragmentado, e eu acredito que é isso que a Bíblia procura, é resguardar a pessoa, colocando isso para o pecado. Mas a partir do momento que você procura um parceiro sabe, você procura amar uma pessoa, com fidelidade, eu não vejo isso nenhum mal, sabe, eu não vejo isso nem mal, não vejo isso pecado, e é isso que depois assim, a partir dos 30 anos, é que eu comecei a me dedicar nessa busca, e depois que já passa aquela, aquele fogo né (risos) da adolescência, de início de juventude, aí já começa a querer a apaziguar, você vê que tem coisas muito mais importantes do que o sexo em si propriamente dito, que é você partilhar sua vida com uma pessoa. E é por aí, eu vejo que é nesse sentido, eu não vejo a desaprovação divina nenhuma com relação a isso.

Já Urano tem uma experiência religiosa muito forte na Igreja Católica. Atuou durante muito tempo na Renovação Carismática e entende que essa vertente não seria tão conservadora, mas percebe que a questão da homossexualidade não é tão colocada em pauta. Em suas

vivências no contexto religioso afirmou que “*via padres que eram gays e ficavam com outros caras*”, tendo sido inclusive assediado por um em certo momento, ressaltando que nunca cedeu, pois “*não queria entrar nesse rolê, como se diz, a minha imagem, a imagem que construí ao longo do tempo na igreja, eu não queria que ela fosse queimada por causa disso*”. A *maricona* afirmou que via um trânsito intenso de coroinhas na casa de um determinado padre da cidade, e que a igreja, de certa forma, sabia e escondia, ignorando esses fatos, e não tocando no assunto da homossexualidade – exceto para afirmar que “*os gays vão para o inferno*”. Ao ser indagado se achava que era um fato isolado, afirmou que isso é muito comum, inclusive começando na vivência de seminaristas⁹⁹:

Urano: Não, é comum, é comum. Eu assim, tinha meu contexto ali próprio né, ali daquela região que eu frequentava, mas eu tinha amigos que eram seminaristas que falavam horrores (risos). Dois, três amigos, que foram para o seminário e assim me falaram coisas absurdas, que eu fiquei chocado, “*gente, a vida sexual desse povo é muito mais ativa, muito mais ativa que a minha cem vezes*”. Assim, no próprio seminário, acontecia de tudo, na igreja acontecia de tudo, e aí ele chegava e falava “*nossa, aquele padre é gay, aquele outro também*”. Então eu pensava assim “*nossa, então não tem ninguém que é hétero*” (risos). Beleza, seja gay, isso não tem nada a ver, mas eu acho assim, a vida sexual deles também é muito ativa, pelo o que eu observo a vida sexual deles é muito ativa.

Sobre possíveis consequências dessas vivências no contexto religioso, a *maricona* relatou que seu destino era também ser padre, em razão de seu envolvimento no contexto religioso. Afirmou que as pessoas do seu entorno o incentivavam ao celibato porque viam nele “uma possível homossexualidade”, e que apesar de ser uma aparente contradição, se sentia empurrado para tanto. Urano concluiu seu relato destacando a importância de se ter referências de gays bem-sucedidos para que histórias como as dos padres não continuassem existindo:

Urano: (...) O meu destino também poderia ser esse de ser padre, o pessoal até falava muito isso quando eu tava na igreja, “*nossa, você tem tanto perfil para ser padre, vira padre*”, eu falava “*gente, eu não sei, não quero ser padre, eu gosto de tá aqui, de participar, mas não quero me prender, tenho outros sonhos, tenho outras coisas para fazer*”, eu não queria me prender a algo religioso, porque eles também devia perceber isso em mim. Ou seja, olha como é contraditório: a pessoa via isso em mim, bem mais que eu a questão da sexualidade, de ser gay, e eu não percebia tanto, e elas me empurravam assim, para o celibato. Tipo assim, é como se fosse uma redenção, para você se redimir. E ao mesmo tempo sabendo que eu não ia me redimir, porque lá a vida sexual deles não é celibato, são ativos, eles não são

⁹⁹ Sobre pesquisas que abordam gênero e religião, sugiro o livro “*Jeito de Freira: uma etnografia da vocação religiosa feminina no século XX*”, de Miriam Pillar Grossi (2020)

celibatários. Se eu não tivesse uma cabeça um pouco melhor, entrava em parafuso, ainda mais na adolescência e na juventude que a gente tá sem saber aquilo que tava sentindo, olhava para os lados e não tinha referências, hoje você consegue ver mais referências, mas na década de 90 você não tinha tantos referências de caras gays bem sucedidos, que vivem a vida tranquila, que são casados, eu não tinha essas referências, então é importante ressaltar isso também, dessas faltas de referências que a gente mais velho não teve, nem na família, em ciclo de amizades, você tinha que furar bolha, para conseguir ver referências, mas referências a gente não tinha.

A *maricona* Hypnos chegou a ser seminarista, e confirmou a existência de uma vida sexual ativa por seminaristas, o que aconteceria não “(...) *só Valadares, mas na região como um todo, posso falar da que eu conheço né, que são as regiões de Diamantina, Mariana, Caratinga, Valadares, Teófilo Otoni, e infelizmente é muito comum*”. Quando indagada sobre seu passado e possíveis escolhas que faria diferente, é a relação com a religião que surge como resposta, sendo constituinte de suas territorialidades que lhe marcam. Diferentemente dos seminaristas que Urano afirma saber de uma vivência sexual ativa, Hypnos desistiu e abandonou o seminário. Agora, ao pensar seu passado, afirmou que poderia “(...) *na questão sexual, talvez ter vivido, vivido não, talvez ter sido mais amigável, amistoso em alguns relacionamentos que eu achei que poderia ter dado certo*”. Para ela, faltou-lhe maturidade para lidar com sua sexualidade e sua escolha de vida religiosa à época: “(...) *hoje eu olho com um nível de maturidade maior e vejo que naquela época fui imaturo ao fazer determinadas coisas, questão de atitude mesmo*”. (HYPNOS).

Seu relato como uma *maricona* que deixou o seminário, abandonando uma possibilidade de constituição de vida pela via religiosa, é interessante pois expressa como esse processo de compreender que a sua sexualidade não seria um pecado pode ser violentador. Se reconhecer gay e ao mesmo tempo com interesse em uma vida cujos preceitos religiosos exige o celibato é marcante, pois denota formas de violências a partir de um pânico moral da sexualidade, que é ratificada por discursos religiosos preconceituosos. A vida religiosa se torna assim uma válvula de escape para lidar consigo mesmo e com seus desejos afetivossexuais:

Hypnos: Eu costumo dizer que ela foi a melhor coisa da minha vida, ao mesmo tempo que foi a pior. A melhor coisa da minha vida porque o conhecimento que adquiri lá foi marcante, tanto para essa questão sexual também, da homossexualidade, não que lá eles ensinaram, muito pelo contrário, mas a minha motivação foi justamente isso, porque a gente via principalmente ao estudar Teologia Bíblica, a gente via muitas coisas muito quadradas, muito fechadas, e eu sempre me perguntava, será realmente? E uma coisa que me chamou bem à atenção, foi que uma vez em uma determinada palestra lá, nem foi

ligado à questão de estudo mesmo, uma determinada palestra, um determinado palestrante que era sacerdote, ele disse que naquela época as pessoas que nasciam com alguma deficiência física, ou alguma deficiência mental, era tidas como endemoniados, perturbados, por isso não podiam viver dentro do meio social, porque eram pessoas amaldiçoadas por Deus. Porém isso não era culpa delas, então isso não fazia sentido, em considerar pecado, o erro do povo dos judeus daquela época foi exatamente isso: achar que aquilo que era diferente não era certo, então era pecado. Ele estava se referindo ao contexto bíblico né, da passagem de um paralítico, e tal, ou dos leprosos, que eram doentes, quando as pessoas que nasceram com deficiência mental, e na hora me veio essa questão, eu posso falar por mim, que eu não escolhi ser assim. Em um determinado momento, a minha afeição foi para o lado masculino, então, se eu não tive opção de escolha, ou se eu não posso controlar isso, é a mesma situação. Até hoje não tive a oportunidade, de sentar com calma e estudar sobre as questões que defende o ponto de vista que homossexual é algo de ordem natural, ou seja nascimento, pessoa já nasce homossexual e tudo, então não posso defender. Mas então foi a partir daí, que eu fui começar dentro dos vieses da teologia, até que ponto isso poderia ser, não ser, se alguém defendia, se atacava seria coerente ou incoerente, se possui base ou não. Então era um algo que ficava às vezes matutando na cabeça, mas não era organizado, e a partir desse momento passou a ser, e eu comecei a sistematizar a partir de estudos, e foi quando eu fui melhorando mais ainda a minha questão do meu eu. Ao mesmo tempo que foi a pior experiência, pelo fato de que, infelizmente, hoje o cunho religioso é tido como uma válvula de escape para muitos, muitos homossexuais vão ser padres para não precisar assumir para família, e não vai precisar casar, e em alguns pontos, para não dizer a maioria, eles vão poder continuar vivendo uma vidinha às escondidas, e ainda assim tem uma moralzinha, enquanto sacerdotes, ter uma imagem a zelar enquanto sacerdote, e infelizmente, a maioria desses que vão com esse pensamento, conseguem se ordenar, porque sempre tem um padre que é homossexual, que tem o mesmo pensamento, que apoia, que esconde, vira parceirinho, e é isso aí a vida.

Já a *maricon* Zeus iniciou seu relato sendo categórico, ao afirmar que não considera sua sexualidade como pecado, uma vez que não se trata de uma opção. Ela faz uma análise sociológica das elites brasileiras e a sua relação com a Igreja Católica. Concluiu seu raciocínio afirmando que muitos gays também decidem pela vida religiosa porque assim não precisariam transar com mulheres, o que reforça que socialmente é esperado que todo homem tenha uma aparência pública que denota uma masculinidade hegemônica heterossexual:

Zeus: Nunca considereí pecado. Resumindo esse pedacinho, eu nunca me considereí um pecador porque eu sou muito melhor que muita gente que eu vejo dentro da igreja e que é hetero. Mas se alguém tem que me julgar é Deus e eu não acredito que Deus ia me fazer nascer assim, por mais que as pessoas não aceitem que o gay nasce gay, sabe, eu conheço muita gente que fala '*não, você vira gay*'. Não é uma opção, quando a gente fala opção. Que opção? Eu não tive escolha. Eu

não nasci e um dia eu virei e falei “*ah, hoje eu resolvi virar gay, amanhã vou virar hétero*”, sabe? Não é uma opção. As pessoas não entendem isso. Você nasce gay. O motivo que você nasce gay eu não sei. Eu sei que nunca gostei de mulher, nunca senti atração por mulher, eu nunca quis transar com mulher, apesar de já ter transado, entendeu? Várias experiências horrorosas. Então eu acho que Deus não ia me julgar. Eu tenho certeza que não. Deus não vai julgar uma pessoa que ele pôs assim no mundo. Porque não foi uma escolha, não é uma conduta, é simplesmente nasci com esse desejo, errado ou certo, sei lá como as pessoas veem isso, entendeu? Como eu sei que antes de Cristo isso não era pecado, isso veio virar pecado depois da Igreja Católica, eu já estudei muito sobre isso, assim como você tá fazendo pesquisa e você sabe que tem relatos de Nero, de Marco Antônio e de companhia ilimitada que todos usavam, que tinham os homens para dar prazer e mulher era só meio de reprodução, você entendeu? Isso é histórico, as pessoas podem não aceitar, mas é histórico. Sei também porque eu fiz um trabalho sobre isso que é o seguinte: a Igreja Católica, na Idade Média, ela colocava, ela obrigava todas as famílias, as grandes famílias, a ter um filho padre, o filho mais velho tinha que ser padre, por quê? Porque quando a família morria, a herança da família era assim: o filho mais velho recebia a maior parte, o filho do meio um pouco menos, o mais novo menos ainda, e as mulheres eram dadas os dotes para casamento. Então eles pegavam os filhos mais velhos como padres, a pessoa podia não ter nenhuma vontade, nenhuma tendência de ser padre, pegava aquela pessoa e colocava como padre, aquela pessoa tinha que voto de castidade, voto de pobreza, quando aquela pessoa morria a herança ia toda para a Igreja Católica, então a Igreja Católica veio muito errado, sempre foi muito errada. Hoje os Papas tentam consertar isso, esse Papa novo ele mesmo falou várias vezes que não tá aqui para julgar ninguém pela sexualidade, ele tirou aquela coisa rica da igreja, tá tentando ser mais simples, por causa disso. Então a igreja acabou levando muitos gays para lá por causa disso: não pode ter relações sexuais, então a pessoa resolve ficar padre porque não precisa transar com mulher.

Já a *maricona* Hypnos fez uma análise mais abrangente desse pânico moral da homossexualidade, associando-o às práticas que ela denota como tóxicas, tais como piadinhas e zoação. Ela também refletiu sobre como isto acontece em razão do conservadorismo da cidade e da força das questões religiosas, tanto católicas como protestantes:

Pesquisador: Pensando no grupo LGBT, ou melhor, no grupo gay, especificamente, não tem diferença, no geral? (entre ser gay ou heterossexual)

Hypnos: No geral sim, a gente percebe categoricamente. Eu tenho ciclo de amigos que são héteros, tenho pessoas que são homossexuais, e por muitas vezes até mesmo os homossexuais, quando passa alguém, como eu te disse né, mas bichoso da vida, eles brincam, eles zoam, caçoam, se tem alguém na mesa sentado, principalmente as meninas né, falam mal, então nesse sentido assim, de âmbito geral, viver em Valadares é você ter que aturar, tanto as críticas quanto os olhares meio tóxicos.

Pesquisador: E por que que você acha que isso acontece, especificamente em Valadares?

Hypnos: Valadares é uma cidade de porte grande, não vou dizer uma cidade grande, grande, mas é uma cidade de porte grande, porém a cultura e a mentalidade dela ainda preserva aquele conservadorismo de cidade interior né? Não estou dizendo que é basicamente a culpa né, mas a influência religiosa dentro de Valadares ainda assim é muito grande, então todo esse quesito de questão de pecado, tudo ainda ferve muito na cabeça das pessoas, e isso é muito propagado. Eu te falo com uma certa propriedade, de pôr já tem acompanhado muitos, tanto antes de eu me assumir, tanto depois, dentro da questão, pelo fato de ter sido seminarista também, a maior parte dos problemas gerados em família com pessoas homossexuais, se dá justamente pela questão religiosa, porque os pais não aceitam, a família, os irmãos, as companhias não aceitam, porque a igreja fala que é pecado, isso não só a Católica, mas qualquer uma, as igrejas protestantes ainda são um pouquinho piores. E aí sempre tem um pastor que vai querer ir lá exorcizar o capeta do corpo, para sair a pomba gira, o espírito gay, as companhias limitadas, sempre vai ter um lá querendo fazer a cura.

É justamente essa territorialidade religiosa como marca cultural da cidade de Governador Valadares que justifica, na concepção de Hypnos, o fato de ser, ao mesmo tempo, uma cidade conservadora e religiosa, porém, com muitos gays que perpetuam suas práticas de fé em igrejas que, em tese, condenam suas sexualidades. A *maricona* salienta que há uma tentativa de acolhida pelas igrejas em momentos de crise, para tirá-los da homossexualidade, em geral, sem sucesso:

Hypnos: (...) normalmente, toda a pessoa, principalmente, na nossa região, nós somos criados com um patamar religioso de início, sempre, sempre. Poucas são as pessoas, as famílias daqui de Valadares, que não tem algum vínculo religioso, seja ele qual for, ou espírita, ou umbandista, ou qualquer um, mas ele tem alguns vinculo religioso, então aquilo ali ensinado, principalmente, na fase da adolescência, do término na infância para o início da adolescência, e começa a aflorar muita coisa da questão da homossexualidade, isso perturba a cabeça, e às vezes, é algo extremamente né, e chega a ser de medo para as pessoas conversarem, principalmente, homens, para conversarem sobre isso, um com os outros, ou seja com a família, e muitas vezes busca um certo auxílio, em sacerdotes, em religiosos, ou pessoas mais ligadas à vida religiosa, que fazem isso, colocam no caminho, mas nesse sentido, ‘*you tá pecando, you vai buscar Deus*’, e isso acaba se perpetuando. Até que chega em certo ponto, em que a pessoa ou ela se revolta, sai da igreja, e vai viver a vida, ou ela associa as questões e não procura saber sobre o que, o que não é, o que deixa de ser. Então, a igreja ela é o principal, não vou dizer que é o principal, mas é ela um dos principais que ajuda sim a promover essa, esse preconceito, não queria usar esse termo, mas é o que me veio na cabeça agora, ela ajuda propagar pelo discurso que ela faz, sim, porém, também, é aquela que primeiro acolhe.

Pesquisador: Como é essa acolhida?

Hypnos: Na maioria das vezes é feita como um sentido mais humanístico, mas de uma forma errada, naquela coisa, eu acolho você enquanto pessoa, mas não o seu ato. Eu aceito você enquanto um ser, você pode até ser gay, mas você não vai poder professar isso, você não vai poder vivenciar sua sexualidade.

Para finalizar a análise este tópico sobre o papel das igrejas e religiões na contenção e repressão das homossexualidades no Brasil, remeto à José Silvério TREVISAN (2018, p. 160), para quem existe um pânico arquetípico no desejo homossexual brasileiro, a partir da associação de dogmas religiosos com uma análise penal, anteriormente denominada como crime de sodomia. O jornalista aponta que esse pânico existe desde 1500, “(...) quando nos tornamos geograficamente uma nação nos moldes ocidentais”. Para tanto, todo o ordenamento jurídico durante anos, foi utilizado para o estabelecimento desse pânico. A sodomia estava presente nas Ordenações do Reino de Portugal, nas Ordenações Manuelinas, nas Ordenações Filipinas, permitindo inclusive a morte de seus praticantes pecadores. No Código Imperial do Brasil (1830) a morte deixou de ser obrigatória e passou-se a tipificar como “crimes por ofensa à moral e aos bons costumes”. Já no Código Penal Republicano (1890) era um “crime contra a segurança da honra e honestidade das famílias” ou “ultraje público ao pudor”, além de na época fazer-se uma associação da sodomia com a pedofilia, como forma possível de se penalizar quem fosse descoberto, atingindo-lhe também moralmente. As falas das mariconas de Governador Valadares entrevistadas mostram que este ordenamento religioso e jurídico permanece como pano de fundo nas vivências homossexuais na cidade.

7.2. O PÂNICO MORAL E A “IDEOLOGIA DE GÊNERO”

Tais relatos apontam para um novo khronos na sensibilidade geracional de homens gays envelhecidos (HENNING, 2014), sobretudo a partir da segunda parte da década dos anos 2010, que denomino como “pânico moral da homossexualidade e perseguição política de dissidências sexuais”. Desta vez, tal pânico é desassociado da aids, mas se fortaleceu com a retomada ao poder de grupos de direita, cujos discursos políticos perseguem as existências de sexualidades dissidentes e demais minorias. No trabalho de campo, a *maricona* Aquiles foi categórica ao afirmar que a cidade é um reflexo do governante da esfera nacional:

Pesquisador: O que é para você, ser gay em Valadares?

Aquiles: Ser gay em Valadares? (pausa) Ah, cara, é (pausa) ser gay em Governador Valadares é você dá um chute na porta do armário todo dia, entendeu? Ainda mais numa cidade naturalmente hipócrita,

provinciana, entendeu, que se diz conservadora nas redes sociais, mais por trás, desculpa a expressão, é um lixo de cidade, entendeu? E, assim, eu acho que Valadares está muito bem representada na Presidência, porque aquilo ali é o reflexo do que é de Valadares, o governo, entendeu? Você vai me desculpar, mas é isso. É um chute na porta do armário todo dia, inclusive na minha profissão, porque, assim, determinados lugares a gente tem que manter uma postura, mas ainda tem pessoas que ditam padrão de comportamento (...). Entendeu? Então, Valadares é essa, de dar um chute na porta do armário todo dia. você falar: ‘*olha eu tô aqui, você me respeita, entendeu?*’ E aí, viver a vida.

Em um estado da arte publicado em 2020, apontamos (NOVAES, ANDRADE & DOS SANTOS, 2020) que os estudos de gênero deflagraram a necessidade de refutar o que popularmente ficou conhecido desde meados dos anos de 2010 no Brasil como *Ideologia de Gênero*. Trata-se de um discurso político, de genealogia cristã, difundida na esfera política e na sociedade civil por atores sociais católicos e evangélicos, que se posicionam contrários às políticas públicas com foco em questões que pautam demandas de gênero, tais como a possibilidade de casamento entre pessoas do mesmo sexo, adoção por homossexuais, direitos sexuais e reprodutivos e educação sexual no âmbito das escolas. Por meio de um discurso de medo, alianças e gramáticas políticas, se constituiu como uma narrativa que persegue intelectuais, artistas e educadores, por meio de um pânico moral conservador, de base fundamentalista, e que exige a existência de delimitações estatais, a partir de parâmetros de masculinidades hegemônicas e heterocentradas, consideradas por estes atores sociais como padrões tradicionais dados por parâmetros religiosos, que devem ser defendidos pela sociedade e ensinado nas escolas.

Uma das formas do pânico moral da homossexualidade e de perseguição das sexualidades dissidentes aconteceu no contexto da educação, com o que nacionalmente ficou conhecido como “Escola Sem Partido”¹⁰⁰, uma iniciativa que se descreve na condição de ser uma associação informal, independente, sem fins lucrativos, de estudantes e pais que combatem o suposto “grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras”. Para os participantes, professores são como um “exército”, que “abusa da liberdade de cátedra” e impõem aos estudantes “sua própria visão de mundo”. Por outro lado, são temáticas que supostamente esses professores tratam com preconceitos: o cristianismo, “a família tradicional”, militares, capitalismo, propriedade privada, dentre outros¹⁰¹.

¹⁰⁰ Fonte: <<https://www.hrw.org/pt/report/2022/05/12/381942>>.

¹⁰¹ Fonte: Site do Escola Sem Partido, “Sobre Nós”, disponível em: <<http://escolasempartido.org/quem-somos/>>.

De 2014 a 2022, segundo relatório produzido pela *Human Rights Watch*, 217 projetos de leis com esse objetivo foram apresentados e aprovados em todo o país. O documento aponta a existência de uma campanha com o intuito de desacreditar e banalizar a educação sobre gênero e sexualidade, tendo como figura principal de apoio o presidente Jair Bolsonaro¹⁰², desde antes de sua campanha eleitoral em 2018. Em 2019 houve a votação e aprovação na Câmara de Vereadores de Governador Valadares de um projeto de lei municipal (127/2019) que propunha a aprovação da “Escola Sem Partido”¹⁰³ nas instituições de ensino locais, a partir da mobilização do QGs de Bolsonaro na cidade. A proposta, segundo um de seus líderes, era “(...) desmascarar doutrinadores marxistas que tomam conta das escolas públicas municipais, estaduais e particulares, evangélicas e católicas, faculdades e universidades”¹⁰⁴. Quem assinou a autoria do projeto era o então vereador Coronel Wagner do PMN, que à época explicou que a proposta era "democrática", e objetivava a neutralidade política, ideológica e religiosa. Em entrevista para a Inter TV dos Vales (Afilhada da Rede Globo) afirmou: "(...) o professor é para ensinar a matéria. Não é para influenciar aluno a respeito de teoria A ou B, a respeito de gênero, a respeito de religião. A escola é um lugar de ensino e aprendizagem”.

Durante a votação do projeto, houve reações de diversos atores locais que criticavam sua aprovação, bem como de apoiadores. Vereadores da base do Governo Municipal (PSDB), antes da votação apresentaram um projeto substitutivo denominado como “Escola Democrática” que deixava professores mais livres para abordar assuntos em sala de aula referente à religião, política e entre outros assuntos. De forma ambígua, em sua defesa, o vereador Paulinho Costa (PDT), em entrevista a Inter TV dos Vales afirmou que “não concordava com alguns pontos do projeto Escola Sem Partido”, e o que substitutivo era “(...) preservando a família, preservando a liberdade do professor de dar aula”.

¹⁰² Destaco que em Governador Valadares, na eleição presidencial de 2018, o então candidato Jair Messias Bolsonaro (até então do PSL) obteve o total de 63,97% dos votos no primeiro turno, e no segundo o montante de 71,07% de votos. Aliados, Romeu Zema (do Partido Novo), até então candidato a Governador de Minas Gerais, e que em sua campanha se apresentou como coligado ao candidato à presidência Bolsonaro, obteve a vitória no primeiro turno (37,26%) e no segundo turno (57,25%) na cidade de Governador Valadares. Em 30 de maio de 2019, Romeu Zema concedeu a Bolsonaro, Mourão (Vice-presidente) e Sérgio Moro (então Ministro da Justiça de Bolsonaro), o título de cidadão honorário de Minas Gerais. Fonte: Portal G1 - Vales de Minas Gerais - Apuração por Zonas Eleitorais (2018). Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/mg/vales-mg/eleicoes/2018/apuracao-zona-eleitoral-presidente/governador-valadares/2-turno/>>. Fonte: Portal G1 - Minas Gerais. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/05/31/zema-concede-titulo-de-cidadao-honorario-de-minas-gerais-a-bolsonaro-mourao-e-moro.ghtml>>. Fonte: Jornal Gazeta do Povo (2018). Disponível em: <<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/resultados/municipios-minas-gerais/governador-candidato-romeu-zema/>>.

¹⁰³ Sobre a votação do projeto na cidade de Governador Valadares: <<https://globoplay.globo.com/v/8058256/>>

¹⁰⁴ Fonte: Jornal O Olhar. 17.01.2019. Disponível em: <<https://oolhar.com.br/projeto-ainda-nao-foi-votado-mas-grupo-quer-impor-escola-sem-partido-em-valadares/>>.

IMAGEM 3.

Registro de matéria jornalística sobre manifestações contrárias à votação da Escola Sem Partido



Fonte: Print do Portal G1. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8058256/>>.

O projeto, sem ser o substitutivo, acabou sendo aprovado em primeiro turno, em reunião da plenária em 01 de novembro de 2019, tendo 14 votos favoráveis e 5 contrários. Alguns vereadores da base do governo municipal alegaram que votaram favoráveis para que o projeto substitutivo pudesse ser analisado pelo Legislativo. Representantes do movimento LGBT em Governador Valadares¹⁰⁵ criticaram a aprovação porque limitava as discussões de gênero em

¹⁰⁵ Sobre como os movimentos políticos de coletivos juvenis em Governador Valadares se articulam e como relatam suas vivências quando da votação do PL Escola Sem Partido, sugiro a leitura da tese do colega de doutorado Murilo Ramalho PROCÓPIO, intitulada “*As transformações na ação coletiva de esquerda diante dos ciclos de protestos contemporâneos: reflexos das Manifestações de Junho na atuação de coletivos do município de Governador Valadares - MG*” (2022)

escolas municipais, e apontaram que o projeto de lei era inconstitucional, uma vez que feria princípios constitucionais como a dignidade humana, além de indicarem decisão de medida cautelar proferida dias antes pelo ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal - STF, que declarou inconstitucional Lei Municipal de Ipatinga, cidade a 95 km de distância, com teor similar ao que fora aprovado na Câmara de Governador Valadares.

Em 08 de janeiro de 2020, o projeto substitutivo do PL 127/2019 foi aprovado¹⁰⁶, tornando-se a Lei Municipal n.º. 7, 107, que “dispõe sobre a liberdade de expressão, de opinião e de pensamentos no ambiente escolar das redes públicas e privadas de ensino do Município de Governador Valadares e institui o mês da Escola Democrática”. No dia 28 de maio de 2020, a sessão virtual do Plenário do STF confirmou, de forma unânime, a inconstitucionalidade dos dispositivos da Lei 3.491/2015 do município de Ipatinga (2015), que excluíam do ensino público municipal qualquer referência sobre diversidade de gênero e orientação sexual. Segundo o relato, projetos dessa natureza no país afrontam as regras gerais e os direitos fundamentais à igualdade e à não discriminação, amparadas pelo artigo 206, inciso II, da Constituição da República Federativa do Brasil¹⁰⁷.

Isso sinaliza o que muitos interlocutores da minha pesquisa apontaram em suas falas sobre o quanto Governador Valadares é uma cidade conservadora. Suas narrativas servem para perceber além de experiências traumatizantes, em que medida a religiosidade e bolsonarismo são fortes territorialidades locais, cujos impactos nesse momento são significativos na compreensão de algumas próprias *mariconas* sobre seus espaços de experiências e na constituição de (novos) horizontes de expectativas, ao lidarem com uma cultura pautada pela moral e bons costumes, oriundos dos padrões heterocentrados.

7.3. VAMOS EVITAR ESCÂNDALOS: SER GAY EM UMA CIDADE CONSERVADORA

O pânico moral da homossexualidade e o medo de perseguição se materializa nos relatos das *mariconas* sobre as formas de agenciamento de suas vivências sociosexuais na cidade. Baco aponta que tais vivências são difíceis, porque há uma preocupação das gays de não serem “*pegas e causar escândalos*”, o que associa a uma preocupação relacionada ao

¹⁰⁶ Sobre o projeto substitutivo:

<https://www.legislador.com.br/legisladorweb.asp?WCI=LeiTexto&ID=344&inEspecieLei=1&nrLei=7107&aaLei=2020&dsVerbete=127/2019>

¹⁰⁷ Para ler o voto do Ministro Gilmar Mendes, relator: <<https://www.conjur.com.br/dl/gilmar-mendes-ipatinga.pdf>>.

conservadorismo local e ao forte número de igrejas evangélicas, inclusive frequentada por muitos desses gays:

Baco: Valadares é uma cidade, querendo ou não, é uma, como é que eles falam, uma grande pequena cidade, ela é uma cidade relativamente grande em termos populacionais e em desenvolvimento, mas é uma cidade extremamente conservadora. Tanto que aqui, nada dessas coisas fluem né, nessas coisas ligadas ao ambiente homossexual dentro de Governador Valadares, você vê não que flui, não vão adiante né, não rendem. O que rende muito é aqui, é por exemplo, aquele menino que tinha aquele negócio lá na Tereza de Calcutá lá, por exemplo, entendeu? Aquele negócio desse sempre foi muito escondido, é o meio que conhece aquilo ali, mas ele nunca conseguiu fluir com aquilo, de forma que fosse aceito claramente pela sociedade, tudo e tal, então você vê que você fala de uma coisa muito escondido. Então eu acho Valadares uma cidade muito difícil, muito complicada, é uma cidade extremamente conservadora, embora a gente saiba que as igrejas evangélicas daqui, tantas tradicionais quanto as outras, estão carregadas de homossexuais e tudo, mais ainda é uma cidade que restringe muito esse grupo.

Já a *maricon* Fobos, apesar de entender que na cidade as experiências homossexuais são diferentes daquelas existentes na capital, afirmou que tem a impressão de que, em certa forma, entre os gays, “*acaba que todo mundo já pegou todo mundo*”. A preocupação em não agenciar formas de visibilidade pública da orientação sexual se daria, em sua opinião, pelo medo de sofrer represálias no trabalho – o que acredita que não acontece na capital mineira:

Pesquisador: Qual a diferença de ser gay em Valadares e em Belo Horizonte, por exemplo?

Fobos: Ah, eu acho que é aquela coisa que te falei: em Valadares, uma hora ou outra, se você tem um leque de amigos que também é gay, uma hora ou outra vocês vão acabar se relacionando com a mesma pessoa, pode ser um agora e o outro daqui cinco anos, Valadares acaba não tendo tantas opções para relacionamentos. Aqui acaba que todo mundo já pegou todo mundo. Em Belo Horizonte é bem maior, e por ser maior, eu creio que tenha menos pessoas para você dar satisfação.

Pesquisador: E aí, lá é mais fácil...

Fobos: Mais fácil. Creio que Belo Horizonte, essas cidades maiores, capitais, é bem mais fácil ser gay do que numa cidade menor. Em questão de convivência né?

Pesquisador: E em outros aspectos, como que você vê?

Fobos: Não sei, não sei se, não posso falar se na capital, numa entrevista de emprego se você falar, se alguém vai te desclassificar por você ser gay. Eu sei que aqui em Valadares, por ser um lugar menor, tipo assim, não sei de nenhum caso, mas vamos supor se vai uma pessoa lá fazer uma entrevista de emprego e você já viu ela aqui em Valadares chamada de *bichinha*, sei lá o que, vai acabar queimando o filme. Na capital, em cidades maiores, eu acho que isso não acontece, porque acaba que você nem conhece aquela pessoa.

Nesse mesmo sentido, a *maricona* Eros, após refletir sobre as mudanças ao longo do tempo, disse acreditar que ainda hoje, na cidade, possa vir a ser rejeitado em sua profissão de músico por sua sexualidade. Em sua análise, isso se dá porque “a cidade seria ainda coronelista, mesmo com acesso à tecnologia”. Como efeito, ela percebe que muitos LGBTs ainda preferem não se expor publicamente.

Pesquisador: O que é para você ser gay em Valadares?

Eros: (pausa longa). Cara, a gente vai entrar aqui numa linha muito tênue, por quê? Porque eu não acho que mudou muita coisa de quando eu tinha 20 anos de hoje, que eu tenho 36. Na verdade, o que mudou fui eu e não Valadares. Quando eu tinha 20 anos eu achava muito difícil, porque eu era muito novinho, era muito impressionado, e eu importava muito com o que as pessoas estavam importando. Hoje com 36 anos, eu acho que eles continuam do mesmo jeito, só que eu não me importo mais, entendeu assim? Para mim já não é tanto uma questão. Então eu acho que eu sou gay aqui, assim como eu seria em qualquer outra cidade. Essa questão não é uma questão para mim. Agora existe sim... eu posso até dá um exemplo, tem um exemplo, vamos supor, eu toquei na noite durante anos, tinha bares que não me chamaram por causa disso, coisa que talvez em outra cidade não aconteceria, então Valadares realmente é um pouco, talvez, para mim, eu Eros, ser gay em Valadares hoje seria ser rejeitado, restringido, até em áreas profissionais, pela consciência que as pessoas têm aqui. Agora em termos assim, de outras coisas, não. Pra mim tá tranquilo, já não me importo mais não. (...) Eu acho que Valadares é aquela cidade que, da época do coronelismo, mas que ao mesmo tempo ela tá na modernidade, que hoje é esse acesso da globalização, da internet e tal, então todo mundo sabe de tudo, mais finge que não sabe. Eu acho uma sociedade bem hipócrita, que pisa em merda e arrotta caviar, então assim, todo mundo sabe quem é viado, quem é hétero, todo mundo o que tá fazendo, as putarias que tá fazendo e tudo, mas muitos fingem, inclusive os próprios gays que tem preconceito com eles mesmos, fingem que não, mas todo mundo sabe quem eles são, e tem aqueles que fazem escancarado, e não tão nem aí. Então assim, eu acho que a sociedade em si, ela não mudou muito de 15 anos para cá não, entendeu? Eu acho que existe bastante preconceito sim, só que... é isso, essa pergunta é muito ampla, mas eu acho sei lá, se eu conseguir passar alguma resposta.

Nesse sentido, transitar no circuito gay local é uma apreensão para as *mariconas*, pois isso aponta para a visibilidade pública da sexualidade dissidente, o que faz com que se tenha medo sobre o que isso pode refletir, principalmente, no mercado de trabalho, de forma negativa. A *maricona* Fobos, por exemplo, disse que já se preocupou quando frequentava lugares que sejam reconhecidos como ambientes gays, pois alguma pessoa que a conheça de outros contextos poderia vê-la. No entanto, afirma que hoje tem trabalhado isso consigo:

Pesquisador: Medo de quê?

Fobos: De encontrar alguém conhecido, mas que quando eu coloquei na minha cabeça que quem eu encontrasse conhecido lá também era gay ou no mínimo simpaticante, aí acabou tendo menos neura, mas não era uma coisa tipo assim, que eu ia sempre, mas eu fui...

Já Asclépio relatou que tem medo de frequentar determinados lugares não necessariamente em razão da homossexualidade, mas por uma questão de cuidado em relação à violência e ao tráfico de drogas, em razão de um preconceito de classe que há em seu depoimento, quando fala em periferia. Sobre ambientes do circuito gay local, confessa que antes tinha preconceito e evitava frequentar, principalmente quando lá havia transexuais:

Asclépio: Ah, sim, se eu sei que é um lugar que eu não me sinto seguro, eu não vou não. Mas eu acho que não é tanto em relação a orientação (sexual) não, é mais em relação, sei lá, se a periferia, se tem drogas, se tem muita baderna, muita bebedeira, eu não me sinto às vezes bem, dependendo.

Pesquisador: Entendi, e você evita frequentar alguns lugares em que você pode ser reconhecido por amigos, colegas, familiares?

Asclépio: Eu evitava quando era mais no começo né, que eu não ... eu mesmo tinha um certo... estigma, nós vamos dizer assim. De achar que num local que era LGBT ia encontrar mais gente afeminado né... mas enfim, evitava entre aspas, porque algumas festas, algumas boates que tinha, eu já fui algumas vezes, que eu fui e não me senti assim, incomodado, mas tinha um, ou outro local, nessa cidade que era bem frequentado, mais assim, pessoas trans, aí eu não me senti à vontade, não frequentava, mas hoje é uma questão pra mim não é um problema não, entendeu, se eu tiver de deixar de frequentar não vai ser por causa disso, vai ser mais em função talvez de se for na periferia por dar medo, ou talvez não está interessado em um ambiente que têm às vezes tanta bebedeira e música até de madrugada, entendeu?

O mais antigo espaço de homosociabilidades gays em Governador Valadares é o “Inferninho”. De propriedade do promotor Silvio Zafalão, existe na cidade desde meados da década de 2000. Nesse período já mudou de localização várias vezes. Também já se chamou “Pop Pub”. Atualmente no espaço acontecem as festas “*Sambay*”; no entanto, popularmente entre os entendidos, a maioria o denomina de “Inferninho”. Ao pesquisar, encontrei um blog desativado denominado “Deu Babado”, que relatava em uma postagem de dezembro de 2010, que esse espaço foi o local onde ocorreu a festa final da Primeira Parada LGBT de Governador Valadares em 2010. À época, ficava no subsolo da Creche Tereza de Calcutá, onde atualmente é o Restaurante Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus Governador Valadares.

Recordo-me que havia uma associação à época muito forte de que o Inferninho era um espaço do circuito gay frequentado por gays de classe média baixa ou de mesmo de baixa renda.

Naquela época, era de senso comum entre os “entendidos” que as boates destinadas para o público pertencente à classe média alta ou mesmo com alto poder aquisitivo existiam somente na capital mineira, como a extinta Josefine. Em Belo Horizonte tinha-se ainda boate específica para lésbicas, a “The L”, nomenclatura inspirada na série “The L Word”; e, para classe média ainda havia a “Gis”. Do interior, em Governador Valadares, saiba-se também da existência de um local na capital mineira que era uma espécie de “Inferninho”, o também já extinto “Estação 2000”, localizado na Praça Raul Soares, região central da capital mineira.

IMAGEM 4.

Materiais de divulgação de festas do circuito gay em Governador Valadares



Fonte: Instagram do evento: @sambayfesta

A questão da visibilidade política LGBT local também se destacou como algo que não é bem-vista para alguns de meus interlocutores. Para alguns, por se tratar de uma cidade pequena, em que “*todo mundo conhece todo mundo*”, não há a necessidade de se assumir e de se ter militância. São narrativas que demonstram uma reprodução de perspectivas sociais de cunho homofóbico, pois se colocam contrárias as pautas por direitos LGBTs, o que é preocupante. A *maricona* Dionísio, por exemplo, afirma que “a sociedade valadarensense não está preparada para a visibilidade LGBT”, e que é preciso ser “discreto” nos espaços públicos:

Dionísio: Igual, a gente tem aí, tem muito gay isso aí, que são, que parecem que são héteros, e a gente nem sabe que são gays, gays assumidos que parecem ser héteros, comportam na rua normalmente, se tem algum relacionamento e tá na rua, andam juntos, mas não faz nada para afrontar ninguém, então eu prezo muito isso, porque eu acho, que é certo que a gente cada um é cada um, e nós convivemos no século tal, e todo mundo tem que respeitar todo mundo, mas eu acho que, mesmo assim, a sociedade não está preparada para ver tantas coisas assim abertamente, Então eu acho que muita gente faz dentro de casa, negócio não precisa ficar sendo mostrado, então eu procuro pessoas que estão dessa forma, mais discretas e tem um jeito meio de homem (risos), não seja que a coisa escrachada, e assim, não que eu não vá ter

uma amizade, não andar com as pessoas, nada disso, porque eu tenho amigos assim, ando com eles e tal, e a gente tem até um debate, a gente bate boca assim por causa disso, porque ele não aceita, ele quer que eu seja mais ou menos igual ele, que é afeminado demais da conta, que anda para rua afora atacando todo mundo, gritando com todo mundo, e eu quero que ele seja, não quero que ele seja igual a mim, eu quero que ele seja mais discreto possível, mas não adianta, entendeu? Então meu jeito é, eu gosto de pessoas do meu estilo para cima, porque eu não saio na rua atacando as pessoas na rua, eu confesso para você que eu já beijei na rua, mas o dia que eu beijei na rua, eu passo o dia com torcicolo, porque eu fiquei assim ó: olhando para um lado e por outro mesmo, parecendo que eu tava fazendo a coisa mais errada do mundo, e na verdade não, entendeu? (risos). E é uma coisa, uma coisa assim, da gente a mesmo, da educação que a gente teve, de tudo, do respeito com as pessoas, então é isso.

Fobos, por sua vez, disse que não se identifica com a militância gay, não concorda com “levantar bandeira” em uma cidade pequena, e critica ativistas que utilizam as redes sociais. Justificou seu posicionamento afirmando que nunca vivenciou um ato de homofobia grave.

Pesquisador: E a militância gay?

Fobos: Não tenho.

Pesquisador: Por quê?

Fobos: Não tenho. Por ser todo mundo de cidade pequena, não tem essa questão de levantar bandeira. Por isso que eu sou assim também.

Pesquisador: Você não acha necessário?

Fobos: Não, eu acho necessário. Eu não me vejo fazendo isso. Acho bacana a luta, mas só que tem pessoas que vivem a homossexualidade, tem pessoas que colocam isso como uma doutrina, isso aí eu acho estranho. Igual tem uma pessoa no meu facebook, ela só posta isso, eu sei que tem homofobia, eu sei que tem situações, mas eu sei que tem gente que vive assim, qualquer coisa é homofobia, qualquer coisa é preconceito. Eu já não enxergo desse jeito.

Pesquisador: Quando você vê um ato de homofobia, como você reage, normalmente não é com você, mas quando você presencia, como você lida com isso?

Fobos: Eu nunca cheguei a ver uma homofobia grave assim, eu não presenciei. Mas se for questão de piadinha, alguma coisa assim, não sendo comigo, eu acabo deixando pra lá, mas se eu ver que a pessoa ficou constrangida, ou chegou na pessoa e tal, quem tá fazendo o ato eu tento conversar, chego na pessoa de boa e tento conversar, sem dar sermão, “*mexe com isso não é tal*”...

Para além da preocupação com a visibilidade em espaços de homossociabilidades gays, o conservadorismo também impacta na realização de eventos, como a Parada LGBT em Governador Valadares. Cabe o registro de que as edições do evento sempre foram realizadas a partir de articulação de pessoas com sexualidade dissidentes com visibilidade local, tendo o apoio de espaços de controle social, com o Conselho Municipal de Direitos Humanos, e a

autorização para utilização dos espaços públicos pelo Poder Público. Mais recentemente, a AAUIF se organizou para a realização da quarta edição da Parada LGBT em 2020, que não aconteceu por causa da pandemia.

IMAGEM 5.

Material de divulgação e registros da Primeira Parada Gay de GV em 2010 e da organização da edição em 2020.



Fonte: <<http://centraldenoticiagays.blogspot.com/2010/04/1-parada-gay-de-governador-valadares-mg.html>> e @webertarao

Se por um lado há uma organização de militância gay local, como a AAUIF, outros preferem o anonimato total. Baco, uma *maricona* que se apresenta como de esquerda, diz se sentir cética com militância política, e entende que sua sexualidade deve ser uma questão que se restringe ao âmbito pessoal e privado:

Baco: (...) eu sou muito cético com algumas coisas, cético com o movimento LGBT, cético com o movimento negro, aí pego tudo, eu sou muito saco com essas coisas. E às vezes, nesse sentido, acho que me considero até um pouco de direita né, pouco meio conservador de direita né, porque eu não consigo ter essa visão (...) eu não consigo ter essa coisa que as pessoas têm, esse tipo de discussão próprio do mundo gay, é o casamento, a liberdade, o poder beijar. Eu já acho ridículo um hétero beijando no meio de todo mundo de língua, quem dirá gay, entendeu? Eu acho feio, e aí o Ed, não é uma questão de ser ou não ser um casal homossexual, heterossexual, é eu acho você feio, então não levanto essas bandeiras, entendeu? Eu acho ridículo um casal hétero, uma mulher e um homem sentado numa mesa no restaurante de família, um chupando a língua do outro, entendeu? Eu acho feio essas coisas. Então a relação foi desse jeito. Agora, eu, particularmente, eu, Baco, eu nunca sofri por isso. Escondido a vida inteira, e não tem, e não sinto um pingão, ao contrário de alguns amigos que sente aquela necessidade, que fala assim, ‘*ah, eu tenho que me abrir com o mundo, eu sou reprimido, eu sou isso, eu sou aquilo*’, eu nunca tive esse

problema, nunca tive essa necessidade. A minha vida é minha, eu vivo ela do jeito que eu quiser, e eu também não tenho que dar satisfação para ninguém. Mas eu acho que isso é muito questão de maturidade, que vem com a idade. Eu acho que você vai chegando a determinado ponto, você passa não ligar mais para alguns adjetivos, que as pessoas pensam de você e tal, é você já tá quase que consagrado na sua profissão, profissionalmente você tá quase que consagrado financeiramente, então de certa forma, você tá pouco se lixando para a opinião de alguém, ou de outras pessoas. Então muita gente tem essa necessidade de viver livre, mas será que você não pode viver livre, sem ter que dar satisfação da sua vida para outras pessoas? Então, é um questionamento que eu sempre faço.

Apesar de ser contra demonstrações públicas de afeto e entender que não há a necessidade de “*sair do armário*”, a *maricona* Baco relatou sua experiência no contexto político de partidos locais de esquerda e afirmou que lá também existem preconceitos com a comunidade LGBT, assim como na direita conservadora. Além disso, também apresentou dificuldades ao expressar sobre convivências com outros gays que não performem uma masculinidade hegemônica, pois segundo a *maricona*, isto “(*...*) *quebra, de certa forma, a tal da respeitabilidade nesse meio*” político.

Baco: (...) é muito difícil você falar assim que um cara solteiro, os seus 54 anos, relativamente bem-sucedido né, ainda tem todas essas questões, de partido de esquerda. A convivência no meio da esquerda, convivência com a homossexualidade era muito mais tranquila, você passa conviver com ela né, e eu (...) sempre ligado à esquerda. Então você começa, eu cresci nesse meio... e cresci também, no sentido não de crescer de idade, mas também cresci, me evoluir profissionalmente nesse meio, me tornando, de certa forma, respeitado nesse meio. Então você passa a conviver com isso né, aí você começa a viver em outro ambiente, tipo viver São Paulo, Brasília, BH. Então você começa a conviver muito com esse tipo de pessoa, embora, eu nunca tive uma relação muito aberta nesse meio né, mesmo porque, querendo ou não querendo, isso quebra, de certa forma, tal da respeitabilidade nesse meio. Então é uma coisa que você tem, você aceita, você convive, e tudo, mas você é estigmatizado de alguma forma, é isso aí, sempre é. Então essa questão de vida pessoal nesse meio também, ao contrário do que as pessoas pensam, as pessoas pensam assim: ‘*ah, tá lá no meio de partido de esquerda, você não sofre preconceito*’, é mentira. Entendeu? Costuma sofrer, e de forma muito mais arrojada do que você conviveria no mundo, no mundo, digamos, da direita conservadora, entendeu? Porque na direita conservadora, ‘*eu não gosto de você e ponto*’, na esquerda, no movimento da esquerda você sempre tem aquela questão: ‘*eu tenho direito a te gozar, eu tenho direito e tal*’. (...) Agora, quando são as pessoas que são as vítimas mesmo, me pergunta, por exemplo, se eu sofri algum tipo, de alguma forma com isso? Nunca, entendeu. Primeiro sempre considerei a questão da sexualidade e a questão do sexo, de forma mais direta, ela nunca foi essencial na minha vida. Eu, tem hora, que eu penso que sou

meio que assexuado né, em algumas coisas entendeu? Ela não tem aquela importância predominante nas coisas. Tanto que eu até questiono muito, e alguns amigos meus, mais ortodoxos, nessas situações, dizem para mim, mas... eu acho que o casamento gay é uma idiotice, porque eu considero, eu considero o casamento uma coisa entre o homem e a mulher, e que tem muito cunho religioso, entendeu, para mim. A união estável para garantir direitos e tal aí é outra situação e que não vem essa história de casamento. Então eu já me questionei muito isso. É tanto que eu nunca tive amigos, na linguagem gay ‘*poc-poc*’. Assim, nunca consegui conviver nesse meio da ‘*bichinha poc-poc*’, do afeminado, do trans, e tal. Eu convivo com amigos homossexuais e bem héteros, vamos assim dizer. Homossexual hétero, é uma coisa meio contraditória, mas eu digo assim no comportamento né, são pessoas que não tem jeito de homossexual, não se define como *poc-poc* e tal.

João Silvério Trevisan (2018), em “*Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*”, faz o resgate do Movimento de Liberação Homossexual no Brasil, mais especificamente, próximo e durante o processo de redemocratização nos anos 1970 e 1980. Aponta que no quadro político brasileiro à época havia, por um lado, uma ousadia da esquerda oficial, pois ao mesmo tempo em que os partidos de esquerda e suas figuras eram protagonistas, eram também mais ortodoxos. Por isso tinha-se a sensação de que “(...) enfiava tudo isso dentro do rótulo vago e finalmente depreciativo de luta das minorias”. A pauta da esquerda¹⁰⁸ seria então a luta de classes, e as pautas sobre sexualidade, racismo e aborto, por exemplo, eram tidas como temas que incomodam, fugiam aos parâmetros da luta de classes, ou mesmo causavam incômodos com a Igreja Católica e sua ala de progressistas. O autor afirma: “(...) do ponto de vista da esquerda ortodoxa, as chamadas ‘minorias’ apresentavam temas espinhosos. E, para nós das ‘minorias’, a sensação era de estarmos prensados num círculo de ferro, à direita e à esquerda” (TREVISAN, 2018, p. 316).

O relato de Baco remete a essas formas de silenciamento de pautas sobre gênero e diversidade dentro do contexto de grupos políticos de esquerda local. Faço aqui um parêntese: O PT - Partido dos Trabalhadores, por exemplo, assumiu o Governo Municipal por dois mandatos consecutivos (fato inédito à época na história local) entre 2009 e 2016, sob a liderança de Elisa Costa, e não concretizou nenhuma estrutura, ainda que mínima, de atuação do Poder Público com políticas para LGBTs (como havia para outros grupos sociais, como

¹⁰⁸ O jornalista aprofunda ainda mais essa análise e afirma que para os participantes dos movimentos de liberação homossexual, era comum a percepção de “(...) que, muitos militantes de esquerda se aprofundavam no ativismo político como resultado de uma refinada repressão sexual”. Ele lembra que em uma produção do grupo de militantes gays à época, consideravam “(...) as trepadas como atos políticos, mesmo porque nossa atuação política devia ‘estar cheia de ternura que tínhamos aprendido fora e debaixo dos lençóis’ (TREVISAN, 2018, p. 318).

pessoas com deficiência, deficientes, idosos, mulher etc., a partir de Coordenadorias). Também não fomentou a organização de um possível Conselho Municipal de Direitos LGBTs.

Já o PSDB - Partido Social Democrático Brasil, ao assumir a Prefeitura em 2017, com a liderança política do engenheiro e pecuarista André Merlo (que venceu no primeiro turno o candidato do PT de forma esmagadora nas eleições¹⁰⁹, e foi reeleito vencendo outro candidato do PT que é Deputado Federal¹¹⁰), de forma inédita acenou para a comunidade LGBT, mesmo sem criar uma estrutura governamental ou espaço de controle social específicos, quando em janeiro de 2021, nomeou a mulher trans Bianka Gomes de Carvalho, conhecida do circuito noturno gay por ser humorista, atriz e drag queen (e que foi também candidata a vereadora em 2020 pelo Partido Podemos, da base do governo, ficando como a primeira suplente), para o cargo de Assistente na Secretaria Municipal de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo.

IMAGEM 6.
Bianka Carvalho Gomes



Fonte: Portal Gama. Disponível em: <<https://portalgama.com.br/mulher-trans/>>

¹⁰⁹ André Merlo foi eleito com 81,03% dos votos. O candidato do PT, Glêdston Guetão foi em terceiro lugar, com 7,39%. Fonte: <<https://g1.globo.com/mg/vales-mg/eleicoes/2016/apuracao/governador-valadares.html>>.

¹¹⁰ Novamente André Merlo (PSDB) foi eleito, desta vez, em segundo turno, com 57,74%. O candidato do PT, Leonardo Monteiro, não chegou a figurar no segundo turno, ficando com apenas 14,45%. Fonte: Consulta no site do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais - <<https://www.tre-mg.jus.br/eleicoes/eleicoes-2020/eleicoes-2020>>

O cargo era de comissão, e foi por ela mesmo informado em uma entrevista¹¹¹ que se tratava de uma Coordenação de Cultura e Eventos. Ainda assim, a nomeação de Bianka foi um marco para a comunidade LGBT valadarense, porque ela foi a primeira mulher trans a ocupar tal função na história da gestão pública municipal¹¹².

Retomando a análise dos relatos dos interlocutores sobre o que é ser gay em Governador Valadares e os apontamentos acerca do impacto do conservadorismo, têm-se que a *maricona* Zeus salientou que em Governador Valadares, para que haja a aceitação pública da homossexualidade de uma pessoa gay, ela precisa ser destaque em sua área de atuação profissional, o que não acontece, em sua opinião, ao comparar com as vivências de gays nas capitais de Minas Gerais e Espírito Santo, ambas mais próximas à cidade cenário da pesquisa.

Pesquisador: Para você o que é ser gay em Valadares?

Zeus: Não vou falar pra mim, vou falar num contexto geral, porque é o que eu falei que minha realidade é muito diferente de muita gente que eu conheço. Ser gay em Valadares é muito difícil. A cidade é totalmente preconceituosa. Como te disse, há 30, 40 anos atrás, era muito pior. Mas é uma cidade muito preconceituosa, para a pessoa ser aceita aqui ou você destaca na sua profissão, na sua área de atuação, ou você se destaca por ser formado, ou então você é um viado apontado na rua aí. Mas é uma cidade boa, Valadares é uma cidade boa, mas a gente tem que fazer de tudo para se destacar, senão... O povo tem a cabeça muito fechada. Mas aqui ainda é melhor que muita cidade que eu conheço por aí também, sabe? Valadares poderia ser mais liberal pelo número de gay que tem aqui, pelo tanto de gay que tem nessa cidade, era uma cidade que tinha que ser muito mais liberal do que é.

Pesquisador: Qual a diferença de ser gay em Valadares e em Vitória e Belo Horizonte, que são as duas capitais mais próximas daqui?

Zeus: Pois é, em Vitória, é uma cidade muito perigosa também. Então você tem que ter certos lugares, certos ambientes que você não vai, porque o povo, igual te falei, quanto mais a classe inferior, pior, você entendeu? E Belo Horizonte, você pode andar de mulher, de mãos dadas na rua, por ser uma capital mais, apesar de mineiro ser mais tradicional, mas é uma capital muito mais aberta do que Vitória em si, então Valadares está num patamar bem mais abaixo que isso tudo, mas mesmo assim, é uma cidade acolhedora, querida. Só que aqui cada um tem que ser bom cabeleireiro, um bom empresário, um bom médico, bom em alguma coisa, aí o povo nem lembra que você é gay, fora isso, fica lá aquela coisa.

Assim, a relação com a cidade estabelecida pelas *mariconas* é territorializada pela vivência de experiências homosociais que pautam o fenômeno da violência simbólica em suas

¹¹¹ Bianka Gomes participou da II Semana da Diversidade da Univalde em 2021, para falar sobre a importância da utilização de nomes sociais para pessoas transexuais e travestis. Sua fala está disponível a partir de 37 minutos no link: <https://www.youtube.com/watch?v=c_Zr9eaVANo>.

¹¹² Bianka Carvalho faleceu no dia 20 de março de 2022, após um período de internação hospitalar para um tratamento de pneumonia, e desde então não há nenhuma figura LGBT cotada a lhe substituir.

múltiplas faces contra as existências dissidentes de gênero e sexualidades, fazendo com o tempo presente também lhe promova medo e aflições por serem que são.

7.4. A VIOLÊNCIA FÍSICA CONTRA LGBTs

Outra territorialidade citada de forma unânime entre as *mariconas* interlocutoras é a percepção de que Governador Valadares não é uma cidade perigosa para pessoas LGBTs. Apesar de ser conservadora, como anteriormente exposto, as *mariconas* percebem que na cidade não há muitos casos de violência física contra gays. Essa percepção fez com que a *maricona* Dionísio, por exemplo, mudasse para a cidade em prol de uma certa segurança:

Pesquisador: O que é ser gay em Valadares, para você?

Dionísio: (...) foi o que me fez ter vontade de morar aqui nessa cidade, porque eu moro aqui já tem 10 anos, e há 15 que eu frequento aqui, então eu, assim, quando eu morava em outra cidade e vinha para cá, eu senti um ambiente muito receptivo neste sentido para essas pessoas, fiz bastante amizade e tal, então foi por isso que eu quis mudar para cá, quando eu tive a oportunidade de vir (...), de um modo geral eu acho que assim, até que em Valadares, aceitam mais ou menos bem essa comunidade, mais ou menos, porque até então eu desconheço. Você não, você já tem uma vivência maior e conhece muito muitas coisas, mas eu desconheço questões de violência aqui praticado com essa comunidade, como a gente vê em outras cidades.

Fobos também entende que Governador Valadares não é um lugar com violência física contra gays, ou mesmo contra homens que fazem sexo com outros homens. Ao explicitar como acontecem tais encontros sexuais, ratifica a ausência de práticas de violências:

Pesquisador: O que é para você ser gay em Valadares?

Fobos: (...) pra mim, aqui, questão de Valadares, eu não vejo, eu nem vejo Valadares como uma cidade homofóbica.

Pesquisador: Por quê?

Fobos: Porque aqui o pessoal é liberal. Valadares é uma cidade pequena que quando você vai ver tem trezentos caras que se dizem héteros que acabam fazendo por fora.

Pesquisador: E por quê que isso acontece?

Fobos: Curiosidade. Dinheiro.

Pesquisador: Rola por dinheiro?

Fobos: Tem uns que rola. O homem já é curioso por si só. Na verdade, não sei nem se o homem é hétero, né? Pra mim, é bi.

Pesquisador: E você acaba tendo essas vivências, boa parte com homens com esse perfil, que também não são assumidamente gays?

Fobos: Sim.

Pesquisador: E você prefere isso?

Fobos: Prefiro.

Pesquisador: E como que faz pra você encontrar esses homens, como que vocês se encontram pra isso?

Fobos: Cara, aquela coisa, você percebe, dependendo do ambiente, às vezes no bar, às vezes em pontos de pegação.

Pesquisador: Tipo?

Fobos: Aqui em Valadares tem os pontos, lugares abandonados, festas mesmo, tem algumas áreas que você percebe que se você ficar ali você vai acabar trombando com alguém que seja do seu interesse. É a questão do olhar mesmo, quando a pessoa tá afim ela olha, e se retribuiu...

Pesquisador: Nessas relações com esses homens, com esse perfil também é o seu, de ser mais reservado, de não ser publicamente gay, quais são os lugares que vocês usam para transar?

Fobos: Eu moro só né? Então... (risos).

Pesquisador: Então rola na sua casa?

Fobos: Na minha casa.

Pesquisador: Tá, mas se você não morasse só, ou em conversa com esses homens, onde que normalmente, além das casas de um ou de outro...

Fobos: Eu já, já fui pra motel, pra hotel, as vezes até áreas abandonadas.

Pesquisador: Entendi. De modo geral, pra você não tem diferença, ser gay em Valadares. Mas quando você olha os gays assumidos, como você acha que deve ser pra eles? Será que tem diferença dos assumidos para os não assumidos?

Fobos: Cara, não sei. Tá falando em relação a Valadares?

Pesquisador: Isso. Em relação a ser gay e morar em Valadares. Você, por exemplo, é gay não assumido, e mora aqui e não sente diferença, como você falou...

Fobos: Isso é uma opção minha em não assumir, não que fosse uma coisa que pudesse me prejudicar. Às vezes, por questão de serviço, eu poderia não gostar. Mas eu também acho que com o tempo eu ficaria tranquilo. Mas quem é assumido, bacana a coragem e tal, e você assumir, eu creio também que não deve atrapalhar não.

Pesquisador: Você acha que elas não vão sofrer alguma forma de preconceito, sei lá, por serem assumidos?

Fobos: Eu conheço gays assumidos, não sei, mas nunca me relataram que sofreram algum preconceito.

A *maricona* Hefesto, por sua vez, expressa que não tem medo de transitar por espaços de sociabilidades gays em Minas Gerais, o que já não acontece na capital do Espírito Santo.

Pesquisador: Você acha que tem diferença em ser gay aqui e ser gay em BH e em Vitória, que são as duas capitais mais próximas?

Hefesto: Em Valadares, eu não tenho medo do território. Em Vitória eu tenho. Em Belo Horizonte eu também não teria medo, porque eu acho que a cultura de lá também é cultura de noite, e cultura da noite ela é muito assumida pelo público LGBT, até principalmente, meninas, até porque é a profissão das travestis que trabalham com sexo, e de garotos e garotas de programa, que tem uma liberdade sexual muito grande, ela é noturna. Então a noite em Minas, eu acho uma noite

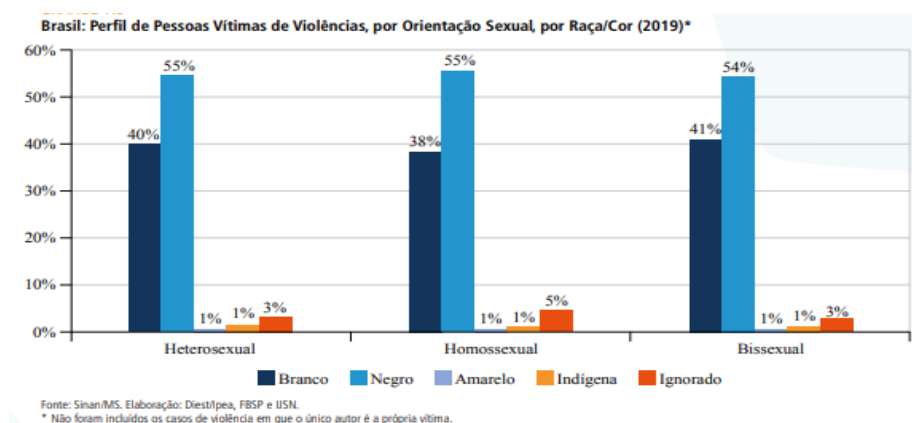
tranquila em Minas. Já Vitória eu não teria coragem, mas não por causa da sexualidade, eu tenho medo de Vitória.

Cabe destacar que segundo o Atlas da Violência 2021¹¹³, organizado pelo IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Daniel CERQUEIRA, 2021, p. 62), houve no Brasil um “(...) crescimento bruto de 5% nas violências contra homossexuais e 37,1% nas violências contra bissexuais, passando de 4.855 registros em 2018 para 5.330 em 2019”. Desse momento, 81,8% no último ano são registros de violências por orientação sexual, e de pessoas que são assumidamente homossexuais. A produção ainda indica que entre as vítimas de violência contra LGBTs, a juventude é a maior parte suscetível:

Evidenciam também que é no período de formação da identidade, na adolescência, o ponto mais alto da vulnerabilidade de pessoas homossexuais e bissexuais, havendo inclusive concentração muito maior de violências contra jovens homossexuais e bissexuais, do que contra heterossexuais. Enquanto jovens heterossexuais de 10 a 19 anos compõe 44,6% das vítimas heterossexuais de violências registradas pelo Sinan, bissexuais adolescentes e jovens de 10 a 19 anos correspondem a 59,5% das vítimas, e homossexuais a 44,7% das vítimas. (CERQUEIRA, 2021, p. 65).

Quando se faz o recorte étnico-racial das vítimas LGBTs, a maior incidência é de pessoas declaradas como negras, conforme se vê no gráfico abaixo:

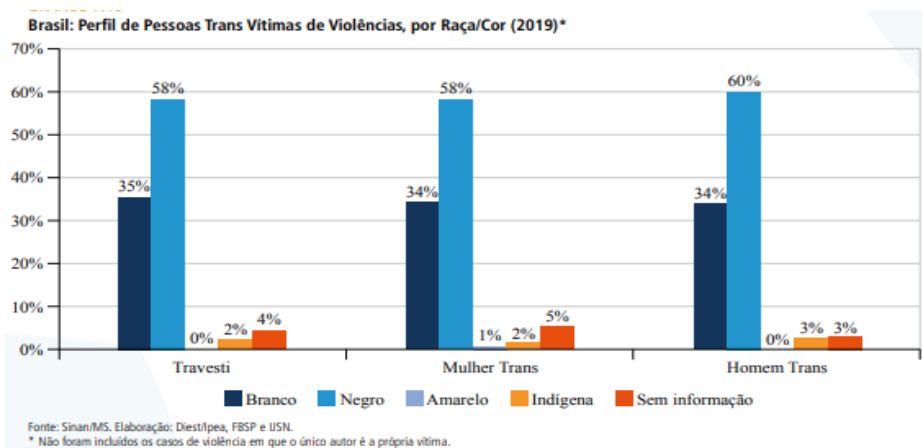
GRÁFICO 2.



Fonte: (CERQUEIRA, 2021, p. 66)

¹¹³ Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>>.

GRÁFICO 3.



Fonte: (CERQUEIRA, 2021, p. 67)

Já em Minas Gerais, em 2020, o NUH - Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT, da UFMG, e o Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Defesa dos Direitos Humanos (CAO-DH) do Ministério Público de Minas Gerais, apresentaram resultados de uma pesquisa que objetivava investigar as interfaces entre o sistema de Segurança Pública e a violência contra a população LGBT. O relatório denominado “*Registros de Homicídios envolvendo LGBTs no Estado de Minas Gerais*”, organizado pelo professor Dr. Marco Aurélio Máximo Prado (2020)¹¹⁴ traz um levantamento de casos de homicídios de transexuais e travestis no período de janeiro de 2016 a outubro de 2018, a partir de jornais, sites de notícias, além de páginas de movimentos sociais LGBT. Foram produzidos 105 REDS – Registros de Eventos de Defesa Social, envolvendo LGBTs como vítimas, autoras ou em outros envolvimento. Deste total, 48 (45,7%) homicídios foram consumados e 57 (54,3%) apenas tentados.

Ao dividir os 105 casos por territórios, no Vale do Rio Doce foram registrados sete casos, ficando a região em sétima posição no estado de Minas Gerais. Sobre os espaços onde essas violências ocorreram, 74 (70,5%) das ocorrências aconteceram em espaços públicos (ruas, avenidas, estradas, bares, hotéis, sítios, chácaras ou locais de eventos); 29 (27,6%) em espaços privados (referindo-se aos ambientes estritamente residenciais); e em 2 (1,9%) não foram registradas informações sobre o local.

Em nível local, em janeiro de 2022, segundo matéria publicada¹¹⁵ no site da Prefeitura de Governador Valadares, a 8ª Região da Polícia Militar de Minas Gerais (8ªRPM) informou

¹¹⁴ Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1MDnU_9dh1yZ9qQL7yWCAGa4mqwASnlzu/view>.

¹¹⁵ Fonte: <<https://www.valadares.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/numeros-de-crimes-violentos-diminuem-em-governador-valadares/159154>>.

ao Poder Público local que “(...) o número de crimes violentos registrados em Governador Valadares em 2021 apresentou queda de 35,85%, se comparado a 2020”. De igual forma, houve uma queda “registrada em relação aos homicídios consumados (-37,50%), roubos consumados (-42,40%) e furtos consumados (-14,39%)” A Polícia afirmou que “nos últimos cinco anos, o Município alcançou números históricos na redução de crimes violentos e roubos consumados na cidade”. Não obstante a este cenário, entendo que há uma carência de estudos que apontem de forma mais aprofundada os dados quantitativos e qualitativos locais em relação à violência direcionada ao público LGBT.

Todo esse circuito que envolve religiosidade, conservadorismo, apagamento da militância gay e apreensão sobre possíveis vivências de violências simbólicas e físicas em razão da orientação sexual pelas *mariconas*, se relaciona à virilidade como uma territorialidade das masculinidades brasileiras, que impacta a constituição das *mariconas* como sujeitos com masculinidades dissidentes. Essa virilidade aponta, por exemplo, para uma forte relação entre violência e armamento da população (bandeira política do atual governo, cuja popularidade eleitoral foi significativa na cidade), o que não é recente na história.

Denise Bernuzzi de SANT’ANNA (2013) aponta que por milênios o uso de armas como prática de precaução se tornou a referência da masculinidade, pois portá-la era sinônimo de coragem. Porém, o desenvolvimento urbano modificou a virilidade: na metrópole, as precauções contra o mal ultrapassaram outros hábitos até então comuns, como os patuás e as rezas. Na República, tinha-se assim uma masculinidade plural, formada por letrados e analfabetos, os revolucionários e os jovens proletários afrancesados. Para todos, o medo da homossexualidade fazia com se experimentasse a prostituição como forma de demonstração de força. A virilidade, portanto, era traduzido em potência sexual e capacidade reprodutiva, surgindo inclusive os primeiros estimulantes sexuais para combater o medo de falhar.

Aos homens não eram permitidos os choros e os risos à toa, e a prática de esporte era recomendada (para romper com uma visão de masculinidade melancólica, fraca e bêbada). A relação da masculinidade com as questões bélicas é tão forte que, por exemplo, a primeira medalha olímpica conquistada pelo Brasil foi com o tiro, demonstrando o uso de armas como artefato inclusive esportivo. Havia um fascínio com o bélico enquanto constituinte da masculinidade, ainda que também houvesse um certo receio de ser recrutado, caso o país necessitasse¹¹⁶.

¹¹⁶ Vitor IZECKSON (2013) aponta que os motivos que os homens apresentavam para não quererem ser recrutados era que isto interferiria na vida familiar (pois as mulheres e filhos não teriam amparado naquele

Já Angélica MULLER (2013) aponta que o ano de 1968 se destacou como um período que marcou mudanças sociais, transformações culturais e contestações políticas, em escala mundial, e com impacto na virilidade masculina. Há nesse período uma problematização, sobretudo em razão do feminismo emergente e da liberação gay com os movimentos sociais. A autora destaca que a virilidade refletia, sobretudo para os jovens, a realidade e aspirações sociais, e portanto, era culturalmente construída como um comportamento esperado. O contexto familiar e a escola apareciam como determinantes na construção dessa masculinidade. A família pontuando lições como “homem não chora”, “menino não brinca de boneca”, corroborou para uma aprendizagem com valores e papéis sociais desejados para cada sexo; já as escolas, à época, muitas delas privadas e geridas por organizações religiosas, pautavam uma divisão sexual do ensino. Nesse contexto, os meninos cresciam “(...) estimulados a serem livres e independentes, a contar vantagens e alardear seus méritos, desenvolvendo o senso de competitividade como uma das principais características úteis à sobrevivência na vida adulta” (MULLER, 2013, p. 303).

Percebe-se que ser *maricon* é, portanto, um desafio para muitos daqueles jovens que no passado estiveram envolvidos nos movimentos sociais pela liberação gay, em uma atmosfera política na qual o feminismo também emergia. Ao sobreviverem a epidemia da aids, e mais recentemente a pandemia de Covid-19, como em um assombroso e sonolento pesadelo, muitos ainda precisam continuar a militância em prol dos direitos civis e políticos de LGBTs, em prol da vida digna e respeitosa. Em Governador Valadares, atrela-se a esse desafio vivenciar uma cidade cuja cultura é também diretamente impactada pelos fluxos migratórios, sobretudo para os EUA, que assim como no Brasil, nos últimos anos vivenciou o domínio de um governo de extrema direita e uma cultura de valorização do conservadorismo, com o Governo Trump.

momento) e em suas atividades econômicas (uma vez que apenas os homens livres poderiam ser recrutados, e uma parte significativa destes trabalhavam na produção agrícola)

8. “DECIDI NÃO MIGRAR”: A METRONORMATIVIDADE PENDULAR DE GAYS QUE NÃO MIGRARAM

No Brasil do século XVIII e século XIX, a masculinidade estava vinculada à representação social em um mundo rural, no qual ser nobre era símbolo do poder e do prestígio familiar. É nesse período que se tem os primeiros registros de homossexuais que saíam do Brasil com destino a Europa para não demonstrarem a anátema que era vivenciar a homossexualidade na tida nobreza.

Uma sociedade em que as mães de meninos com muito orgulho diziam “premam suas frangas que meu galo está solto”. Uma sociedade em que o homossexualismo (*sic*) era um anátema. Ter filho adamado era inimaginável. Caso ocorresse este “problema” em uma família de posses, ele era mandado para o Rio de Janeiro. Melhor ainda à Europa, bem longe. Quantas importantes famílias no Brasil não tiveram seus tios solteirões morando principalmente em Paris? (Eduardo SCHNOOR, 2013, p. 95)

Nos dias atuais, gays valadarenses que deliberadamente decidem ignorar a cultura do fluxo migratório local e continuar na cidade, estabelecem relações territoriais em suas experiências sociosexuais, vivenciadas de formas diferentes tanto na cidade, tida como interiorana, como em capitais próximas, como Belo Horizonte (MG) e Vitória (ES), as quais é possível acessar, inclusive, por meio de transporte ferroviário na Estrada de Ferro Vitória a Minas, da Companhia Vale do Rio Doce

IMAGEM 07.
Estrada de Ferro Vitória a Minas



Fonte: vale.com

Entre elas as diferenças de envelhecer na cidade e em Belo Horizonte, por exemplo, é o fato de que nas capitais há mais opções para sair. Aquiles, por exemplo, destaca espaços de homosociabilidades que frequenta quando está na capital mineira, como as saunas gays, não existentes em Governador Valadares. Em sua opinião, esse espaço não seria viável em sua cidade:

Aquiles: Assim, eu acho que em Belo Horizonte, por exemplo, existe mais uma liberdade de você ser quem é, por ser capital, por ser uma cidade maior, pôr as pessoas verem que elas têm tantos problemas e elas têm capacidade que dá conta da própria vida né (risos). Aqui em Valadares infelizmente não é assim, as pessoas têm mais tempo, né?

Pesquisador: E porque que não tem as mesmas oportunidades que tem lá aqui, os mesmos lugares? Por que que você acha que não tem aqui?

Aquiles: Esses mesmos lugares? Pela questão, pela própria hipocrisia mesmo, igual, por exemplo, se você abrir uma sauna aqui em Valadares, ninguém vai. Até os próprios gays às vezes têm preconceito, entendeu? E eu não vou ser hipócrita de falar que eu não frequentei, que eu já frequentei, e frequentei muito, e era muito bom, tomava os meus cuidados, entendeu, com relação às ISTs, e quando eu tava solteiro frequentava sim, por que não experimentar? Não era toda vez que estava em Belo Horizonte, mas quando eu dava vontade, eu ia. Até porque dentro das saunas também, eu fazia muita amizade nos bares. Eu sentava, eu gosto muito de conversar, de interagir com as pessoas, eu gosto de conhecer pessoas, então, eu chegava, e no bar eu conheci gente assim, de todas as idades, de todas as tribos, com várias vivências, com vários sonhos, com vários demônios, pesadelos e tudo, e era uma troca de experiência muito bacana, nesse sentido de a gente conhecer as pessoas, e poder compartilhar um pouco das experiências.

Urano, por sua vez, relata que teve suas primeiras experiências de homosociabilidades em Belo Horizonte quando lá esteve para continuar seus estudos. Sua fala é atravessada por uma reflexão em relação aos aspectos socioeconômicos do contexto em que via uma liberdade de ser quem se é na capital mineira, ao mesmo tempo em que apresenta um medo de ser vítima de práticas homofóbicas. Também adquiriu aprendizagens com amizades lésbicas. Seu relato aponta que, ao ficar momentaneamente na capital, pode vivenciar experiências sociosexuais diferentes, inclusive, com aspectos políticos, o que o fez (re)pensar como é viver em Governador Valadares, seu destino fixo:

Urano: Acho que me marcou mesmo foi a vivência como gay, a partir de BH. Eu lá mesmo, frequentar diversos espaços, aquilo me marcou, foi um divisor de águas realmente, de frequentar bares gays, baladas gays, de poder ficar com caras gays tranquilamente, você vai na Praça da Liberdade, próximo à Savassi. Eu estudava ali, o campus da pós-graduação era na Praça da Liberdade, então aquilo era uma efervescência, via aquilo e ficava “*gente, nunca vi isso em Valadares*”, as pessoas beijando tranquilamente, de mãos dadas. Acho que ali foi

marcante, que me deu um clique: não, você pode ser o que você é sem medo, mas depois ao mesmo tempo fico pensando, ao voltar para Valadares, não dá pra ser assim, ser tão liberto assim porque a cidade é muito conservadora, muito limitada e eu fiquei pensando também se fora daquela região em BH se é também limitada, se não dá pra ser tão livre. Então comecei a ficar pensando nisso: ali é um espaço que você consegue ser, mas, por quê? Ali é um espaço de classe média, tem grupos de diferentes tipos, e cada um tenta se respeitar ali, mas quando você sai um pouco fora não é tão assim. Mas é algo que me deixou reflexivo. Já fiquei com vários meninos ali na Praça da Savassi, e pra mim foi libertador: como assim que eu posso fazer isso tranquilamente e não ser agredido? Por que eu tenho muito medo de ser agredido assim? Hoje não tanto, mas naquele período de saída eu tinha medo disso acontecer a qualquer momento. Então lá é algo libertador, de poder ir em baladas diferentes, conhecer gente de todos os tipos. De conversar, e depois fazendo mestrado fiquei na casa de meninas que são lésbicas, que era um grupo de meninas que eu não tinha muito contato. Eu tinha muito contato com caras gays, amigos gays, mas lésbicas não. Lá eu ficava na casa delas, e a gente conversava, e era outra perspectiva. Que aprendizagem conversar com elas, porque elas tinham visão de fora, LGBT, mas como mulher, e me davam toques bacanas, e mulher de cidade grande, capital. E isso desconstruía o machismo. Apesar de eu ser gay, eu sou homem, então carrego marcas do machismo, então foi algo que me fez reinventar um pouco, desconstruir algumas coisas do machismo, convivendo com elas. Foram dois momentos marcantes: de poder ficar e conversar com pessoas tranquilamente em espaços abertos, e também essa vivência com essas meninas que são lésbicas, no período que eu fiz mestrado.

Outra resposta obtida sobre as diferenças de envelhecer sendo gay em Governador Valadares e nas capitais, foi a de que no interior é mais difícil de se encontrar parceiros. Asclépio se identifica como minoria e entende que faltam espaços para conhecer outros gays, o que acredita que seria mais fácil se morasse em capital:

Asclépio: Eu penso que é mais difícil para mim ter um parceiro por ser gay, o que é muito mais difícil é encontrar alguém porque a gente é minoria, não tem como negar isso. Você, por exemplo, hoje na nossa cidade, você não tem local para você sair, para conhecer alguém, você fica confinado a rede social, entendeu, de encontros esporádicos com amigos, que talvez possa te apresentar amigos, mas, a tendência é acreditar que é mais fácil eu terminar a vida com um solteiro, no máximo, talvez, um pai solteiro que consiga adotar uma criança, do que encontrar alguém, porque a gente realmente, não têm as mesmas oportunidades, que tem a maioria que é heterossexual, entendeu? Não temos, não temos a mesma oportunidade, não temos locais para se encontrar, para conhecer pessoas iguais a você, você tem menos locais no interior. Você tem alguns locais na capital, mas se você não mora na capital você não tem condições de se deslocar para lá, para ir conhecer uma pessoa, porque você trabalha, você tem sua família, sua rotina, entendeu? E os poucos locais que tinha, depois da pandemia, fechou (risos). Para a gente então, piorou a situação (risos).

A literatura¹¹⁷ apresenta essa discussão das relações humanas por meio da topologia centro-margens. Os estudos pioneiros sobre o envelhecimento de homossexuais¹¹⁸ realizados pelo psicólogo Antônio Crístian Saraiva PAIVA (2009, p. 191) já apontavam que essa provocação sobre centro-margens permitia “(...) pensar os processos de inteligibilidade do campo sexual”, a partir da “(...) inserção da experiência do envelhecimento homossexual como ocupando as periferias desse campo”. Segundo o autor, esse processo seria marcado por um jogo de movimentos: “(...) das margens aos centros e dos centros às margens, sendo margens e centros pensados em movimento, como forças que diagramatizam o(s) contemporâneo(s) dispositivo(s) da(s) sexualidade(s)”.

É importante destacar que não se tem um consenso classificatório previsto em algum documental de âmbito nacional¹¹⁹ do que seja uma cidade de pequeno, médio ou grande porte, conforme o Instituto de Pesquisas Aplicadas - IPEA (ANDRADE; SERRA; VALENTE, 2001). Maurício Pereira GOMES (2019, p. 69) adotou a terminologia “cidades do interior”, para pensar aspectos únicos e particulares das três cidades em que residiam os interlocutores de sua tese, priorizando “(...) os processos que aconteceram e acontecem nessas cidades, considerando seus fluxos e conexões”.

Além da concepção de interioridade, adoto nesta tese a categoria teórica das *territorialidades*, proposta por Rogério HAESBAERT (2004), para pensá-las a partir das vivências de homens gays envelhecidos, que no momento da minha pesquisa de campo,

¹¹⁷ Destaca-se que Gomes (2019) apresenta em um levantamento realizado à época sobre homossexualidades e lesbianidades no repositório institucional da UFSC, tendo encontrado 25 ocorrências, sendo que destas apenas cinco eram pesquisas que, parcialmente ou exclusivamente, foram empreendidas em cidades do interior.

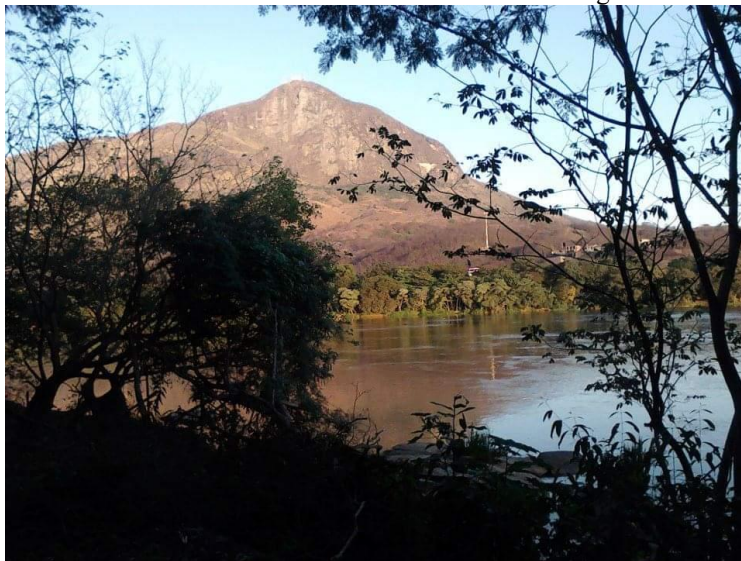
¹¹⁸ Destacam-se como as duas primeiras investigações sobre os estudos gays e lésbicos, a monografia de José Fábio Barbosa da SILVA, realizada em 1977 e publicada somente em 2004, com o título “*Homossexualismo (sic) em São Paulo: Estudo de um grupo minoritário*”, e a dissertação de Carmem Dora GUIMARÃES (2005), intitulada “*O Homossexual visto por entendidos*”

¹¹⁹ Em nível estadual, a Fundação João Pinheiro (2022 a), instituição de ensino e pesquisa vinculada do Governo de Minas Gerais, em seu *Informativo FPJ - Indicadores Sociais, v.4 n.1, de 30 de março de 2022*, traz uma classificação dos portes dos municípios mineiros, a partir do Índice Mineiro de Responsabilidade Social (IMRS), que é gerado por meio de 42 indicadores construídos com base em registros administrativos e agrupados em seis dimensões (educação, saúde, saneamento e meio ambiente, cultura e esporte vulnerabilidade e segurança pública). A partir disto, têm-se cinco faixas de distribuição dos municípios: a) muitos pequenos (até 10 mil habitantes, o que equivale à 476 municípios mineiros, ou 55,8% do montante); b) pequenos (de 10 mil a 20 mil habitantes, sendo atualmente 193 municípios mineiros, ou 22,6%); c) pequenos-médios (de 20 a 50 mil habitantes, com 113 municípios mineiros, o que equivale a 13,2%); d) médios (de 50 mil a 100 mil habitantes, com 39 municípios mineiros, sendo 4,6%), e; e) grandes (com mais de 100 mil habitantes, sendo atualmente 32 municípios mineiros, o que equivale a 3,8% do montante). Agradeço ao professor Dr. Mauro Augusto dos Santos no apoio para encontrar dados sobre a realidade mineira e local.

escolheram viver na cidade interiorana de Governador Valadares. Trata-se de uma inovação teórica da temática sobre as vivências de homossexualidade na referida cidade¹²⁰.

IMAGEM 8.

Pico do Ibituruna e o Rio Doce em Governador Valadares - MG. Registro feito em 20.08.2013.



Fonte: arquivo pessoal (2013)

Coaduno com Gomes (2019, p. 82) quando este aponta em sua tese que as produções existentes apresentam “(...) pouca reflexão teórica e uma escassa problematização da particularidade interiorana”. De fato, as discussões raramente ultrapassaram uma análise dicotômica entre centro/urbano e ruralidade/interiores, tomados como sinônimos de liberdade ou cerceamentos de possibilidades de expressões das sexualidades, além de mobilidades profissionais e remissão à apegos às tradições e atrasos culturais. É neste sentido que me filio¹²¹ às teses que se dedicaram a analisar o envelhecimento gay de homens brasileiro a partir dos interiores nacionais, porém sob outras óticas, investigando o desenvolvimento de estratégias e gestão de visibilidade gay em tais contextos, e as eventuais adversidades que se expressam, entendendo que estas marcam territorialidades das *mariconas* que escolhem não migrar

Não obstante, as *mariconas* investigadas nesta pesquisa também são atravessadas pelos impactos de uma territorialidade mundialmente conhecida como pertencente ao município de

¹²⁰ No campo dos estudos territoriais, um trabalho que mais se aproxima das questões de gênero e orientação sexual no contexto de Governador Valadares é a monografia do Curso de Geografia na Universidade Federal de Viçosa, de Roberta de Melo FIGUEIREDO (2009), intitulada “*Territórios noturnos de vidas ‘impuras’: prostituição e territorialidade travesti em Governador Valadares*”.

¹²¹ Refiro-me às produções de Wladirson Ronny da Silva Cardoso (2014), Guilherme Rodrigues Passamani (2015) e Maurício Pereira Gomes (2019).

Governador Valadares¹²²: a existência de um grande fluxo migratório, sobretudo para os Estados Unidos da América e Europa (Gláucia de Oliveira ASSIS, 1995; 1999; Sueli SIQUEIRA, 2009, 2011; 2017; Haruf Salmen ESPÍNDOLA & Weber SOARES, 2005).

A territorialidade que marca a cidade atualmente, em dimensão mundial, teve seu *boom* nos anos de 1970 e 1980, com uma involução demográfica e econômica. Sueli SIQUEIRA (2017), ao elaborar um histórico esmiuçado das migrações na região de Governador Valadares para os Estados Unidos aponta algumas peculiaridades desse processo. Segundo a socióloga¹²³, a configuração do fluxo migratório local iniciou-se ainda na década de 1940, exatamente com a chegada na cidade de engenheiros americanos que vieram trabalhar para a ampliação da Estrada de Ferro Vitória a Minas¹²⁴ (hoje conhecida como Companhia Vale do Rio Doce). Um deles que por aqui permaneceu por muito tempo e ganhou destaque histórico foi Mister Simpson, que fundou, junto com sua companheira, Geraldina Simpson, uma Escola de Inglês responsável por promover intercâmbios de jovens valadarenses em terras norte-americanas.

¹²² Localizada no leste de Minas Gerais, a cidade possui 84 anos de emancipação e quase 300 mil habitantes. Leva o nome de um ex-governador mineiro, Benedito Valadares, que em 1938, pelo decreto-lei de n. 148, mudou o nome do Município de Figueira (anteriormente era distrito de Peçanha) para o atual nome. Segundo Haruf ESPÍNDOLA (2022), à época, o distrito crescia com a abertura das estradas de rodagem entre Figueira e Peçanha, e com a abertura econômica com a criação da estrada de ferro, o que permitiu a abertura da primeira agência bancária na cidade, em 1931. Havia a exploração da mica nos anos de 1930 e 1940 para produção de materiais bélicos que serviam para a Segunda Guerra Mundial. Após isto, nas décadas de 1940 e 1950, na cidade passou-se a ser explorados os recursos minerais, como madeiras, pedras preciosas, mica e solos férteis. Nos anos de 1960 a cultura de cana-de-açúcar se destacou, chegando ao seu término nos anos 1970 pelo desaparecimento dos canaviais. Maria Terezinha Bretas VILARINO (2015) aponta que durante nesse período a cidade vivia as dificuldades de saúde pública com a malária, transmitida por mosquitos de diversas lagoas da região, problema que começou a ser resolvido somente em 1942 com a implementação do Serviço de Saúde Pública (SESP).

¹²³ Agradeço a generosidade e acolhida da professora Dra. Sueli Siqueira, que auxiliou significativamente para o acesso aos estudos produzidos sobre os fluxos migratórios locais. A respeito sugiro as produções do NEDER da Universidade Vale do Rio Doce, localizada em Governador Valadares, e sob coordenação da professora Sueli Siqueira (2011; 2017). Trata-se do Núcleo de Estudos sobre Desenvolvimento Regional, que investiga, a partir da estrutura no campo Território da Migração, as dimensões territoriais dos fenômenos de mobilidade populacional; da violência urbana/rural e das relações de trabalho e desenvolvimento local, sendo uma referência nacional e internacional nos estudos da emigração de brasileiros, regularmente apoiando pesquisadores de outras instituições nacionais e estrangeiras: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/03/05/o-passado-rico-da-cidade-mineira-que-tornou-polo-de-exportacao-de-imigrantes-ilegais-aos-eua.htm>>.

¹²⁴ A estrada de Ferro Vitória a Minas, construída em 1910 para transportar toras de madeira e sacos de café, foi reformada quando teve início da exportação a partir da década de 1940, de minério de ferro. Destaca-se que, segundo Haruf Salmen ESPÍNDOLA e Weder SOARES (2005), a economia do Município de Governador Valadares teve três grandes ciclos, começando pela extração da madeira nos anos 1920, da mica em 1940, e a partir dos anos de 1960, passou-se a ser a pecuária. Entre os dois primeiros ciclos e o terceiro (pecuária), a cidade que era tida como uma terra promissora passou a ser vista como “região problema”, o que também mobilizou intensificar o fluxo migratório. Atualmente, Governador Valadares é uma cidade que continua com a produção da pecuária e de prestação de serviços, atrelados a problemas relacionados à escassez de capital, abundância de mão-de-obra, baixa qualificação da força de trabalho, o que fomentam a imigração, além de problemas ambientais, especialmente a degradação do solo e o assoreamento dos rios, em função do histórico predatório. Um novo ciclo de sua história recente é marcado pelos aspectos socioambientais, com a ocorrência do crime ambiental decorrente do rompimento da Barragem em Mariana (MG), em 5 de novembro de 2015 no subdistrito de Bento Rodrigues, atingindo toda a Bacia do Rio Doce, que atravessa a cidade.

Em decorrência disto, ao retornarem, estes jovens noticiavam possibilidades de trabalho e rendas melhores naquele país para seus conterrâneos.

Para tanto - e como a exploração capitalista sempre se faz presente nos trânsitos humanos - surgiram as agências de turismo para auxiliar na conquista do sonhado visto para os Estados Unidos. Além disso, outros atores surgiram e se fortaleceram, tendo como territorialidade marcante a ilicitude de suas práticas: os populares “coiotes” ou “cônsules”¹²⁵, que promoviam, e ainda promovem, formas clandestinas de entrada no território norte-americano por meio da travessia ilegal pelas fronteiras com o México, ou pela montagem de passaportes falsificados.

Nesse processo, com o aumento populacional da comunidade de valadarenses nos EUA, deu-se a constituição do que Siqueira (2017) chama “de redes sociais” entre os imigrados, que auxiliam até hoje¹²⁶ no fluxo migratório. Há uma organização geográfica, que visa atender setores específicos de atuação profissional no território norte-americano, com atividades consideradas de segundo plano, as quais os nativos não se dedicam, tais como construção civil, faxinas, cuidados geriátricos, além das práticas relacionadas ao mercado do sexo¹²⁷.

Ao considerar que valadarenses, normalmente, quando migram para se fixarem em outros territórios, o fazem para outros países, entendo que as experiências sociossexuais das *mariconas* interlocutoras investigadas são impactadas por essa territorialidade local. E essa especificidade local é um exemplo de como a categoria teórica denominada por Judith HALBERSTAM (2005) como ‘metronormatividade’ pode sofrer críticas. Por metronormatividade, a autoria nomeia uma prática da teorização dos estudos gays e lésbicos, que historicamente construiu uma narrativa na qual se reforça um estereótipo de que LGBTs de cidades interioranas migram para centros urbanos, em busca de vivências em lugares que

¹²⁵ O preço que cobram para realizarem o acesso ilegal pelo México gira em torno de US\$ 25 mil, atualmente, cerca de 132 mil reais. Mais informações: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-e-o-trabalho-dos-coiotes-na-fronteira-do-mexico-com-os-eua/>>. Acesso em 28 abril de 2022.

¹²⁶ Haruf Salmen Espíndola aponta que em 2021, com o contexto da pandemia, a cidade retornou a ser polo de exportação de emigrantes ilegais para os Estados Unidos. Somente em junho daquele ano, 6.678 brasileiros foram barrados na fronteira do México com os EUA, por estarem sem documentação, sendo que em uma média de cinco imigrantes, três eram da cidade de Governador Valadares. Além disso, aumentou-se a prática popularmente conhecida como “*cai-cai*”, uma prática de viagem de imigrantes sem visto com seus filhos menores de idade para garantir que os adultos não sofram deportação imediata na chegada aos EUA, quando se apresentarem às autoridades locais. O historiador entende que com a gestão de Joe Biden essa prática aumentou, e atrela essa elevação à nova crise econômica com a gestão de Jair Bolsonaro no Brasil, que mobiliza o sentimento de desesperança com o futuro do país. Fonte: <<https://drd.com.br/historiador-explica-por-que-valadares-se-tornou-novamente-polo-de-exportacao-de-imigrantes-ilegais-para-os-eua/>>. Acesso em 28 de abril de 2022.

¹²⁷ Nesse sentido, indico a leitura do artigo “*Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas – novas questões conceituais*”, de Adriana PISCITELLI (2016), bem como do livro “*Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*” (2011), organizado por Adriana Piscitelli, Glaucia de Oliveira Assis e José Miguel Nieto Olivar.

sejam mais tolerantes, e assim possam expressar suas sexualidades sem suspeitas e perseguições. Isso seria muito diferente de suas realidades, cujas dissidências sexuais são (ou devem ser) preservadas em segredo. Nessa perspectiva, migrar e viver em capitais significaria a possibilidade desses LGBTs de experienciar a saída do armário (*coming out*), sendo possível ter essa experiência de forma positiva, longe dos vínculos estabelecidos anteriormente.

O processo migratório que marca a cidade mineira de Governador Valadares, nos permite alargar a perspectiva teórica de metronormatividade. Em uma leitura incipiente, infere-se que os fluxos de imigração na região do Vale do Rio Doce (onde Governador Valadares é a sua metrópole), podem também ter como fator de mobilização principal a necessidade de LGBTs de se estabelecerem outras vivências sociosexuais, sem ter que se submeter à invisibilidade e silenciamento, ou mesmo à discursos e práticas preconceituosas no contexto local. Nesse sentido, esta é uma lacuna identificada nesta pesquisa: a necessidade de outros estudos que analisem em que medidas pessoas com sexualidades dissidentes da região narram que tal subjetividade os mobilizaram para a imigração internacional. É preciso identificar se, diferentemente da proposta do conceito de metronormatividade, o fator da dissidência sexual fez com que eles migrassem não para as capitais brasileiras mais próximas (como Belo Horizonte e Vitória), e sim para o exterior, ou ainda, se essa migração se dá de forma exclusiva e/ou atrelada a fatores que são culturais e econômicos da região.

Por outro lado, outra territorialidade da região que permite flexibilizar a metronormatividade, é específica do Estado de Minas Gerais: apenas 3,8% dos municípios têm mais de 100 mil habitantes (o que equivale a apenas 32 cidades no montante de 853 municípios). Isso significa que, nesse caso, numericamente, o conceito de metronormatividade não poderia ser aplicado pensando a relação somente pela topologia ‘centro-margem’, a partir dos conceitos de capital-interior, mas reconhecendo que existem outras formas de movimentos pendulares nesse cenário.

Segundo o *Informativo FJP - Indicadores Sociais*, v.2. n. 4, de 07 de maio de 2020, da Fundação João Pinheiro (2020 b), Governador Valadares é o município polo da denominada “RGInt - Região Geográfica Intermediária de Governador Valadares”, que abrange um total de 58 municípios mineiros, localizados no que popularmente se conhece como Vale do Rio Doce¹²⁸. Para tais cidades, Governador Valadares é o destino para o acesso a bens e serviços públicos, mais que a própria capital mineira, Belo Horizonte, localizada a 315 quilômetros de

¹²⁸ Anteriormente, a gestão do Governo de Minas Gerais organizava geograficamente os municípios por mesorregião, sendo o Vale do Rio Doce, a região da cidade de Governador Valadares. Desde 2017 a divisão territorial foi alterada para Regiões Geográficas Intermediárias, como apontado no texto.

distância. Por outro lado, cabe destacar que o cenário de indicadores socioeconômicos, que medem graus de carências (em áreas como educação, saúde, vulnerabilidade social, segurança pública, meio ambiente/saneamento, cultura/esporte/lazer), a região de Governador Valadares apresenta dados alarmantes: enquanto em toda Minas Gerais cerca de 25,7% dos municípios encontram-se na situação de serem classificados como carentes, na RGInt de Governador Valadares, 51,7% dos municípios possuem essa classificação. Diante desse cenário, Governador Valadares se torna a escolha para destino de muitos casos regionais em que não se é possível migrar legalmente (ou mesmo ilegalmente) para o exterior. Por diversos motivos, pessoas de cidades do seu entorno e com um número populacional menor, migram para a cidade polo da região em busca de melhores condições de vida.

Nessa relação entre cidades interioranas, algumas *mariconas* confirmaram a existência de um trânsito mobilizado pela vivência de outras *mariconas* que residem nessas “cidades do interior do interior mineiro”, com o objetivo de estabelecer vínculos ou experiências de cunho homossexuais, em caráter temporário, com outros homens assumidamente gays ou não, e que residam em Governador Valadares – ou que por aqui também estejam de passagem. Neste caso, ao considerar o conceito de metronormatividade, Governador Valadares se torna “uma capital momentânea” para estes sujeitos, permitindo-lhes vivenciar suas práticas sexuais sem que necessariamente desejem ‘sair do armário’ em suas localidades, pois não visam migrar definitivamente dessas cidades, nem que seja para a cidade polo da região. A *mariconas* Hermes, a partir de sua experiência profissional, aponta que há um mercado do sexo gay local que atende essa demanda:

Hermes: (...) eu já cansei de atender caras casados de cidadezinhas daqui de perto, vem pra cá para aprontar. Ih, todo dia me chamam. Eles têm que vir para Valadares para resolver alguma coisa, é o momento de fuga, igual eu tava te falando, é fuga, espaço, liberação. Eles não estão querendo trair, tem muitas mulheres amigas minhas aqui, e todo dia chega bafo em grupos de whatsapp de máfia de um criticando outro, então elas estão mais com medo de outros homens do que as próprias mulheres. Hoje eu vejo isso no meu grupo geral de héteros. Todas elas, todas. Todas elas estão com medo, os maridos delas não podem ir no banheiro público sozinho, ‘*anda logo, rapidinho, tô aqui fora te esperando*’, já intimida, já falam porque como tem grupos gays entre amigos, sabe que a realidade tá acontecendo, então é muito visível, então elas não veem segurança para perder para ninguém, principalmente quando eles vem em Valadares.

Já Urano, ao pensar sua experiência na capital mineira como oportunidade de poder se descobrir, fez um paralelo com a realidade de pessoas que residem em cidades menores e do

entorno de Governador Valadares, que a escolhem como possibilidade de vivenciar uma descoberta pessoal similar à que ele teve em Belo Horizonte:

Urano: Ed, eu fico pensando assim: nós somos de uma cidade que tem 290 mil habitantes, não é uma cidade tão pequena, cidade de média a grande porte, e aí eu fico pensando essas pessoas que são de cidades pequenas mesmo, bem pequeninhas. Boa parte delas eu acho que para conseguir vivenciar a sexualidade de uma maneira mais plena elas vão para uma cidade maior, até pessoas assim que eu observo aqui em Valadares, pessoas que são de cidades pequenas que vem pra Valadares porque elas acham Valadares grande (risos), um espaço um pouco menos opressor do que as cidades delas, micro. E pra mim Valadares era uma cidade micro e que eu precisava ir para uma cidade grande para eu viver essa sexualidade, que você comentou aí, de maneira mais livre. Então acho que é um pouco isso: quanto menor é a cidade, mas você tem a necessidade de sair para viver essas experiências. Então viver essas experiências é muito bom. Eu já fui para outros países e vivi outras experiências lá, e é outra coisa. Eu acho que hoje pra mim não é nem, vamos dizer assim, de viver experiências de cidades grandes, mas viver outras experiências que são múltiplas, então assim: outro país, outra cidade, talvez do tamanho de Valadares. Quando a gente tá mergulhado naquela cidade a gente não tem noção da dimensão daquilo ali, porque a gente tem as nossas rotinas, quando você vai para outra cidade é uma quebra disso. Na rotina todo mundo te conhece, alguém vai ficar vendo, no começo eu tinha essa neura, hoje não, hoje é diferente. Muitos vão para a capital para fugir, para ser anônimo ali naquele espaço, e essa não era minha visão, mas acho que é um lugar de descoberta, de poder conviver com pessoas e lugares diversos, primeiro momento aquela chegada no paraíso, aquela chegada no Éden: “*nossa, que bom hein*”. Tudo tranquilamente, de maneira livre. Depois o processo de experienciar esses espaços, não só para questão de beijar e transar, mas de conversar, ouvir, de poder falar o que estava engasgado com uma pessoa que pensa igual a você, que teve uma vida parecida com sua, com suas experiências. Então, acho que tem duas nuances: de quem quer fugir, e de quem quer se descobrir.

Tal associação ratifica a necessidade que aponto de flexibilizar a concepção de metronormatividade a partir da topologia capital-interior, para uma concepção de gestão territorial de cunho cultural, vinculada a movimentos pendulares que indicam as relações de poder na construção dessas vivências sociosexuais de gays. Isso indica que o conceito de metronormatividade, como proposto por Judith Halberstam (2005) deve ser visto muito mais considerando os movimentos de homens gays empreendem, tais como aqueles que “querem fugir, querem se descobrir”, do que necessariamente o trânsito de mudança definitiva para grandes centros urbanos, em busca de um novo projeto de vida pautado na liberdade de se viver suas sexualidades dissidentes.

Se é a ótica dos movimentos mais importante do que os destinos escolhidos, esse circuito permite pensar na existência do que denomino como “metronormatividade pendular”, em que se agencia o trânsito entre tempo, espaço e vivências territoriais, para experiências homoeróticas temporárias. Na região de Governador Valadares, essa metronormatividade pendular é tão antiga quanto a chegada dos trilhos da Companhia Vale do Rio Doce. Algumas *mariconas* relataram, inclusive, que constituíram vivências sociosexuais na capital mineira, por exemplo, fazendo uso da linha férrea que liga Belo Horizonte à Vitória e que atravessa o território de Governador Valadares. Por elas transitaram, entre idas e vindas nas referidas capitais, inclusive em finais de semana, na busca de momentos de vivências sociosexuais diferentes das que são possíveis no circuito gay local. As capitais assim se constituíam em lugares de prazeres, porém, não modificaram seus destinos finais.

A *maricona* Baco, por exemplo, aponta que em Belo Horizonte existe uma possibilidade maior de movimento, o que reforça o que algumas *mariconas* interlocutoras compreendem e vivenciam a partir dessa metronormatividade pendular, uma vez que a capital é experienciada em movimentos subjetivos e transitórios. Segundo a *maricona*, na capital, essa diferença acontece porque lá “é o tamanho onde você se dilui”.

Baco: (...) a diferença em Belo Horizonte é que você tá escondido, é muito grande (risos). Então o risco que você pode ser pego em qualquer circunstância, que venha a ti, não vou dizer desmascarar, mas a ti descortinar, é muito maior, então a diferença de BH para Governador Valadares, é basicamente essa. É o tamanho onde você se dilui (risos). Então você tem uma facilidade muito grande, você tem ambiente, mais próprios e que não sejam catalogadas daquela forma, ou se são catalogados, estão lá, você pega o barzinho que é mais... é qual São Paulo, você pega um barzinho que é mais ou menos um Night GLS (sic), você senta nele com toda tranquilidade, sendo gay, sendo hétero, aquilo não importa. Aqui dentro de Valadares, você cataloga o ambiente. Então você fala que é: “*aquele lá, aquele barzinho é um bar gay*”. Em Belo Horizonte o cara não quer saber se é um bar gay, se é hétero, se é nada, ele chega e senta, ele quer saber se tem uma boa comida, se tem uma cerveja gelada e tal, senta com toda a tranquilidade. Então eu já fui com um grupo meu, pessoas extremamente héteros e tal, super-radicais, e tudo sentado em um barzinho em Belo Horizonte, e depois de algum tempo nós vamos descobrir o bar ali. Meu colega falou assim: ‘*rapaz, esse boteco é um bar gay*’, ele viu um outro cara dando umas beíçadas num outro lá. Enfim, eu acho que Valadares, por ser uma cidade grande, de quase 300 mil habitantes, ela é ainda relativamente pequena né? Então as pessoas se conhecem, entendeu? Aqui você conhece, é impossível um Edmarcius ou um Baco, sentado em um bar em Governador Valadares, e não vai passar, uma, duas, ou três pessoas e ‘*oi, professor*’, ‘*e aí, Baco, beleza, como que tá?*’ Entendeu? Então é relativamente impossível isso acontecer, então você pode sair daqui e ir lá para o

final do Asteca¹²⁹, se você sentar num boteco daquele alguém vai passar e te vê e alguém vai te conhecer. Então, a diferença que eu vejo em Belo Horizonte é que você consegue ser um pouco mais, você preservar um pouco mais a sua vida sabe, sua privacidade.

Independentemente da escala que permite esse movimento, entendo como pertinente as contribuições de John D'Emílio (1983), por perceber que a identidade homossexual é uma construção recente e sua consolidação histórica decorre do sistema capitalista de produção. Essa metronormatividade pendular permite a liberdade de se estabelecer vivências sociosexuais dissidentes em distintas escalas somente a partir do enfraquecimento dos vínculos de dependência econômica familiar¹³⁰. É a possibilidade de se ter autonomia financeira, que permite essa metronormatividade pendular nas vivências de LGBTs.

Coaduno com a perspectiva de Passamani (2015) e Gomes (2019) de que é preciso ter cautela para não generalizar o fato de gays terem que ir para os grandes centros, sobretudo no sudeste brasileiro, porque vislumbram nessas mudanças possibilidades de vivências de suas subjetividades no anonimato¹³¹. Pelo contrário, entendo que as estratégias de homens gays (e envelhecetes) nos interiores sempre existiram; novos são os estudos etnográficos com este recorte, até porque o que acontecia era que estes sujeitos precisavam lidar com suas adversidades, sem direito às mobilidades e o acesso aos aparatos tecnológicos que existem atualmente. Essa realidade os deixava no anonimato, inclusive investigativo.

Hoje, redes de amigades para a constituição de identidades gays ultrapassam limites geográficos e a necessidade de migração definitiva. Sinalizam um *khronos* (HENNING, 2014) marcado pelo estabelecimento de afetividades, inclusive, por intermédio das tecnologias. É nesse sentido que é possível pensar nos movimentos dessas *mariconas* que não migraram e que

¹²⁹ Asteca é um bairro em Governador Valadares que fica em uma de suas extremidades, distante da região central em torno de 10 km.

¹³⁰ No entanto, tendo a concatenar às críticas que são feitas à análise de John D'EMÍLIO (1983), para quem as expressões de desejos homossexuais que aconteceram no EUA por volta dos anos de 1969 com as revoltas de *Stonewall* (e a partir disso, seus efeitos para os movimentos sociais LGBTs numa perspectiva global e histórica), se davam em cidades de grande porte porque à época estas permitiriam uma vinculação entre liberação sexual e a necessidade de se viver em um contexto de urbanização. Acredito mais, particularmente, se tratar de uma escolha investigativa do que uma realidade, razão pela qual a vinculação entre liberação sexual e urbanização proposta pelo autor é mais um exemplo das formas pelas quais as práticas acadêmicas comuns à época, que eram marcadas pela ausência de sensibilidade, silenciamento e/ou invisibilidade de territorialidades dissidentes, subjetivamente vivenciadas em outros territórios diferentes do contexto urbano e americano.

¹³¹ Essa concepção de que as cidades grandes são espaços privilegiados da experiência homossexual, por garantir o anonimato, foi comumente relatado e defendida em algumas obras ao longo do tempo, tais como *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos* (SILVA, 2005), *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX* (James N. GREEN, 2019), *Abaixo ao Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil* (Richard PARKER, 2002), *Reflexões sobre a Questão Gay* (Didier ERIBON, 2008).

deliberadamente escolheram ficar em Governador Valadares, a partir das formas que agenciam a visibilidade pública e as vivências homossexuais.

Por outro lado, as *mariconas* apontam que o fenômeno da metronormatividade pendular altera os comportamentos de algumas *mariconas* quando estas retornam das capitais. Dionísio percebe que há mudanças locais em comportamentos, como a possibilidade de demonstração de afetos em espaços públicos, e atribui isso às pessoas que denomina como sendo “*mais espertinhas*”, uma forma de se referir às pessoas que já vivenciaram essa metronormatividade, e que a partir de suas experiências em outros contextos, retornam para Governador Valadares, expressando mais abertamente suas orientações sexuais e seus afetos:

Dionísio: Tem diferença, tem muita diferença, apesar que aqui em Valadares já tem muita gente tipo assim ‘espertinha’, mas a espertinha porque sai para fora e vê a realidade de fora e quer aplicar aqui em Valadares, mas mesmo com esse número vasto que em Valadares tem, eu acredito que Valadares ainda não está preparada para receber tudo que a gente vê lá fora, tão naturalmente, nas capitais.

Pesquisador: Tá, mas o que tem lá e não tem aqui?

Dionísio: Lá nas capitais você encontra gente que desfila rua afora, muita gente desfilando pela rua afora de mãos dadas, dando beijinho, pra lá e pra cá na sua cara, e ponto, e qualquer ambiente que você vai você vê, aqui em Valadares você já vê pessoas assim, mas não com muita frequência e grande número, mas, nas capitais você vê a toda hora, qualquer lugar que você tiver acontece isso na sua frente, em Valadares ainda não, pelo menos eu não presenciei assim né, porque também não ando muito, e pode ser que tem alguns lugares aqui em Valadares, eu desconheça, você chega lá o público já tá mais aberto.

Asclépio, de forma mais radical, acredita que a tecnologia, de certa forma, fez com que acabassem as diferenças entre interior e capital. Para a *maricona*, além da tecnologia, as produções audiovisuais e as universidades também auxiliado no movimento de redução de preconceitos e nas diferenças de viver sendo gay em capitais ou em interiores:

Pesquisador: Entendi. O que é para você ser gay em Valadares?

Asclépio: Hoje eu vejo aqui ... Eu faço um apanhado assim, da minha infância até a idade adulta, hoje com 37 anos, em 10 anos, as coisas mudaram significativamente. Então hoje eu vejo que o pessoal que entra hoje, que se descobre gay, e tá com 20 anos, não tem muita diferença se mora aqui, ou se mora no capital, se mora no interior, pela questão de que... eu acho que... da internet, da conexão, da rede, tornou acessível e tornou fácil para uma pessoa que nasce no interior, ter referências do mundo gay em qualquer parte do mundo, e se identificar, e se descobrir com mais facilidade. Hoje você tem rede social, você tem aplicativos de conhecer pessoas do mesmo sexo, coisa que não tinha na nossa época, então era muito mais difícil, então hoje eu acho que é mais uma questão de acesso, é a tecnologia mesmo de

internet, de rede social, o mundo ele é um cada vez mais um só, não importa onde você estar. Então eu vejo que na época da nossa adolescência, era muito diferente, você tinha pouco acesso a um ambiente onde você tinha identidade, onde você poderia encontrar pessoas igual a você, onde você poderia sair para namorar, para conversar, para trocar experiências, fazer amizade. Hoje é bem diferente, hoje você não só tem mais locais né... hoje a gente começa nem ter tantos locais assim, específicos, qualquer lugar que você tá é local, porque hoje você tem a questão da rede social, você pode se encontrar com uma pessoa em qualquer lugar, entendeu? Fora que já tem uma questão de uma luta pelo reconhecimento da identidade, da existência de pessoas assim que ... você já teve várias questões de novelas divulgando e mostrando a luta, jornalismo, documentários, então assim... já existe uma discussão, em nível de faculdade, então assim, é diferente. Hoje eu vejo que para da galera jovem é diferente, então eles têm facilidade no acesso, de se encontrar, encontrar outros iguais aí a eles, a ter um relacionamento, com mais facilidade no sentido de encontrar, agora no sentido de ter um relacionamento é manter ainda não, porque ainda estigmatizado pelas famílias, entendeu? Ainda tem questão religiosa, tem a questão do preconceito. Então é mais fácil, mas ao mesmo tempo gente não tem o mesmo direito, e a mesma facilidade, que a gente tem em um casal hétero, entendeu?

Assim, entendo que ser *maricona* e vivenciar experiências sociosexuais em capitais e interiores é atualmente mais uma escolha que se direciona ao movimento a ser feito do que o seu destino. É a partir dessa metronormatividade pendular que se define como se deseja ter suas experiências, e não necessariamente onde deseja se fixar permanentemente. É pelo movimento que se pensa o caminho para manter no anonimato sua condição sexual dissidente, ainda que na capital essa preocupação se esvazie e perca o sentido.

Cabe considerar os impactos tecnológicos atuais. Corroboro com Henning (2014), ao pontuar questionamentos sobre os aspectos relacionados às possibilidades de sair ou não do armário em cidades pequenas. Pessoas com condutas homossexuais normalmente continuam assim sendo compreendidas e nomeadas, mesmo que ninguém as force para saírem do armário em suas cidades, ou até mesmo antes que estes próprios sujeitos assim se compreendam, se aceitem e até mesmo decidam participar de movimentos políticos LGBTs, se assim for o caso. É importante destacar que essa questão também deve ser tida a partir do viés socioeconômico, em que se deve ter cautela ao pensar que somente as *mariconas* pobres não têm o que perder ao se assumirem nessa condição em suas realidades interioranas. Diferentemente do grupo pesquisado, constituído por sujeitos de camadas médias, nas quais todos tem uma certa pujança profissional, outras pesquisas podem demonstrar em que medida *mariconas* que são pobres ainda vivenciam o medo da evitação familiar e de sofrerem algum tipo de medida repressiva,

por exemplo, no contexto do trabalho, afetando ainda mais suas condições sociais e as possibilidades de movimentos em busca das vivências sociosexuais.

9. “VOCÊ É VIADO, NÃO IMUNE, FIQUE EM CASA”: VIVÊNCIAS GAYS E A GESTÃO DE RISCOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Neste capítulo apresento como as *mariconas* entrevistadas vivenciaram o momento da pandemia de Covid-19, aqui entendida como uma experiência política, e que marcou seus corpos-territórios. De igual forma, analiso como as *mariconas* agenciaram a gestão de riscos em tempos de pandemia, transitando entre os cuidados consigo e com os outros, e com o estabelecimento de práticas sociosexuais prazerosas em aplicativos de pegação.

9.1. A COVID-19 É TERRITORIAL

Se a pandemia de Covid-19 é mundial, entendo que sua vivência é territorial. Trata-se de uma doença global que pode ser compreendida a partir das territorialidades daqueles que as narram, em suas vivências subjetivas. A perspectiva de uma escala global, com dimensões organizadas geograficamente, é salutar para se compreender cientificamente a essência da doença e as técnicas necessárias em seu combate, enquanto fenômeno de saúde pública. Por outro lado, ao pensar as vivências em tempos de Covid-19 e considerá-las como específicas, números e estatísticas de acometidos e mortos pela doença exigem considerá-los como possuidores de histórias individuais, que são multiterritorializadas a partir de suas biografias, trajetórias e, sobretudo, de seus corpos-territórios (Rogério HAESBAERT, 2020; 2021), com dimensões políticas.

É nesse sentido que tomar a Covid-19 como uma experiência territorial permite compreender as sensibilidades coletivas que dela advém e que marcam as relações de poder nesse momento histórico da humanidade. Das singularidades de histórias humanas, de superações, agravamentos ou finitudes, é possível perceber como uma doença de dimensão global desterritorializou, com formas distintas, as diversas realidades que apontam para os diferentes marcadores sociais existentes, ao mesmo tempo em que as reterritorializou, com outras configurações e percepções de si e da coletividade.

A Covid-19 é territorial em sua gênese: nasceu na singularidade das vivências de povos da cidade de Wuhan na China, e em um curto espaço de tempo, o aparecimento de uma nova variedade de um vírus (conhecido como um tipo de corona) impactou globalmente a humanidade. Quando números significativos de vivências semelhantes foram conhecidas por mecanismos de vigilância e controle em saúde daquele país, passou-se a alertar o mundo sobre

o cenário, que rapidamente se tornou pandêmico¹³², atingindo pessoas de diversos países e continentes no início do ano de 2020, a partir da apresentação de sintomas de infecção respiratória grave, até então desconhecidas. Do local para o global, em pouco tempo, o alarme soou em 11 de março de 2020, quando a Organização Mundial de Saúde declarou como quadro pandêmico a contaminação por Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2), e determinou que os países passassem a adotar medidas preventivas.

IMAGEM 9..
Organização Mundial da Saúde alerta sobre a pandemia de Covid-19



Fonte: Portal G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>>

Em seu início, com apenas duas semanas do início da contaminação, segundo a Organização Mundial da Saúde, houve um aumento que equivale a treze vezes de casos da Covid-19 em outros países, triplicando o número de países atingidos. Eram 118 mil casos em todo o mundo e 4.291 mortes. Imediatamente, os países passaram a se preocupar com o que é conhecido como mitigação, ou seja, o cuidado com pessoas doentes e com grupos prioritários, em especial, pessoas idosas, com deficiências, além das crianças¹³³.

No Brasil, a primeira notificação da doença aconteceu no dia 25 de fevereiro de 2020¹³⁴, véspera do feriado prolongado de Carnaval, com um homem de 61 anos que viajou à Itália. Já o primeiro caso de morte por Covid-19 aconteceu em 12 de março de 2020, vitimando Rosana

¹³² Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde, a pandemia de Covid-19 é a sexta emergência de saúde pública de importância internacional declarada. Anteriormente tivemos: H1N1, em abril de 2009; poliovírus, em maio de 2014; ebola na África Ocidental, em agosto de 2014; vírus zika e aumento de casos de microcefalia e outras malformações congênitas, em fevereiro de 2016, e; surto de ebola na República Democrática do Congo, em maio de 2018. Fonte: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>.

¹³³ A respeito da trajetória da Covid-19 no Brasil sugiro a leitura dos livros “*Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia*” (Gustavo Corrêa MATTA, Sergio REGO, Ester Paiva SOUTO, Jean SEGATA (2021) e “*Cientistas sociais e o Coronavírus*” (Miriam Pillar GROSSI; Rodrigo TONIOL, 2020).

¹³⁴ Fonte: UNA-SUS, em 27 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>>.

Aparecida Urbano, de 57 anos, empregada doméstica, em São Paulo¹³⁵. Em Governador Valadares o primeiro óbito foi registrado quinze dias após a primeira morte no país, vitimando no dia 27 de março de 2020, um jovem da cidade que tinha 37 anos, cujo nome ficou desconhecido, e que estava hospitalizado, apresentando uma comorbidade oncológica¹³⁶.

Pela abordagem teórica-metodológico dos estudos territoriais, o conceito de “corpo-território” de Rogério Haesbaert (2021) é útil para se pensar a pandemia de Covid-19 e seus impactos, em vivências subjetivas singulares. O autor, referência nos estudos territoriais brasileiros, aponta que a sociedade moderna, pautada pelo capitalismo excludente, potencializa a existência de multiterritorialidades para uma minoria que compõe uma elite globalizada, sendo necessário também pensar outras condições de existências dentro da lógica do sistema em vigor, em um período do tempo com suas transitoriedades, a partir das condições de classe, aspectos de gênero, raça e sexualidades, entre outras.

O geógrafo aponta que uma estratégia dos estudos territoriais para se pensar outras multiterritorialidades que fogem da lógica do sistema em vigor é o que ele denominou de “giro multiterritorial” (HAESBAERT, 2021). Ao refletir os estudos territoriais por uma leitura latino-americana, toma-se a dimensão simbólica do território, compreendendo a necessidade de um diálogo com os movimentos sociais, com as questões identitárias e com o uso do território como instrumento de luta e de transformação social.

Parte-se do pressuposto que existe um modelo capitalista extrativista moderno-colonial que devasta e promove um genocídio, uma vez que se propõe exterminar a existência de grupos subalternos. A leitura latino-americana descolonial de Rogério Haesbaert (2021) é assim um giro multiterritorial na medida em que propõe discorrer formas de limitar as violências de classe, raça e de gênero denominadas por Aníbal Quijano (2010) como ‘colonialidade do poder’, a partir do debate sobre o território em três possíveis abordagens:

a) o território como um conceito geográfico, pertinente para se compreender as relações espaço-poder sobretudo de grupos subalternos, também numa concepção simbólica de poder constitutivo de identidades, e portanto, de multiterritorialidades.

b) o território a partir de uma perspectiva de gênero, para se refletir a relação “corpo-território”, em que o poder da corporeidade é tomado ao mesmo tempo enquanto exercício do poder e como corporificação de resistência por sujeitos e grupos;

¹³⁵ Fonte: Portal G1, em 19 de outubro de 2020. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/19/filha-da-primeira-vitima-de-covid-no-brasil-perdeu-os-avos-e-dois-tios-com-a-doenca-apos-a-morte-da-mae.ghtml>

¹³⁶ Fonte: Portal G1, de 27 de março de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/2020/03/27/morre-a-primeira-vitima-com-suspeita-de-covid-19-em-governador-valadares.ghtml>>.

c) território como espaço de vida, sobretudo com comunidades afrodescendentes.

Ao pensar a colonialidade do poder (QUIJANO, 2010), tem-se que a corporeidade é o nível decisivo das relações de poder. O corpo é “o primeiro território de luta”, uma vez que nele se materializam escalas distintas de opressão. É nesse contexto que se vivenciou na pandemia um período que inaugurou multiterritorialidades face ao pânico com uma possível contaminação corporal.

A pandemia de Covid-19 é a primeira cujas dimensões globais de aumentos de casos de contaminação e óbitos foram acompanhadas por toda a humanidade em um contexto mundial, pelos artefatos da globalização. Diferentes de outros momentos pandêmicos (como na pandemia da gripe espanhola em 1918) ou de guerras nucleares por exemplo, na atual pandemia, a globalização permitiu a compreensão simultânea de toda a humanidade sobre o que se passava com o planeta, e uma melhor percepção de como a relação espaço-temporal foi imprescindível para acompanhar o impacto da doença em todos esses últimos anos.

Os números foram aumentando e percebidos imediatamente em telas dos celulares nas palmas das mãos. A internet, as televisões e as rádios de todos os países anunciavam de hora em hora a quantidade de infectados e de mortos, as primeiras impressões, e reforçavam os discursos da existência de grupos de risco, dando-lhes uma sensação de finitude próxima ao se contaminarem. O coronavírus foi (e ainda é) também uma experiência coletiva digital cuja marca territorial é a apreensão da finitude humana. Com o isolamento inicial, adotado pela maioria dos países já em março de 2020, a expectativa era de que a quarentena durasse somente quarenta dias, o que não se confirmou, prolongando por anos. Assim, coube às redes sociais a disseminação das informações sobre o momento e sobre a luta da ciência pela produção de uma vacinação, a possibilidade de interação e socialização, ao mesmo tempo que também permitiu o fortalecimento das *fake news*¹³⁷.

A pandemia de Covid-19 (re)territorializou múltiplos corpos, que se tornam alvos: primeiramente, classificados como potenciais contaminados, posteriormente em contaminados e mortos pela doença, e atualmente, entre os vacinados (por fases de esquemas prescritos) e não vacinados. Corpos-territórios que se viram forçados a vivenciar a desterritorialização social

¹³⁷ Kátia LERNER, Janine Miranda CARDOSO e Tatiana CLÉBICAR (2021) apontam que a produção de notícias sobre a pandemia de Covid-19 em intensidade, fruto de uma sociedade midiaticizada como a atual, faz com que a comunicação tivesse protagonismo e interferisse simbólica e materialmente no curso do evento sanitário, inclusive fazendo com que a Organização Mundial da Saúde a nomeasse como uma “infodemia”. As autoras também pontuam que o auge da cobertura se deu com o reforço do isolamento, a cobertura política e as preocupações com a economia, e o rechaço do uso não comprovado de hidroxiquina (estimulado, sobretudo, pelo presidente da República). Por outro lado, como o momento era de tensão, houve-se um destemor e uma resignação, que demonstram um certo cansaço ao extraordinário pandêmico, além de uma certa desconfiança sobre a confiabilidade das notícias que se produziam e chegam para todos, por meio das redes sociais.

do que comumente viviam, com as práticas de isolamento social e de higienização pessoal, como forças de contenção e confinamento (HAESBAERT, 2020). Rostos cobertos, olhos aflitos, proibição do toque, do abraço.

Por um lado, muitos corpos-territórios tiveram como destino a classificação de infectados, internados, intubados e enterrados. Estes últimos corpos-territórios não puderam ser velados. O ritual da finitude humana deixou de existir como era: corpos-territórios contaminados e mortos, imediatamente enterrados, envelopados. Corpos-territórios sem espaços em cemitérios para serem enterrados. Valas abertas e dificuldades para a identificação dos lugares em que estão aqueles que foram enterrados. Corpos-territórios de profissionais da saúde, reconhecidos socialmente como guerreiros, mas que foram adoecendo na luta pela vida que se instalou com UTIs de Covid-19, públicas e privadas. Corpos-territórios paralisados, em suas residências, horrorizados com os cenários de guerra contra uma doença invisível e altamente letal, diante de imagens televisivas e distribuídas em redes sociais.

Outros corpos-territórios também se reterritorializam, tornando-se corpos-territórios conectados virtualmente para se alimentar, para estudar, para trabalhar, para se espiritualizar, para namorar, para politizar. Ruas vazias. Escolas fechadas, igrejas fechadas, aeroportos fechados, comércios fechados. Apenas supermercados, farmácias e hospitais funcionando, com rígidas regras de acesso. Alguns corpos-territórios ficaram adoecidos mentalmente, e foram-se ‘suicidados’. O medo os matou antes do vírus. Outros corpos-territórios foram estigmatizados: grupos de riscos se tornaram os corpos-territórios-velhos e potencialmente alvos. Alguns preciosos, eram alvos de atenção e cuidado de familiares. Outros foram ainda mais abandonados, afinal, seriam os primeiros a morrerem mesmo. Corpos-territórios com comorbidades. A lista destas doenças/condições se tornou conhecida. Se tornaram também alvos – como se numa guerra civil fossem aqueles que compusessem o batalhão de frente, em que sempre morrem primeiro em um conflito armado.

A pandemia da Covid-19 também é territorial porque os corpos-territórios apresentam territorialidades distintas, e eram estas que explicavam a exclusão no acesso aos protocolos de cuidados. Os critérios socioeconômicos e racializados de estruturação social não deixaram dúvidas da existência de multiterritorialidades: o isolamento social e os cuidados de higienização pessoal eram (e são) elitistas e da (para) a branquitude.

Aos corpos-territórios pretos e pobres, que sobrevivem abaixo da linha da pobreza ou na informalidade, em inúmeros aglomerados brasileiros, não se foi permitido isolar-se. Álcool em gel 70% em cenário de esgoto a céu aberto, sem condições sanitárias, era um eufemismo.

A fome não permite se preocupar com a contaminação¹³⁸. Esses corpos-territórios já vivem há décadas com outras comorbidades, em outras pandemias, e com outros medos humanitários de fim de seus mundos. Corpos-territórios, em sua maioria pretos e pobres, atrás das grades das prisões e dos sistemas socioeducativos foram relegados. Corpos-territórios indígenas e quilombolas foram ignorados pelas políticas públicas por um bom tempo.

9.2. A PANDEMIA TAMBÉM É POLÍTICA

O conceito de corpo-território (Rogério HAESBAERT, 2020) também permite-nos pensar territorialmente a pandemia em sua dimensão política. O autor aponta que as contribuições decoloniais auxiliam a pensar no corpo-território, principalmente a partir das experiências de indígenas e mulheres na América Latina, entendendo-o como ferramenta de luta; ou como prefere chamar o geógrafo Carlos Walter PORTO-GONÇALVES (2013), de ‘r-existência’, em uma luta se dá por múltiplas escalas de uma micropolítica pela vida.

Para além dos números impressionantes, a micropolítica é um sentimento que marcou as vivências da pandemia no Brasil. A *maricona* Hefesto por exemplo, ao ser indagada sobre como vivia a pandemia, afirmou estar com “*muito medo pelas pessoas, e com muito ódio do governo*”. A *maricona* teceu críticas aos governantes de todas as esferas, pela inoperância e demora na vacinação da população:

Pesquisador: Porquê do medo pelas pessoas e porquê do ódio do Governo?

Hefesto: Ah, sério, Edmarcius?

Pesquisador: Sério

Hefesto: Medo das pessoas adoeceram, das pessoas que podem adoecer, e por que o governo não fez nada, ele não tá fazendo nada, ele não faz nada, a não ser olhar para si só. E eu tô falando do governo federal, estadual e municipal. Aqui em Governador Valadares a gente tá vivendo uma cadeia de pancadaria, um pior do que o outro. Pode colocar como nota de rodapé: todos liberalistas.

É preciso registrar que a primeira pessoa vacinada no Brasil foi uma enfermeira negra, Mônica Calazans, na cidade de São Paulo, em 17 de janeiro de 2021. A vacinação somente iniciou no país por uma ação política do Governador do Estado de São Paulo à época, João Dória (PSDB), que adquiriu vacinas no exterior e estimulou a vacinação da população

¹³⁸ Sugiro a leitura de “*Covid-19 nas Favelas: cartografia das desigualdades*”, de André Luiz da Silva LIMA, et. al. (2021), em que os autores apontam que nas favelas o direito à saúde não existe em uma lógica necropolítica, cujas vidas “não são qualificadas como vidas”, e portanto, “não são passíveis de luto” (2021, p. 120).

paulistana com um Plano Estadual Emergencial de Vacinação, o que forçou politicamente o Governo Federal a finalmente decidir pela aquisição de vacinas e distribuição por todo o país, o que também aconteceu de forma morosa, se comparado com outros países. À época, somente o Estado de São Paulo apresentava quase um quarto das 210 mil mortes pela doença¹³⁹.

A indagação por Hefesto pela demora das vacinas exemplifica a revolta de parte da população pelo fato do Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, ter recusado 11 vezes ofertas para compras de vacinas para o país em 2020. Segundo matéria publicada no Portal G1¹⁴⁰, para tanto, o Ministério da Saúde simplesmente ignorava as propostas feitas pelos institutos Butantan, Pfizer e Covax Facility, produtoras dos insumos necessários para a fabricação. Essa situação ocasionou a instalação pelo Congresso Nacional, em 26 de abril de 2021, de uma investigação que ficou conhecida como CPI da Covid¹⁴¹. Após seis meses de trabalho (em que foram colhidos mais de 50 depoimentos, quebrou-se 251 sigilos, e realizaram análises de documentos e mais de 60 reuniões), em seu relatório final¹⁴², a Comissão pedia o indiciamento de 66 pessoas, incluindo o presidente Jair Bolsonaro, atribuindo-lhe a realização de nove crimes.

Em relação à figura do Presidente da República, o relatório da CPI apresentou como elementos de possíveis práticas criminosas algumas imagens de Jair Bolsonaro provocando aglomerações, declarações em que desdenhava da vacina e incitava a população a invadir hospitais, o esforço pessoal do presidente, com o Itamaraty, para comprar da Índia insumos para a produção de cloroquina, remédio que se demonstrou cientificamente ineficaz para a Covid-19. O documento apontou também a existência do que ficou conhecido como “gabinete paralelo”, composto por médicos, políticos e empresários da base governista, que

¹³⁹ Ressalta-se que mesmo diante do cenário anteriormente apresentado, no dia 17 de maio de 2022 o ministro da saúde assinou a Portaria 319 que declara que a Covid-19 não é mais uma Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional, por considerar que o país naquela data tinha em torno de 75% de ampla cobertura vacinal. Tal decisão política contrariou o entendimento da OMS e de setores da área da saúde, que indicavam que o coronavírus ainda é Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional e que, portanto, continua exigindo cuidados. Fonte: Revista Isto é Dinheiro, em 17 de janeiro de 2021. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/brasil-aplica-a-primeira-vacina-contra-a-covid-19-apos-aprovacao-da-anvisa/>>.

¹⁴⁰ Fonte: Portal G1, em 27 de abril de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/octavio-guedes/post/2021/04/27/cpi-da-covid-governo-bolsonaro-recusou-11-vezes-ofertas-para-compras-de-vacina.ghtml>>.

¹⁴¹ A CPI é uma comissão temporária do Poder Legislativo (Câmara dos Deputados e do Senado Federal) que é instaurada para apurar fatos de grande importância na política nacional. Neste caso específico, sua instauração se deu por determinação, em abril de 2021, do ministro do STF, Luís Roberto Barroso, para que se apurasse as possíveis falhas do Governo Federal no enfrentamento da pandemia, identificando possíveis responsáveis por isso. Fonte: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/composicao_comissao?codcol=2441>.

¹⁴² O relatório final (BRASIL, 2021) encontra-se disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/comissoes/mnas?codcol=2441&tp=4>>

aconselhavam o presidente “ao arrepio das orientações técnicas do Ministério da Saúde” (BRASIL, 2021, p. 34). Segundo o relator, partiu desse grupo a ideia da propagação do vírus “livremente entre a população”, a fim de que fosse atingida a “imunidade de rebanho” por meio da contaminação natural. Entre outros fatos, a CPI comprovou: o "evidente descaso" governamental com a vida da população, com comprovado e “deliberado atraso” na aquisição de vacinas; a "forte atuação" da cúpula do governo, em especial do presidente da República, na disseminação de notícias falsas sobre a pandemia; a existência de um gabinete paralelo que aconselhava o presidente com informações que não tem comprovação em diretrizes científicas; a intenção de imunizar a população por meio da contaminação natural (a chamada imunidade de rebanho); a priorização de um "tratamento precoce" sem amparo científico de eficácia e a adoção do modelo como “política pública declarada”; o desestímulo ao uso de medidas não farmacológicas - como as máscaras e o distanciamento social; a prática, por parte do governo federal, de atos "deliberadamente voltados contra os direitos dos indígenas".

O relator Renan Calheiros pediu o indiciamento do Presidente da República no relatório pelo cometido dos seguintes crimes: epidemia com resultado morte, infração de medida sanitária preventiva, charlatanismo, incitação ao crime, falsificação de documento particular, emprego irregular de verbas públicas, prevaricação, crimes contra a humanidade e crimes de responsabilidade (violação de direito social e incompatibilidade com dignidade, honra e decoro do cargo). Segundo o documento, Jair Bolsonaro, de forma repetida, “(...) incentivou a população a não seguir a política de distanciamento social, opôs-se de maneira reiterada ao uso de máscaras, convocou, promoveu e participou de aglomerações e procurou desqualificar as vacinas contra a covid-19”. Seu objetivo com essa estratégia, “(...) atrelada à ideia de que o contágio natural induziria a imunidade coletiva, visava exclusivamente à retomada das atividades econômicas” (BRASIL, 2021, p. 1275). Nesse sentido, Renan Calheiros (BRASIL, 2021, p. 153) foi enfático ao afirmar que: “(...) em tempos normais, seria apenas um exemplo de desprezível charlatanismo pseudocientífico. Contudo, em meio a uma pandemia global, colaborou para gerar uma monstruosa tragédia, na qual alguns milhares de brasileiros foram sacrificados”.

O comportamento do Presidente da República durante toda a pandemia sinalizou um desprezo pela vida humana, descrédito com dados científicos e uma necessidade de dizimação de um vírus do ódio em relação àqueles que se posicionavam a favor da ciência como forma de eliminação do vírus por meio da vacinação. Por diversas vezes, em suas falas sobre o contexto pandêmico, Jair Messias Bolsonaro tratou com total desrespeito às vítimas de Covid-

19 e seus familiares, demonstrando-se mais preocupado com aspectos econômicos do que necessariamente com a situação de saúde pública do país que ele governa:

As falas de Bolsonaro apontam para uma necropolítica (MBEMBE, 2018) na medida em que se perde a capacidade de se comover com a dor e a finitude do próximo. Como agente público, utilizou de seu poder político para relativizar mortes e definir uma biopolítica em que viver e morrer se torna atributo banal do curso da vida. Seus discursos e suas práticas de gestor público, inclusive das políticas de saúde, foram eugenistas, ao se posicionar com apatia sobre aqueles que podem morrer, a partir de critérios, entre os quais, o etário é demarcador fatal para a indisposição de recursos e ações de prevenção da morte. A pandemia e o bolsonarismo aliviaram a preocupação de muitos que pensavam, e que nesse contexto da pandemia se viram livres para poderem afirmar que “velhos são inúteis e por isso podem morrer”. Reflexo de uma sociedade doentia, em que a existência de uma necropolítica interseccionada com gerontofobia, se direciona para corpos-territórios velhos. Quando estes também têm sexualidades dissidentes¹⁴³, essa postura viola ainda mais os direitos humanos fundamentais, pois agrega-se outros marcadores sociais de diferenças.

Diante desse cenário, e no exercício de pensar o futuro, pode-se atentar para o fato de que a pandemia deixou marcas. São lições que reforçam a dimensão da multiterritorialidade política da Covid-19. Essa é a primeira lição: corpos-territórios, tomados em escalas locais ou globais, são corpos políticos, ao mesmo tempo em que a política é corporal e territorializada na micropolítica da vida. A continuidade da vida social humana e planetária exige refutar perspectivas neoliberais e pautar a necessidade de concepções políticas básicas que garantam a dimensão coletiva da humanidade. Políticas públicas de saúde são o exemplo primordial, a partir dessa pandemia. A proteção e o direito à continuidade individual e coletiva depende da compreensão de que a saúde, quando não é um direito de todos, afeta a todos. O fim do mundo é o fim do direito à saúde, enquanto um sistema e uma política pública. Até mesmo o capitalismo entendeu que a política de vacinação era o único caminho para que a produção em série pudesse continuar. Faltando-lhe ar, se rendeu ao poder da ciência e a necessidade de vacinas. A lição ficou: um mínimo de estado social é necessário para a sobrevivência humana planetária e do próprio sistema capitalista.

Por sermos corpos-territórios é que a pandemia também ensina que a ciência precisa ser valorizada, em uma dimensão política pessoal e coletiva. O avanço da ciência permitiu a

¹⁴³ Em uma de suas falas anticientíficas, o presidente afirmou que “ivermectina mata bichas” e gargalhou. Fonte: Portal Poder 360, em 21 de julho de 2021. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-diz-que-ivermectina-mata-bichas-e-da-gargalhada-em-entrevista/>>.

(sobre)vivência. O sucesso dos índices de redução da mortalidade após a vacinação comprovou o protagonismo da ciência para a perpetuação da humanidade. Ao mesmo tempo, a globalização e o avanço tecnológico apresentaram também uma outra fase do avanço da tecnologia: o negacionismo, de natureza política, que resolveu “sair do armário”. A pandemia pode ser o momento de aprendizagem de que grupos obscurantistas devem ser combatidos, em prol da própria sobrevivência humana. Não é possível que práticas de cunho político, por meios tecnológicos, não sejam controladas, tendo como critérios requisitos mínimos de cientificidade. Ou a política entende que precisa da ciência ou em breve a própria política, como conhecemos hoje, será refém da ausência de parâmetros científicos para/de organização social. A pandemia ensina que o negacionismo mata e numerifica suas vítimas.

Pensar o futuro passa também pela dimensão do corpo-território com a natureza. Os últimos alarmes de emergência internacional tiveram como origem a devastação da natureza. Vírus de animais não humanos se territorializam em relações políticas com animais humanos. A destruição ambiental é a causa deste e dos próximos medos humanitários¹⁴⁴. É preciso reterritorializarmo-nos como corpos-territórios pertencentes ao corpo-terra (Rogério HAESBAERT, 2021), no campo territorial de disputa política que o humano encampa contra a própria natureza, ou este estará fadado à sua extinção por meio de um terricídio¹⁴⁵.

É nesse sentido que é preciso pensar em que medidas alguns grupos específicos narram suas vivências durante a pandemia, e como seus corpos-territórios se des(re)territorializaram diante do cenário local em que viveram durante a Covid-19. No cenário de medo, os interlocutores da pesquisa apontam como lidaram com a gestão do risco relativos à aquisição da doença, a necessidade de isolamento social e os sentimentos vivenciados. Indicaram também como reorganizaram suas vidas para cuidarem de seus idosos familiares, para estabelecer novas formas de sociabilidades com amigos, e o impacto da pandemia em suas vivências sociossexuais. A gestão do risco foi territorialmente marcada para alguns pelo medo da morte e pela solidão, e por outros, por um apoio e uso maior de aparatos tecnológicos, com novas dinâmicas para suas experiências afetivo-sexuais homoeróticas.

¹⁴⁴ Vive-se hoje o início de um novo surto mundial, com uma contaminação denominada como “variola dos macacos”, transmitida entre seres humanos, principalmente a partir do contato sexual. Fonte: Jornal O Globo, 27 de julho de 2022. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/saude/stories/variola-dos-macacos-em-95percent-dos-casos-ha-suspeita-de-transmissao-durante-o-sexo-mostra-estudo-saiba-os-sintomas.ghtml>>.

¹⁴⁵ Amparo-me em Rogério HASEBAERT (2021), para quem o termo “terricídio” deve ser tido na concepção de “morte da terra”, ao relacionar as questões ambientais e o avanço tecnológico no contexto da produção capitalista como promotor da destruição da própria Terra. Em uma dimensão antropocênica, significa que a Terra se torna inútil para o homem, causando a destruição e o extermínio da própria vida no planeta.

9.3.A GESTÃO DE RISCOS NA PANDEMIA: CUIDADOS CONSIGO E COM OS OUTROS

Os corpos-territórios expostos à pandemia de Covid-19 precisaram lidar com os riscos de contaminação, uma vez que a doença era (sobretudo antes da vacinação) altamente transmissível e com grande letalidade. Nesse sentido, fato é que não se tinha como delinear a convivência humana com o vírus, podendo apenas se preocupar com as formas pelas quais se podia eliminar os riscos de contaminação nas relações entre os sujeitos. As narrativas de vivências com a Covid-19 pautam-se por corpos-territórios que gestam espaços e saberes compartilhados, em múltiplas relações de poder que territorializam suas vivências.

Algumas *mariconas* gestaram os riscos com a pandemia a partir de suas experiências com a vivência pessoal da contaminação e o contato com as demais pessoas. Quando foram entrevistadas, cinco das *mariconas* já haviam sido contaminadas e já estavam recuperadas, sendo que duas ficaram assintomáticas e três tiveram complicações respiratórias e corporais. Asclépio, por exemplo, acreditava que havia adquirido o vírus logo no início da pandemia, em março de 2020, quando esteve em um evento internacional de sua área de atuação profissional, e que contava com participantes de diversos lugares do mundo. Afirmou que assim que retornou à cidade começou a ter sintomas diferentes das gripes habituais, mas que na época não existiam nem exames para serem feitos. Ela ficou na época um mês sem trabalhar, e acreditava que estaria imune, pois não se tinha certeza à época da entrevista sobre a possibilidade de reinfeção. O que a *maricona* aponta como positivo nesse caso é o fato de poder vacinar logo no início da campanha, por ser profissional da área da saúde. Seu maior sentimento foi o medo de ser o transmissor da doença para algum parente:

Asclépio: É medo mesmo do contato físico, de pegar Covid de novo, porque estão dizendo que existe a possibilidade de você se infectar de novo, de às vezes eu não pegar, mas passar para um parente, e esse parente ter de uma forma grave, entendeu? Os hábitos, mais os cuidados que falam para gente ter, de usar máscara, eu uso no trabalho todo dia, sair de casa só com máscara, entendeu?

Já Zeus afirmava ter sido um dos primeiros casos da Covid-19 no Brasil. Seus sintomas começaram ao participar do Carnaval de Salvador em 2020. A *maricona* acredita que tenha adquirido a doença no aeroporto dias antes de desembarcar na capital baiana. Ele afirmou que este foi o momento que pela primeira vez viu outras pessoas de diversas regiões do mundo com os mesmos sintomas que ela sentia, mas que não se sabia ao certo o que era a doença:

Zeus: Eu fui um dos primeiros casos do Brasil. Eu peguei no Carnaval do ano passado (2020). Eu estava em Salvador, eu cheguei, fui de avião de Belo Horizonte pra lá num domingo. Uma semana antes do Carnaval, na quarta, comecei com uma tosse horrorosa, seca, que foi de quarta a sexta. O Carnaval começou na quarta, no dia da tosse, por isso eu acredito que eu peguei no aeroporto porque a minha tosse começou certinha na quarta. Na quarta à noite eu fui pra rua, beijei demais, nossa! O que eu devo ter passado de covid para os outros não tá no gibi (risos). Porque eu não sabia o que era, porque lá em Salvador eles pulam no seu pescoço, meu namorado morre, mas eu não vou deixar de beijar, então eu falo pra ele ficar em casa que eu vou sozinho. Pulei quarta e quinta, com aquela tosse, tomei um monte de xarope. Na sexta eu comecei a ficar um pouco cansado e com falta de ar, e falei *“é, tô ficando maricona mesmo, não tô aguentando carnaval”*. De um ano pra outro fez uma diferença. Eu não bebo, então eu tenho um fogo no rabo, e consigo fazer mais coisas e não tava aguentando nada. E no sábado eu não fui pro Carnaval, levei os meninos e voltei pra casa pra dormir, porque domingo tinha Pablo Vittar na rua, eu tenho pavor, mas os meninos queriam ir. Aí no domingo fui um pouco e voltei pra casa. Na segunda eu fiz um passeio e foi o auge do negócio. Eu passei muito mal, tive febre, dor de cabeça, dor no corpo, não estava me aguentando. Eu lembro que parei no Mercado Modelo, subi o Elevador Lacerda e fui em direção a uma farmácia. Quando eu entrei e tossi, era um velhinho (o atendente), e fui andando em direção a ele e ele andando pra trás. Eu pedi um remédio pra ele, ele falou que eu estava tossindo e com febre, ele falou: *“volta pra casa que você tá com coronavírus”*, ele falou: *“Não chegou? (o vírus no país). Olha para aquele grupinho ali, todos são estrangeiros e todos estão com os mesmos sintomas que você, vai pra casa e se cuida que você tá com covid”*. Ele me deu remédio para dor muscular. A gente não sabia o que era, não existia máscara, álcool em gel, não tinha naquela época.

A *maricona* relatou sua dificuldade em conseguir uma medicação que fosse mais assertiva, bem como saga para a realização de um exame que apontasse um diagnóstico:

Zeus: Ainda fiquei no Pelourinho por umas duas horas, cheguei em casa com dor no corpo, febre e fui na Unimed e não quiseram me atender porque era regional, e a minha era de Minas. Aí liguei para minha irmã que é médica e falei os sintomas ela disse que eu tava com covid e eu falando que isso não tinha chegado no Brasil ainda. O médico falou que eu estava com H1N1, passou um remédio de 270,00 reais. Eu queria matar aquele médico. Aí eu tomei, e cheguei em casa e a minha irmã ligou e perguntou se eu tinha feito o exame, e eu achando que só ela e o farmacêutico achavam que eu tava com coronavírus. Aí eu fui pra UPA, liguei pra ela e ela conversou com médico, o médico saiu da sala e voltou todo vestido, parecia um astronauta, me enfiou um cotonete de um metro e meio no nariz. Queria matar aquele homem, e a menina do lado falou *‘aguenta um pau no rabo e não aguenta um cotonete no nariz’*, não é fácil, aquele cotonete é pior. Aí o cara falou que era pra eu ir pra casa, que na sexta chegava o resultado por SMS, acredita?

Zeus afirmou ainda que a sua saga na vivência da contaminação por Covid-19 também envolveu sua preocupação em não contaminar o seu anfitrião em Salvador, e a mãe de seu anfitrião, com 100 anos de idade. No entanto, relatou que transmitiu a doença para seu namorado:

Zeus: Na terça acordei bom, eu dormi bem, mas era só, quando eu cheguei na quarta eu tentei adiantar meu voo. Aí eu decidi ir de ônibus para Valadares porque se esse negócio for corona, eu tava na casa de um amigo que tem 75 anos e a mãe dele tinha 100, eu vou matar esse povo aqui. Eu consegui uma passagem de ônibus e vim, na sexta chegou uma mensagem que eu tava com coronavírus. Aí eu corri no laboratório, fiz o exame, a mulher ficou feliz porque era o primeiro exame que ela tinha feito e dado positivo. Aí eu fiz de novo, e deu positivo. Aí eu tinha pegado, meu namorado pegou, um amigo pegou. Minha assessora que estava comigo, que era travesti, não pegou. Pegou agora um dia desses. Foi só. Eu passei mal foi só na segunda.

É interessante o momento em que a *maricona* Zeus fala de sua assessora que é travesti. Indaguei como ele estava percebendo a questão da pandemia entre as travestis e transexuais com as quais convive diariamente em Governador Valadares. Segundo a *maricona*, as travestis “*continuam trabalhando, fazendo a vida do mesmo jeito*”, o que reforça que a pandemia foi, de fato, vivenciada de forma diferente entre aqueles que, de alguma forma, já vivenciavam outras formas de “pandemias” e que são multiterritorializadas em/por outros corpos-territórios:

Pesquisador: Você tem muito contato com muitas travestis e transexuais, como você tem visto essa questão da pandemia com elas aqui em Valadares?

Zeus: Ah, elas não se preocupam muito não, tá? Essa minha assessora, ela bebe, disse que já tinha bebido o vírus, passou um pouco de mal agora, levou um susto, mas tá bem, continuam trabalhando, fazendo a vida do mesmo jeito.

Outra *maricona* que já havia sido contaminada pelo coronavírus na época das entrevistas e que teve sintomas foi Aquiles. Ela afirmou que não teve dificuldades como falta de ar e nem teve seu pulmão comprometido, mas que “*a febre foi horrorosa, as dores no corpo horrorosas, a diarreia horrorosa (...) eu acordava como se um caminhão tivesse passado em cima de mim todo dia, e ainda fazia assim, ia e voltava, ia e voltava, de tão ruim que foi*” (AQUILES)

Por outro lado, a gestão do risco pelas *mariconas* também passou pela necessidade de se ficar em casa, com o cumprimento do isolamento social. A *maricona* Aquiles, por exemplo, após essa experiência da contaminação, afirmou que seus hábitos mudaram: os cuidados foram

redobrados, o uso de álcool em gel e a necessidade de ficar em casa aumentaram, evitando, desta forma, sair de casa. Já a *maricon* Ares, mesmo já tendo sido contaminada e ficando assintomática, afirmou que a maior dificuldade era justamente ter que ficar em casa: “(...) *ficar em casa é um pouco um processo de ansiedade, de não poder ir na rua, ver a rua. É muito ruim você ficar preso*”. O fato de adquirir a Covid-19 e ficar assintomática é relatado também pela *maricon* Hypnos, que descobriu que já tinha sido contaminada ao fazer um exame de rotina de sorologia, no início de janeiro de 2021:

Hypnos: Já peguei, mas nem percebi. Não tive sintoma nenhum, eu só descobri porque eu fui fazer meu exame de rotina no início de janeiro, e no meu exame de sangue constatou a presença de alguma coisa diferente, e não foi identificada, aí o bioquímico pediu que eu voltasse o médico, para dar uma analisada, e pediu um outro específico de exame, que ele pediu o exame de sangue de imunologia, sorológico de imunologia, para saber o que que poderia tá ali ou não presente, se era algum micro-organismo vigente, e constou que o que tava ali presente, digamos assim, o resquício da Covid. Provavelmente eu me contaminei por volta ali do final de dezembro e início de janeiro, mas não tive sintomatologia nenhuma, nada.

Apesar de ter ficado assintomática, Hypnos afirma que teme ser reinfestado, pois possui comorbidade cardíaca. Para evitar, passou a mudar seus hábitos alimentares, mas ainda teme fazer atividades físicas na academia que frequentava, por se tratar de um lugar fechado:

Hypnos: (...) eu tenho risco de pegar pela segunda vez, que tende a ser pior, eu sou cardiopata, então tem que ser cuidado em dobro, e aí mudei bastante alimentação, deu uma melhoradinha né, quis ir para academia, só que fiquei com receio também, hoje não, mas há alguns meses atrás, quando as academias estavam sendo liberadas né, mas de acordo com as normas, mas ainda assim, a academia que eu vou ela é dentro do shopping, então ela é toda fechada, se tivesse pelo menos alguma saída de circulação de ar, eu ainda arriscaria ir talvez ali, mas é totalmente lacrada, assim eu não arrisco não.

Uma das *mariconas* que é profissional da saúde e que já estava vacinada quando concedeu a entrevista, apresentou seu medo ao afirmar que achava que pegava o vírus toda semana, pois sempre era alertado por seus pacientes que estes estavam doentes alguns dias após terem contato profissional com ele. No período da entrevista, a *maricon* não via mais esse risco para si, no entanto, preocupava-se com seus pacientes, evitando fazer atendimentos presenciais:

Hefesto: (...) respeito muito a doença, a Covid, enfim, respeito muito, entende? Eu sou profissional da saúde, desde quando começou essa pandemia, eu já atendi várias pessoas com coronavírus, que só fiquei

sabendo tipo, dois dias depois, três dias depois, então eu acho que eu já tive contato com esse vírus, há muito tempo, desde quando começou, nunca. Eu estou vacinado, né? Então assim, ou eu sou uma pessoa santa, abençoada por Deus, que eu tenho sei lá (risos), uma sei lá, uma vacina divina, ou então meu filho, eu já peguei isto... porque no ano passado eu peguei isso toda semana (risos), toda semana eu falava assim *'agora, eu tô com coronavírus'*, então, não sei. Pra mim, eu, pra mim, o Hefesto tá, pra mim, meus pais por exemplo, eu coloquei eles dentro de uma bolha, as outras pessoas eu protejo muitas outras pessoas, agora para mim, eu não vi ele como uma ameaça. Protejo meus pacientes, inclusive não tô fazendo mais atendimento presencial para todo mundo que pode online. Para mim, Hefesto, eu não vejo ameaça.

Já Apolo, por exemplo, que morava sozinho, se preocupava em se contaminar e de alguma forma contaminar seus parentes que moravam no andar de cima de sua casa. Ele se sentia abalado psicologicamente: *"(...) acho que abalou todo mundo né, porque assim, já é muito tempo que a gente escuta além das notícias ruins, na televisão, e a gente tem que lidar com isso tudo emocionalmente né? A gente tá com um inimigo invisível, mas que existe"* (APOLO).

Nesta gestão do risco com a pandemia, em relação às formas como as *mariconas* relatam seus dilemas para não saírem de casa, foi possível perceber que algumas delas estabeleceram estratégias diferentes. A *maricona* Fobos, por exemplo, afirmou que deixou de ter vida sexual ativa, e que *"(...) quando começou a pandemia, eu comecei a ter uma jornada de trabalho maior, bem maior, então o tempo que eu tô tendo é para descansar"* (FOBOS). A realidade da *maricona* exemplifica a realidade de muitos profissionais da educação, que como ela, passaram a ter que trabalhar de forma remota, e para tanto, se dedicaram muito mais tempo do que era necessário, caso a atividade profissional realizada fosse na modalidade presencial. No caso de Fobos, isso também se constitui como um escape, uma forma de se ocupar, e assim evitar sair de casa, colocando-se em risco de contaminação. Já a *maricona* Asclépio foi mais direta: segundo ele, deixou de sair de casa porque o que mudou *"(...) foi o medo, o medo de morrer de covid, principalmente no meio da pandemia para cá, que a gente começou a ver muita gente morrer... e literalmente, passei a sair menos"*. (ASCLÉPIO).

Já Dionísio afirmou que atualmente está *"(...) vegetando dentro de casa, porque eu só tô dentro de casa mesmo, só comendo, bebendo, dormindo, levantando, trabalhando online o dia inteiro"*. Quando tinha um tempo livre, a *maricona* afirmou que ficava assistindo televisão, no celular, lendo alguma coisa, *"ou então 'pulero' (sic) na janela para ver o que tá acontecendo lá fora"*. No entanto, ao ser perguntado se utilizava aplicativos para encontros sexuais nesse período, Dionísio demonstrou que desenvolveu como estratégia de medo para evitar a

utilização dos aplicativos, o fato de temer pela própria vida. Ele justificou fazendo menção a um caso de latrocínio, ocorrido no início da pandemia em março de 2020, com um gay que era seu conhecido de igreja:

Dionísio: Ah, porque, tipo assim, eu tenho medo desses negócios. Tenho medo, ainda mais que a gente vê aí fora, muitos golpes que acontecem, o ano passado, por exemplo, aquele menino que faleceu aqui, tá fazendo um ano essa semana, que faleceu aqui no nosso bairro. Eu estava viajando, estava fora da cidade. Eu conheci ele, porque ele era da igreja. Aí depois que acharam ele aqui, morto aqui, passou um tempo eu vi uns status aí rolando no WhatsApp, pessoal falando que era coisa de aplicativo, e depois morreu o assunto, então eu não sei se é verdade também. Então tudo isso me deixa com medo, então às vezes eu entro porque não tenho nada para fazer. Eu gosto de ver quem tá lá pegando (risos), mas na hora que é a hora que eles chamam pra capar mesmo, eu dou um jeito de fugir (risos).

As *mariconas* que tinham algum tipo de relacionamento afetivo-sexual também desenvolveram estratégias para ficar em casa. Zeus, deixando a entender que tem um relacionamento aberto com seu namorado, afirmou que “(...) *a pandemia acabou com a vida sexual de todo mundo (risos)*”. Restou-lhe ficar em casa com seu namorado: “(...) *mudou na verdade, porque eu não tenho saído, eu e meu namorado não temos saído, porque meus pais são grupo de risco, eu tive covid, ele também, mas mesmo assim a gente evita*” (ZEUS).

Já Aquiles se organizou para morar sozinho com seu namorado, deixando a casa de seus pais, evitando assim transmiti-los o vírus. Ao refletir sobre sua estratégia de se reorganizar para morar com seu parceiro durante o isolamento, a *maricona* concluiu que a pandemia causou abandono afetivo e prejudicou a saúde mental das pessoas. Por isso, ela afirmou que frequentava esporadicamente a casa de seus pais, mas com muitos receios:

Aquiles: Assim, a gente não viveu né? Eu por exemplo, nos primeiros seis meses de pandemia, eu fiquei trancado, sem ir no escritório, meu antigo sócio era do grupo de risco. A gente não vivia, entendeu? Eu morava com os meus pais na época, meus pais idosos né, grupo de risco, e mãe além de idosa, cardíaca, então, a gente vive com medo, eu não vivi. Então eu só fui viver mesmo depois que eu conheci o X., e eu fui dar um jeito de sair de casa, porque eu não podia expor meus pais ao risco, ou colocar outra pessoa da família, e fui viver a minha vida, né? Hoje eu vou com muito menos frequência na casa dos meus pais, não somente por conta disso, porque a minha mãe não aguenta de saudade, ela, por mais limitação que ela tenha com relação à questão da sexualidade, ela é mãe, ela ama, ela é mãezona, então assim, eu vou uma vez a cada semana, ou uma vez a cada duas semanas; mas assim, sem contato físico, porque eu também eu acho que, a pandemia nos obrigou o abandono afetivo muito grande com relação às pessoas idosas né? (...) Eu acho que é abandono afetivo, a pandemia nos

obrigou a isso. E também eu acho que a saúde mental das pessoas está sendo bem prejudicada, leva uns tempos difíceis, que a gente tem que pensar em ressignificar tudo, é bem complicado.

O dilema de ter que ficar em casa no auge dos índices de contaminação e óbitos da Covid-19 só não apareceu na narrativa de uma das *mariconas*: Hermes, que como visto anteriormente, afirmou que eventualmente faz programas ou “sexo por trocas monetárias”. Ele afirmou que o que houve foi, na verdade, uma mudança na sua rotatividade e nas formas de se encontrar clandestinamente com seus amigos para, por exemplo, beber. Nesse momento da entrevista, a *maricona* fez severas críticas às formas sociais de burlagem às normas estabelecidas pelo Poder Público:

Pesquisador: Mas o que mudou com a pandemia, na sua vida?

Hermes: Nada, eu continuei saindo. Festa, eu dei uma aquietada desde o carnaval do ano passado, mas em beber é todo dia, na porta de casa de fulano, churrasco na casa de amigos. Eu acho assim, minha rotatividade mudou automaticamente, sem eu escolher, mas aí tem hora que dá carência e não tem nada para fazer. Reportagens nem tô acompanhando muito, chega notícias em grupos (do WhatsApp) eu nem vejo e já apago, porque eu sei que tudo é a mesma coisa, entendeu? Eu não tô deixando ficar levando por isso não, porque no começo eu deixei levar e fiquei tipo em pânico, muita informação para uma pessoa só. Então a pandemia tá continuando, a gente fica preocupado, mas você tem que deixar como se a vida estivesse normal. É lógico que as questões de horários de serviço que diminuiu, resolver as coisas rápidas, você tá tipo regrado, e eu sou uma pessoa que eu não tô acostumado a seguir regras, mas a gente tem que respeitar, as ordens, mas isso de você não poder ir ali, que é o que a gente tá passando hoje. Por exemplo: esse negócio de todos os bares fechados, isso é tudo mentira. Qualquer lugar que eu chegar para eu beber, tem lugar pra eu beber, nos fundos, debaixo das portas tão vendendo para os outros, nos fundos das casas. Os salões por exemplo, tá tudo funcionando nos fundos das casas, isso tudo é porque quem não tem condições de fazer a máfia e de atender por não ter dinheiro extra, fecha, mas tudo tem um jeito. O Brasil é o país da malandragem não é à toa. Então vamos beber hoje, mas tá tudo fechado, mas eu sei onde que vende, onde a gente bebe. Isso é vínculo de noitada, de um fazer a fita pro outro. Então a pandemia em si eu não fui assim totalmente preso em questão de regras, de leis, do estado e município, de ficar parado dentro de casa. Então como se diz, afetou um pouco? Afetou, mas não é tanto assim não. O que eu gosto de fazer, tô fazendo do mesmo jeito.

Mas a gestão dos riscos com a pandemia também envolveu a necessidade de *mariconas* cuidarem de seus familiares mais velhos, motivadas pelo medo social apontado por doze delas de perderem seus entes para a doença. Isso reforça a concepção sobre laços de parentalidades de muitos homossexuais, que socialmente são estigmatizados como aqueles que na fase da vida

adulta acabam se tornando responsáveis pelas práticas de cuidados com seus pais mais velhos. Asclépio, por exemplo, afirmou que temia pela vida de seus pais, pois estava vendo “(...) *peessoas que estão morrendo, as pessoas à minha volta, amigos, parentes, parentes de amigos...*”, o que lhe provocou um “(...) *medo de morrer literalmente, né?*”.

Já Deimos brincou ao afirmar que sua mãe estava “(...) *em cárcere privado, ‘trancadinha’ dentro de casa*”. A única exceção que ele abriu para o contato com a mãe, que morava sozinha, mas próximo de sua casa, foi receber uma fisioterapeuta para fazer atividades físicas. O restante dos cuidados, como compras de supermercado, ele fazia e deixava na porta da casa de sua mãe. A *maricona* estava muito feliz durante a entrevista porque sua mãe havia sido vacinada com a segunda dose, e já fazia planos de uma nova rotina para sua genitora:

Deimos: (...) ela tomou as duas doses agora, falei com ela que a gente tá esperando os 20 dias, mas mesmo assim, não vai sair. Falei com ela “*não pense que vai ser libera geral, ‘vou para rua’, não*”. Vai poder ter de voltar a ter alguns hábitos sair, igual no Supermercado Amarelinho é pertinho da casa dela, dois quarteirões da casa dela, no horário que a gente vê que fica mais vazio, dá para mãe ir lá comprar alguma coisa dá, mantendo todos os cuidados, e no salão, ir na padaria, começar a fazer umas caminhadas, é até saudável, mas vamos manter ainda o máximo de restrições possíveis.

Hefesto também demonstrou uma grande fobia social com a pandemia. Ao ser indagada sobre o cuidado com familiares idosos, afirmou que eles estão “(...) *numa bolha. Parei de morar com eles por causa da pandemia*”. A preocupação é tanta que ele deixou de frequentar qualquer lugar que estivesse cheio: “*Teve uma vez que fui no restaurante, tinha tanta gente, que eu virei as costas e saí. Teve uma vez que eu fui no Shopping para comprar uma ferramenta, cheguei lá, nem cheguei a entrar. Tinha tanto carro no estacionamento que eu nem entrei*”. Já a *maricona* Poseidon estabeleceu como cuidado com seus parentes idosos uma nova gestão de visitas em sua casa onde residia com sua mãe idosa, havendo uma diminuição do fluxo dos outros filhos na residência, bem como no trânsito que ele mesmo tinha na casa de seus irmãos, em razão da pandemia:

Poseidon: Olha, eu evito muito ir em casa de parentes. Aqui, por exemplo, eu tenho meus irmãos, a minha irmã mora na casa da frente. Se eu vou na casa dela, eu vou de máscara, e já falei com ela, porque aqui é o seguinte: eu moro com a minha mãe, eu tenho mais três irmãos casados, então aqui é o núcleo ainda familiar. Raramente, eu ou minha mãe íamos a casa deles, a não ser numa festa no aniversário, então aqui é onde convergem os filhos né? E eu falei com ele: “se vocês quiserem ir lá em casa, vão, mas não vão de máscaras”. Então até isso tá

reduzido, tanto o fato deles virem aqui reduziu muito, quanto o fato de eu ir à casa deles também reduziu.

Outra *maricon*a que teve que assumir a gestão da casa para cuidar da figura materna foi a *maricon*a Urano, no entanto, em razão de um momento de tratamento de um câncer pelo qual a mãe passava. Além da figura materna, a *maricon*a teve que cuidar de um irmão, que faz uso de medicamentos controlados:

Urano: (...) na verdade, o tenso dessa pandemia é eu ter que assumir as coisas, porque a minha mãe tem 60 e poucos anos, e ela tem uma vida muito ativa, e ela fazia as coisas todas antes da pandemia. E agora não. Agora ela tem ficado em isolamento e eu tenho resolvido tudo. Pegar remédio, pegar salário, pagar as coisas. Eu que tenho que fazer tudo. Pegar remédio do meu irmão, tem sobrado tudo para mim. E em novembro agora ela foi diagnosticada com câncer, está fazendo quimioterapia, e eu tenho que ir com ela. Mas assim, nada muito pesado. Eu tento levar numa boa, me planejar e fazer todas as coisas do dia. Mas minha mãe levou muito numa boa essa questão do câncer, do tratamento, ela é muito resiliente, muito tranquila, muito forte.

Ao ser indagado como percebe a questão de sua mãe estar com um câncer no contexto da pandemia, Urano apontou que a doença fez com que os cuidados fossem ainda mais redobrados, mas que sua mãe ocupava o seu tempo para não sofrer com a preocupação em relação à doença e a pandemia:

Urano: Foi tranquilo também. Porque ela já estava em isolamento, e agora mais ainda. Mas é isso: a gente tenta levar as coisas mais leves, a gente passa o sábado juntos, a gente conversa, a gente faz os pratos juntos, a gente divide as tarefas, então isso tem sido muito legal. Ela tem levado numa boa, porque a gente é muito tranquilo aqui em casa. Ela continua fazendo as coisas, tem dias que ela tá indisposta, principalmente logo após a quimio, e aí eu tento assumir. Mas nos outros dias ela faz tudo tranquilo. Ela gosta de se sentir atarefada, para não se sentir à toa, e ficar só deitada. Ela prefere cozinhar, mexer nas coisas, conversa com as amigas no whatsapp o dia inteiro, com câmera e áudio, o dia inteiro, e minha tia, e as tias delas. O dia inteiro conversando com o pessoal. Então ela não tem muito tempo para ficar pensando na doença ou na pandemia.

Patrice SCHUCH, Ceres Gomes VÍCTORA e Monalisa Dias de SIQUEIRA (2021) apontam que a relação de pessoas mais jovens com velhos na pandemia estabeleceu um novo estilo de regulação moral, em que se colocou em xeque o valor da autonomia dos idosos, a partir de memes e também de discursos que reiteram uma prática chamada de “teimosia”, daqueles que se viram algo de uma política de constrangimento moral que lhes forçava a ficar

em isolamento social, o que denota, na realidade, uma concepção de que idosos não tem capacidade de discernir os riscos de contaminação e que precisa de mecanismos disciplinares a serem efetivados por seus parentes mais novos. Nesse sentido, ao considerar a necessidade de plastificar a relação entre autonomia e dependência de outros, em razão deste curso da vida, o cuidado precisa se “atentar não para o que se quer, mas para o que precisa ser feito”. São assim corpos-territórios regulados, cujo movimentos dos fluxos da vida desses sujeitos em relação com outros apontam para estruturas, ambientes, e relações assimétricas de vínculos de apoio e cuidados no contexto pandêmico.

Por outro lado, a pandemia também provocou mudanças de planos para as mariconas, sendo o medo da solidão na velhice reforçado nesse processo empreendido de gestão de riscos. Baco, por exemplo, com 55 anos de idade, afirmou que a pandemia mudou seus valores e paralisou seus planos para o futuro, que já eram poucos em razão de sua idade, mobilizando um medo da solidão agora na velhice:

Baco: Com 50 anos, com 55 anos, você tem muito pouco futuro para pensar, você já virou uma curva bem boa, sabe? Quando você chega assim na minha idade, você tá pensando simplesmente em viver, você não dá atenção... aí vem uma desgraça de uma pandemia e acaba de atrapalhar o resto dos seus planos (risos). Se você tinha planos, já eram poucos, entendeu? Querendo ou não querendo, então, a gente tem que avaliar o seguinte: a pandemia mudou o contexto da vida de todo mundo, você passa a ter novos valores né?

A *mariconna* lamentou que seus planos de futuro, que eram de mudar para o litoral baiano e poder viver em outro ritmo de vida, foram interrompidos pela pandemia:

Baco: (...) um cara igual eu, pouco pensa no futuro. Por exemplo, antes da pandemia eu estava com meu pai doente, ele faleceu dois meses antes da pandemia, duas semanas antes de começar a fechar as coisas, ele faleceu. Eu estava cheio de planos naquele período, estava cheio de planos, eu tava com passagem comprada para Portugal, entendeu? Ia passar um tempo em Portugal e ver como era, para futuramente eu morar em Portugal. Os meus planos eram esses, entendeu? Mudar para o Algarve, ou mudar para Porto Seguro, entendeu? Plantar as próprias coisas, igual um amigo meu que eu tenho: *‘eu tô aqui morando em Cumuruxatiba, plantando minhas próprias coisas’*, quando ele fala que tá plantando as próprias coisas, é maconha. Ele deve ter uns trinta pés de maconha no quintal dele. Aí eu sempre falava isso, com meus amigos (...) eu falava assim: *“eu vou para Cumuruxatiba plantar minhas próprias coisas, eu vou plantar minha maconha orgânica e vou ficar lá fumando, entendeu, e meditando, lendo”*. Era meu sonho de vida. Bem, aí vem a pandemia e acabou tudo, com essa bobagem toda.

Baco também pontuou na entrevista sua preocupação com o futuro e afirmou que temia pela solidão sendo homossexual. Para ele, todo homem, em uma certa idade, se preocupa com isso e passa a procurar uma oportunidade de se ter alguém por perto, mais para cuidar de si do que necessariamente para ter uma vida sexual:

Baco: (...) a questão do sexual, dessa coisa no futuro do homossexual, do futuro e tal, de família, eu acho que vai ser a mesma coisa (quando acabar a pandemia): enquanto eu tiver tesão, eu vou transando, quando acabar, eu paro de transar. Aí você passa a valorizar mais aquela situação que eu te frisei anteriormente, você passar a preocupar mais com a pessoa te compreenda, que te ajude, você tá ficando velho, com a pessoa que te ajuda a gerir seus negócios, com um cara que vai dirigir por você quando ficar mais velho (risos). Por isso que eu falo com você: não dá para ser um casal de velho, entendeu? Porque quem vai dirigir para o outro, então? (risos). Então você começa a pensar, principalmente quando você não tem filhos. Então essa visão é uma visão que não é uma visão de um homossexual, é a visão acho que de todo o ser humano, quando o cara é solteiro, mesmo que ele seja heterossexual, ele vai começar a pensar nos problemas de saúde, de sobrevivência, de como é que ele vai sobreviver e tudo, e vai querer ter uma pessoa séria. Se ele é um cara namorador, ele não vai querer casar, não quer perder sua liberdade geral, ele vai querer sempre ter um cara ali do lado, sempre com teor de ação, de ato sexual, muito pouco, entendeu? (risos). Isso é natural no ser humano.

O medo da solidão na velhice de forma acentuada pela pandemia também apareceu na fala de Asclépio: ao ser indagado sobre como pensa o futuro, a *maricona* destacou um incômodo de não ter um relacionamento estável, e que na pandemia isso se agravou, se tornando um desespero, uma preocupação a mais:

Pesquisador: E na sua vida afetivo-sexual, como você pensa o seu futuro?

Asclépio: É um incômodo também (risos). Ah, eu gostaria de ter alguém, ter um relacionamento, ter uma casa, relacionamento estável, morar junto, e dar certo, envelhecer ao lado dessa pessoa, mas por enquanto não encontrei essa pessoa. E agora com a pandemia dá um... a gente não poder sair para encontrar alguém, e chegando perto dos 40, acho que bate um... não vou dizer desespero né? Desespero não é a palavra certa, mas bate uma preocupação maior, vamos dizer assim (risos).

Além dessa angústia, a referida *maricona* também apontou para o fato de que a pandemia lhe permitiu refletir melhor sobre a solidão do futuro, caso não estabeleça um relacionamento:

Asclépio: (...) acho que a pandemia meio que faz a gente ficar mais dentro de casa e refletir mais sobre como é ter que ficar sozinho,

entendeu? É porque a gente acaba ficando mais isolado, mais sozinho, e é ruim. A gente acaba indo lá na frente, no pensamento, pensando como será daqui alguns anos, se você não encontrar o parceiro, e for ter uma vida solitária, entendeu? A pandemia ajuda a pensar mais mesmo, porque no dia a dia mesmo que você seja solteiro, sem a situação de pandemia, você tem amigos, tem família, você tá saindo, você tá ocupando a sua mente, entendeu?

Essa sensação também é compartilhada por Poseidon. Para a *maricona*, a pandemia contribuiu para desacelerar seu ritmo de vida, apesar de que ele também desenvolveu outras atividades com o intuito de “não surtar”:

Poseidon: (...) eu não tô me socializando no sentido de sair assim com amigos, para ir em algum barzinho, ou marcar e eu ir na casa deles ou eles virem na minha, tô evitando demais isso, 99,9%. Durante esta pandemia toda, eu saí pouquíssimas vezes com amigos. Então essa pandemia realmente veio de maneira que desacelerou muito o meu ritmo. Foi bom, não que era muito acelerado, mas foi bom também, para eu poder dar uma repensada sobre a vida, ler mais, voltei a prática da leitura que eu tava deixando um pouco de lado, tô assistindo alguns filmes clássicos que eu queria ter assistido a muitos anos, coisa de 1950 (risos), aquelas coisas, aquelas pérolas né? Eu tô pondo em prática isso para poder não surtar (risos).

O contato com a tecnologia é outra vivência que se fortaleceu na pandemia para as *mariconas* como forma de gerir os riscos de contaminação. Baco, por exemplo, apontou que no início da pandemia passou a fazer reuniões de trabalho online, e teve que “*aprender a conviver com a tecnologia, né? Foi o primeiro detalhe da minha vida*” (que mudou na pandemia). Após aposentar, além de estudos online, a *maricona* passou a utilizar a internet para participar de debate políticos sobre a necessidade das voltas às aulas presenciais, além de assistir *lives* que considerava importantes:

Baco: (...) participo de muito debate aí de volta às aulas e tudo, e já fui taxado de bolsonarista, porque eu acho que as aulas tem que voltar. Aí eles me xingam todo, entendeu? Porque a esquerda só quer voltar depois que tiver vacina, aí vira aquela confusão (risos), não me chamaram mais para os seminários, entendeu? Porque eu tenho posição, eu falei “*gente, não dá para esperar vacina, não vai dar para esperar, o prejuízo para educação é muito grande, e nós temos que pensar em outra forma também, não é destrambelhado como o povo tá querendo*”, mas a gente tem que ter outra forma. A gente que é educador de verdade, a gente sabe que isso vai ser complicado, isso vai ser uma coisa muito difícil, e eu fico nesse debate a vida toda, leio pra caralho, participo de seminário para ver o que o povo tá falando,

assisto o ‘Encontro com o Ed’¹⁴⁶ lá, entendeu? Alguns que eu assisti pra ver o que eles estavam falando, pra ver se tem alguma coisa que respaldassem, pra gente pensar um pouquinho sobre isso, sabe?

O relato de Baco é relevante por aludir que a tecnologia aparece como um instrumento importante para se pensar a necessidade de gerir o risco de contaminação e a questão da preservação da saúde mental de pessoas LGBT. Alef Diego da Silva SANTANA e Lucas Pereira de MELO (2021), apontam que entre os impactos sociais que (in)visibilizam a população LGBT no contexto da pandemia, está justamente o fato de que a LGBTfobia como um determinante social de saúde¹⁴⁷ é agravada pela dificuldade de se estabelecer vínculos de amizades e sociabilidades. Nesse intuito, os autores entendem que manter interações sociais online, com videochamadas, mensagens e redes sociais auxiliam no processo de cuidado da saúde mental de indivíduos LGTB+ no período pandêmico.

9.4. QUANDO O PRAZER FALA MAIS ALTO

Porém, nem todas as formas de contatos por meio da tecnologia visavam a permanência do isolamento social e o cuidado com a saúde mental. Paula Sandrine MACHADO, Amana Rocha MATTOS; Luis Felipe RIOS; Marco Aurélio Máximo PRADO (2021) apontam que no início da pandemia havia uma materialidade de práticas sexuais e arranjos de cuidados para encontros de pessoas com distintas orientações sexuais e identidades de gênero, cuja gestão do risco não passava pela abdicação do prazer sexual, e cujo foco compreendia que a noção de liberdade deveria prevalecer, sobretudo porque ela foi também incentivada pela falta de políticas públicas no contexto pandêmico no Brasil, além da própria retórica política bolsonarista, como acima já exposto.

Nesse sentido, no trabalho de campo foi possível perceber que o prazer motivou algumas vivências em prol de uma tida liberdade, inclusive de se cuidar do próprio corpo, mais do que gerir os riscos decorrentes da convivência coletiva, no ápice da pandemia. É como se algumas *mariconas* estivessem afirmando: “*morro, mas morro barbie*”, ao pontuarem a

¹⁴⁶ O “Bate-papo com o Ed” que a *maricona* se refere é uma série de encontros que eu realizei durante o primeiro semestre de 2020, por meio de minha conta pessoal no Instagram, com cinquenta convidados, para conversar sobre suas vivências durante a pandemia, além de saber de seus projetos de trabalho e de vida. Trata-se de uma das formas, em minha subjetividade, que também agenciei para vivenciar a pandemia, mantendo contato com pessoas próximas com as quais tenho amizades ou realizado atividades profissionais, e estão disponíveis em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CvWbXGQyzXo&list=PLrLb3x6yxotLoHfC8QJIsVavQ1qxoWJ8T>>

¹⁴⁷ Determinantes sociais de saúde apontam para as múltiplas facetas do processo saúde-doença, como os aspectos “(...) econômicos, sociais, culturais, ecobiológicos e psicológicos”. Assim, relaciona-se ao “(...) movimento do ator social em cenários sociopolíticos e sua posição nos sistemas de estratificação social” (Alef Diego da Silva SANTANA; Lucas Pereira de MELO, 2021, p. 5-6).

necessidade de cuidarem do corpo, frequentando espaços coletivos organizados para essa finalidade. Antes da onda roxa em Minas Gerais (ápice pandêmico), que estava em vigor no período da realização das entrevistas e que determinou o fechamento integral de todos os estabelecimentos que não fossem de alimentação e de saúde, as *mariconas* Apolo, Asclépio e Aquiles continuavam frequentando academias normalmente, inclusive associando as atividades físicas como uma forma de combater o vírus.

Apolo, por exemplo, afirmou que continuou com essas práticas porque a academia permitia um cuidado com questões físicas e emocionais, o que teria como impacto “(...) *uma probabilidade menor de contrair*” o vírus – o que não tem base científica.

Apolo: (...) mais por uma questão mais física e a questão emocional também né? De liberar essa questão de estar preso dentro de casa, e você ficar só comendo e engordando né? É uma questão de prática de exercício mesmo, não só por uma questão estética, mas uma questão de saúde, tendo em vista que é um ambiente que pode ser propícia à proliferação, mas, em estudos aí também dizem que é o lugar de você cuidar da saúde né, ou seja, você trabalhando essa questão do físico e da sua saúde, você tem uma probabilidade menor de contrair, por isso.

Já Asclépio afirmou que a continuidade de atividades físicas visava manter sua imunidade alta, uma vez que tinha problemas respiratórios como rinite.

Asclépio: Não é por causa da pandemia, é por causa da saúde mesmo (...) eu sou uma pessoa que tem rinite, e também eu vejo na atividade física muito benefício para minha saúde física. Eu não paro de fazer atividade física. Para mim faz falta não fazer atividade, é uma forma não só de ocupar o tempo, mas é uma forma, realmente, de cuidar da saúde física, entendeu? Para mim eu tenho noção clara disso, e tenho efeitos claros por ser uma pessoa que tem alergia, com rinite. Então manter atividade física mantém a imunidade alta, reduz os meus sintomas de rinite, a atividade física para mim é importante.

As vivências do cuidado de questões corporais por gays durante os primeiros meses da pandemia é uma realidade também na fala de Aquiles, que inclusive conheceu o marido que tinha à época da entrevista, já no período da pandemia, ao praticar atividades físicas em uma academia:

Aquiles (...) eu depois que voltou as academias, eu voltei a frequentar, porque eu dei problema de coluna, por causa da quarentena, de ficar muito parado, sedentário, eu dei estiramento na coluna gravíssimo, que eu tô tratando até hoje, semana passada eu tomei uma injeção na coluna por conta disso. E eu conheci o meu marido na academia, na aula de fit dance, né? A gente ficava lá, eu ficava de um lado da sala, e ele do outro, aí a gente ficava olhando um para o outro, mas não tinha

coragem de chegar, até que um amigo nosso em comum, que é lá de São Paulo (...), ele marcou um jantar na casa dele e do namorado dele, que é daqui de Valadares (...), para poder apresentar nós dois, aí depois desse jantar, a gente foi conversando e aí deu certo (risos).

Esse comportamento demonstra também a reprodução das masculinidades hegemônicas por gays em uma perspectiva homonormativa, pela qual homens gays tendem a valorizar corpos viris e musculosos, a ponto de se colocarem em risco até mesmo durante uma pandemia. José GATTI (2011) pontua que, por exemplo, no cinema, a masculinidade é expressa a partir do que se denomina como o conceito de ‘homem forte’, uma espécie ancestral do que nos dias de hoje se denomina no pajubá como as *barbies*, ou seja, homens gays que aderem à musculação. Para o autor, a figura da *barbie* intimida, pois confronta a imagem visual que se espera de um macho, que historicamente aflora a sedução das mulheres pelos seus aspectos físicos e pela virilidade, mesmo que de forma concomitante sempre apresente conotações homoeróticas.

Enquanto objeto de desejo, o heterossexual masculino fomenta a figura do varão, através de seus músculos; no caso do homossexual masculino moderno isso falseia a imagem do macho, pois, conforme assegura Wilton GARCIA (2000, p. 52), nesse caso, para quem “o músculo toma o lugar do pênis e se impõe sobre a força superficial masculinizada”, trata-se apenas de “movimentos de exteriorização de uma imagem completamente equivocada, já que entre quatro paredes, pode-se perceber outras atitudes”.

Assim, segundo Gatti (2011), a ressexualização do homem forte pelas *barbies* nos meios de comunicação opera na lógica da corpolatria, conceito cunhado pelo antropólogo francês Stéphane MALYSSE (2002), ao perceber como brasileiros cultuam um corpo viril, promovendo uma estetização da ideologia de gênero masculino. Por outro lado, também traz o conceito de androlatria, a partir de Cesar SABINO (2002), para quem a prática da musculação por gays nas academias objetiva a ocultação da sexualidade, por intermédio de uma adoração à masculinidade. Nesta,

a figura do machão musculoso não apenas é cultivada, mas exaltado ao paroxismo. A aparência hipermáscula pode servir de tentativa de disfarce para uma homossexualidade que não apenas adora o papel e a forma masculina hegemônica, mas não se vê aceita enquanto manifestação contrária à mesma (SABINO, 2002, p. 173).

O autor ainda afirma a existência de um movimento de ressignificação da masculinidade, a partir de um ‘narcisismo masculino’ nas academias de ginásticas, praticado tanto por homens heterossexuais como por homossexuais, destacando que essa flexibilização

tradicional do ‘homem forte’ dos adeptos dos esportes visa atender uma economia de mercado, que transforma essa nova imagem do homem forte como objeto de desejo da publicidade.

O culto ao corpo definido não foi a única exceção no cuidado consigo e com os outros. A gestão dos riscos foi preterida também pelo prazer de que se estabelecer encontros sexuais às escondidas pelos aplicativos de pegação gay. O relato anterior de Aquiles é interessante também porque demonstra que além de práticas de atividades físicas em academias, as *mariconas* se reuniam com amigos em suas casas durante o período mais crítico da pandemia, o que para a referida *maricona* acabou sendo uma oportunidade de estabelecer um relacionamento amoroso. Essa realidade de encontrar com amigos foi relatada por várias interlocutoras, o que aponta para as formas de homossociabilidades gays estabelecidas pelas *mariconas* nesse período da pandemia, que, mesmo com certos cuidados e precauções, justificavam esses encontros como uma forma de se manter a saúde mental preservada:

Pesquisador: Você tem saído de casa para trabalhar pelo visto. E para encontrar amigos, também?

Aquiles: Ah, de vez em quando sim, Edmarcius. Chega num momento que a gente fica doído, então a gente acaba furando um pouco a quarentena né? Então não vou ser hipócrita de falar que eu não furei não, mas furei e fiquei morrendo de medo, entendeu? (risos). Mas é mais por saúde mental mesmo!

Percebe-se que em relação às vivências sociossexuais estabelecidas pelas *mariconas* no auge da pandemia, as decisões foram diversas: algumas pararam com suas atividades sexuais por medo de morrer. Outras, por cuidado pessoal e com o próximo. Ainda se destacou o fato de que algumas falaram que continuaram suas vivências sexuais normalmente, outras estabeleceram contatos fixos e passaram a transar a partir de combinados para se manter os cuidados preventivos na pandemia. Porém, houve quem entendeu que na pandemia teve-se um aumento da demanda sexual, e que “*os aplicativos de pegação gay continuaram fervendo*”.

A *maricona* Apolo, ao ser indagada sobre possíveis mudanças em relação à sexualidade no contexto da pandemia, afirmou que se trata de um momento de aprendizado, em que é preciso cuidar de si e também cuidar do outro, uma vez que não é essencial nesse momento a prática sexual.

Apolo: Muda assim, a intenção é mudar tudo, né? Eu acho que todo mundo deveria ter uma obrigação de olhar isso com um aprendizado. A gente precisa de cuidar um do outro né, não somos seres sozinhos, aquela famosa frase que nós não somos uma ilha, então eu preciso me cuidar para cuidar de você, você cuidar do próximo, e claro que isso afeta, como uma questão mais pessoal, agora na questão da

sexualidade, acredito é do contato físico, porque se você não tem um parceiro fixo, e que se a gente for alimentar o lado sexual, você vai ter que se expor a uma pessoa que você não conhece pessoalmente, você também não pode saber se ela está com vírus ou não, ou com outros vírus (risos). Então é uma questão muito disso, de você parar, e ver o que é essencial para você

Já a *maricona* Ares afirmou que parou de ficar nos aplicativos de pegação gay durante a pandemia. Priorizava músicas, filmes para não ficar “(...) *só pensando nisso. Tem gente que só pensa nisso, e a vida não é só isso*”. Quando indagada sobre suas práticas, ela afirmou que mudou porque “(...) *agora a gente tem que ter mais cuidado né? As pessoas, você não sabe quem é quem, você não sabe quem é a família, então a gente tem que ficar mais em casa mesmo, que o vírus não fala que está em você*”.

Já Deimos brincou que com a pandemia está “*quase virgem*”. A *maricona*, que ficou solteira seis meses antes do início da pandemia, afirmou que estava tentando estabelecer um contato fixo para as práticas sexuais durante esse período, no entanto, ela percebeu que o perfil dos gays de Governador Valadares é somente para sexo casual.

Deimos: (...) também que eu fiquei solteiro logo com 6 meses pré-pandemia, terminei um relacionamento né? Fiquei um tempo realmente sozinho, porque eu tava botando a cabeça em ordem né? E aí assim, atualmente me relaciono igual eu falei: eu sei quem é a pessoa, sei que a pessoa se cuida, que fica mais em casa, então me permito me encontrar com a pessoa, mas tem sido bem, bem, bem mais restrito.

Pesquisador: E você vivencia hoje uma relação com uma única pessoa, como se fosse um combinado, ou é um namoro, como é esse vínculo, em razão da pandemia?

Deimos: Não, andei procurando, para ver se achava alguém com esse vínculo, só que acabei descobrindo que realmente são poucas as pessoas que estão procurando esse vínculo. A gente tá muito, tá muito na base do... e em Valadares tem muito disso: ‘*ah, vou dá uma trepada, vamos ficar um tempo, a gente vai conversando, continua amigo, mas ficou por isso*’

Pesquisador: Mesmo na pandemia você percebe isso?

Deimos: Mesmo na pandemia.

Foi possível perceber que para outras interlocutoras o contexto da pandemia de Covid-19 não significou a suspensão de práticas sexuais. O que se teve foi que algumas passaram a agenciar outras formas de precaução, na tentativa de amenizar as possibilidades de contaminação, mas sem ter certeza de que estariam imunes, o significa um comportamento de se colocar em situações de riscos. Hypnos, por exemplo, conseguiu se organizar na pandemia

para ter suas práticas sexuais somente com contatos fixos. Pessoas que, segundo ele, “(...) têm o pensamento bem parecido” com os dele:

Hypnos: O que mudou? Tudo. Eu não saio mais (risos). Só saio para trabalhar. No máximo o que acontece é o que eu disse, quando eu converso com algum conhecido, eu chamo aqui para casa, a gente conversa, ou eu vou na casa da pessoa, mas realmente em casa.

Pesquisador: Entendi. Então você não tem saído de casa né, somente com esses, vamos dizer assim, alguns parceiros fixos, que você fica com eles, esporadicamente? Você não tem medo da Covid?

Hypnos: Com certeza eu tenho, ainda mais como profissional de saúde, porém o que eu te falo, as pessoas com quem eu me mantenho as minhas relações, elas são também pessoas que têm pensamento bem parecido com o meus e tem os devidos cuidados, não significa que nós estamos imunes, mas...

A *maricona* Hermes, contrariando o raciocínio, afirmou que, na realidade, o cenário de vivências homossexuais, sobretudo de pegação gay, não mudou em nada por causa da pandemia. Pelo contrário, para ele, houve um aumento da demanda por homens que o procuravam para sua atuação sexual:

Pesquisador: Entendi. Nesse período da pandemia você mudou seus hábitos em relação sair de casa para ficar com alguém?

Hermes: Não, não, minha vida continua do mesmo jeito que estava, do mesmo jeito, eu falei que eu ia manear, mas não maneari não (risos).

Pesquisador: E você tem medo, em razão da pandemia?

Hermes: Não, toda a forma que tem que se seguir, de tomar remédio, tomei ivermectina pela sétima vez já, ontem mesmo tomei três comprimidos¹⁴⁸. Arrumo casa toda hora, quando eu tô de folga, igual hoje tô de folga, já sai no centro, já rodei, já fui no supermercado, tudo que é lugar, peguei contato de um, vi gente pela webcam, para ver, pela curiosidade, mas não rolou, mas essa questão de escolha de lugares, de meio de pandemia, não, eu acho que é minha prevenção, por exemplo, igual ontem fiquei com uma pessoa ali, cheguei em casa, já cheguei querendo tomar banho, tirar cueca, tirar bermuda, tirar tudo, aí eu tomei banho, eu já dormi tranquilo, eu acho que tipo assim, eu tô purificado né (risos), tipo assim, a pandemia é higienização, todo mundo sabe disso, prevenir é tudo!

Pesquisador: Mas você anda com máscara, como é isso?

Hermes: Não, teve essa não. Na hora rolou, tirou a máscara, tirou mesmo, é natural, é natural. A demanda está maior agora do que antes.

Pesquisador: Por que?

Hermes: Eu acho que porque tá acontecendo tanta coisa, e a pessoa tá sem liberdade. O negócio de chegar em casa cedo, ter que ver parente, mais tempo de trabalho, então o momento que ele tem de fuga, ele

¹⁴⁸ Percebe-se na fala de Hermes que a *maricona* fazia uso de ivermectina, medicação cuja utilização foi estimulada pelo presidente da República, Jair Bolsonaro, junto com a hidroxicloroquina, como forma de prevenção à Covid-19, porém, sem comprovação científica.

apronta. Tá muito assim, rápido. Não tem aquele tipo assim, vamos marcar amanhã. Então, por exemplo, vamos dizer, 10 horas da noite eu tô na rua, aqui perto de casa, que eu tô no mundo, vindo de um lado ou de outro, você não vê ninguém em rua, então quando há um momento, tipo assim, boiou, encostou, entendeu? A demanda, a procura hoje tá maior, bem maior. Aqui na esquina aqui de casa, da padaria, tá na esquina, vou para barzinho três quarteirões depois, a pessoa já sai te atacando, querendo.

A *maricona* Aquiles, ao ser indagada sobre a utilização de aplicativos de pegação gay, deu uma resposta que coaduna com a percepção de Hermes, confirmando o comportamento de risco adotado por muitos gays. Relatou que ela mesmo, antes de iniciar seu relacionamento já no período de isolamento social, “*fervia nos aplicativos*”, e que esse era o caminho adotado por muitos gays na cidade naquele período:

Pesquisador: Entendi. Você está num relacionamento né, mas assim, você acha que nesse período da pandemia, os gays estão usando mais aplicativo?

Aquiles: Eu acho que sim, eu acho que sim, eu creio que sim.

Pesquisador: E por que, assim?

Aquiles: Ah, por que, igual por exemplo, quando eu tava na quarentena e não estava namorando, eu direto eu fervia nos aplicativos, só que eu tinha muito medo de sair, de encontrar, de qualquer coisa, de fazer qualquer coisa. Mas eu tenho amigos né, e amigos solteiros que, todo dia você tem notícia, ‘fiquei que fulano’, ‘fiquei com beltrano’, ‘peguei esse boy no Grindr’, e daí a gente tem, a gente conversa sobre. Tem que ser usado muito mais né? Você não tem hoje lugares que você pode socializar, conhecer alguém diferente né, ter um momento de paquera, de flerte, então aplicativo tem sido a saída mesmo.

É nesse sentido que Hefesto apontou que percebia que gays e héteros em Valadares vivenciavam a Covid-19 de forma diferente. Com tom de ironia em relação às questões de classe, raça e homonormatividade no circuito gay, a *maricona* afirmou que entendia que as gays estavam se reunindo e vivendo práticas sexuais normalmente, a ponto de isso se tornar meme, finalizando seu raciocínio com o alerta, que abre esse capítulo: “*você é viado, não imune*”:

Pesquisador: Mas você acha que gays que moram em Valadares, vivenciam a pandemia de forma diferente de heteros?

Hefesto: Tenho certeza. Uma coisa que não mente no mundo é meme. Tem um meme de rola solto que é: “*você é viado, não imune. Fique em casa*” (risos). Então assim, se chega isso enquanto meme, ou seja, se a população está trazendo isso enquanto uma sátira, porque o que é o meme se não uma sátira da realidade social, se traz isso é porque tá vivenciando diferente, tá experimentando isso diferente.

Pesquisador: E como você analisa esse meme?

Hefesto: Super verdade, super verdade. As ‘gay branca não afeminada’, meu filho! (risos), elas parecem que só andam em bando (risos). Oh ódio, gay branca de classe média, aí gente, é uma desgraça da humanidade (risos).

Pesquisador: E pra você elas continuam vivendo a sexualidade como se nada tivesse acontecendo?

Hefesto: Continuam. Fazendo reuniõezinhas. Você é viado, não imune, fique em casa (gritando e em risos)¹⁴⁹.

Nesse sentido, é possível perceber que as vivências sociosexuais gays em tempos de Covid-19 pelas *mariconas* interlocutoras residentes em Governador Valadares não foram completamente extintas. A necessidade de práticas afetivossexuais fez com que muitas delas gerissem os riscos de contaminação a partir de uma flexibilização com os cuidados pessoais e familiares, eliminando as práticas de contenção e confinamento necessários.

Muitas *mariconas* passaram a agenciar outras formas de organização para a concretização de suas práticas sociosexuais como, por exemplo, por meio da utilização de aplicativos de pegação, que as colocavam em risco em práticas que são conhecidas como roleta russa, uma vez que nunca se sabe se a outra pessoa estava ou não contaminada. A possibilidade de estabelecer vínculos fixos com o intuito exclusivamente sexual também foi agenciada por algumas das *mariconas* como formas de gestão dos riscos, o que também não deixa ser uma prática perigosa, pois nunca se sabe de fato se o que foi combinado entre as partes, será mesmo cumprido.

Destaco que outras pesquisas podem analisar em que medida tais comportamentos de riscos na pandemia são uma forma hipotética de uma prática um tanto quanto suicida, bem como as similaridades e distanciamentos com práticas sexuais de homens gays (envelhecetes ou não) sem o uso de preservativos, que, de igual forma, materializam comportamento de riscos face à possível contaminação por HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis. É possível pensar também, numa perspectiva de temporalidades (passado, presente e futuro), em que medida uma série contínua de formas de violências vivenciadas faz com que alguns gays em processo de *mariconice* entendam, ainda que inconscientemente, que o fato de existirem sempre foi e será um risco pessoal, a partir de discursos e práticas sociais que as colocam em

¹⁴⁹ O meme a que se refere a *mariconice* é um “trend”, feito pelo humorista Tirullipa, disponibilizado na rede social TikTok durante a pandemia. Trend é uma tendência atual da referida rede, em que a rede e seus usuários assim denominam as produções de vídeos que possuem muita visualização, sejam elas com desafios, músicas, coreografias, tutoriais de maquiagem ou dublagens. Tirullipa é o nome artístico de Everson de Brito Silva, 38 anos, um humorista brasileiro. Acesso ao trend: <https://www.tiktok.com/@tirullipa/video/6816360706401799430?is_copy_url=1&is_from_webapp=v1>.

situações de pânico e subordinação, seja em contextos familiares, acadêmicos, religiosos, profissionais e em relações afetivossexuais.

Por fim, também entendo que outras pesquisas similares, com outros grupos de *mariconas* residentes em outras localidades, podem auxiliar na compreensão mais aprofundada, e até mesmo em escalas com abrangências maiores (estaduais, nacional e/ou mundial), das territorialidades que marcam suas vivências nesta pandemia de Covid-19 e das múltiplas formas de gestão dos riscos nesse contexto histórico da humanidade.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O eixo central da tese foi compreender como se constituem trajetórias de vida de *mariconas* em processos de envelhecências, na cidade de Governador Valadares, em especial no contexto da pandemia mundial de Covid-19. Para tanto, quinze *mariconas* me relataram suas vivências atuais, nesta condição de envelhecência, ao mesmo tempo em que remetem a distintas temporalidades que se referem aos seus espaços de experiências, relativos ao tempo passado (infância e adolescência) e ao tempo do presente.

Ressalto que não tive por intuito encontrar generalizações nas narrativas das *mariconas*, mas entender, a partir deste grupo, como são vividas homossexualidades masculinas em cidades de médio porte do interior do Brasil. Percebi que em distintos momentos, muito do que as interlocutoras vivenciaram também são experiências, violências e pânicos que conheço de perto, porque os tenho também de forma similar, territorializando minhas subjetividades.

Essa pesquisa se fez a partir de registros em cadernos de bordo (no caso, registros pessoais utilizando o WhatsApp), e em um trabalho de campo que teve como foco entender as vivências sociossexuais e envelhecências de *mariconas* no território de Governador Valadares. Trata-se de uma pesquisa amparada na perspectiva dos estudos de gênero e dos estudos territoriais, em que valorizo os encontros intersubjetivos, de quem narra suas experiências e expectativas, e de quem escreve, a partir do que ouviu em seu trabalho de campo. Nesse sentido, a escolha por identificar a cidade de Governador Valadares como cenário da pesquisa é política, pois além da ausência de pesquisas anteriores sobre esse grupo na cidade e região, teve como objetivo trazer dados que possam colaborar com políticas públicas locais de diversas frentes.

O primeiro resultado encontrado é que o processo de *mariconar* pauta o envelhecimento sem a lógica da matriz heterossexual. Em uma agenda que perpassa também pela dimensão social, as *mariconas* interlocutoras, que estão na faixa de 30 a 55 anos, vivenciam essa existência social como um processo. E este é um resultado que ressignifica o conceito de *maricona*. Diferente de outras pesquisas em que o envelhecimento de gays já está dado e em que se articula perspectivas de gays acima de 60 anos, foi possível perceber as multiterritorialidades que as constituem nesse movimento, ao falar sobre seus próprios processos simbólicos, responsáveis por suas constituições identitárias e subjetivas, a partir de suas trajetórias de vida até na atualidade, quando se percebem (ou passam a ser nomeadas) como *mariconas*.

Outro resultado é que há uma diferença nesse processo entre *mariconas* que estão com essa idade atualmente e os que estiveram nesse momento do curso da vida em contextos

anteriores, hoje tomados na literatura como gays maduros. Atualmente, o processo de iniciar a *mariconice* não é mais visto, necessariamente, como um envelhecimento precoce, que mobiliza dilemas negativos e depressivos. As *mariconas* atuais não precisam mais vivenciar suas experiências homossexuais de formas clandestinas, e nem estabelecer casamentos heteronormativos como forma de atender às expectativas sociais.

Outra diferença encontrada é que as *mariconas* percebem que homens heterossexuais que estão nesta faixa etária, habitualmente já estão casados (e até mesmo envolvidos com experiências da paternidade), ou estão ainda disponíveis, vivenciando o ápice de atratividade sexual. Mas há uma diferença: o interesse de homens gays, que começam a *mariconar* aos trinta anos, por homens mais novos, por exemplo, se daria pela possibilidade de relacionar com alguém que possua os atributos físicos os quais eles percebem se esvaindo em si, e em muitos casos, também a possibilidade de uma atratividade que a estabilidade financeira adquirida pelas *mariconas* pode lhes darem, em troca de amoroso e emocional.

Alguns resultados sobre as multiterritorialidades das *mariconas* investigadas estão associados ao *tempo do passado*, mais especificamente em suas experiências durante suas infâncias e adolescências, em que foram territorializadas múltiplas formas de violências, uma vez que ser *maricona* é pertencer a um grupo não normativo desde a tenra idade. É olhando para o passado das *mariconas* que se tornou possível perceber que os efeitos de uma sociedade que se pauta por um panorama heteronormativo, e que desprivilegia suas territorialidades até o tempo presente. Isso significa que *mariconas* sofrem com práticas heterossexistas, as quais visam discriminar suas identidades por fugirem da lógica heteronormativa já na infância e nas adolescências. As *mariconas* apontaram que tais violências ocorreram em distintos espaços sociais, como em contextos familiares, escolares, bares e contextos profissionais.

Essas experiências, ainda na adolescência, apontam para violências também no tempo de descobertas da sexualidade (e muitas *mariconas* relataram experiências com as figuras dos primos) e de vivências em espaços de homosociabilidades gays (ao mesmo tempo em que os dilemas morais da crença religiosa cristã também se materializaram em muitas de suas subjetividades). Tratam-se de violências de cunho homofóbico que visam humilhar e hierarquizar de forma subordinada as vivências dessa sexualidade dissidente.

No *tempo presente*, envelhecidas, tem-se como resultado da pesquisa o fato de as *mariconas* se compreenderem como um *afrente* a noção substanciada da velhice, tomada coletivamente com a ideia de uma heteronormatividade assexuada. Elas deflagram a fragilidade da norma, como uma estratégia de resistência. A *mariconice*, portanto, é uma experiência subjetiva e singularmente positiva. Assim, se vivenciada de forma orgulhosa, o processo de

mariconice permite a produção de suas próprias histórias particulares, em relação às normas e as outras pessoas. É uma decisão pela transgressão, e pela organização pessoal de um regime de visibilidade, de pertencimento: é o orgulho de ser *mariconal*!

Ao pensar nas multiterritorialidades narradas do tempo presente e, por exemplo, mirar em questões relativas ao *ser homem*, as *mariconas* produziram algumas articulações, sendo possível concluir, mas sem a pretensão de generalizar (ratifico), que há uma predominância da expectativa de modos de vida de homens gays que vivem na cidade cenário dessa pesquisa que é referenciada no que a literatura denomina como masculinidades hegemônicas. A lógica de ser homem percebida é aquela que privilegia uma masculinidade que necessariamente seja falocêntrica e heterocentrada.

A narrativa de algumas *mariconas* a respeito de uma lógica, por exemplo, da necessidade de práticas esportivas em academias até mesmo no contexto de isolamento social em razão da pandemia de Covid-19, ratifica a busca por um corpo másculo, viril, ‘malhado’, potente. Demonstra que se trata de uma aceitabilidade coletiva local. Em um processo de hierarquização, a credencial para ser tolerado socialmente é aparentar uma masculinidade capitalizada. Em uma recontextualização do que é ser um homem gay, cuidar de si exige assim ter acesso à uma condição econômica que permita adquirir uma série de métodos responsáveis por garantir o estereótipo de uma masculinidade consagrada e padronizada. Para utilizar de nosso dialeto, no pajubá, tem que ser *barbie*: ter o corpo desejado (ou criticado por inveja, dirão aqueles que já o obtiveram), que habilita o homem gay à uma masculinidade aceita em espaços públicos, e o agencia como um homem que merece ser visto, tolerado por ser gay, ou quem saiba até desejado por outros homens – desde que às escondidas.

No entanto, foi possível perceber que as masculinidades hegemônicas enfrentam também conflitos com as *mariconas* que se reconhecem como dissidências, a partir do contato com movimentos feministas e gays, o que as fizeram problematizar os padrões hegemônicos de masculinidades, em conjunto com outras pautas que também lhes são caras. Assim, a padronização de corpos e comportamentos masculinos se tornam objeto de discursos críticos que associam gênero à desigualdade.

Outro resultado da pesquisa, relativo ao tempo presente, é a nítida repulsa da feminização, que é sinalizada até mesmo pela compreensão de que ser másculo é não utilizar determinados tipos de vestimentas e ter alguns tipos de comportamentos em espaços públicos. Destaca-se que há um aspecto geracional nessa repulsa por masculinidades que expressem alguma feminilidade. As *mariconas* com mais de 50 anos, abertamente, tenderam a fundamentar essas concepções preconceituosas utilizando-se de argumentos como o fato de

serem “da velha-guarda”. Esse agenciamento discursivo não foi elaborado por *mariconas* que estão na faixa etária de 30 anos – algumas até mesmo demonstraram ser mais abertas e interessadas por homens afeminados, justamente por pautarem em suas narrativas sobre si, que em suas práticas cotidianas, combatem o machismo e uma cultura patriarcal. Isso denota que o acesso à compreensão de aspectos culturais por um viés crítico permitiu à essas *mariconas* ressignificar perspectivas sobre as suas existências como homens gays envelhecidas.

Os aspectos da hierarquização de masculinidades entre as hegemônicas e as dissidentes (numa escala que vai das *barbies* toleradas, passando pelas gays, e chegando nas bichas) foram também interseccionados pelos impactos de uma sociedade preconceituosa e que se sustenta nos privilégios de uma branquitude. Corpos de homens negros também foram destacados e associados à um tipo de territorialidade, cujas masculinidades foram cunhadas pejorativamente com adjetivos como “grotesco”, ao apontar para performatividades esperadas como masculinas e que se pautam por um discurso territorializado pela falomaquia. Assim, se não é possível ser bicha, muito menos *bicha preta*!

As vivências de experiências sociosexuais específicas também são resultados que indicam outra territorialidade de *mariconas* nesse tempo presente. Referem-se aos desafios de valorizar a sociabilidade, em uma lógica da juventude, que faz com que algumas *mariconas* performem uma homonormatividade. Nesse sentido, há um pânico moral sobre suas existências, em um contexto político conservador, mais recentemente bolsonarista. As vivências também envolvem um outro regime de moralidade sexual, no qual, em alguns casos, as práticas sociosexuais estão envoltas em trocas de favores ou auxílio para a ascensão social. Nesse sentido, a prostituição ainda é carregada de estigmas, contextos de exclusão e violência. Hoje, a *maricona* que performa um discurso que seja de orgulho, e que foge da clandestinidade, tem como desafio poder continuar a experimentar vivências sociosexuais transitando nos territórios das emoções, das sensibilidades, dos afetos e dos amores românticos à sua maneira, sem julgamentos, tanto da sociedade quanto de seus pares.

Por outro lado, a vivência de uma cultura que performa um funcionamento tático-corporal, a partir de uma temporalidade social, também territorializa as subjetividades das *mariconas* pesquisadas. Elas pensam as questões de gênero como performativas, apontando para sua desnaturalização e instabilidade constantemente. A *maricona*, ao se perceber como um gay envelhecido, por meio da linguagem e de sua história, territorializa os significados e os sentidos dessa experiência a partir de suas experiências sexuais e afetivas. Isso significa que o corpo da *maricona* é uma estratégia de controle e disciplina: é por ele que a *maricona* consegue se organizar e se localizar no mundo, bem como resiste às tentativas que o diferencia

negativamente, e/ou hierarquiza corpos com suas sexualidades e temporalidades sociais distintas.

Nessa dimensão política que as territorializam, têm-se como resultado que as *mariconas* entrevistadas enfrentam dificuldades de ser gay em Governador Valadares: faltam políticas de saúde sexual; há um alto índice de transmissão de sífilis; não há a compreensão da importância de momentos de visibilidade pública; há uma esquerda política que quando no poder não pauta as demandas das sexualidades dissidentes; há uma cultura de se manter no armário para evitar escândalos; há apreensões de consequências no contexto profissional; há vivências de práticas clandestinas de encontros homoeróticos em espaços de pegação, e por meio da utilização de redes sociais e aplicativos para gays; há o medo da violência homofóbica, além do fortalecimento de movimentos políticos bolsonaristas; e há um alto impacto das vivências religiosas em suas subjetividades, a partir de uma moralidade cristã conservadora. Nesse sentido, se perceber *maricona* com tais espaços de experiências e horizontes de expectativas é, de forma coletiva, entender que precisa sempre (re)fazer a rota, fortalecer politicamente as territorialidades de suas subjetividades a partir de seus marcadores sociais de diferenças, em vivências que devem se unir por suas similitudes.

Mas as *mariconas* também estabelecem relações territoriais distintas em suas experiências sociossexuais, vivenciadas em capitais e em interiores, e esse é um resultado relevante da pesquisa ao considerar que se trata de uma territorialidade local, diferenciada, significativa. As *mariconas* investigadas são impactadas com os efeitos dos processos de fluxos migratórios que caracterizam o que é viver em Governador Valadares. Como deuses, elas rejeitam vivenciar pessoalmente essa experiência migratória internacional, e essa especificidade permite repensar a concepção do que a literatura homoerótica chama de metronormatividade, em que se aponta o trânsito definitivo de muitos LGBTs de cidades dos interiores para as capitais por muito tempo, a partir de redes de apoio, para assim vivenciarem mais livremente suas sexualidades.

Nesse sentido, o trabalho de campo demonstrou o que denomino como “metronormatividade pendular”: experiências que se dão de forma transitória, em movimentos empreendidos por gays de cidades do interior, que se mobilizam até as capitais para ter suas vivências sociossexuais, mas que retornam para suas cidades, reproduzindo nelas outras vivências e aprendizagens culturais que por lá foram adquiridas. Esse movimento também é feito por gays de “cidades do interior do interior”, os quais tem o município de Governador Valadares como o palco para estabelecer vivências sociossexuais com outros homens, também

de forma transitória, até mesmo acionando o mercado do sexo gay local, retornando, posteriormente, para suas cidades.

Já em relação as articulações narradas pelas *mariconas* a respeito das territorialidades de ser um homem gay envelhescente ao mesmo tempo em que se vive a pandemia de Covid-19, os resultados da pesquisa exemplificam que o cenário caótico vivenciado precisa ser melhor conhecido a partir de narrativas de distintos grupos específicos, sobretudo aqueles que se organizam subjetivamente em seus marcadores sociais de diferenças, territorializando-os em posicionalidades subalternizadas. É nessa posicionalidade que nesta pesquisa foi possível perceber que as *mariconas* interlocutoras se territorializam de distintas formas: algumas empreenderam a gestão dos riscos de contaminação em vivências marcadas pela necessidade de cuidar de seus parentes mais velhos, em razão de uma fobia social oriunda do medo de perdê-los. Também foi perceber que algumas narraram mudanças de valores e de planos sobre o futuro, face o medo da morte. Houve quem estabeleceu novas dinâmicas com as tecnologias, apurou o ódio aos governantes que se demonstram incompetentes para gerir politicamente o contexto, bem como se mantiveram realizando atividades físicas, em decorrências de concepções homonormativas.

Por outro lado, também foi possível perceber que algumas *mariconas* territorializaram essas vivências a partir de uma relação em que se colocam como corpos-territórios em situações cuja gestão de riscos não os paralisaram em busca do prazer corporal e sexual. Elas estabeleceram relações de homossociabilidades gays clandestinas, em encontros com amigos em suas casas ou mesmo em festas privativas. O risco também territorializou algumas *mariconas* que optaram por manter vivências sociossexuais com outros gays, durante o auge da letalidade da pandemia. Para tanto, eles organizaram-se em encontros fixos, ou mesmo por meio de aplicativos de pegação gay – território que protagonizou as formas pelas quais muitas *mariconas* decidiram encontrar potenciais candidatos para efetivar seus desejos por encontros sexuais.

Entendo que esse momento histórico da pandemia de Covid-19 exigiu que todos se organizassem também para o cuidado de si, do próximo e, tendo como lição a necessidade de refletir sobre a relação de exploração da natureza pelo ser humano, pois é a partir desta exploração exacerbada que na pandemia se vivenciou um outro tipo de pânico, de forma concreta. Apesar da vacinação, estamos todos em riscos, constantemente. Para o futuro, a aprendizagem que tomarmos a terra como o território do espaço da vida, o que deve mobilizarmos pelo cuidado com ela.

Por fim, a pesquisa apresenta algumas pistas para se pensar o **tempo do futuro** das *mariconas* – e que pode ser objeto de outros estudos. Para tanto, a *maricona* pode se configurar como uma forma de uma resistência, antagônica ao estigma da velhice enquanto sinônimo de luto, improdutividade e ineficiência. A *maricona* que, orgulhosamente, tem consciência dessa temporalidade social, relaciona-se com seu corpo para além da necessidade de perpetuar as práticas sexuais e de cultuar as exigências de corpos juvenis como parâmetros. Ela toma seu corpo como político, cujas implicações são sociais, e se direcionam para romper com as normas estabelecidas para esse momento da vida, apresentando outras possibilidades de se constituir e de se enunciar como um gay envelhecendo.

Uma territorialidade das *mariconas* nesse tempo é o que pode ser denominado como mariconotopia: a necessidade de construir formas de resistências específicas de homens gays envelhecendo, face as relações de desigualdades e assimetrias de forças sociais, que pautam o envelhecimento como sendo necessariamente gerido na matriz heteronormativa. Significa agenciar formas de cuidado de si, ao estabelecer vínculos afetivos como formas de resistência (as conhecidas na literatura como “famílias de coração¹⁵⁰”) e de produzir projetos individuais (como a possibilidade de estabelecer relações amorosas, vivenciar a homoparentalidade, etc.). Trata-se de inventariar outros territórios, discursos e ordens vigentes.

É preciso lembrar que para Koselleck (2006), as categorias *espaços de experiências* e *horizontes de expectativas* explicam o tempo histórico, moderno e as parcialidades necessárias das interpretações progressivas, uma vez que as experiências se reúnem porque podem se repetir no futuro, entendendo que as estruturas formais sempre as permitem repeti-las. As experiências e as expectativas dos interlocutores desta pesquisa são uma elaboração de interpretações progressistas, no sentido de perceber em que medida os meus interlocutores compreendem o fato de serem *mariconas* como sujeitos que possuem visibilidade e voz, em um cenário maior cujas as experiências se repetem, seja por meio de fenômenos da natureza (epidemias e pandemias), seja em razão da constante disputa pelo poder político, com jogos de narrativas de verdades, que coletivamente possuem adesão por segmentos da sociedade, permitindo o avanço ou o retrocesso em pautas sobre as existências dissidentes de LGBTs e de outros grupos minoritários.

¹⁵⁰ Criado por Kast WESTON (1992)¹⁵⁰, o conceito alude aos laços sociais com o intuito de se ter um cuidado de si, a partir de uma lógica de apoio/suporte social entre homens gays envelhecendo em distintos contextos históricos e sociais. É uma possibilidade de sentirem algum tipo de pertencimento familiar - considerando as práticas de evitação familiar ou até mesmo de total exclusão de vínculos considerados de origem biológica. As famílias de coração apontam para a relevância dada por gays envelhecendo para a ideia de comunidade como uma rede de confiança, até maior que suas próprias famílias. É entre os pares que se procura ajuda mútua para a superação de momentos críticos.

Enquanto postura ética, a proposta de se pensar a mariconotopia é chamar todos para que (re)conheçam a realidade alheia, os pontos cruciais que demarcam diferenças sociais e que fundam desigualdades, opressões e violências – e que ao mesmo tempo possam (re)elaborá-las para si e para seus iguais. Ser uma maricona política e progressista é o desafio: mais do nunca é preciso ter clareza dos espaços de experiências vivenciados, para que haja outros horizontes de expectativas diferentes dos atuais. É de forma coletiva perceber que é preciso sempre (re)fazer a rota, fortalecendo politicamente as territorialidades de marcadores sociais de diferenças, que devem nesse momento se unir por suas similitudes face os espaços de experiências políticas, como as atuais.

No campo pessoal, a partir desta territorialidade, pode-se concluir que uma maricona que territorializa suas vivências como tais, compreende seus espaços de experiências e horizontes de expectativas enquanto pertencente a uma classe, e pensa a velhice como um futuro a ser percorrido, vivido, sentido. A velhice não está dada. Mota (2011) apontou que em sua pesquisa seus interlocutores destacaram a compreensão do transcorrer do tempo histórico, percebendo uma intensidade de experiências sobre suas trajetórias vividas, mas que também havia projetos de vida na velhice, numa relação entre tempo vivido e tempo presente. Pensar o processo de mariconise atualmente, neste contexto, é entender que a homosociabilidade entre gays na velhice é uma questão política importante e necessária, que precisa ser reconfigurada e rearticulada com outras vivências performativas tão vulneráveis quanto as suas, pois tem-se o corpo envelhecendo como *locus* privilegiado para análise das implicações sociais e das políticas da velhice, a partir de seus espaços de experiências que podem ser acionados, e horizontes de expectativas, em uma sociedade composta por uma parcela significativa que retrocede e tenta não permitir a existência digna de dissidentes - sejam eles quais forem.

Outra territorialidade nesse exercício de se pensar o futuro é o que denominaria como “maricocracia”: o ato de nomear o processo de se ter orgulho de vivenciar a envelhecência, considerando sua condição coletivamente. As vivências de *mariconas* são particularidades indicativas de rompimentos com esquemas heterossexistas, relações dicotômicas, homofóbicas e com práticas sociais de cunho etário já experienciados. Ao mesmo tempo, vislumbra-se o futuro como a possibilidade de uma definição de si e de uma construção de um projeto de vida. Essa constituição passa pela ironia como recurso, em alguns momentos, em relação aos discursos e práticas que visam hierarquizar seus marcadores sociais de diferença; pela produção de novos projetos de vida, fruto de uma sensibilidade gay que potencializa o devir; e, pela aceitação da *mariconice* na dimensão privada ao mesmo tempo que se tem o respeito na esfera pública, sendo assim feliz.

Para além disto, com o conceito de maricocracia também indico a noção de um tipo específico do que Carlos Eduardo HENNING (2020) chamou de “orgulho grisalho”. Para o antropólogo, essa terminologia seria uma contribuição para a área da gerontologia LGBT, pois sua finalidade com a terminologia seria unificar o orgulho LGBT (em decorrência dos movimentos de liberação homossexual) com o orgulho de envelhecer (pauta da gerontologia em que se propõe releituras desse momento do curso da vida sem estereótipos, preconceitos e desvalorização). Nessa linha de raciocínio, destaca-se as vivências que não se pautem pelo que ele denominou como “panorama heteronormativo e cisnormativo sobre o envelhecimento”.

Neste sentido, é importante destacar em que medida, com o reconhecimento da existência de um orgulho em ser maricona, é possível perceber as territorialidades específicas de homens gays envelhecidos, que se diferem das demais possibilidades de vivências do envelhecimento quando se possui sexualidades que não sejam dissidentes. Inicialmente, entendo que se trata de um corpo-território, categoria de Haesbaert (2021), que é atravessado por aspectos que os diferenciam de experiências de masculinidades hegemônicas, e que por isso exige ao mesmo tempo uma compreensão singular, para perceber como os aspectos de suas masculinidades, sexualidade e envelhecimento dissidentes se inter cruzam. Se “a velhice fala da morte através do corpo” (SOUZA SOARES, 2012, p. 74), trazendo à tona a percepção de finitude humana, a maricocracia é a possibilidade de perceber quais são os projetos de vida desses sujeitos, e isso rompe com uma relação de perda-aquisição e aponta para um equilíbrio construído a partir dessa identidade social, construída no espaço público de forma positiva¹⁵¹.

A maricocracia é assim uma territorialidade que se constitui, em um exercício de uma “antropologia da envelhecimento gay” (CARDOSO, 2014), e que entende as vivências como particularidades indicativas dos rompimentos com esquemas heterossexistas, relações dicotômicas homofóbicas e práticas sociais de cunho etário já experienciados. Por outro lado, também vislumbra o futuro - não para pensar exclusivamente a finitude da existência humana - como sendo “(...) o espaço para a construção de um projeto de vida e, ao mesmo tempo, para a definição de si” (Carmen LECCARDI, 2005, p. 36), cujas subjetividades apontam para um sujeito em movimento, ao mesmo tempo, projetando a si, de algumas formas.

¹⁵¹ Faço essa proposta de territorialidade a partir de um empréstimo conceitual das discussões que já empreendi no campo da Sociologia das Juventudes, em que pesquisei o público juvenil autor de atos infracionais ou envolvidos com conflitos no contexto escolar. Os estudos territoriais possibilitaram analisar como os sujeitos, em diversos momentos do curso da vida, estabelecem consigo mesmo e com os outros, formas de (sobre)vivências em relações de poder estabelecidas nos contextos com os quais eles estão (NOVAES, 2016; NONATO, NOVAES, LEMOS, VITÓRIO & OLIVEIRA, 2022).

Por outro lado, algumas lacunas foram possíveis de serem percebidas e podem ser objeto de outras pesquisas, entre as quais destaco: a) a necessidade de conhecer como *mariconas* que são oriundas de Governador Valadares, percebem esse processo de envelhecimento, a partir das experiências em fluxos migratórios internacionais, considerando que tal territorialidade marca mundialmente as percepções desse município e seus habitantes; b) verificar como acontecem os fenômenos relacionados a violência direcionada ao público LGBT no município, a partir de pesquisas que apresentem dados quantitativos e qualitativos, bem como as formas pelas quais o atendimento e o combate são organizados e executados pelas instâncias públicas, se é que os são.

Concluo assinalando que considero que a escrita dessa tese, para além da conclusão de um percurso formativo, em minhas subjetividades enquanto pesquisador, materializa um ato político (tendo clareza de que não devo generalizar os resultados encontrados no material recolhido com meus interlocutores). Ela diz respeito à minha existência social: um homem gay (cisgênero), que se percebe em processo de envelhecimento, residente em Governador Valadares (e com outros marcadores de dissidências sociais), sobrevivente à pandemia, e que tem orgulho de ser *maricona*. Trata-se de uma resignificação que me diz sobre a possibilidade de existir, em um contexto marcado por processos de violências no campo das intersubjetividades, decorrentes de perspectivas heterocentradas, religiosas e conservadoras, que territorializam meus modos de vida e minhas temporalidades. Porém, produzir esta tese, que me confirmou que não estou só. As *mariconas* com as quais pude contar com o apoio e participação, me indicaram que, assim como deuses gregos, estamos agenciando outras possibilidades de nos performar como *mariconas* neste território no qual nascemos (ou que ainda muito novos para cá viemos), e onde decidimos construir nossas trajetórias pessoais de vida até aqui. Se alguém novamente me perguntar, posso, tal qual meus interlocutores, orgulhosamente responder com um “*prazer, maricona!*”

11. REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura. **Revista Equatorial**. v. 5, n. 8, jan/junh, 2018. p.193-226.

ADAID, Felipe. Uma discussão sobre o falocentrismo e a homofobia. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. v. 27, n. 1. 2016, pp. 73-80.

ALBERT, Bruce. 'Anthropologie appliquée' ou 'anthropologie impliquée'?. Ethnographie, minorités et développement". In: BARÉ, JeanFrançois (ed.). **Les Applications de l'anthropologie un essai de réflexion collective depuis la France**. Paris, Karthala. 1995.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen, 2019.

AMANTINO, Márcia; FREIRE, Jonis. Ser homem... ser escravo. DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (orgs). **História dos Homens no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Andrade; VALENTE, Rodrigo. **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro, IPEA, 2001.

ARAUJO, Gabriela Costa. **(Re)encontrando o Diálogo de Bonecas: o bajubá em uma perspectiva antropológica**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Uberlândia, 2018.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Estar aqui, estar lá ... uma cartografia da vida entre dois lugares**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. 1995.

ASSIS, Gláucia de. **Estar aqui, estar lá...: uma cartografia da emigração valadareense para os Estados Unidos**; In: REIS, Rossana Rocha & SALES, Teresa (orgs.). **Cenas do Brasil Migrante**, São Paulo: ed. Boitempo, 1999, p. 125-166.

BABY, Jovana. **Diálogo de Bonecas**. Rio de Janeiro: ISER/PIM, [SD]. 1995.

BARBOSA DA SILVA, José Fábio. [1960]. **Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário**. GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo. (orgs.) **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP. 2005.

BARROSO, Renato Régis Barroso. **Pajubá: o código linguístico da comunidade LGBT**. Dissertação de Mestrado em Letras e Artes: Universidade do Estado do Amazonas, 2017.

BERGER, Raymond. 1982. **Gay and Gray: The Older Homosexual Man**. Harrington Park Press. 1982.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (orgs). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BERNSTEIN, Richard. J. **La Reestructuración de la Teoría Social y Política**. México, Fondo de Cultura Económica, 1983.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um pensamento**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, ed.1, 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velho**. São Paulo: A. Queiroz, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas/SP, Papyrus Editora, 1996.

BRAGA, Dara Alves Braga; MATINA, Fernanda Kelle; ARAÚJO, Petrick Ferreira; NOVAES, Edmarcius Carvalho Novaes. **Vô Livre em Governador Valadares e a constituição de identidades territoriais: uma análise da percepção dos praticantes**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física). Universidade Vale do Rio Doce, 2020.

BRASIL. Lei Federal n. 13.819/19. **Dispõe sobre a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e Suicídio**. Brasília: DF, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico de Sífilis 2021**. Número Especial, out. 2021, ano v. n. 01. Brasília. 2021.

BRASIL. Senado Federal. **Relatório Final. CPI da Pandemia. 2021**. Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/comissoes/mnas?codcol=2441&tp=4>>.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Tradução Rogério Bettoni. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BUTLER, Judith. **Excitable speech. A politics of the performative**. Nova York, Routledge, 1997.

BUTLER, Judith. Fundamentos Contingentes. **Cadernos Pagu** (11). Campinas: Unicamp; 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAETANO, Marcio Rodrigo Vale; SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço; GARAY HERNÁNDEZ, Jimena. Ninguém nasce homem, torna-se homem: as masculinidades no corpo e o corpo nas práticas curriculares das masculinidades. **Periódicus**. v.1, n. 2, 2014, p. 8-18

CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. Caro colega: exclusão linguística e invisibilidade. **Discurso & Sociedad**. vol. 1., n. 2. Barcelona, 2007, p. 230-246.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Entre corpos suados e excitados: considerações sobre sexo e sexualidade no trabalho de campo. In: GROSSI, Miriam Pillar (et. al.). **Trabalho de campo, ética e subjetividade**. 1. ed. Tubarão (SC): Florianópolis. Trilho da Ilha, 2018. p. 141-158.

CARDOSO, Wladirson Ronny da Silva. **Para além da juventude – “antropologia da experiência” e do “modo de vida gay” de homossexuais masculinos em processo de envelhecimento da cidade de Soure (Marajó/Pará)**. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal do Pará, Belém. 2014.

CARRARA, Sérgio. Moralidades, racionalidades e políticas sexuais no Brasil contemporâneo. **Mana**. v. 21, n. 2, 2015, p. 323-345

CARRARA, Sérgio; RUSSO, Jane A; FARO, Livi. A política de atenção à saúde do homem no Brasil: os paradoxos da medicalização do corpo masculino. **Physis**. v. 19, n. 3, 2009, p. 659-678.

CASTELLO BRANCO, Viviane. Inovação pelo afeto. In: PROMUNDO, A. **Situação da paternidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Promundo, 2016, p. 10-13

CERQUEIRA, Daniel (org.). **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021.

CHAGAS, Viktor. Meu malvado favorito: os memes bolsonarista de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil. **Revista Estudos Históricos**. v. 34, n. 72, Janeiro-Abril, 2021, p. 169-196.

COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogias dos monstros: Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Tradução e Organização: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

COHEN, Lawrence. “Não há velhice na Índia”. (Tradução de Júlio Assis Simões). In: DEBERT, Guita. (Org). **Antropologia e Velhice. Textos Didáticos**, n.13. Campinas: IFCH/Unicamp. 1998.

CONNELL, Robert W. **Políticas da Masculinidade**. In: Revista Educação e Realidade, v. 20, n. 02. UFRGS, 1995.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis: 21(1), 2013.

COSTA NETO, Francisco Sales da. **Banheiros Públicos: os bastidores das práticas sexuais**. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Florianópolis, 2005.

COSTA, Benhur Pinós da. Geografias, masculinidades e homoerotismo: teorias, práticas e posicionalidades da pesquisa. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **Espaço, gênero e masculinidades plurais**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

COSTA, Jurandir F. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. Algumas considerações teóricas e metodológicas sobre estudos de sociologia do envelhecimento. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. v. 9. n. 3, 2006, p. 67-88.

CUNHA, Luciana de Almeida da. **O Envelhecimento e a Homossexualidade Masculina**. Jundiaí, Paco Editorial: 2016.

D'EMÍLIO, John. Capitalism and Gay Identity. In: SNITOW, A et al. **Power of Desire**. Nova York: Monthly Review Press, 1983. P. 100-113.

DAIBERT JR, Robert. Entre homens e anjos: padres e celibatos no período colonial no Brasil. DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (orgs). **História dos Homens no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues". In: NUNES, Edson O. (org). **Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100, out. Especial, 2007. p. 1105-1128.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. 1. ed. 3 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (orgs). **História dos Homens no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

DOS SANTOS, Daniel Barbosa. **Cultura Política Homoerótica entre a Grécia Antiga e a (Pós)Modernidade: Cientificismo, Literatura e Historiografia**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

DOS SANTOS, Franciso Gleidson Vieira. **“Uniformizados pela pele, travestidos pelo desejo”: a criação de um “novo mundo” a partir das orgias *barebacking* do “Rei Sol”**. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, 2019.

DUARTE, Gustavo de Oliveira. **O “Bloco das Irenes”: articulações entre amizade, homossexualidade(s) e o processo de envelhecimento.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013.

EDELMAN, Lee. Banheiro dos homens. In: PENTEADO, Fernando Marques; GATTI, José. **Masculinidades: teoria, crítica e artes.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. p. 255-268

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Ed. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1994.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguindo de, Envelhecer e Morrer.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador.** 2 v. Ed. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1993.

ERIBON, Didier. Entrée <Âge> In: ERIBON, Didier et al (org.). **Dictionnaire des cultures gays et lesbiennes.** Paris: Larousse, 2003.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay.** Rio de Janeiro: Companhia do Freud, 2008.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. Valadares 84 anos: um breve registro sobre a nossa história. **Jornal da Cidade.** Ano 2. n. 113. Governador Valadares, 2022. p. 16-17.

ESPINDOLA, Haruf Salmen; SOARES, Weber. **Identificação da Região do Rio Doce.** Governador Valadares (MG): Univale, 2005.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado.** Tradução de Paula Siqueira. Cadernos de Campo. n. 13, 2005.

FERNANDES, Felipe Brito; PELÓGIA, Giovani Anselmo M.; PAULA, Paulo Sérgio Rodrigues de. **“Orações para Bobby”: quando o preconceito faz a vítima adoecer.** Revista Científica Faculdade Unimed. v.2, n.2, out/dez 2020, p. 50-58.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Revista Educação & Sociedade,** Campinas, n. 79, Ago, 2002, p. 257-272.

FIGUEIREDO, Roberta de Melo. **Territórios noturnos de vidas ‘impuras’: prostituição e territorialidade travesti em Governador Valadares.** Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Geografia). Universidade Federal de Viçosa. 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade. A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert. & RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Universitária, 1995.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Informativo FJP. Indicadores Sociais. A situação da Região Geográfica Intermediária de Governador Valadares segundo o Índice Mineiro de Responsabilidade Social – IMRS**. v. 2, n. 4, 7 de maio de 2020.

GAGNON, John & SIMON, William. **Sexual conduct: the social source of human sexuality**. Chicago: Aldine, 1973.

GARCIA, Wilton. **A forma estranha: ensaios sobre cultura e homoerotismo**. São Paulo: Pulsar, 2000.

GATTI, José. Duelo de Titãs: Sandow e Schwarzenegger. In: PENTEADO, Fernando Marques; GATTI, José. **Masculinidades: teoria, crítica e artes**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. p. 223-237

GOMES, Maurício Pereira. **“Se eu passar despercebido o baile não prestou”. Visibilidade e resistência viada no interior de Santa Catarina**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina). Florianópolis. 2019.

GOVERNADOR VALADARES. **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS (Sida). Edição Especial, 23 de setembro de 2021**. Governador Valadares, 2021.

GOVERNO DE MINAS. Secretaria de Estado de Saúde do Estado de Minas Gerais. **Plano de Enfrentamento à Sífilis no Estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte. 2021.

GREEN, James N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Trad. Cristina Fino, Cássio Arantes Leite. 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

GROSSI, Miriam Pillar. **Jeito de freira: uma etnografia da vocação religiosa feminina no século xx**. 1. ed. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020.

GROSSI, Miriam Pillar. Na Busca do outro encontra-se a si mesmo. In: GROSSI, Miriam Pillar (et. al.). **Trabalho de campo, ética e subjetividade**. 1. ed. Tubarão (SC): Florianópolis. Trilho da Ilha, 2018. p. 19-28.

GROSSI, Miriam Pillar; TONIOL, Rodrigo (orgs). **Cientistas sociais e o Coronavírus**. 1. ed. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020.

GUIMARÃES, Carmen Dora. **O Homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2005.

HAESBAERT, Rogério. **A corporificação “natural” do território: do terricídio à multiterritorialidade da terra**. Revista GEOgraphia, v. 23, n. 50, 2021, p. 1-19.

HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. **Revista GEOgraphia**. v. 22, n. 48, 2020.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Reflexões Geográficas em Tempos de Pandemia**. Sub/urban. bd. 8. n. 3. 2020. p. 157-164

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na América Latina**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia: Universidade Federal Fluminense, 2021.

HALBERSTAM, Judith. **In a Queer Time & Place**. Transgender Bodies, Subcultural Lives. New York and London: New York University Press, 2005.

HALPERIN, David. **How to be gay**. Cambridge and London: Harvard University Press, 2012. 549 p.

HAREVEN, Tamara K. Family history at the crossroads. In: Hareven TK, Plakans A, editors. **Family history at crossroads: a journal of family history reader**. Princenton: Princenton University Press; 1987.

HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações**. Londrina, v.20, nº 2, jul./dez. 2015, p. 97-128.

HENNING, Carlos Eduardo. Nas tensões eróticas da Gerontofobia e da Gerontofilia: uma etnografia de homens que mantêm práticas sexuais homoeróticas na meia díade e velhice. In: PASSAMNI, Guilherme (org.). **(Contra)pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual**. Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2013. p. 83-105.

HENNING, Carlos Eduardo. O nascimento do “orgulho grisalho”: idosos LGBT e as batalhas por viabilidades existenciais. In: FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins (orgs.). **Direitos em disputa: LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2020. P. 117-135.

HENNING, Carlos Eduardo. Paizões, Tiozões, **Tias e Cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas. 2014.

HOHENDORFF, Jean Von; HABIGZANG, Luísa Fernanda; KOLLER, Silvia Helena. Violência sexual contra meninos: dados epidemiológicos, características e consequências. **Revista Psicologia USP**. São Paulo: vol. 23, n. 2, pp. 395-415.

IZECKSOHN, Vitor. Quando era perigoso ser homem. Recrutamento compulsório, condição masculina e classificação social no Brasil. DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (orgs). **História dos Homens no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

KIMMEL, Douglas. C. Adult Development and Aging: a gay perspective. **Journal of Social Issues**, v. 34, n. 3, 1978, p. 113-130.

KOHAN, Walter Omar. Do fascismo ao cuidado de si: Sócrates e a reação com um mestre artista da experiência. In: **Para uma vida não fascista**. Margareth Rego e Alfredo Veiga-Neto (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. “‘Espaço de Experiência’ e ‘horizonte de expectativas’: duas categorias históricas”. In: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à Semântica dos Tempos Históricos**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2006. p. 305-327.

KRONKA, Graziela Zanin. Corpo, Desejo e Poder: identidade e subjetividade no discurso (homo) erótico. Campinas: **Cadernos AEL**, v. 10, n.18/19, 2003, p. 153-181.

LAHIRE, Bernard. Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual’ **Revista Sociologia, Problemas e Práticas**. Lisboa, n. 49, 2005. p. 11-42.

LATTANZIO, Felipe Figueiredo. **O lugar do gênero na psicanálise: da metapsicologia às novas formas de subjetivação**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais. 2011

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**. v. 17, n. 2, 2005.

LEIS, Héctor Ricardo. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. **Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas**. v. 6, n. 73, ago.,2005.

LEMONS, Ana Cristina Marques. **A relação com o saber dos jovens em cumprimento de medidas socioeducativas de privação de liberdade**. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território. Universidade Vale do Rio Doce. Governador Valadares, 2016.

LENOIR, Remi (1998). “Objeto sociológico e problema social”, in: Patrick Champagne, Remi Lenoir & Dominique Merllié, **Iniciação à prática sociológica.**, Petrópolis: Vozes.

LEOPOLDO, Rafael. **Cartografias do pensamento queer**. Salvador. Editora Devires, 2020.

LERNER, Kátia; CARDOSO, Janine Miranda; CLÉBICAR, Tatiana. Covid-19 nas Mídias: medo e confiança em tempos de pandemia. In: MATTA, Gustavo Corrêa; REGO, Sergio; SOUTO, Ester Paiva; SEGATA, Jean. (orgs). **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia**. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19. Editora FIOCRUZ, 2021.

LIMA, André Luiz da Silva; PERISSÉ, André R. Santos; LEANDRO, Bianca; BATISTELLA, Carlos Eduardo; ARAÚJO, Fábio; SOUSA SANTOS, José Leonídio Madureira de; ANGELO, Jussara Ângelo; MARTINS, Mariane Martins; GRACIE, Renata; OLIVEIRA, Roberta Gondim de. Covid-19 nas Favelas: cartografia das desigualdades. In: MATTA, Gustavo Corrêa; REGO, Sergio; SOUTO, Ester Paiva; SEGATA, Jean. (orgs). **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia**. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19. Editora FIOCRUZ, 2021.

LIMA, Carlos Henrique Lucas. **Linguagens Pajubeyras: Re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade**. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2016.

LIMA, Luís Correa. **Teologia e os LGBT+: perspectiva histórica e desafios contemporâneos**. 1. ed. Petrópolis: RJ, Vozes, 2021.

LOIOLA, Luis Palhano. **Coisas difíceis de dizer: as manifestações homofóbicas do cotidiano dos jovens**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

LOPES, Tatiana Bezerra. **Evangélicas em (des)igrejamento: interpelações de gênero e sexualidade nas práticas de igreja e desigrejamento**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2022.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade** (org). Tradução: Tomaz da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MACHADO, Paula Sandrine; MATTOS, Amana Rocha; RIOS, Luis Felipe; PRADO, Marco Aurélio Máximo. Managing risk and sexuality in the Covid-19 context. **Revista Vibrant**. v. 19.

MALYSSE, Stéphane. (H)altères-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu & vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MATTA, Gustavo Corrêa; REGO, Sergio; SOUTO, Ester Paiva; SEGATA, Jean (orgs). **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia**. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19. Editora FIOCRUZ, 2021.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: Editora n-1 edições, 2018.

MECCIA, Ernesto. **Los últimos homosexuales: sociología de la homosexualidad y la gaycidad**. Buenos Aires: Gran Aldea Editores, 2011.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Em tempos de masculinidades colônias em relevo, um intento de prefácio. CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

MELLO, Anahi Guedes de; FERNANDES, Felipe Bruno Martins; GROSSI, Miriam Pillar. Entre pesquisar e militar: engajamento político e construção da teoria feminista no Brasil. In: GROSSI, Miriam Pillar (et. al.). **Trabalho de campo, ética e subjetividade**. 1. ed. Tubarão (SC): Florianópolis. Trilho da Ilha, 2018. p.259-189.

MINAYO, Maria Cecília de Souza & COIMBRA JUNIOR, Carlos E. A., orgs. **Antropologia, saúde e envelhecimento** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan-jun. 2009, p. 150-182.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais. Uma análise sociológica da busca por parceiros online**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 303.

MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do século XIX**. São Paulo: Annablume, 2012.

MISKOLCI, Richard. Pânicos Morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**. Campinas, nº 28, janeiro-junho de 2007, p. 101- 128.

MOREIRA, Adailson da Silva. **Metamorfose da alma: visões do processo de envelhecimento homossexual masculino**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen, 2019.

MORIN, Stephen. F. Viés Heterossexual na investigação psicológica sobre lesbianismo e homossexualidade masculina. **American Psychologist**, v.32, 1997, p.117-128.

MORIS, Vera Lúcia. **Preciso te contar? Paternidade homoafetiva e a revelação para os filhos**. Tese (Doutorado em Psicologia Social). São Paulo: PUC-SP, 2008.

MOTA, Murilo Peixoto. **Homossexualidade Masculinas e a Experiência de Envelhecer**. Tese (Doutorado em Serviço Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2011.

MOTTA, Alda Britto da. Palavras e convivência – idosos, hoje. **Revista Estudos Feministas**. v. 5, n. 1. 1997, p. 1-11.

MULLER, Angélica. Não se nasce viril, torna-se: juventude e virilidade nos “anos 1968”; DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (orgs). **História dos Homens no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

MULLER, Rita Flores; BIRMAN, Joel. Negociando saberes e poderes: a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem e a Sociedade Brasileira de Urologia. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. v. 23, n. 3, 2016, p. 703-717.

MUSSKOPF, André S. **Uma brecha no armário: propostas para uma teologia gay**. São Leopoldo: CEBI, Fonte Editorial, 2015.

MUSZKAT, Malvina Ester. **O homem subjugado: o dilema das masculinidades no mundo contemporâneo**. São Paulo: Summus, 2018.

NAHAS FILHO, Michel. **Deus, sexo e diversidade: relendo a Bíblia sem preconceitos**. São Paulo, SP: Edição do Autor, 2015.

NASCIMENTO, Marcos. Essa história de ser homem: reflexões afetivo-políticas sobre masculinidades. CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

NERY, João W. **Velhice transviada: memórias e reflexões**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

NONATO, Eunice Maria Nazareth. **Gênero e Território: sociabilidades, fatores geracionais e suas inter-relações**. Projeto de Pesquisa e Extensão. Universidade Vale do Rio Doce, 2019.

NOVAES, Edmarcius Carvalho. **As multiterritorialidades da condição juvenil a partir da marca do acautelamento**. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território). Universidade Vale do Rio Doce. Governador Valadares. 2016.

NOVAES, Edmarcius Carvalho. **Educação na diversidade sexual e a juventude privada de liberdade: realidades e desafios**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gênero e Diversidade na Escola). Universidade Federal de Minas Gerais. 2016.

NOVAES, Edmarcius Carvalho. O envelhecer e a homossexualidade masculina. **Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades**. v. 14, 2021b, p. 471-477.

NOVAES, Edmarcius Carvalho. Tomás de Aquino e as razões para se crer na existência de Deus. **Artífices: Revista Acadêmica em Humanidades**, v. 2, p. 102-120, 2021a.

NOVAES, Edmarcius Carvalho; ALVIM, Fabiane Cristina de Souza; LEÃO E SILVA, Leonardo Oliveira; NONATO, Eunice Maria Nazareth. Violência autoprovocada: estigmas sobre identidade de gênero e orientações sexuais. **Revista Psicologia e Saúde**. v. 13, 2022, P. 33-48.

NOVAES, Edmarcius Carvalho; ANDRADE, Jakeline Soares; SANTOS, Tainara Adriane dos. Ideologia de gênero: o que dizem periódicos brasileiros? **Revista Educação, Psicologia e Interfaces**. v. 4, 2020, p. 35-50.

NOVAES, Edmarcius Carvalho; NONATO, Eunice Maria Nazareth; LEMOS, Ana Cristina Marques; VITORIO, Lorena Silva; OLIVEIRA, Aline Santos Pessotti de. A relação entre o campo de possibilidades e o projeto de vida de jovens em situação de conflito escolar. **Educação (Santa Maria. Online)**, p. 1-23.

NOVAES, Joana de Vilhena. “Aqui tem homem de verdade”. Violência, força e virilidade nas arenas de MMA. DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (orgs). **História dos Homens no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

NUNES, Diego Miranda. **A produção das masculinidades e socioespacialidades de homens que buscam parceiros do mesmo sexo no aplicativo Tinder em Rio Grande – RS**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande. 2014.

OLIVEIRA, Ana Cristina Marques de. **Itinerários de (in)disciplinas, violências e conflitos escolares: narrativas de vivências e r-existências no território escolar**. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina. 2022.

OLIVEIRA, Meeg Rayara Gomes de. Segundo os passos “delicados” de *gays* afeminados, viados e bichas pretas no Brasil. CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**. 13ª Edição Princípios e Procedimentos Pontes Editora, Campinas, SP, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do Silêncio. No Movimento dos Sentidos**. 1942- 6ª edição- Editora Unicamp, Campinas, SP, 2007.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. Graal Editora, 1999.

ORTNER, Sherry B. Poder e Projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry. **Conferência e diálogos: saberes e práticas antropológicas**. 25ª Reunião Brasileira de Antropologia - Goiânia 2006. Blumenau: Nova Letra, 2007, p. 45-80.

ORTNER, Sherry. Uma atualização da teoria da prática, poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry (Orgs.). **Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas**. ABA/Nova Letra, 1987.

PAIVA, Antonio Crístian Saraiva. Amizades e modos de vida gay: por uma vida não fascista. In: JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque; VEIGA-NETO, Alfredo; FILHO, Alípio de Souza (orgs.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2 ed., 2011. pp. 41-51.

PARKER, Richard. **Abaixo ao Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. São Paulo: Record, 2002.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. **Batalha no confete no mar de “Xarayés”: condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidades**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Universidade Estadual de Campinas, 2015.

PAYNE, L. A.; SANTOS, A. A. de S. **The Right-Wing Backlash in Brazil and Beyond**. *Politics & Gender*, v. 16, n. 1, mar. 2020.

PEDRO, Wilson José Alves & MENA-CHALCO, Jesús P. O envelhecimento na Sociologia brasileira contemporânea: notas preliminares. **Revista Kairós: Gerontologia**. v. 18. Temático: "Envelhecimento Ativo e Velhice". 2015, p. 31-47.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PISCITELLI, Adriana. Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia Oliveira de, OLIVAR, Jose Miguel Nieto (Org.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, Coleção Encontros, 2011, p. 537-582.

PISCITELLI, Adriana. Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas – novas questões conceituais. **Cadernos Pagu**, v. 47, 2016, p. 1-31.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**. Goiânia, v. 11, nº 2, jul. - dez 2008, p. 263-274.

PISCITELLI, Adriana. Programas e ajuda: intercâmbios econômicos, sexuais e afetivos nos mercados globais do sexo. In: PISCITELLI et. al. **Circulações transnacionais: gênero, sexo, afetos e dinheiro**. Pagu/Unicamp, 2011.

POCAHY, Fernando Altair. **Entre Vapores e Dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Grande Rio do Sul. Porto Alegre. 2011.

PORTO, Rozeli. Trabalho de campo e ética: por uma epistemologia das emoções. In: GROSSI, Miriam Pillar (et. al.). **Trabalho de campo, ética e subjetividade**. 1. ed. Tubarão (SC): Florianópolis. Trilho da Ilha, 2018. p. 191-194.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. La reinvencción de los territorios: la experiencia latino-americana y caribeña. In: PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Territorialidades y lucha por el territorio en América Latina**. Lima: Unión Geográfica Internacional, 2013.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. **Relato REDS 2020: registros de Homicídios envolvendo LGBTs no Estado de Minas Gerais**. Universidade Federal de Minas Gerais (NUH/UFMG) e Ministério Público de Minas Gerais. Convênio n. 42/2013.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; QUEIROZ, Isabela Saraiva. Sexualidades, drogas e religião: práticas atualizadas da "cura gay" no Brasil. In: FACHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. **Direitos em disputa: LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo**. Campinas – SP. Editora da Unicamp, 2020. p. 217-239.

PRATA, Mário. **Você é um envelhescente?** Extraído de 100 Crônicas, Cartaz Editorial/Jornal O Estado de São Paulo - SP, 1997. p. 13.

PROCÓPIO, Murilo Ramalho. **As transformações na ação coletiva de esquerda diante dos ciclos de protestos contemporâneos: reflexos das Manifestações de Junho na atuação de coletivos do município de Governador Valadares - MG.** Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura Souza; MENESES, Maria Paula. (eds). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010.

RIAL, Carmem Silva Moraes. Rúgbi e Judô: esporte e masculinidade. In: PENTEADO, Fernando Marques; GATTI, José. **Masculinidades: teoria, crítica e artes.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. p. 199-222

RISPANTI, Márcia Pinna. O que “eles” vestem: moda, vaidade e masculinidade no Brasil. DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (orgs). **História dos Homens no Brasil.** 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

RODRIGUES, João Carlos. **O negro brasileiro e o cinema.** Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

ROJO, Luiz Fernando. Rompendo tabus: a subjetividade erótica no trabalho de campo. **Cadernos de Campo (USP),** São Paulo, v. 12, 2005, p. 41-56.

SABINO, Cesar. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu & vestido.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

SAGGESE, Gustavo Santa Roza. **Entre perdas e ganhos: homossexualidade masculina, geração e transformação social na cidade de São Paulo.** Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo. 2015.

SALDANHA, Rafael Araújo. **“Você só precisa clicar”:** sexo virtual e masculinidades refletivas pelas webcams Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2017.

SANTANA, Alef Diego da Silva SANTANA; MELO, Lucas Pereira de MELO. Pandemia de Covid-19 e população LGBTI+. (In)visibilidades dos impactos sociais. **Revista Latinoamericana Sexualidad, Salud y Sociedad.** n. 37. 2021.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Masculinidade e virilidade entre a *Belle Époque* e a República. DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (orgs). **História dos Homens no Brasil.** 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SANTOS JÚNIOR, Orocil. **Bichonário: um dicionário gay.** Salvador: Ed. do Autor, 1996.

SARAIVA, Eduardo Steindorf. **Conjugando amor e desejo: experiências masculinas do “assumir-se” homossexual**. Tese. (Doutorado em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina. 2007.

SCHNOOR, Eduardo. “Riscando o chão”: masculinidade e mundo rural entre a Colônia e o Império. DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (orgs). **História dos Homens no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SCHUCH, Patrice; VÍCTORA, Ceres Gomes; SIQUEIRA, Monalisa Dias de. Cuidado e Controle na Gestão da Velhice em Tempos de Covid-19. In: MATTA, Gustavo Corrêa; REGO, Sergio; SOUTO, Ester Paiva; SEGATA, Jean. (orgs). **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia**. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19. Editora FIOCRUZ, 2021.

SCHULMAN, Sarah. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. **Bagoas**. Natal, nº 5, 2010, p. 67-78.

SCHWADE, Elisete; GROSSI, Miriam Pillar. Trabalho de Campo e Subjetividade: recuperando itinerários de diálogos. In: GROSSI, Miriam Pillar (et. al.). **Trabalho de campo, ética e subjetividade**. 1. ed. Tubarão (SC): Florianópolis. Trilho da Ilha, 2018. p. 9-18

SCOTT, Joan. **A invisibilidade da experiência**. Projeto História. n. 16. 1998, p.297-325.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas/SP, v. 28, Dossiê Sexualidades Disparatadas. 2007.

SEIDMAN, Steven. **Beyond the closet: the transformation of gay and lesbian life**. London & New York: Routledge, 2002.

SENA FILHO, José. Masculinidades e práticas sexuais na Amazônia Oriental: notas de campo com base em uma experiência etnográfica. CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço; CAETANO, Marcio. Roda de homens negros: masculinidades, mulheres e religião. CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

SILVA, Thiago Santos da. **Irenes: representações sobre homossexuais idosos no contexto midiático sob a perspectiva sistêmico-funcional**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS. 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

SIMÕES, Julio de Assis. Homossexualidade masculina e Curso da Vida: pensando idades e identidades sexuais. In: CARRARA, Sérgio et. al. (org.). **Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras**. Garamond, Rio de Janeiro, 2004.

SIQUEIRA, Elton Bruno Soares; MIRANDA, Marcelo. Experiência estética e desestabilizações das masculinidades no teatro brasileiro moderno e contemporâneo. CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

SIQUEIRA, Sueli. História das migrações da Região de Governador Valadares-MG para os Estados Unidos. In: BÓGUS, Lúcia e BAENINGER, Rosana. **A nova face da emigração internacional no Brasil**. São Paulo: Educ, 2017.

SIQUEIRA, Sueli. Imigração e retorno na perspectiva de gênero. In: **Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. Adriana Piscitelli, Glaucia de Oliveira Assis, José Miguel Nieto Olivar (orgs). Campinas, SP: UNICAMP/PAGU, 2011, p. 435-460.

SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno. Brasil/Estados Unidos**. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Cidade média: anotações preliminares. In: **Encontro Nacional de Produtores e Usuários de Informações Sociais, Econômicas e Territoriais**. Rio de Janeiro, 2006.

SOUZA SOARES, Sylvia Salles Godoy de. **Envelhecimento: um fenômeno da modernidade, à luz da psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2012.

SOUZA, Rolf Malungo de. **Falomaquia: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente**. Revista Antropolítica. Niterói, n. 34, 2013, p. 35-52.

SOUZA, Tedson da Silva Souza. **Fazer banheiro: as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da Estação da Lapa e Adjacências**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SWAIN, Tania N. Velha? Eu? Auto-retrato de uma feminista. In: **Figuras de Foucault – Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto (orgs)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade**. 4. ed. rev., atual. e ampl. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TREVISAN, João Silvério. **Seis bolas num buraco só: a crise do masculino**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

VALDERRUTÉN, Maria del Carmem. Entre ‘teoterapias’ y ‘laicoterapias’. Comunidades terapêuticas en Colombia y modelos de sujetos sociales. **Psicologia e Sociedade**. v. 20, n. 1, 2008, p. 80-90.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson O. (org.). In: NUNES, Edson O. (org). **Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

VELHO, Gilberto. Projeto **Metaformorse: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.

VIEIRA, Vanrochris Helbert. **Gays evangélicos: vivendo no front**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021.

VILARINO, Maria Terezinha Bretas. **Da lata d’água ao SESP: tensões e constrangimentos de um processo civilizador no Sertão do Rio Doce (1942-1960)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

VIP, Ângelo; LIBI, Fred. **Aurélia, a dicionária da língua afiada**. São Paulo: Editora do Bispo, 2006.

WESTON, Kath. **Families We Choose: Lesbians, Gays, Kinship**. New York: Columbia University Press, 1992.

ZAMBONI, Marcio Bressiani. Marcadores sociais. **Sociologia Especial**. São Paulo, 2018. p. 13-18.

ZIRBEL, Guilherme. **“Eu confio na PrEP”: o uso do medicamento da profilaxia pré-exposição ao vírus da imunodeficiência humana (Florianópolis, Santa Catarina)**. Dissertação (Mestrado em Assistência Farmacêutica). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

12. APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFH)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM
CIÊNCIAS HUMANAS (PPGICH) – DOUTORADO

EDMARCUS CARVALHO NOVAES

GÊNERO E TERRITÓRIO: multiterritorialidades das envelhecências masculinas homoeróticas (título provisório)

Roteiro de Entrevista

Proposta: A entrevista será feita de forma virtual, em sala no Google Meet com gravação pelo pesquisador, em data e horário previamente agendado com os interlocutores. Os interlocutores devem autorizar o registro de voz e imagem para o uso da pesquisa, garantindo o sigilo e anonimato.

<https://meet.google.com/sdg-uovz-tfg>

Perfil dos interlocutores: homens gays (ou com vivências homoeróticas), de 30 a 55 anos de idade, residentes em Governador Valadares.

Passo 1 – Registro de dados pessoais

No início da entrevista será enviado pelo chat um Formulário Google para o preenchimento inicial pelo interlocutor, com as seguintes perguntas:

Link: <https://forms.gle/r6Vp7UVbJwx9L9gj9>

- 1 – Qual a sua idade?
- 2 – Em que bairro você mora?
- 3 – Você nasceu em Governador Valadares (Se não, onde?)
- 4 – Qual a profissão de seus pais?
- 5 – Qual seu nível de estudos?
- 6 – Em que ramo de atividade/profissão você atua?
- 7 – Qual a sua situação conjugal?
- 8 – Como você define sua cor ou etnia?
- 9 – Você tem algum credo religioso? Frequenta alguma igreja/instituição religiosa? Qual?
- 10 – Qual sua formação escolar?
- 11 – Qual a palavra que você usa para se auto definir em relação à sua sexualidade?

Passo 2 – Registro de respostas às perguntas:

- 1 – *Quando você se descobriu gay e como viveu esta identidade na infância e na adolescência?*

- 2 – Na infância e na adolescência você viveu alguma situação de violência na escola? No ambiente familiar/com parentes?? Na rua, vizinhança? Em espaços religiosos? Em outros lugares?
- 3 – Conte alguma vivência de sua infância e adolescência que te marcou por envolver a questão da homossexualidade?
- 4 – Desde quando você tem interesse e/ou práticas sexuais com homens? Que tipo de parceiro lhe atrai? Que tipo de parceiro você evita?
- 5 – Quais os cuidados de prevenção de saúde você toma em relação às suas vivências sexuais? Você usa sempre camisinha? Você faz regularmente ou já fez teste de HIV? Você evita frequentar determinados lugares por medo em relação à sua segurança pessoal? Você evita frequentar lugares em que pode ser reconhecido por amigos, colegas, familiares? Neste momento da pandemia você mudou seus hábitos em relação a sair de casa?
- 6 – O que é ser gay em Governador Valadares? Há lugares específicos para este grupo de homens se conhecerem? Quais? Você os frequenta?
- 7 – Você tem filhos? Se sim, como é sua relação com eles? Se sim, não tem interesse em ter? Por quê?
- 8 – Ao olhar para o passado, que escolhas você faria diferentes das que fez?
- 9 – Com que idade você acha que um gay começa a envelhecer?
- 10 – Você acha que tem diferença em envelhecer sendo hétero ou gay/bissexual/HSH (ou tendo interesses por homens)?
- 11 – Como você pensa seu futuro em relação à sua vida profissional? Em relação à sua vida afetivo-sexual? Em relação à sua família? Em relação à sua independência e estabilidade financeira? Em relação a outros aspectos de sua vida?
- 12 – Como você tem vivido esse período da pandemia? Tem saído de casa para trabalhar? Para encontrar amigos? Cuidar de familiares idosos? Continuou a frequentar os mesmos lugares de antes? Está usando mais frequentemente aplicativos para encontros sexuais? Pegou covid? Se sim, como foi o período de doença e cura? Mudou seus hábitos depois da doença?

13. APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS (CFH)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

(PPGICH)

DOUTORADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Você está convidado a participar da pesquisa intitulada *Gênero e Território: multiterritorialidades das envelhescências masculinas e homoeróticas* que tem como objetivo principal analisar as *multiterritorialidades* oriundas das vivências de processos de *envelhescência, masculinidades* e de *práticas homoeróticas*, no município de Governador Valadares/MG.

Solicito seu consentimento informado para sua participação nesta pesquisa. Sua participação será por meio de entrevistas gravadas individualmente por meio de tecnologia remota, as quais poderão ser interrompidas, a qualquer momento, para maiores esclarecimentos, além de conversas informais quando necessárias para solucionar quaisquer dúvidas do pesquisador. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo a sua pessoa, sendo garantido o anonimato em sua produção. Sua participação é voluntária e pode ser encerrada a qualquer momento.

Os dados produzidos nesta pesquisa e as informações individuais estarão sob sigilo ético, não serão divulgados nomes dos participantes e nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado posteriormente. Após ter sido informado de todos os aspectos desta pesquisa e de ter esclarecido todas as minhas dúvidas, concordo em participar da referida pesquisa.

Nome do participante

Profª. Orientadora: Dra. Miriam Pillar Grossi

Profª. Coorientadora: Dra. Eunice Maria Nazarethe Nonato

Pesquisador responsável: Edmarcius Carvalho Novaes